



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**AS PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE
PAIS E MÃES FACE À
PRÉ-ADOLESCÊNCIA DAS FILHAS**

SUSANA MARINA PITA BARROSO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Coordenador do Seminário de Dissertação

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Dissertação submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila - Real, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer à minha Família, especialmente aos meus Pais e Avô por terem acreditado no meu sonho e por terem aceitado e apoiado a minha mudança de percurso profissional e de vida, que me trouxe até aqui. Nem sempre foi fácil mas sem o seu apoio e incentivo tudo teria sido muito mais difícil.

À minha orientadora do Seminário de Dissertação, Professora Doutora Ângela Vila-Real, por ser quem é, pela partilha do seu conhecimento, pelo interesse demonstrado e por ter incentivado a escolha deste tema que me possibilitou realizar um trabalho que foi fonte de enorme prazer.

Aos Casais que aceitaram colaborar, pela sua disponibilidade e, sobretudo, pela simpatia com que me receberam. Sem eles a concretização deste trabalho não seria possível.

À minha Irmã, incansável na revisão dos textos e que me permitiu ensaiar, ainda que desajeitadamente, o papel de mãe.

Aos meus colegas do ISPA - Manuela, Ricardo e Irina – pessoas de grande sensibilidade humana, sem as quais o meu trajecto académico e pessoal seria incomparavelmente mais pobre.

Ao Frederico, pelo carinho, paciência e apoio incondicional no período crítico da realização deste trabalho.

Aos Amigos que festejam comigo o término desta fase.

Ao Psicanalista que me ajudou a pensar e sentir mais livremente. Sem ele este trabalho não seria o mesmo.

E por último à minha Avó. Faltam-me as palavras para expressar o quanto gostaria que ela pudesse presenciar a conclusão desta etapa.

RESUMO

O estudo da adolescência tem-se debruçado essencialmente sobre o adolescente, escasseando os estudos que se centram na perspectiva dos Pais e que tenham como referencial teórico a Psicanálise. Com este estudo pretendeu-se alargar a compreensão da adolescência tendo como enfoque o modo como os pais e as mães percebem e vivenciam a passagem da filha primogénita pela pré-adolescência, correspondendo esta ao período de desenvolvimento psíquico necessário para lidar com a puberdade. Procurou-se identificar semelhanças e diferenças nas perspectivas, explicando-as à luz da teoria psicanalítica. A amostra foi seleccionada por conveniência sendo constituída por cinco casais com uma filha primogénita com idade compreendida entre os 13 e 14 anos. A recolha dos dados foi realizada através de uma entrevista semi-estruturada, aplicada aos pais e às mães individualmente. Os resultados indicam que relativamente às mudanças percebidas na relação com a filha, quer os pais, quer as mães relatam uma maior autonomia e independência da filha. Porém, a maioria dos pais, ao contrário das mães, dão conta de uma diminuição da manifestação dos afectos ternos por parte da filha e possuem a percepção de que é mais fácil para a filha falarem com as mães acerca de assuntos de natureza pessoal. Constatou-se ainda que as mães foram mais capazes de descrever as filhas e que os pais lidam pior com a ideia da filha namorar e sair de casa. A nova maturidade sexual da filha e a emergência de pulsões incestuosas podem contribuir para explicar as diferenças observadas entre pais e mães.

Palavras-chave: Pré-adolescência feminina; relações pais/mães-filha; percepção e vivência parental.

ABSTRACT

So far, the study of adolescence has focused mainly on the adolescent. Only very few studies center on Parents' perspective having Psychoanalysis as the theoretical framework. The current investigation intends to enlarge the understanding of adolescence focusing on the way fathers and mothers perceive and experience their daughter's preadolescence, considering it the required period of psychic development to deal with puberty. Similarities and differences were sought in mothers' and fathers' perspectives and explained considering psychoanalytic theory. It was collected a convenience sample which included five couples with an eldest daughter with 13 or 14 year old. The data was collected through a semi-structured interview which was done to fathers and mothers separately. Results indicate that in what concerns changes perceived in the parents-daughter relationship, both fathers and mothers report greater autonomy and independence of their daughter. However, most fathers acknowledge a decrease of affection expression by their daughter and have the perception that it is easier for their daughters to speak with their mothers about personal issues. Also, mothers appeared more capable of describing their daughter and fathers deal worse with the idea of their daughter dating and leaving home. The new sexual maturity of their daughters and the arising of incestuous impulses can partially explain the differences observed between mothers' and fathers' perspectives.

Keywords: Preadolescence; parents-daughter relationship; parents' perception and experience.

Índice

I.	Introdução.....	1
II.	Enquadramento Teórico	2
	2.1. O conceito de adolescência.....	2
	2.2. O adolescente - contributos de diversos autores de orientação psicanalítica.....	4
	2.3. Adolescência e ciclo familiar existencial.....	6
	2.3.1. Sexualidade.....	8
	2.3.2. Independência, autonomia e identidade	9
	2.4. As relações pais-filhos.....	10
	2.4.1. O diálogo pais-adolescentes	12
	2.4.2. Autoridade parental.....	13
	2.5. Para que servem os pais? A função parental no início da adolescência.....	15
III.	Objectivos da Investigação.....	15
	3.1. Problema.....	15
	3.2. Objectivos gerais	16
	3.2. Objectivos específicos	16
IV.	Método	16
	4.1. Delineamento.....	16
	4.2. Participantes	17
	4.3. Procedimento.....	17
	4.4. Instrumento.....	19
V.	Análise e Interpretação dos Resultados.....	21
	5.1. Categoria <i>quotidiano/lazer</i>	21
	5.2. Categoria <i>partilha de decisões</i>	22
	5.3. Categoria <i>parentalidade</i>	23
	5.4. Categoria <i>percepção das mudanças</i>	26
	5.5. Categoria <i>pares</i>	31
	5.6. Categoria <i>namoro</i>	32
	5.7. Categoria <i>independência</i>	35

5.8. Categoria <i>suporte extra-familiar</i>	38
5.9. Categoria <i>filho</i>	38
5.10. Categoria <i>história com a filha</i>	41
5.11. Categoria <i>desejos</i>	45
5.12. Categoria <i>medos</i>	46
5.13. Categoria <i>desilusões</i>	48
5.14. Categoria <i>diferença de gerações</i>	48
5.15. Categoria <i>futuro</i>	52
VI. Conclusão.....	55
6.1. Discussão.....	55
6.2. Limitações do estudo.....	60
6.3. Propostas para novos estudos.....	60
VII. Referências Bibliográficas.....	61
VIII. Anexos.....	64
Anexo A – Carta de Consentimento Informado.....	65
Anexo B – Guião de Entrevista.....	67
Anexo C – Caracterização da Amostra.....	68
Anexo D – Entrevistas Transcritas.....	69
Pai 1.....	70
Pai 2.....	84
Pai 3.....	95
Pai 4.....	121
Pai 5.....	130
Mãe 1.....	144
Mãe 2.....	163
Mãe 3.....	175
Mãe 4.....	188
Mãe 5.....	199

I. Introdução

Durante a segunda década de vida, existem transformações biológicas, conhecidas como puberdade, que possibilitam aos jovens a passagem de um estado de imaturidade biológica para outro em que são biologicamente maduros e capazes da reprodução sexual (Cole, Cole & Lightfoot, 2005). Em todas as sociedades estas transformações têm um profundo significado social e psicológico, tanto para o adolescente como para quem com ele se relaciona (Cole et. al, 2005; Cordeiro, 1988; Gammer & Cabié, 1999). O aparecimento dos caracteres sexuais secundários e da capacidade reprodutora é percebido quer pelo adolescente, que está consciente do seu desenvolvimento e sexualidade de um modo inteiramente novo em virtude da sua crescente maturidade social e psicológica onde por sua vez intervêm as suas cada vez mais poderosas capacidades cognitivas, quer pelos seus pais, exigindo novas pautas de convivência (Aberastury, 1981; Cordeiro, 1988; Gammer & Cabié, 1999; Knobel, 1981).

Comumente, considera-se que o início da puberdade marca o começo da adolescência e que esta diz respeito ao período de desenvolvimento psicológico que possibilita a passagem do estado de criança ao estado de adulto (Gammer & Cabié, 1999). Esta mudança opera-se em função do contexto social, sendo que a sociedade ocidental está centrada na família nuclear (Gammer & Cabié, 1999). “Quem se torna adulto torna-se autónomo, independente da sua família de origem e isso significa separar-se dela” (Gammer & Cabié, 1999, p.15). Contudo, a separação não significa ruptura mas sim a negociação de novos relacionamentos (Braconnier & Marcelli, 2000; Gammer & Cabié, 1999).

Com a entrada do filho mais velho na adolescência, inicia-se uma nova fase do ciclo familiar existencial (Gammer & Cabié, 1999; Relvas, 1996). “De forma abrupta, a família tem de delimitar novas fronteiras, permitir ao adolescente partir e voltar. Cada um dos seus membros tem de encontrar um novo lugar, um novo papel, rever os seus investimentos no mundo exterior” (Gammer & Cabié, 1999, p. 18).

Assim, o determinismo biológico que despoleta a puberdade favorece uma das mais importantes e dolorosas tarefas do adolescente, que ocorre concomitantemente com a construção da sua identidade, isto é, separar-se dos pais (Knobel, 1981).

Também os pais sofrem ao longo do processo. Também eles têm que se desprender do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que implica muitas renúncias da sua parte (Aberastury, 1981). Ao ‘perderem o corpo’ do seu filho criança confrontam-se com o seu envelhecimento. Além do mais, têm que abandonar a imagem idealizada que o seu filho criou, pois deixam de ser vistos como heróis e passam a ser alvo de ambivalência, questionamento e críticas (Aberastury, 1981). Por outro lado, as capacidades e conquistas crescentes do filho obrigam-no a confrontar-se com as suas capacidades e avaliar as suas conquistas e fracassos (Aberastury, 1981).

O estudo da adolescência tem-se debruçado essencialmente sobre o adolescente e não tem sido dada a devida importância ao reverso da medalha, isto é, à ambivalência e resistência dos pais em aceitar o

processo de crescimento dos filhos (Aberastury, 1981). Considerando a falta de estudos empíricos com referencial teórico psicanalítico, que se centre no lado dos pais, aspira-se contribuir, com esta investigação, para o aumento da compreensão sobre a adolescência tendo como enfoque a perspectiva dos pais acerca da pré-adolescência da filha. Correspondendo a pré-adolescência ao período do desenvolvimento psíquico necessário para lidar com a puberdade.

Desta forma, pretende-se estudar o modo como os pais e as mães percebem e, sobretudo, vivenciam a passagem da sua filha pela pré-adolescência, identificando semelhanças e diferenças nas perspectivas, e procurando explicá-las à luz da teoria psicanalítica. Procurar-se-à entender os conflitos conscientes e/ou inconscientes que levam os pais a ignorar ou a não compreender a evolução do filha e em que medida a recordação do seu passado enquanto filho(a) facilita ou dificulta a relação com a filha.

A investigação encontra-se dividida em seis grandes capítulos: Introdução, Enquadramento Teórico, Objectivos da Investigação, Método, Análise e Interpretação de Resultados e Conclusão. A parte teórica subdivide-se em cinco secções. A primeira centra-se sobre o conceito de adolescência e sua evolução histórica. A segunda foca os contributos de vários autores de orientação psicanalítica para a compreensão da adolescência. A terceira trata a nova fase do ciclo familiar existencial, com a entrada do filho mais velho na adolescência, neste caso da filha. A quarta centra-se nas relações pais-filhos durante a adolescência. Por fim, fala-se da função parental no início da adolescência, ou seja, de que forma os pais passam a ser solicitados. A parte empírica deste estudo é constituída pelo método, onde se especifica o delineamento da investigação, a amostra, o procedimento de recolha de dados e o instrumento utilizado (entrevista semi-directiva). No capítulo seguinte apresenta-se a análise e interpretação de resultados e, por fim, uma conclusão de todo o trabalho sob forma de reflexão e discussão.

II. Enquadramento Teórico

2.1. O conceito de adolescência

O termo “adolescência” é composto, etimologicamente, pelos prefixos latinos “ad” (para a frente) + “dolescere” (crescer, com dores), transmitindo a ideia de que se trata de um período de transformações, (Ferreira, 2000; Zimmerman, 1999).

Embora o reconhecimento da adolescência enquanto fase com características próprias e o seu estudo sejam relativamente recentes, desde a Antiguidade Clássica que se conceptualiza a adolescência como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta e se faz referência às características particulares da juventude, que ainda hoje são alvo de reflexão e debate (Cole et. al, 2005; Ferreira, 2000; Medeiros, 2000; Weiner, 1995).

Jean-Jacques Rousseau, no final do século XVIII, foi dos primeiros autores a providenciar uma teoria global que abordasse quer a promessa quer o perigo que a adolescência encerra (Cole et. al, 2005; Medeiros, 2000). Um dos seus principais contributos foi afirmar que é a maturação biológica que despoleta o intenso conflito emocional bem como uma nova consciência pessoal e uma crescente capacidade de raciocínio lógico (Cole et. al, 2005).

Outro autor com um papel determinante no estudo da adolescência foi Stanley Hall, primeiro presidente da Associação Americana de Psicologia. A sua obra *Adolescence*, publicada em 1904, é considerada um marco no estudo científico da adolescência (Cole et. al, 2005; Medeiros, 2000; Weiner, 1995). A sua perspectiva da adolescência como um período crítico de mudança, atreito a grande instabilidade e perturbação emocional, teve grande aceitação, e embora, no presente, se debata a extensão em que tal acontece (Marcelli & Braconnier, 2005; McKinney cit. por Cole et. al, 2005; Weiner, 1995), considera-se que os adolescentes têm tendência para entrar em conflito com os pais, adoptarem comportamentos de risco, manifestarem grandes flutuações de humor e pensarem e agirem de forma criativa e rebelde (Cole et. al, 2005).

Um ano depois da obra de Hall, Freud descreve as fases do desenvolvimento psicosexual em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, incluindo as transformações da puberdade e consequentes mudanças nos objectos de amor e objectivos sexuais (Freud, 1905/1969; Diatkine, 1983; Medeiros, 2000; Weiner, 2005). Assim, a partir de Hall e sobretudo de Freud, a adolescência vai para além das mudanças fisiológicas da puberdade (Medeiros, 2000).

No presente, considera-se que a adolescência é o período do desenvolvimento psíquico que assegura a transição da infância para a vida adulta (e.g., Matos, 2005). Segundo Haim (cit. por Cordeiro, 1979), a adolescência é “o período durante o qual, sob o efeito da maturação sexual nos seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais, o indivíduo reformula a imagem de si próprio e dos outros e do sistema de relação do Eu com o meio, até à organização definitiva da sua personalidade (pp. 22-23). Muitos autores, como A. Freud, Blos e Harley, denominam “o período inicial em que ocorrem as transformações pubertárias por pré-adolescência” (Vila-Real, 2004). De acordo com Matos (2005), a pré-adolescência corresponde ao período de desenvolvimento psicológico necessário para lidar com a puberdade.

Embora seja relativamente consensual considerar-se que a puberdade constitui a principal referência do início da adolescência, com as inerentes transformações corporais geneticamente determinadas e universais, (Gammer & Cabié, 1999; Medeiros, 2000; Rappaport, 1993), isto é 10-12 anos para as raparigas e 12-14 anos para os rapazes, nas zonas temperadas ocidentais (Cordeiro, 1979). O seu fim é muito mais difícil de delimitar porque não é ditado pela dimensão biológica, mas sim pelo conjunto das dimensões psicológica e social (Gammer & Cabié, 1999; Medeiros, 2000).

Na sociedade ocidental, a passagem ao estado adulto não está institucionalizada. A ambiguidade desta transição nasceu no século XIX, no decurso da revolução industrial, com a proibição do trabalho infantil e com a obrigatoriedade da frequência da escola, criando uma descontinuidade, que se tem vindo a alongar, entre a infância e a vida adulta, e que é vivida, geralmente, sob tutela parental (Gammer & Cabié, 1999; Arié cit. por Medeiros, 2000). É, portanto, impossível ignorar o impacto do contexto social na adolescência. Como Michael Rutter (cit. por Gammer & Cabié, 1999) tão bem sintetiza, “a adolescência é reconhecida e tratada como uma fase de desenvolvimento distinto porque a conjunção de uma educação prolongada e de uma maturação sexual mais precoce criou uma fase prolongada de maturidade psíquica associada a uma dependência económica e psicossocial” (pp. 17-18).

2.2. O adolescente - contributos de diversos autores de orientação psicanalítica

Se é impensável falar-se em adolescência sem considerar a sociedade e família, também é verdade que não se pode compreender a família sem examinar o que se passa com o adolescente (Relvas, 1996).

Para Freud, a adolescência representa o culminar do desenvolvimento psicossocial do indivíduo onde se reflecte uma das funções e heranças mais importantes do complexo de Édipo, a escolha do objecto, ou seja, da pessoa eleita como objecto de amor (Laplanche & Pontalis, 1985). Efectivamente, após a puberdade, esta escolha encontra-se marcada pelos investimentos de objecto e pelas identificações que ocorreram aquando do complexo de Édipo e pela interdição em realizar o incesto (Diatkine, 1983; Laplanche & Pontalis, 1985). Somente através da renúncia aos primeiros objectos incestuosos, mãe e pai, é que a criança dirigirá o conjunto de aspirações ternas e sensuais para outra pessoa (Quinodoz, 2007).

Segundo Flemming (1983, 1993), foi Freud quem deu o primeiro contributo para a compreensão de uma das principais tarefas da adolescência, a separação-individuação do adolescente face aos pais, motivada pelo recrudescimento da problemática edipiana. Flemming (1983) compreende a separação enquanto “fenómeno intrapsíquico de separação de objectos internalizados conduzindo à progressiva separação física dos pais e conquista de autonomia face à família” (p. 524).

De acordo com Flemming (1983, 1993), Freud definiu o processo adolescente em dois níveis, sendo um o reflexo do outro: o da realidade externa, expresso no conflito de gerações, e o da realidade interna, relacionado com o desinvestimento nos primeiros objectos de amor e investimento em novos objectos heterossexuais extrafamiliares.

Anna Freud corrobora S. Freud afirmando que a libido da criança encontra-se plenamente investida nos pais, objectos de amor primitivo e enfatiza a analogia que existe entre o processo do luto, definido por S. Freud como a reacção à perda de um objecto amado, e a necessidade de o adolescente se tornar autónomo em relação aos seus pais (A. Freud cit. por Cordeiro, 1979, 1988, 2002). A. Freud descreve o luto na adolescência como o esforço do indivíduo para aceitar a perda do objecto investido e

proceder ao desinvestimento libidinal do objecto perdido (A. Freud cit. por Cordeiro, 1979, 1988, 2002). De acordo com Diatkine (1983), trata-se de uma liquidação das imagos parentais, ou seja, da reformulação da representação que o adolescente foi criando dos pais.

Neste movimento de adaptação do adolescente, A. Freud descreve o deslocamento libidinal (transferência da libido dos objectos parentais para outros adultos que lhes aparecem como ideais), a inversão do afecto (transformação do amor em ódio, da dependência em revolta, do respeito em desrespeito) e a regressão (atitudes e comportamentos que não parecem naturais para a idade do sujeito, lembrando manifestações típicas da primeira infância) como defesas contra os laços objectais infantis (A. Freud cit. por Cordeiro, 1979, 1988, 2002). A hostilidade e a agressividade para com os pais são, frequentemente, manifestações da inversão dos afectos, enquanto defesa contra o objecto de amor (Cordeiro, 1979, 1988, 2002). Assim, a agressividade que os adolescentes frequentemente apresentam em relação aos pais e muitas vezes mal aceite, porque mal compreendida por eles, traduz o amor que os filhos lhe dedicam (Coimbra de Matos, 2002). Outros autores, como Blos (1967), consideraram que as regressões das pulsões e do ego estão relacionadas com os sucessos e insucessos do processo de ruptura dos laços objectais infantis e constituem um sinal da actividade do Eu para manter a sua integridade e a sua coesão.

A transformação das relações objectais explica as reacções nostálgicas, frequentemente observadas nessa idade (Cordeiro, 1979, 1988, 2002). O adolescente parece desinteressar-se de tudo. Segundo K. Horney (cit. por Cordeiro 1979), a “nostalgia é a expressão de um conflito entre a dependência em relação aos pais e a revolta contra eles” (p. 31). É marcada pela tendência para a regressão e pela dolorosa tarefa de separação-individuação que o adolescente deve realizar (Cordeiro, 1979, 1988, 2002).

Erikson é uma referência clássica fundamental quando se aborda o conceito de identidade na adolescência (Flemming, 1993). Um dos seus principais contributos para a compreensão da adolescência foi considerá-la uma crise normativa, isto é, uma fase normal de conflitos agudizados, caracterizada por uma flutuação do Eu e um grande potencial de crescimento que possibilita a resolução de conflitos da infância (Erikson, 1956).

Na sua teoria, Erikson defende que durante o ciclo de vida, os indivíduos passam por vários estádios e em cada um há uma “crise”, isto é, um conflito intra-individual a ser resolvido (Cole et. al, 2005). Erikson (1956) considera que, embora a construção da identidade ocorra ao longo do ciclo de vida, a adolescência traz o indivíduo para o estádio seguinte, cuja crise, por excelência, se desenrola em torno da definição da identidade. Daí o nome do estádio ser “identidade versus confusão de papéis”. O adolescente só ultrapassa com sucesso este estádio quando as identificações da sua infância estiverem subordinadas a um novo tipo de identificações alcançadas numa socialização absorvente e numa mestria competitiva com e entre os seus pares (Erikson, 1956). Estas identificações vão forçar os jovens a fazerem escolhas e

tomarem decisões que conduzirão gradualmente a uma definição pessoal mais próxima da definitiva (Erikson, 1956). Deste modo, a identidade do indivíduo no final da adolescência integra as identificações significativas do passado, alterando-as no sentido de formar um todo coerente (Erikson, 1956).

Com a obra de Peter Blos, assiste-se a um alargamento e modificação das conceptualizações psicanalíticas dominantes (Flemming, 1993). Blos (1962/1985) sugere que durante a adolescência ocorre “um segundo passo para a individuação, tendo sido o primeiro passo dado no final do segundo ano de idade, quando a criança experimenta uma distinção entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’” (p. 15). Uma individuação semelhante e muito mais complexa ocorre durante a adolescência, devendo conduzir a um sentimento de *self* autónomo e com limites bem determinados (Blos, 1962/1985). De acordo com Blos (1967), o segundo processo de individuação é o reflexo de mudanças estruturais que acompanham o luto dos objectos infantis internalizados. Este luto é fundamental para que o indivíduo possa canalizar a libido para objectos extrafamiliares, sem que estes sejam uma mera substituição ou réplica dos objectos de amor infantis (Blos, 1967).

Outro importante contributo de Peter Blos foi considerar, à semelhança de E. Erikson, que “os processos regressivos da adolescência permitem remodelar desenvolvimentos defeituosos ou incompletos, ocorridos anteriormente”, podendo propiciar ao indivíduo “a cura espontânea das influências debilitantes da infância” e oferecer a oportunidade de “modificar ou rectificar as exigências infantis que ameaçavam impedir o seu desenvolvimento progressivo” (Blos, 1962/1985, p. 14).

Ruthellen Josselson (cit. por Fleming, 1993) aprofunda a conceptualização de Blos, asseverando que o conceito de individuação permite ligar a adolescência a um processo contínuo de desenvolvimento e articular entre si outros conceitos centrais como a autonomia e a formação de identidade.

Aberastury (1981) destaca, à semelhança de Anna Freud e Peter Blos, a importância do luto. Esta autora considera que a grande tarefa da adolescência é a realização de três lutos: O luto do corpo infantil, uma vez que as modificações corporais são vividas como uma perda do próprio corpo, sendo frequentemente fonte de ansiedade por no lugar do corpo conhecido da criança ir surgindo um corpo com proporções e funções ainda desconhecidas (Aberastury, 1981); o luto pelo papel e identidade infantis, uma vez que o púbere tem que progressivamente renunciar à dependência e aceitar responsabilidades (Aberastury, 1981); e o luto pelos pais da infância, pois com o reviver dos conflitos edípicos, os pais deixam de ser somente fonte de segurança e são também causadores de aguerridos conflitos, dos quais o adolescente deseja afastar-se (Aberastury, 1981; Knobel, 1981).

2.3. Adolescência e ciclo familiar existencial

Segundo Relvas (1996), o ciclo vital da família assinala momentos na transformação da mesma. A primeira etapa coincide com a formação do casal; a segunda etapa diz respeito ao nascimento do primeiro

filho, em que quase todo o investimento, orientado até então para a organização da relação marido-mulher, é transferido para as relações pais-filhos; a terceira etapa tem como marcador a entrada na escola primária, constituindo-se como uma importante abertura da família ao exterior; a quarta etapa inicia-se com a entrada dos filhos na adolescência, em que a necessidade de se atingir um novo equilíbrio entre o individual, o familiar e também o social impera (Relvas, 1996). São as características e tarefas subjacentes a esta etapa que irão ser aprofundadas.

No momento em que o primogénito entra na adolescência, a estrutura familiar está estável há mais de dez anos (Gammer & Cabié, 1999). Com a entrada nesta nova etapa do ciclo vital familiar, sexualidade, sentimentos de cólera, de perda, de excitação, atracção pela aventura invadem o domínio familiar (Gammer & Cabié, 1999). Os valores são postos em causa, os conflitos de lealdade exacerbam-se. Acentua-se o movimento já em curso de abertura do sistema familiar ao exterior, o que implica a renegociação das relações pais-filhos (Gammer & Cabié, 1999; Relvas, 1996). “Cada um dos seus membros tem que encontrar um novo lugar, um novo papel, rever os seus investimentos no mundo exterior” (Gammer & Cabié, 1999, p. 18).

Efectivamente, tão importante quanto o processo de autonomização do adolescente é a ‘autonomização’ do par parental/conjugal em relação aos filhos (Gammer & Cabié, 1999; Relvas, 1996). Não é só o adolescente que busca uma identidade e autonomia. Reciprocamente, os pais deparam-se com um processo semelhante na medida em que, a par da reconstrução do exercício da parentalidade, têm que redescobrir e redefinir a sua identidade individual e enquanto casal (Relvas, 1996). Durante os anos precedentes, centraram-se no cuidar dos filhos e ‘esqueceram-se’ que essa dedicação tinha como objectivo último prepará-los para saírem de casa e deixarem de lhes pertencer (Sampaio, 1994).

Para além das transformações geradas na estrutura familiar pela entrada de um filho na adolescência, também os pais se deparam com desafios próprios da fase do ciclo de vida em que se encontram (Relvas, 1996). É a época do balanço das suas escolhas, das suas realizações, não só no que se refere à vida profissional mas também quanto à vida familiar e conjugal (Gammer & Cabié, 1999; Marcelli & Braconnier, 2005). Não raramente sentem-se pressionados por uma carreira profissional frustrante ou demasiado absorvente (Relvas, 1996). A nível familiar, podem ocorrer uma série de perdas, nomeadamente dos avós do adolescente, isto é dos próprios pais (Braconnier & Marcelli, 2000). A nível conjugal, o casal confronta-se consigo próprio. Terá ficado alguma coisa da relação do casal? Terá sido invadida pela relação parental? Terá cada um evoluído individualmente ou evoluíram em conjunto? (Gammer & Cabié, 1999)

Todas estas problemáticas, inerentes à fase do ciclo de vida em que os pais se encontram, podem contribuir para dificuldades acrescidas na relação com o adolescente, havendo risco das dificuldades com que os pais se deparam fazerem ressonância com as dificuldades próprias dos adolescentes com

amplificação recíproca dessas dificuldades (Prosen et. al cit. por Marcelli & Braconnier, 2005; Relvas, 1996).

2.3.1. Sexualidade

A puberdade tem início num sinal químico emitido a partir do hipotálamo para a glândula pituitária para esta aumentar a produção de várias hormonas responsáveis pelo crescimento, actuando algumas delas (gonodotropinas) especificamente sobre as gónadas, ovários e testículos (Cole et. al, 2005). Nas mulheres, os ovários são estimulados a produzirem mais estrogénio e progesterona e a libertarem óvulos que possibilitam a reprodução (Cole et. al, 2005). As alterações hormonais são acompanhadas de profundas transformações corporais.

As transformações corporais são um elemento essencial da construção da personalidade do adolescente (Gammer & Cabié, 1999), constituindo-se como o motor de mudanças psicológicas que conduzem a uma nova relação consigo mesmo, com os pais e mundo (Aberastury, 1981; Cordeiro, 1988, 2002; Knobel 1981).

Há autores que sugerem que as reacções parentais ao desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários no adolescente exercem influência sobre a resposta psicológica dos adolescentes à puberdade (Peterson & Taylor cit. por Steinberg, 1981). Steinberg (1981) acrescenta que a resposta do adolescente à puberdade pode não só ser moldada, como pode, ela própria, moldar as reacções parentais.

Desta forma, “uma das principais tarefas de pais e adolescentes é enfrentarem e adaptarem-se à emergência da sexualidade do adolescente” (Gammer & Cabié, 1999, p. 22). Aos pais cabe ainda renunciar à exclusividade da maturidade genital pois o adolescente poderá, no futuro, ter uma vida sexual e amorosa (Braconnier & Marcelli, 2000).

Enquanto o filho é imaturo fisiologicamente, o progenitor pode ter diferentes comportamentos de amor e de ternura sem qualquer ambiguidade (Braconnier & Marcelli, 2000). O despontar da maturidade física que se impõe ao adolescente e a todos os que o rodeiam torna impossível a manutenção do estatuto de criança (Gammer & Cabié, 1999). “Em todas as áreas de expressão da sexualidade do adolescente, podemos ver uma porta a fechar-se; isso resulta do pudor que acompanha as modificações físicas, dos fantasmas que se desenvolvem a nível cognitivo até à experimentação fora da família. Não só o adolescente fecha a porta como também os outros membros da família criam fronteiras em redor da sua intimidade. As mães intervêm para proteger o pudor do adolescente relativamente aos irmãos, e quer o pai quer a mãe ficam menos descontraídos relativamente à nudez quando o filho atinge a maturidade sexual” (Lee Combrick-Graham cit. por Gammer & Cabié, 1999, pp. 22-23).

As pulsões incestuosas entre o adolescente e o progenitor de sexo oposto aumentam com a emergência da sexualidade do adolescente (Gammer & Cabié, 1999). E se estes impulsos se revelarem

muito intensos, podem traduzir-se em conflitos extremos e transformar, por exemplo, uma relação que era de amor e carinho entre pai e filha numa relação hostil entre uma filha provocante e um pai autoritário e possessivo (Braconnier & Marcelli, 2000; Gammer & Cabié, 1999).

“Alguns pais apercebem-se confusamente da atracção que o adolescente pode exercer neles” (Braconnier & Marcelli, 2000, p. 81). E certas proibições no que diz respeito à roupa, por exemplo, são defesas contra a emergência de desejos incestuosos (Braconnier & Marcelli, 2000). “Outros pais têm tendência a projectar nos adolescentes estas pulsões e desejos, arriscando-se a sexualizar todos os comportamentos do adolescente” (Braconnier & Marcelli, 2000, p. 81).

Segundo Gammer e Cabié (1999), existem muito mais estudos sobre a influência da família na sexualidade do adolescente do que sobre a influência da sexualidade do adolescente na família. Porém, alguns autores pensam que a emergência da puberdade constitui um estímulo para os pais, que os leva a procurar aproximações de substituição, o que pode em parte explicar as ligações extraconjugais neste período, frequentemente com amantes mais jovens (Braconnier & Marcelli, 2000; Gammer & Cabié, 1999).

2.3.2. Independência, autonomia e identidade

Por independência entende-se a capacidade que o indivíduo possui para satisfazer as próprias necessidades básicas e a assumpção da responsabilidade pelos seus assuntos e opções (Relvas, 1996). Não se restringe às dimensões económica e física, “mas também se refere à capacidade de assumir valores, juízos e decisões próprios” (Relvas, 1996, p. 156). Por autonomia entende-se a aspiração fundamental do indivíduo em obter a sua independência inevitável e desejavelmente limitada pelas ligações afectivas que estabelece (Bowen cit. por Relvas, 1996)

O início da adolescência é o prenúncio da separação (Braconnier & Marcelli, 2000). Com a maturação sexual, e com a aquisição de novas e mais complexas capacidades cognitivas e físicas, os filhos iniciam o processo de redução da dependência infantil e, paralelamente, o desenvolvimento em quantidade e qualidade das relações extra-familiares (Relvas, 1996).

Para os filhos, este processo significa a procura de uma maior autonomia, fora do seio familiar sem, no entanto, romperem com os laços familiares e suporte que lhes é inerente (Relvas, 1996). A dificuldade para o adolescente prende-se com diferenciar-se da sua família sem ir até à rejeição do que vem dela e, uma vez operada a diferenciação, saber reconhecer-se numa família, numa história, sem que a sua personalidade se confunda num magma familiar indiferenciado (Braconnier & Marcelli, 2000).

Para os pais, significa uma diminuição do controlo exercido sobre os filhos e a flexibilização de normas familiares face à crescente independência dos filhos (Relvas, 1996). Enquanto o filho é criança, está incluído no psiquismo materno e a mãe tem uma representação do seu filho, sabendo onde está, com

quem está e o que faz (Braconnier & Marcelli, 2000). Na pré-adolescência, este poderoso laço imaginário enfraquece e começa a ser posto em causa (Braconnier & Marcelli, 2000). É-se pai de adolescente quando durante algumas horas, não se sabe onde se encontra o filho (Braconnier & Marcelli, 2000). Alguns pais não suportam esta ignorância e afirmam angustiados que o filho pode fazer o que quiser desde que saibam onde ele está (Braconnier & Marcelli, 2000). Por trás desta afirmação encontra-se a necessidade implícita de manterem o laço infantil e a angústia que sentem ao enfrentarem a separação (Braconnier & Marcelli, 2000).

É de realçar que os pais têm um papel fundamental na autonomização dos filhos. Ana Paula Relvas (1996) ressalva que os pais podem e devem ajudá-los neste processo, inclusive mediante acções do quotidiano como bater à porta do quarto antes de entrarem, sinal de respeito pela privacidade do filho, tal como devem e costumam exigir o contrário. Skynner (1990) destaca, por exemplo, a importância dos pais encorajarem os interesses e actividades dos filhos fora de casa, o respeito pelo exercício de liberdade quanto ao quarto de dormir e, paralelamente, a exigência de comportamentos socialmente aceitáveis nos espaços partilhados com outros elementos da família.

A independência e autonomia estão intimamente relacionadas com uma das grandes tarefas do adolescente, a aquisição de identidade (Relvas, 1996). “É o processo de negociação que permite ao adolescente ir construindo a sua identidade. Um processo de confirmação e respeito mútuos, em que a negociação deve ser gradual” (Gammer & Cabié, 1999, p. 20).

Manuel Matos destaca, tal como E. Erikson, a adolescência como um período particularmente importante na construção da identidade. Findo o período de latência, com o despontar da puberdade, o período de estabilidade das identificações rapidamente se transforma, face à maturação sexual (Matos, 2005). “O púbere confronta-se com a possibilidade do exercício sexual, mas acompanhada de imaturidade psíquica. Na menina vai prevalecer o medo de não ser desejada; no rapaz, o medo de não estar à altura” (Matos, 2005, p. 88). Os jovens confrontam-se, portanto, com dúvidas e interrogações sobre a identidade sexual, acerca de quem são ou do que são capazes (Gammer & Cabié, 1999; Matos, 2005).

Além do mais, os adolescentes têm uma percepção mais nítida das qualidades e defeitos dos pais, assimilando algumas das suas características e rejeitando outras. Os papéis que foram atribuídos na infância são questionados e, regra geral, os adolescentes ensaiam novos papéis, ora identificando-se com eles, ora abandonando-os, podendo os diferentes elementos familiares apoiar ou opor-se ao processo de diferenciação (Gammer & Cabié, 1999).

2.4. As relações pais-filhos

Apesar de o modelo tradicional de *storm and stress* ter vindo a ser questionado em detrimento de uma visão da adolescência com mais nuances que reconhece a importância das diferenças individuais

(Arnett et. al cit. por McGue, Elkins, Walden & Iacono, 2005), a adolescência é ainda hoje considerada uma fase do desenvolvimento caracterizada por profundas mudanças psicológicas e níveis crescentes de autonomia (Lerner et al cit. por McGue et. al, 2005).

Existem fortes motivos para se esperar que as relações entre pais-filhos mudem durante a transição para a adolescência (McGue et. al, 2005). A mudança do objecto de afecto do ascendente para o par conduz frequentemente a uma relação tempestuosa entre os pais e o adolescente, podendo existir um certo afastamento emocional da família, que até então tinha constituído a mais importante fonte de apoio emocional (Cole et. al, 2005). Por outro lado, o desejo crescente de independência não só leva a renegociações nas restrições impostas pelos pais como também afecta a natureza das relações pais-adolescentes (Youniss & Smollar cit. por McGue et. al, 2005).

Eurico de Figueiredo (1985), num estudo efectuado em Portugal, identificou 3 movimentos conflituais: autonomia/dependência, obediência/desobediência e idealização/desidealização. Este autor constata que existe uma tendência para o adolescente, à medida que progride na adolescência, valorizar a autonomia, desobedecer e desidealizar os pais. Isto pode ser sentido pelos pais como perda de amor, autoridade e admiração por parte dos filhos, podendo contribuir, a par dos desafios inerentes à fase do ciclo de vida em que se encontram, para um decréscimo da sua auto-estima.

Na adolescência há, portanto, uma mudança na forma como os filhos olham os pais (Relvas, 1996). Estes passam a ser cada vez menos encarados como autoridades em todas as matérias (processo de desidealização dos pais), à medida que os adolescentes se vão considerando cada vez mais competentes e capazes de tomarem decisões (processo de idealização de si) (Relvas, 1996). A crença crescente na sua competência traduz-se numa maior resistência em solicitar e aceitar avisos e conselhos dos pais ou mesmo na sua rejeição (Relvas, 1996). No evoluir do adolescente, este passa, portanto, de uma fase de idealização dos pais a outra de idealização de si, fundamental para que adquira a confiança nas próprias capacidades (Relvas, 1996).

Deste modo, os pais, à semelhança dos adolescentes, têm também que efectuar neste período da vida um trabalho de luto (Aberastury, 1981; Braconnier & Marcelli, 2000). Muitas vezes, foram elaborados projectos em comum pelos pais e filhos, que se traduzem comumente numa orientação escolar ou profissional, e que na adolescência são postos em causa (Braconnier & Marcelli, 2000). Estes projectos dos pais são alimentados pela projecção do Ideal do Ego dos pais sobre o filho ou filha (Marcelli & Braconnier, 2005) e têm implícito o desejo de ver realizada uma parte das suas ambições e ideais (Braconnier & Marcelli, 2000). Os adolescentes rejeitam frequentemente estes projectos e os pais vêm-se a braços com a elaboração da perda deste ideal projectado (Marcelli & Braconnier, 2005).

O luto pode incidir também sobre as próprias identificações dos pais enquanto pais idealizados pela criança, quando eram confidentes do filho e as pessoas que ele procurava quando buscava conforto e

segurança (Aberastury, 1981; Braconnier & Marcelli, 2000). Na adolescência estas funções são postas em causa, quando os jovens oscilam entre movimentos de aproximação e afastamento ou mesmo rejeição (Aberastury, 1981; Gammer & Cabié, 1999; Braconnier & Marcelli, 2000).

2.4.1. O diálogo pais-adolescentes

Através do diálogo o adolescente satisfaz duas necessidades de natureza contraditória: a necessidade de entrar em conflito com os pais, de afirmar e ensaiar a sua diferença de opinião e testar os seus limites; e a necessidade de manter uma ligação com eles, de continuar a depender deles, que se denota na tentativa de manutenção do diálogo (Braconnier & Marcelli, 2000). A tonalidade do diálogo, isto é, a sua qualidade afectiva decorre de uma história que é a do adolescente mas principalmente a dos seus pais e das suas relações com os próprios pais (Braconnier & Marcelli, 2000).

O conflito reflecte o embate entre os pontos de referência definidos pela família e as regras que a geração mais nova vai construindo e os valores por que vai optando. Este processo é fulcral, uma vez que é precisamente no desacordo de opiniões que se vai construindo a autonomia e identidade dos adolescentes (Relvas, 1996).

O diálogo com o adolescente apresenta dois tipos de problemas para os pais” (Braconnier & Marcelli, 2000). Primeiro, o da autoridade parental que se exerceu na infância e que continua a exercer-se na adolescência, embora sujeito a novos arranjos (Braconnier & Marcelli, 2000), e que se vai aprofundar mais à frente. Em segundo, o da ‘crise parental’, isto é, “o conjunto de manifestações emocionais, afectivas e relacionais que a presença, os pensamentos e as atitudes e comportamentos do adolescente suscitam num ou noutro progenitor” (Braconnier & Marcelli, 2000, p. 75).

Face ao processo adolescente do filho os pais vêm-se confrontados com reminiscências do seu passado, já pouco ‘nítido’ (Braconnier & Marcelli, 2000). Este esquecimento opera-se através de mecanismos de defesa como a idealização ou o recalçamento (Braconnier & Marcelli, 2000). Perante a adolescência dos filhos, a eficácia deste recalçamento fica em perigo e podem acontecer pelos menos dois tipos de desenvolvimento (Braconnier & Marcelli, 2000). O levantar do véu, isto é, o retorno do recalçado, pode conduzir a um retraimento defensivo por parte dos pais numa espécie de recusa da revivescência de certas forças pulsionais, sexuais ou agressivas que resultará numa incapacidade para acompanhar e compreender o que o adolescente está a passar (Marcelli & Braconnier, 2005). Numa saída mais favorável, o atenuar do recalçamento pode conduzir a uma melhor compreensão do adolescente por parte dos pais, a um contacto mais caloroso e tolerante (Braconnier & Marcelli, 2000).

Embora os conflitos se manifestem essencialmente na relação pais-adolescentes Para alguns casais, a conflitualidade com o adolescente pode, inclusive, ocupar o lugar de uma conflitualidade conjugal

latente ou reactivá-la (Braconnier & Marcelli; Relvas, 1996) e, por sua vez, reflectir-se no conflito pais-filhos (Relvas, 1996).

2.4.2. Autoridade parental

A problemática do conflito na relação pais-filhos é indissociável do exercício da autoridade (Relvas, 1996). Uma das mudanças mais visíveis que ocorre nas relações pais-filhos diz respeito à natureza da autoridade parental. Esta deixa de ser exercida de forma unilateral pelos pais sobre a criança e passa a existir uma mutualidade em que adolescentes partilham o processo de tomada de decisão e aumentam a jurisdição pessoal sobre o seu próprio comportamento (Youniss & Smollar cit. por Allison, B. N. & Schultz, J. B., 2004).

As sociedades ocidentais caracterizam-se por uma grande permissividade, uma relativa flexibilidade e uma ausência de regras precisas, tornando-se mais difícil para os pais exercerem a autoridade face a adolescentes que contestam e exigem uma supressão de todas as proibições, sem terem como referência um quadro social (Braconnier & Marcelli, 2000).

Smetana (1989) conduziu uma investigação na qual procurou determinar como é que pais e adolescentes definem as respectivas áreas de poder e autoridade. Observou que pais e filhos estão de acordo quanto à legitimidade do exercício da autoridade parental em comportamentos julgados na base do acordo mútuo, tais como informar os pais sobre onde se vai, o cumprimento de tarefas combinadas; e outros julgados na base do respeito por princípios universais, por exemplo, não tirar dinheiro dos pais (Smetana, 1989). Relativamente a comportamentos julgados na base da discriminação individual, como dormir até tarde no fim-de-semana, decidir sobre a quantidade de alimentação; e outros que englobam quer a discriminação individual quer o acordo mútuo (e.g., o tipo de roupas que se veste, a arrumação do quarto), existe desacordo (Smetana, 1989). Isto porque os pais tendem a considerá-los como estando sob a sua jurisdição e os adolescentes consideram-os de âmbito pessoal e portanto sujeitos à sua vontade e capacidade de decisão (Smetana, 1989).

Sampaio (1994) apresenta variadas situações do quotidiano que, normalmente, exigem uma negociação de parte a parte, por se encontrarem no último grupo de comportamentos referidos por Smetana. Acordar ou deixar dormir? Faltar ou não às aulas e a necessidade de saber distinguir uma falta esporádica de faltas sistemáticas. Refeições em família ou a ‘síndrome das bandejas’. Discotecas e saídas à noite; sim ou não? Sozinhos ou acompanhados? Férias com ou sem a família? Namoros, até que ponto interferir?

Também Braconnier e Marcelli (2000) expõem vários domínios passíveis de abrigar conflitos de autoridade. Segundo estes autores, o corpo do adolescente e tudo o que o rodeia no seu ambiente

próximo – espaços que ocupa em casa, horário e amigos - é susceptível de ser alvo de autoridade por parte dos pais e de desacatamento dessa autoridade por parte do adolescente.

De entre os espaços que ocupa, o quarto, a casa de banho e até o barulho provocado pelo adolescente são alvos de conflitos de autoridade (Braconnier & Marcelli, 2000).

O horário do adolescente pode ser objecto de tensões, quer durante os períodos escolares quer durante as férias (Braconnier & Marcelli, 2000). As horas de saída, as horas de regresso, a ausência em casa ou, pelo contrário, a sua presença constante (Braconnier & Marcelli, 2000).

Os amigos e colegas do jovem adolescente podem suscitar discussões, na medida em que os pais querem e tentam estabelecer controlo sobre estas relações, a que o adolescente se procura esquivar (Braconnier & Marcelli, 2000). É importante que os pais não se deixem subjugar pelo temor da influência do grupo e tomem consciência do valor positivo e insubstituível do grupo no desenvolvimento do adolescente, para melhor regularem a sua autoridade nesse domínio (Relvas, 1996). Frequentemente os pais procuram identificar o meio cultural e social das relações dos filhos, que contestam que se possa avaliar uma pessoa em função do estrato social dos pais (Braconnier & Marcelli, 2000).

Também a escola pode ser objecto de conflito de autoridade. Algumas famílias destacam o desempenho escolar como o essencial deste período, quando se constitui apenas como uma das vertentes do processo (Relvas, 1996). Quando há uma sobrevalorização deste aspecto, as notas podem converter-se no 'bode expiatório' das dificuldades relacionais, tornando-se no único tema alvo de diálogo e discussão por parte de pais e filhos, constituindo-se como justificação do exercício da autoridade parental (e.g., “não te deixo sair com os amigos porque tens que estudar?”) (Relvas, 1996).

Para o adolescente, a firmeza parental é essencial ao seu processo de autonomização (Relvas, 1996). Como Skynner (1990) expõe, “se os pais aceitarem que a luta é necessária para o bem dos filhos, traçam-lhes linhas firmes e oferecem-lhes algo contra que lutar. É claro que devem ajustar as linhas de vez em quando, pois à medida que as crianças vão crescendo e se tornam independentes é bom que lhes seja dado mais espaço. (...) Não devem preocupar-se por pensarem que estão a agir mal, nem devem tentar desesperadamente endireitar as coisas. (...) O essencial de todo este processo é que o adolescente está à procura de qualquer coisa contra que lutar. E se os pais estiverem constantemente a ceder, o adolescente tem que procurar desesperadamente um comportamento que provoque uma reacção, o que faz com que o conflito cresça até os pais marcarem uma posição (...)” (pp. 261-262).

Desta forma, é necessário que os pais não se demitam da sua autoridade parental, aprendendo a regulá-la e a conduzi-la a níveis de flexibilidade que facilitem a sua diminuição progressiva (Relvas, 1996). O exercício da autoridade parental deve evitar dois perigos (Braconnier & Marcelli, 2000). Por um lado, a renúncia ao envolvimento, o 'deixar andar', que é muito rapidamente vivido pelo adolescente como indiferença, abandono dos pais em relação a si (Braconnier & Marcelli, 2000). Por outro lado, uma

autoridade que pode ser demasiado rígida, estabelecida unicamente sobre obrigações formais (Braconnier & Marcelli, 2000). No exercício da autoridade, a negociação tem um papel fulcral (Relvas, 1996).

2.5. Para que servem os pais? A função parental no início da adolescência

Os pais são necessários e indispensáveis ao bebé (Braconnier & Marcelli, 2000). A dependência do bebé e da criança relativamente a um ou mais adultos leva estes a cuidarem deles (Braconnier & Marcelli, 2000). “Além do desejo que um adulto sente de se ocupar de uma criança, existe a satisfação de se sentir necessário e indispensável a um ser vulnerável e profundamente dependente” (Braconnier & Marcelli, 2000, p. 71).

Porém, as coisas parecem ser completamente diferentes quando se consideram os adolescentes, que aliás não se coíbem de dizer aos pais que estes só lhes dificultam a vida (Braconnier & Marcelli, 2000).

Embora a maioria dos pais fique satisfeita por ver o adolescente adquirir a sua autonomia e aceder ao estatuto de adulto, é frequente os pais depararem-se, simultaneamente, com sentimentos ambíguos e contraditórios relacionados com a série de tarefas implicadas na transição de uma relação criança-pais para uma relação adulto-adulto (Braconnier & Marcelli, 2000). Face ao adolescente em plena mudança, os pais não só não ficam indiferentes, como também se põem em causa, revivem conflitos entretanto diminuídos e confrontam-se com outro tipo de exigências no seu papel parental (Braconnier & Marcelli, 2000).

Segundo Sampaio (1994), a presença dos pais junto aos filhos é tão ou mais importante na adolescência do que o era na infância. Contudo, a função parental torna-se paradoxal, pois trata-se de ser um refúgio, de conter e limitar, mas também de permitir experiências, de ser alvo de tensões violentas e não se deixar submergir por isso (Braconnier & Marcelli, 2000). Agora, o papel dos pais é o “de estar atentos, de mobilizar sem dirigir, de apoiar os fracassos e incentivar nos êxitos, em suma, estar com eles e respeitar cada vez mais a sua individualização” (Sampaio, 1994, p. 42).

III. Objectivos da Investigação

3.1. Problema

A literatura e as investigações concernentes à adolescência têm-se centrado no adolescente e nas tarefas psicológicas subjacentes, bem como nas transformações das relações que o adolescente estabelece com o meio que o rodeia, nomeadamente com a família – especialmente com os pais - e com os pares. São raros os estudos que se centram na perspectiva dos pais sobre este período de desenvolvimento humano, que envolve profundas alterações biopsicossociais, e ainda mais raros os que possuem a psicanálise como corpo teórico. O estudo da adolescência estará sempre incompleto enquanto não for

considerado o lado dos pais, mais concretamente a sua ambivalência e resistência face à crescente separação-individuação que o crescimento dos filhos inevitável e desejavelmente acarreta.

3.2. Objectivos gerais

Assim, com o presente estudo, pretende-se explorar o impacto que a pré-adolescência, no feminino, tem sobre pais e mães, nomeadamente como estes percebem e, sobretudo, vivenciam o processo de crescimento da filha primogénita, tendo em atenção as modificações na relação pais-filha à medida que esta deixa de poder ser considerada criança. Procura-se conhecer em que aspectos do seu íntimo os pais se sentem solicitados e que conflitos conscientes e inconscientes poderão interferir na relação com a filha e na sua compreensão dela. Interessa ainda perceber se a memória do passado dos pais enquanto adolescentes promove ou, pelo contrário, dificulta o contacto e entendimento da filha.

3.2. Objectivos específicos

Pretende-se ainda averiguar se existem diferenças nas percepções e vivências dos pais e mães entrevistados, tendo em consideração que, por um lado, as mães têm a ‘vantagem’ de possuir a mesma identidade de género da filha, que pode facilitar a identificação com esta e um maior *insight* sobre as mudanças que a filha atravessa. Por outro lado, essa mesma identificação aliada à fase do ciclo de vida em que a mãe se encontra pode conduzir a sentimentos de rivalidade que interferem e podem dificultar o seu relacionamento com a filha. No que diz respeito aos pais, tem-se em atenção que para além de estes possuírem uma identidade de género diferente, vêm-se confrontados com a emergência da sexualidade da filha e pulsões incestuosas subjacentes que, tipicamente, promovem um afastamento na relação pai-filha.

IV. Método

4.1. Delineamento

O presente trabalho configura-se como um estudo qualitativo, de carácter exploratório e comparativo, cujo objectivo é investigar e atribuir significado às percepções e vivências de pais e mães face à pré-adolescência das filhas primogénitas, bem como às diferenças detectadas entre o grupo de pais e o grupo de mães, à luz da teoria psicanalítica.

Tal como Quivy e Campenhoudt (1992) afirmam, a propósito da generalidade das investigações em ciências sociais, a intenção da actual investigação não é somente descrever, mas compreender o fenómeno em estudo e, para tal, torna-se necessário recolher dados que o mostrem de forma inteligível. Assim, optou-se por uma metodologia qualitativa por ser a que se coaduna com o problema e objectivos da investigação. A característica mais importante da metodologia qualitativa é a possibilidade de descrever, apresentar e explorar o fenómeno como ele foi experienciado e compreendido pela população com ele

relacionado, nas suas próprias palavras (Almeida & Freire, 2000; Ritchie & Lewis, 2003). Além do mais, a metodologia qualitativa oferece a oportunidade de ir além do óbvio, do manifesto, revelando aspectos que de outro modo, por exemplo numa metodologia quantitativa, permaneceriam ocultos (Ritchie & Lewis, 2003).

O estudo é de natureza exploratória porque tem como finalidade a familiarização com o fenómeno em estudo, pretendendo-se desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vista à formulação de problemas e/ou hipóteses mais precisos para estudos posteriores. Por fim, trata-se também de um estudo comparativo, na medida em que se comparam pais e mães, ainda que o tamanho reduzido da amostra não permita a realização de generalizações.

Relativamente à técnica de análise dos dados provenientes das entrevistas, optou-se pela análise de conteúdo que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa a sua interpretação tendo por base o conteúdo manifesto (Bardin, 1977/2006). Neste tipo de análise, o discurso não é um produto acabado mas um momento num processo de elaboração, comportando contradições, incoerências e imperfeições, que esconde e simultaneamente revela a emergência de conflitos latentes e onde os jogos de palavras, os lapsos e os silêncios são, portanto, indicadores privilegiados (Bardin, 1977/2006). De entre as diversas técnicas de análise de conteúdo existentes, optou-se pela análise por categorias, por esta permitir uma maior liberdade na análise e interpretação dos dados.

4.2. Participantes

A amostra deste estudo foi seleccionada por conveniência. Os critérios de inclusão foram: casais que fossem pais em conjunto de uma menina pré-adolescente com cerca de 13 anos de idade; que esta fosse a primogénita para que os pais estejam a passar pela primeira vez pela experiência de se tornarem pais de uma pré-adolescente; e que fossem casados ou vivessem em união de facto, pelo menos, desde o nascimento da filha.

A amostra estudada é constituída por cinco casais, residentes na área de Grande Lisboa, com idades compreendidas entre os 34 e os 46 anos, pais de meninas primogénitas com idades compreendidas entre os 13 anos e os 14 anos e 2 meses (Anexo D).

4.3. Procedimento

Tendo em vista a realização das entrevistas, foram obtidos, através de conhecidos, contactos de pais com as características desejadas. O primeiro contacto com os potenciais participantes foi efectuado por correio electrónico, através do qual se enviou a carta de consentimento informado (ver Anexo A), que explicitava sucintamente o objectivo geral do estudo, em que medida era requisitada a colaboração dos pais, os critérios de selecção dos participantes no estudo e o carácter confidencial das informações que

viesses a ser fornecidas, assegurada através da substituição de todos os nomes próprios e de lugares por iniciais.

Para os pais que assentiram em colaborar na investigação, foi realizado um contacto telefónico onde foram postos à-vontade para colocar as dúvidas e questões que desejassem. Findos os esclarecimentos, foi realizado o agendamento da entrevista, no local escolhido pelos entrevistados, no seu domicílio ou no do entrevistador, conforme fosse mais conveniente para os sujeitos. À excepção de um casal que quis realizar a entrevista na casa do investigador, todos os outros preferiram que a entrevista decorresse na sua própria casa.

As entrevistas foram realizadas a ambos os elementos do casal, individualmente e na continuidade uma da outra, de forma a evitar qualquer contacto e/ou troca de impressões entre o casal. As entrevistas foram gravadas através de um suporte de áudio, com o devido consentimento dos participantes, para que pudessem ser transcritas mais tarde, perdendo-se o mínimo de informação possível. Foram realizadas entrevistas a sete casais, tendo-se excluído dois dos casais da amostra. As razões de exclusão foram, no caso de um casal, a falta de conteúdo e, no de outro, o não cumprimento dos critérios de selecção desejáveis.

No início de cada entrevista foi recordado o objectivo geral do trabalho e solicitado que cada um dos participantes respondesse, de forma espontânea e o mais honestamente possível, a uma série de questões semi-estruturadas relacionadas com a dinâmica familiar e sua experiência enquanto pai e mãe de uma pré-adolescente. Garantiu-se novamente o anonimato dos dados e informou-se os pais de que podiam recusar responder a qualquer questão e/ou retirarem-se em qualquer momento da investigação, sem terem de o justificar. Todos os nomes de pessoas e lugares foram protegidos, sem alteração dos conteúdos que lhes estavam associados. A duração das entrevistas oscilou entre 30 e 120 minutos, com duração média de cerca de uma hora.

Após a realização das entrevistas, foi efectuada a sua transcrição integral, que se procurou o mais fiel possível, conservando-se o máximo de informação linguística e paralinguística, nomeadamente os silêncios, perturbações do discurso e aspectos emocionais tais como o riso, o silêncio, o volume da voz, entre outros. Seguiu-se uma cuidadosa análise de conteúdo, no âmbito da qual se voltou a ouvir cada uma das respostas dos sujeitos, realizando-se uma escuta activa e flutuante das mesmas.

A organização do conteúdo das entrevistas em categorias foi baseada no estudo similar de Simões (2012) com pais e mães de pré-adolescentes masculinos e, portanto, definidas *a priori* e mantidas dado que se revelaram adequadas. A sua formação decorreu essencialmente da literatura e das questões que constituem o guião da entrevista. As categorias foram analisadas tendo por base a teoria psicanalítica.

4.4. Instrumento

No presente trabalho, e tendo em vista os objectivos enunciados, realizou-se uma entrevista semi-directiva junto dos participantes, como forma de obtenção dos dados.

A entrevista é importante quando se pretende estudar as “representações do sujeito sobre a produção de um objecto de discurso, sobre as relações que o sujeito mantém com o objecto de que fala” (Pedinielli & Rouan, 2005, p.106). Além do mais, na concepção psicanalítica, a entrevista é o modo de acesso privilegiado instrumento fundamental de acesso ao inconsciente através do enunciado manifesto e de determinadas posturas discursivas tais como a ocorrência de lapsos, denegações, palavras de duplo sentido, entre outras (Pedinielli & Rouan, 2005).

Trata-se de uma entrevista semi-directiva por existir alguma flexibilidade em termos de questões adicionais que proporcionem um melhor entendimento do entrevistado, assim como uma maior fluência da conversa.

O guião da entrevista é constituído por 22 questões abertas (Anexo B) e foi desenvolvido e testado previamente por Simões (2012) e Caetano (2012), no âmbito das respectivas dissertações de mestrado, cujos objectivos eram semelhantes aos formulados na presente investigação. A grande diferença é que a investigação de Simões (2012) se centrou nas percepções de pais e mães face a pré-adolescentes masculinos.

As primeiras três questões - “Como é o seu dia-a-dia?”, “Como são passados normalmente os fins-de-semana?” e “Como são as férias em família?” - têm dois objectivos principais. Por um lado, pretendem funcionar como ‘quebra-gelo’, por serem de resposta fácil, sobre o presente e descritivas. Por outro lado, visam esclarecer como pais e mãe incluem os filhos no quotidiano e lazer, e como são divididas e/ou partilhadas obrigações.

A quarta questão, “Quem toma as decisões na família?”, tem como fim compreender como decorrem e são geridas as dinâmicas de autoridade na família, se existe ou não partilha desse papel e em que temáticas.

As questões - “Como é a sua história como pai/mãe” e “Sentiu alguma vez o desejo de ser pai/mãe?” - reenviam os pais e mães para uma reflexão acerca do seu papel na paternidade/maternidade e de como a vivenciam num *continuum* temporal.

As duas questões que se seguem - “Acha que a relação com a sua filha tem vindo a mudar ao longo do tempo?” e “Tem notado mudanças na sua filha nos últimos anos? E em si?” – vão ao encontro do objecto de estudo propriamente dito, ao incluírem a pré-adolescente. Permitem perceber quais as transformações percebidas por pais e mães e o colorido afectivo com que vivenciam e assumem essas modificações.

As questões - “Com quem se dá a sua filha? O pai/mãe conhecem todos os amigos?” e “O que acha da ideia da sua filha namorar?” - põem a tónica nas relações fora do seio familiar, que na pré-adolescência ganham uma importância crescente, designadamente no grupo de pares e nas relações de maior intimidade que reenviam para uma sexualidade que já não se pode considerar infantil.

A questão, “Já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?”, confronta os pais com a separação física, aprofundando as questões de autonomia e independência que se intensificam na pré-adolescência e são a causa frequente de conflitos.

As famílias estão imbuídas num determinado contexto social. Desta forma, as questões - “Tem amigos com filhas da mesma idade da sua filha?” e “Costuma partilhar com eles os seus desejos e receios?” - visam averiguar se pais e mães fazem uso de uma rede de suporte extra-familiar no sentido de partilharem e compararem experiências no que diz respeito às filhas pré-adolescentes.

A pergunta, “Como descreve a sua filha?”, pretende dar a conhecer a imagem que pais e mães possuem da filha. Se esta corresponde à filha real, idealizada ou a um misto.

A instrução: “Conte-me uma história com a sua filha”, é a mais projectiva, permitindo aos participantes projectar a sua relação com a filha e, de alguma forma, mencionarem algo que terá sido marcante na relação.

As questões - “O que mais deseja para a sua filha?” e “O que mais teme?” - colocam os pais e mães em contacto com os seus próprios desejos e receios, intensificados por serem projectados na filha.

Perguntar aos pais e mães: “Houve alguma coisa que o tenha desiludido na sua filha?”, implica o confronto entre a filha ideal e a real, assim como as vivências e frustrações relacionais com a mesma.

As duas perguntas seguintes - “Lembra-se de como era quando tinha a idade da sua filha?” e “Como era o seu dia-a-dia?” - reenvia os pais e mães para a sua adolescência, facilitando a identificação à filha e permitindo compreender em que medida as suas recordações e vivências promovem ou dificultam a compreensão empática da filha e seu relacionamento com ela.

A penúltima questão, “Como imagina a sua filha daqui a 20 anos?”, permite a alusão ao futuro e perceber se as fantasias dos pais e mães em relação à filha adulta vão no sentido de ambições e desejos pessoais dos pais ou, pelo contrário, levam sobretudo em consideração a percepção e conhecimento que têm acerca da filha.

Com a última questão da entrevista, “Há mais alguma coisa que gostasse ou achasse importante dizer?”, pretende-se que, por um lado, pais e mães tenham a percepção de que a entrevista terminou. E, por outro lado, que se sintam à-vontade para colocar alguma pergunta, caso o desejem fazer, ou acrescentarem algo que considerem importante partilhar.

V. Análise e Interpretação dos Resultados

Após a realização das entrevistas e sua transcrição integral, com o maior nível de fidelidade possível, procedeu-se à análise de conteúdo, tendo por base várias categorias definidas *a priori*. As categorias mais relevantes para os objectivos do estudo foram alvo de uma análise mais detalhada. As menos pertinentes para o estudo foram sujeitas apenas a uma análise geral.

5.1. Categoria *quotidiano/lazer*

Pais/mães

Na análise desta categoria e no que diz respeito aos pais constata-se que, à excepção do pai 1 que refere ajudar a filha mais pequena, da parte da manhã, e, por vezes, ir buscá-la à escola ao final da tarde, os restantes pais dão enfoque à absorção laboral. Os pais 1 e 3 mencionam o final do dia enquanto a altura em que é possível estarem todos juntos. Apenas o pai 4 faz alusão às tarefas domésticas, mas como se estas não fossem da sua responsabilidade - “às vezes há poucas coisas que dá para ajudar, ajudo mas a miúda já é grande, (...) já não requer assim muita atenção”. Os pais 2 e 5, por motivos laborais, estão menos presentes e dão menos apoio à família por chegarem tarde a casa.

Relativamente às mães, verifica-se que estas além de fazerem alusão ao seu trabalho, quando questionadas sobre o seu dia-a-dia, tendem a assumir mais responsabilidades quer junto dos filhos, quer no que diz respeito às tarefas domésticas. Todas as mães, à excepção da mãe 2, mencionam espontaneamente a filha quando questionadas acerca do dia-a-dia. As mães 3, 4 e 5 referem acompanhar as filhas nas deslocações casa-escola e escola-casa, sendo que as mães 3 e 4 destacam a importância desses momentos de convívio diário (mãe 3: “sou eu que as levo por opção própria, porque eu quero levá-las para estar um pouco mais com elas”; mãe 4: “eu consigo conciliar os meus horários com mais facilidade e normalmente espero por ela, portanto vimos as duas para casa”). A mãe 5 refere ainda que até há 2 anos atrás acompanhava a filha às actividades extra-curriculares ao final do dia. Porém, esta “de repente desistiu de tudo”.

Os momentos de lazer, em particular, os fins-de-semana, constituem momentos privilegiados de convívio familiar, apesar de alguns pais e mães referirem que, por vezes, têm de trabalhar, ainda que, na sua maioria, a partir de casa (casais 1 e 3; pai 5). Alguns dos entrevistados praticam desporto em conjunto com a filha, nomeadamente as mães 2 e 3, ou acompanham-na a actividades extra-curriculares, como é o caso do casal 4. Alguns casais (2 e 3) declaram que começam a estar condicionados pelos horários da filha, em virtude das suas responsabilidades escolares. O casal 3 faz também menção a uma componente social quer da sua parte, nos programas que combinam com amigos, quer da parte das filhas, que às vezes têm festas, vão para casa das amigas ou recebem amigas em casa. O casal 4 refere o convívio com a família alargada. O casal 5 é o único que destaca o facto de, há cerca de dois anos, a filha ter perdido o interesse em fazer programas com os pais. O pai 5 afirma: “tento passar aí um bocadinho mais com a família embora a C. pouco saia

conosco”. A mãe 5 concorda com o pai declarando: “*costumávamos sair os quatro*” e “*a partir dos 11 anos da C. saímos os três porque C. recusa-se a sair ao fim-de-semana, é tudo uma seca*”. Contudo, revela que tentam sempre que possível estar juntos e realizar actividades lúdicas em conjunto “*mas torna-se complicado cada vez mais*”. Acrescenta que no Verão é mais fácil por ter terem a praia perto embora assevere que a filha “*não vai tanto para a praia também, já quer mais ficar em casa*”.

Relativamente às férias, todos os casais referem passar as férias em família que incluem, à excepção do casal 3, elementos da família alargada. O pai 2 ressalva que as férias constituem a época do ano privilegiada em que tenta colmatar a sua ausência junto da filha. No que concerne às férias da filha, há casais que dão conta de esta não fazer férias apenas em família. É o caso do casal 1 que revela que a sua filha tem feito várias colónias de Verão, o que denota alguma abertura da família ao exterior. Também o casal 3 evidencia alguma abertura da família ao exterior ao permitir que a filha faça praia com uma amiga sua e respectivo filho, quando os pais se encontram a trabalhar. Ressalva, no entanto, que a filha dorme sempre em casa, pelo que se trata de uma abertura ao exterior mais restrita. Já a mãe 4, a propósito da possibilidade da filha passar férias sem a família, refere: “*sou um bocado galinha e faz-me um bocado de confusão deixá-la ir de férias com gente que eu não conheço*”, revelando sentimentos relacionados com a angústia de separação.

5.2. Categoria partilha de decisões

Pais/mães

No que diz respeito à tomada de decisões, os elementos do casal parental têm respostas concordantes. De uma maneira geral, os casais referem tomar as decisões em conjunto, sobretudo no que diz respeito a decisões de estrutura ou que envolvem a educação dos filhos. Nas decisões do dia-a-dia existem algumas diferenças de casal para casal e, tipicamente, a mãe assume um papel preponderante, embora nem todos os casais o assumam explicitamente.

Os elementos do casal 1 afirmam que quando são assuntos rotineiros, relacionados com a gestão da casa, logística, horários e reuniões escolares é a mãe quem está mais envolvida na tomada de decisão. Também os elementos do casal 5 consideram que é a mãe quem durante a semana, no dia-a-dia, toma as decisões.

Os casais 2 e 4 asseveram tomar as decisões em conjunto embora pelas respostas dadas no âmbito de outras categorias se perceba que a mãe tem um papel de destaque no exercício da autoridade parental.

Quanto ao casal 3, embora ambos digam que costumam tomar em conjunto, a mãe 3 considera que é ela quem está mais envolvida nas decisões que remetem para o exercício da autoridade parental junto da filha: “*Acho que aquele tipo de sair, se vai, se não vai, se vai dormir em casa de, se vai a uma festa ou não. Eu*

acho que sou mais eu que estou envolvida?. O pai 3 considera ainda que: *“em termos de comportamento talvez, em termos de permissividade, talvez aí eu nalgumas coisas seja mais flexível, talvez aí a N. [mulher] seja mais intransigente”*

5.3. Categoria *parentalidade*

Pais

À exceção do pai 1, todos os outros afirmam ter desejado ser pais, embora o discurso de alguns sugira a interferência da desejabilidade social na resposta (pai 2: *“Desde o momento que casei é evidente que sim”*; pai 4: *“É assim, todos nós temos”; “Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim. Já tinha tido essa vontade, claro”*)

A resposta do pai 1 dá conta de um sentimento de culpabilidade por não ter sentido previamente desejo de ser pai, evidente na ruminação em torno da ausência desse desejo (*“Olhe, sinceramente, antes de o ser não tinha desejo de ser pai [riso]. Não tinha, não tinha. Não sei se porque andava com a cabeça metida nos estudos e...e a pensar noutras coisas da vida. Não tinha, não tinha mesmo...digamos não tinha uma intenção ou vontade de o ser, não porque não quisesse ter essa experiência mas porque não pensava nisso, não pensava”*).

Os pais 2 e 3 referem que foi um desejo que surgiu após o casamento (pai 2: *“Ah sim, depois de casar”*; pai 3: *“quando casei com a N. (...), houve logo essa vontade”*).

O pai 4 parece ter ficado feliz com o tornar-se pai, apesar de não ter sido uma gravidez planeada. Diz: *“a gente é assim, quando for é, e todos nós ficamos, é uma grande alegria claro mas não...não, não estava à espera tão...que fosse naquele momento, já estava à espera antes, já estava à espera depois”*.

O pai 5 revela: *“Ah isso senti desejo de ser pai, embora tenha que admitir que os meus filhos apareceram um bocadinho por acaso os dois [riso]”*. Desejava ter um casal, tal como sucedeu, embora os filhos não tenham sido planeados. No fim da resposta acrescenta: *“gosto de ser pai. Não que seja uma pai perfeito nem um grande pai”*. Há, portanto, indícios de sentimentos de culpabilidade, por sentir que fica aquém do que idealiza ser um ‘bom pai’.

A maioria dos pais não conseguiu contar a sua história como pais. O pai 1 revela: *“apregoo a todos os ventos que é a melhor coisa do mundo”, “gosto muito de ser pai, gosto da responsabilidade de ser...ser pai”*. Diz ter tido um papel activo nos cuidados prestados quando as filhas eram pequenas e que isso o aproximou delas e ajudou-o a compreendê-las. Destaca ainda o seu papel de pai enquanto figura de autoridade, que estabelece os limites, dizendo: *“o pai às vezes é sempre o mauzão que não deixa ir aqui, não deixa ir acolá”*. Contudo afirma: *“estou a fazer o que eu gostaria que tivessem feito por mim”*, o que envolve a capacidade de evocar recordações e vivências de si enquanto filho, nomeadamente as frustrações no relacionamento com os seus pais. No entanto, parece que o exercício da autoridade lhe traz alguns sentimentos de culpabilidade.

Nas respostas do pais 2 e 5 transparecem sobretudo sentimentos de culpabilidade relacionados com a sua ausência. O pai 2 refere achar que tem sido um *“bom pai apesar do afastamento”* que tem existido, fruto das longas horas de trabalho. Tenta tranquilizar-se ao recordar as férias, período em que se dedica

quase exclusivamente ao convívio com a filha. O pai 5 refere que quando a C. nasceu tinham “*uma relação mais próxima*” e depois “*em função do trabalho*” acabou por se afastar. Acrescenta que a maior proximidade na relação com a filha se deveu, em parte, aos problemas de saúde com que o filho mais novo nasceu, que exigiram uma maior atenção por parte da mãe, razão pela qual estabeleceu uma relação privilegiada com a filha. Considera que este afastamento, pelo qual se responsabiliza e culpabiliza, teve e tem, no presente, impacto na relação com a filha. Afirma: “*acho que um bocadinho também foi um erro meu no princípio que agora é mais difícil de colmatar*”; “*aliás eu isso acho que, ainda hoje, ela sente um bocadinho isso*”.

A resposta espontânea do pai 3 vai no sentido do papel que assume no presente. Declara: “*tento estar o mais próximo delas*”, “*estar atento ao comportamento*”, “*tentar apoiá-las, a todos os níveis*”, “*mostrar-me sempre disponível*”. Acrescenta que perceciona um maior à-vontade por parte das filhas para abordarem “*questões pessoais*” com a mãe por serem do mesmo género.

O pai 4 afirma “*tento sempre dar o meu melhor mas claro, ela é miúda, acho que há certas conversas que cabe sempre melhor à mãe*”. Acrescenta que perante assuntos como namorados fica constrangido e que a filha percebe o seu embaraço e vai ter com a mãe. Porém, refere “*quando é para a brincadeira, é logo comigo*”. Na sua resposta subentende-se o seu desconforto face à emergência da sexualidade da filha.

Mães

Todas as mães referiram ter sentido desejo de ser mães embora este desejo tenha assumido nuances diferentes e tenha sido desencadeado em fases da vida distintas. As mães 1 e 5 afirmaram ter sentido o desejo de serem mães desde sempre. As mães 2, 3 e 4 revelam que sentiram o desejo de ser mães na sequência do relacionamento com os actuais maridos, sendo que as mães 2 e 3 referem ter sentido, para além do desejo, necessidade de serem mães (mãe 2: “*faltava qualquer coisa*”; mãe 3: “*senti a necessidade, o corpo parecia que pedia para ser mãe*”) e mencionam ter planeado a gravidez.

A maioria das mães também não foi capaz de contar a sua história como mães. A mãe 1 constituiu a excepção. Partilha que quis, desde os 5 anos de idade, ser mãe e que este sempre foi o projecto mais acalentado. Revela: “*A minha história como mãe começa aos 5 anos quando eu decidi que queria ser a Mãe*”; “*e ser mãe para mim era o mais importante, não era a carreira, não era nada, era ser mãe. Ser mãe é uma coisa que me dá, me dá vida*”; “*eu quase que me apetecia fazer tudo ao contrário, ser mãe primeiro e depois tudo o resto vinha depois*”. Este desejo intenso de ser mãe parece ter subjacente uma tentativa de reparação da sua infância que transparece no seguinte excerto do seu discurso: “*Eu olhava para aquele nenuco e pensava o que é que seria ser mãe. Eu não tive uma infância muito simples nem tive uma mãe muito carinhosa (...) mas eu olhava para aquele bebé e sentia que queria ser uma mãe muito, aquilo não era um bebé, era um nenuco e começa aí aos 5 anos e sempre disse que ia ter muitos filhos*”. Parece existir também uma tendência para mostrar uma imagem positiva de si, idealizada: “*A minha história como mãe é linda [riso], de conto de fadas*”.

As mães 2 e 3 mostraram dificuldades em ir de encontro à questão. Focaram-se em características suas enquanto mães, apontadas como negativas pelas filhas, o que dá conta da existência de sentimentos de culpabilidade. A mãe 2 focou-se no facto de se considerar uma mãe exigente, aspecto ligado ao exercício da autoridade. Revela: “*acho que sou pronto um bocado exigente (...). Tanto que a D. está sempre a queixar que pronto, eu sou muito exigente*”. Compara-se com o marido, dizendo: “*o pai (...) cede mais um bocadinho*”. A mãe 3 considera o tempo que disponibiliza para as filhas insuficiente. Afirmar: “*Eu acho que tenho tido pouca presença em casa, com elas, e acho que elas se queixam um pouco disso*”.

A mãe 4 começa por ir ao encontro da questão, recuando à data em que foi mãe mas passa, quase de imediato, para a forma como se relaciona com a filha. Afirmar: “*eu fui mãe muito cedo, eu tinha, ia fazer 21 anos quando a Joana nasceu... e acabámos por estar muito próximas, eu acho que tem muito a ver com esta questão da idade*”. Faz também referência à existência de conflitos por terem “*feitiços muito parecidos, cuja importância menor*”. Menciona: “*tento tratá-la de uma forma como eu queria ser tratada se tivesse a idade dela provavelmente, (...) sem a tratar de uma forma demasiado acriançada mas também sem lhe dar demasiada liberdade*”, o que revela capacidade de evocar recordações e vivências de si enquanto filha, nomeadamente as frustrações no relacionamento com os seus pais, e que parece facilitar a relação mãe-filha. Embora saliente a proximidade face à filha, denota-se também alguma facilidade no exercício da autoridade.

A mãe 5 revela: “*adorei ser mãe*” e mostra muitas saudades das fases mais precoces do desenvolvimento dos filhos - quer da filha primogénita, quer do filho mais novo - que afirma ter muito presentes na memória. Este sentimento prevalecente de saudade face ao passado enquanto mãe, poderá remeter para as gratificações inerentes a ser mãe de crianças pequenas, ainda inteiramente dependentes dos pais para subsistir. Declara: “*Adorei a época de amamentar, mudar fraldinhas, aquele cheirinho deles, o vestir, o andar com eles ao colo, dar-lhes a papinha, gostei*”. Na resposta desta mãe está implícita uma desilusão com o papel de mãe na fase actual de desenvolvimento da filha. A saudade e a utilização recorrente do passado “*adorei, adorei, adorei ser mãe*” são disso indicadores.

Pais/Mães

Na generalidade, pais e mães foram pouco capazes de ligar a sua história ao passado embora quase todos afirmem ter sentido desejo de ser pai/mãe. A dificuldade geral em irem ao encontro do solicitado, pode dever-se à questão - “*Como é a sua história como pai/mãe?*” - ser de natureza mais íntima, e de envolver a partilha da representação que têm da paternidade/maternidade e de si enquanto pais/mães, e na qual intervêm grandemente factores de desejabilidade social.

Nas respostas das mães 2 e 4, e dos pais 2 e 5, destaca-se a existência de sentimentos de culpabilidade, que parece impedi-los de serem melhor sucedidos na construção da sua história.

Dois dos pais (3 e 4) referem a maior proximidade entre filhas e mães para a abordagem de questões de natureza pessoal, que justificam por serem do mesmo género e que parece traduzir, em parte, o próprio desconforto dos pais perante a nova maturidade sexual da filha.

No que concerne ao exercício da autoridade, este encontra-se ausente na maioria das respostas dadas a esta questão. Porém, ainda assim, é possível perceber que esta é exercida mais pelas mães (mães 2, 3 e 4) do que pelos pais, sendo que uma das mães (mãe 2) se sente culpabilizada por isso e dá a entender que gostaria que o pai assumisse mais esse papel, como se assim ficasse mais liberta dessa responsabilidade. O mesmo parece passar-se com a mãe 3, como se entrevê no seguinte excerto: “*já estou farta de ser a bruxa má, agora passo um pouco para o teu pai a ver o que é que ele diz*”.

5.4. Categoria *percepção das mudanças*

Pais

Relativamente às mudanças percebidas na relação, o pai 1 refere: “*Ela obviamente [riso] deixou de ser aquela menina que estava constantemente agarrada ao nosso pescoço não é, e estarmos constantemente a...a dar mimo*”. Esta afirmação traduz uma diminuição da demonstração de afectos ternos por parte da filha, que o pai diz compreender por se lembrar ter passado pelo mesmo. Menciona também a maior autonomia da filha, que considera ser uma mudança positiva ainda que com a nuance negativa de se sentir menos necessário (“*ela começou a crescer (...), o que fez com que ela ficasse muito mais autónoma mas também ao mesmo tempo deixando de precisar tanto de mim*”).

No que diz respeito a mudanças percebidas na filha, o pai 1 reluta em assumir a existência de mudanças, denegando-as Afirma: “*é um erro meu mas...acabar...acabar de ter uma filha com 13 anos...eu acabo por a ver sempre como pequena*”; “*Mas talvez por essa...essa minha resistência eu não vejo assim grandes mudanças nela [riso]*”. Apesar disso, nota que a filha começa a “*dar grande importância também aos rapazes*”. Declara: “*em termos...físicos ela, obviamente, está mudada não é, tem passado por isso, por essas mudanças mas...em termos emocionais eu já expliquei que sinto-a muito melhor e preparada para enfrentar as coisas*”. Embora faça uma breve menção às transformações corporais, é evidente o seu constrangimento em desenvolver o tópico referindo novamente as mudanças a nível emocional, mais inócuas quanto à emergência de pulsões incestuosas. Quanto às mudanças em si, afirma que está mais confiante, tranquilo e tolerante.

No que diz respeito às mudanças percebidas na relação, o pai 2 revela a manifestação de tristeza da filha por ele querer fazer mais horas de trabalho. Esta expressão de afecto terno por parte da filha, parece estar relacionada, tal como o pai afirma, com a filha ter sentido a sua ausência ao longo da vida.

Relativamente a mudanças percebidas na filha, o pai 2 refere “*uma atitude de querer impor mais a sua vontade, de responder mais qualquer coisa*”, ou seja, uma maior necessidade de afirmação, de fazer valer as

suas ideias e opiniões, questionando-o. Quanto a si, o pai 2 refere, por um lado, uma maior necessidade de exercer a sua autoridade, face aos comportamentos de afirmação da filha (*“ela está mais crescida começa a ter peito entre aspas para mim e há atitudes que eu não gosto nela e tenbo de a confrontar”*). Por outro lado, revela um ajuste no modo de exercer a sua autoridade, no sentido de uma maior flexibilização. Faz também menção à necessidade de lhe conceder mais liberdade e promover a sua autonomia e independência.

No que concerne às mudanças percebidas na relação, o pai 3 refere comportamentos que reflectem a inibição da filha pelo facto de ser pai e não mãe e que, por isso, em algumas situações, a filha recorre mais à mãe. Menciona uma maior necessidade de afirmação por parte da filha, de preservação do seu espaço, nomeadamente o quarto, e de evitar expor a sua nudez a olhares alheios, e em particular ao seu. Refere sentir-se muito incomodado com a necessidade da filha fechar a porta quando se encontra no seu quarto e de gostar de ter a sua privacidade quando se encontra no *facebook*, o que tem originado alguns conflitos. Mostra-se preocupado com eventuais comportamentos relacionados com a curiosidade sexual que a filha possa ter, nomeadamente com a navegação indevida na *internet*, em *sites* para adultos, que tenta controlar através da consulta do histórico do computador. Este receio parece ser projectivo.

Quanto às mudanças percebidas na filha, para além da *“preservação do espaço dela”*, refere, tal como o pai 2, a *“maneira de estar dela, do querer, posso e mandó”*, o *“querer já estar mais junto de amigos”*, que são manifestações exteriores do enfraquecimento do laço infantil que une a filha aos pais. Revela também que a filha *“está a ficar mais responsável a nível de estudos”*, e portanto mais autónoma. No que diz respeito a si, o pai 3 foca-se nas mudanças na natureza das preocupações: quando as filhas eram pequenas eram relativas à saúde e bem-estar e à medida que vão crescendo, passam também por uma maior preocupação com o meio em virtude da maior abertura da família ao exterior e, conseqüentemente, de um menor controlo sobre os contactos e relações que as filhas vão estabelecendo. Faz também menção à mudança na função parental ao declarar: *“temos que ter uma atenção diferente, temos que começar já a alertá-la para umas situações”*, situações essas referentes a namoros e consumos de drogas.

Quanto às mudanças na relação com a filha, o pai 4 tem dificuldade em nomear mudanças, afirmando *“quer dizer, muda e não muda”*. A única mudança apontada resulta da maior autonomia da filha, que *“já consegue decidir e ver as coisas como elas são”*. Este pai, tal como o pai 1, reluta em assumir o crescimento da filha, denegando-o (*“acaba por ser um bocado diferente mas não é assim muito”*).

No que diz respeito às mudanças percebidas na filha, o pai revela desconforto perante a abertura da questão, solicitando uma maior especificidade. Refere que a filha o aborda menos com o propósito de lhe colocar questões acerca de namorados, que conversa muito com as suas amigas, na escola, e que conversa mais com a mãe. Quando questionado sobre outras mudanças que observe na filha, o pai pergunta *“Fisicamente?”*, e responde abreviadamente que *“sim, no dia-a-dia, vai-se notando”*. Relativamente a mudanças percebidas em si, o pai 4 tende a dizer que não detecta mudanças.

Menciona apenas o facto de a filha conversar mais com a mãe, por gostar mais de ter conversas com alguém do mesmo género. Transparece, portanto, a dificuldade do pai em lidar com a crescente maturidade física da filha, seja pelas transformações corporais que esta apresenta, seja pelo confronto com a sua sexualidade, quando a filha demonstra ter interesse por rapazes, seja pelo pouco à-vontade que sente em conversar com a filha e que projecta, em parte, nela.

No que diz respeito às mudanças percebidas na relação, o pai 5 refere o afastamento e uma fase, há cerca de 2/3 anos atrás, em que a filha o enfrentava e manifestava vincadamente o seu desejo de independência (“*Enchia mesmo o peito e ‘quem manda aqui sou eu, não és tu, tu não mandas aqui nada’. Era um bocadinho neste racional, ‘eu sou independente, eu até era capaz quase de morar sozinha e quase não precisar de vocês para nada’*”). Face ao confronto de que foi alvo, revela ter sentido, à semelhança do pai 2, por um lado, a necessidade de exercer a sua autoridade e, por outro lado, flexibilizar o seu exercício, permitindo-lhe ter mais liberdade mas tentando, simultaneamente, definir alguns limites.

Relativamente às mudanças que percebe na filha, afirma que esta “*tem sido mais madura, mais responsável nalgumas coisas, nas suas regras*”, “*não é preciso estar sempre em cima dela*”, o que demonstra uma maior autonomia. Por outro lado, revela que a filha se tem tentado ajustar com o propósito de evitar alguns conflitos. Menciona também que “*está a crescer como mulher*” e que se apercebe do seu interesse pelo sexo oposto. Revela que o Justin Bieber é o ídolo da filha, “*que é uma coisa que me faz imensa confusão*”, embora reconheça que “*faz um bocadinho parte da idade*”. Este pai intui, ainda que de forma pouco clara, o conflito interno com que a filha se debate, necessidade de dependência e luta contra a mesma, que se traduz em manifestações reactivas do seu desejo de independência (“*acho que tem ali um conflito dentro dela, porque acho que ela julga que é muito mais crescida do que o que efectivamente é, mas ali é um conflito na cabeça dela que eu acho que, pouco a pouco, se está a ajustar*”). Quanto às mudanças que detecta em si refere, tal como o pai 2, a sua tentativa de flexibilização em vez da imposição unilateral de autoridade, para evitar conflitos permanentes.

Mães

Quanto às mudanças observadas na relação, a mãe 1 aponta para uma mudança na natureza da relação mãe-filha, que se tornou mais íntima e que reflecte o esbatimento da assimetria na relação mãe-filha (“*eu acho que passámos de mãe e filha, a mãe, amiga e filha*”; “*Deixei de ser aquela mãe que estava sempre só a guiar e passei a ser uma confidente*”; “*Ela também está mais madura e é uma miúda com quem eu posso conversar, ela permite-me e permite-se a isso*”).

Relativamente a mudanças percebidas na filha, a mãe 1 refere-se apenas a aspectos que considera positivos, nomeadamente as transformações físicas (“*Ela está mais alta do que eu, está um mulherão*”), um maior grau de autonomia e um salto qualitativo ao nível do pensamento (“*está mais madura sem dúvida, mesmo a nível de responsabilidade, a nível de coerência mental*”) relacionando-as

com o aparecimento da menarca e alterações hormonais daí advenientes. Elogia a sua aparência física (*“Está uma miúda muito bonita, está uma mulher muito bonita”*), reconhecendo a sua maturidade biológica ao referir-se à filha como mulher. Refere ainda mudanças na forma da filha se relacionar, afirmando que esta está menos tímida e mais divertida. Quanto às mudanças observadas em si, a mãe 1 percebe-se como mais tranquila face à sua filha mais velha por sentir que a filha, apesar de já ter entrado na adolescência, continua capaz de *“discernir o que é que deve e o que é que não deve fazer”*.

No que diz respeito às mudanças observadas na relação, a mãe 2, tal como a mãe 1, refere uma maior intimidade (*“agora conversamos mais”*). A par da maior intimidade, revela também um maior nível de conflitualidade (*“não sei se são feitos iguais (...) chocamos uma com a outra”; “digo qualquer coisa e ela responde logo. Tem tudo, tudo na ponta da língua”*).

Relativamente a mudanças na filha, a mãe 2 percebe mudanças negativas, referindo conflitos no domínio da autoridade, por a filha evidenciar *“mais rebeldia”* e *“só fazer aquilo que lhe apetece”*. Menciona também um desinteresse por actividades que anteriormente lhe davam prazer. Quanto a si, a principal mudança percebida, é o facto de estar mais atenta e de preocupar-se em que a filha possa dialogar com ela sobre eventuais namorados. Mostra-se preocupada em alertar a filha para a utilização de contraceptivos quando esta começar a namorar.

A mãe 3, à semelhança da mãe 2, faz menção a uma relação mãe-filha em que existe um maior grau de conflito, que relaciona, em parte, com um maior desejo de independência por parte da filha, que reluta em conceder. Descreve o aparecimento da menarca e o pedido da filha para não contar ao pai o aparecimento da menarca. Faz também menção ao pudor demonstrado pela filha em relação ao seu corpo, quer na relação consigo, quer na relação com o pai, sobretudo com este. Aparentemente, este pudor causa alguma estranheza à mãe que refere: *“Com o pai não, fecha a porta e não, não. Não sei porquê, porque em casa nunca houve aquelas situações de vamos tapar-nos, não vamos mostrar-nos, não”*. Esta estranheza pode ser explicada como numa negação de pulsões incestuosas na relação pai-filha face à nova maturidade sexual da filha.

Quanto a mudanças percebidas na filha, a mãe 3 refere um maior desejo de independência por parte da filha, que mostra grande vontade em poder realizar determinadas actividades na ausência dos pais (*“ Quando é que me vais deixar ir sozinha para a escola?”*; *“ porque é que não me deixas ir ao rock in rio sozinha?”*; *“ quando eu estiver cá em casa posso ir de vez em quando cá abaixo à alameda dar uma volta com a mana?”*). Quanto a si, esta percebe-se como tendo menos paciência para os conflitos que se geram entre a filha mais velha e a irmã dois anos mais nova. Sobressaem de novo sentimentos de culpabilidade, relacionados com o não estar tão disponível como considera que deveria estar.

No que diz respeito à sua relação com a filha, a mãe 4 refere uma maior autonomia e uma menor necessidade da presença da mãe (*“deixa de precisar tanto de estar constantemente mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, como estava quando era mais pequenina”*).

A principal mudança que a mãe 4 percebe na filha é o maior desejo de independência, tal como a mãe 3, e uma maior vontade de fazer actividades com o grupo de pares (*“começa a querer é fazer coisas próprias da idade, o ir ao cinema com os amigos”*). Quanto a si, relata que, face à maior autonomia da filha, começa a mentalizar-se de que lhe deve ir concedendo mais liberdade e que se está a adaptar gradualmente às exigências que o crescimento da filha vai ditando. Afirma num tom resignado que a filha *“está a crescer”*. Porém, está implícito na sua narrativa a forte necessidade de manter o vínculo infantil e sentimentos relacionados com a angústia de separação, fazendo pedidos à filha para lhe telefonar quando chega à escola (*“e depois às vezes ela diz-me que eu sou muito chata e ligo muitas vezes, ‘quando chegares a casa telefonas à mãe a dizeres que já lá estás’. ‘Oh mãe mas para quê, eu estou a 5 minutos da escola’. ‘Não interessa, dá-me só um toque pronto’”*).

No que concerne às mudanças observadas na relação, a mãe 5 aponta para o crescimento/amadurecimento rápido da filha, que relata como tendo sido exigente em termos da sua adaptação. Aqui a mãe faz o paralelo com as recordações que tem de si enquanto criança e pré-adolescente estabelecendo o contraste entre si, mais infantil, e a sua filha, que aos seus olhos deixou de ser criança demasiado cedo. Outra mudança que aponta, é o afastamento por parte da filha e as saudades que sente de fases anteriores do desenvolvimento, quando a filha ainda a procurava e seguia nas mais diversas actividades (*“Eu às vezes tenho saudades desse pedinchar dela porque seguia-me, ia comigo para o supermercado, ia às compras, agora não, afastou-se”*). Também aqui se torna evidente a angústia de separação e a menor necessidade da presença da mãe, à semelhança do que a mãe 4 mencionou. Refere ainda a falta de demonstração de afecto por parte da filha (*“não tem uma meiguice, um carinho, um beijinho, vive muito no mundo dela”*) e, ao contrário das mães 1 e 2, a incapacidade de manter uma conversa com a filha que, segundo a mãe, se mostra indisponível para tal.

Relativamente à percepção de mudanças na filha, a mãe 5 refere-se a uma alteração acentuada na preocupação com o aspecto físico. Relata mudanças no sentido da assumpção da feminilidade (*“ela foi uma rapariga muito maria-rapaz, sempre”; “nunca pôs um vestido, nunca pôs uma saia, nunca”; “e mudou, agora na adolescência mudou, passa horas ao espelho, o cabelo, usava sempre o cabelo curtinho, agora usa o cabelo muito comprido, passa horas a penteá-lo, grita quando tem uma borbulha”; “está mais menina”*). Quanto a si, a mãe 5 afirma já não se envolver tanto nos conflitos com a filha como no passado. A renúncia ao envolvimento e o ‘deixar andar’ indiciam a demissão da autoridade parental que pode ser vivida pela filha como indiferença e/ou abandono da mãe em relação a si (*“já não procuro tanto a discussão e o confronto com ela como procurava antigamente e o tentar mudá-la, tentar: ‘C. não, não pode ser’, estar sempre ali constantemente já não, muitas vezes viro as costas e vou-me embora”; “deixo andar, desliguei-me um bocadinho”*).

Pais/Mães

As mudanças mais frequentemente referidas pelos pais foram: inibição da expressão de afectos ternos por parte da filha (pais 1, 3 e 5) na relação com eles, ligada à emergência de pulsões incestuosas e defesa contra as mesmas; maior recurso à mãe (pais 3 e 4) nomeadamente no que diz respeito a assuntos de cariz pessoal; maior autonomia da filha (pais 1, 3, 4 e 5); manifestação de interesse pelo sexo oposto (pais 1, 4 e 5); maior necessidade de afirmação por parte da filha que se traduz numa maior necessidade de exercer autoridade por parte dos pais, ainda que com maior flexibilidade, sob pena de conflitos permanentes (pais 2 e 5). Três dos pais (1, 4 e 5) referem de passagem as transformações do corpo, sendo evidente o seu embaraço face à nova maturidade sexual da filha.

Quanto às mães, verifica-se que a generalidade percebe os movimentos psicológicos de separação da filha. Os aspectos mais frequentemente referidos são, por um lado, uma maior intimidade na relação mãe-filha, na medida em que têm conversas de natureza pessoal (mães 1 e 2). Esta percepção coloca em evidência a mudança que se opera na relação pais-filhos, neste caso mãe-filha, com a sua entrada na adolescência. A adolescente perde o estatuto de criança e aproxima-se gradualmente do estatuto de adulto pelo que a assimetria existente na relação mãe-filha se esbate. Por outro lado, as mães 4 e 5 revelam que a sua presença é menos necessária e procurada, por a filha estar mais autónoma. As mães 2 e 3 mencionam ainda um maior nível de conflitualidade na relação. O incremento no grau de conflito parece dever-se a alterações na dinâmica de autoridade provocadas pela entrada da filha na adolescência, uma vez que a adolescente começa a ter ideias próprias sobre si e o que a rodeia, ideias essas que muitas vezes não coincidem com as dos pais, conduzindo a conflitos.

A propósito das mudanças percepcionadas na filha, algumas mães referem o maior desejo de independência (mães 3 e 4), outras (mães 2 e 5) fazem menção ao recente desinteresse por actividades que anteriormente gostavam. As mães 1 e 5 fazem menção às transformações corporais da filha. A primeira descreve de forma elogiosa as mudanças que observa na filha. A última refere essencialmente a preocupação exacerbada da filha com o seu aspecto físico e a crescente assumpção da sua feminilidade. A mudança relatada vai ao encontro da literatura sobre adolescentes na medida em que uma das grandes tarefas da adolescência e em particular da pré-adolescência é a adaptação às transformações pubertárias, nomeadamente o luto do corpo infantil e a apropriação de um corpo novo em que a identidade de género e correspondente papel na procriação se impõem.

5.5. Categoria *pares*

Pais/Mães

Quando questionados sobre com quem a filha convive, todos os pais e mães afirmam que a filha convive sobretudo com os colegas da escola, sendo que os pais 1 e 2, e as mães 2 e 4 salientam o facto de a

filha ter uma ou outra amizade privilegiada. Alguns entrevistados fazem também menção a amizades que surgiram no âmbito das actividades extra-curriculares (mães 1 e 2), no decorrer das férias de Verão (pais 1 e 4; mãe 4) ou por serem filhos de amigos dos pais (pai 3 e mãe 3). À excepção da mãe 1, que destaca a importância da família nuclear, os restantes pais e mães destacam os pares ainda que alguns incluam na sua resposta a família, nuclear e alargada (pais 1 e 5; mães 1 e 3).

É de destacar a resposta do pai 4 que mostrou inibição em responder à pergunta, procurando pistas que orientassem a sua resposta. “*A nível dos dois ou a nível de colegas? (...) se é rapazes ou raparigas?*”. Afirma: “*ela dá-se com todos, às vezes ela pede para trazer aí alguém, um colega dela, rapazes não, mas miúdas*”. O excerto “*rapazes não*” tem subjacente a consciência da emergência na filha de uma nova maturidade biológica, que deixa o pai pouco à-vontade, como ficou patente na análise de outras respostas.

É interessante referir que apenas a mãe 5 relata com mágoa o afastamento da filha face aos pais, irmão e avós e, paralelamente, o convívio intenso com as amigas (“*basicamente vive para as amigas?*”). A descrição do afastamento da filha, face à família nuclear e alargada, denuncia pela tonalidade afectiva do discurso ressentimento e falta de compreensão acerca daquilo que o motiva - a necessidade de reformulação do amor infantil que a filha dedica aos pais e outros familiares.

Constatou-se que embora pais e mães afirmem conhecer os amigos da filha, as mães têm um maior conhecimento das amizades, seja pelo diálogo, seja por acompanharem as filhas nas deslocações casa-escola, escola-casa. Observou-se, portanto, nos casais entrevistados, a existência de um grande controlo dos meios que a filha frequenta e das pessoas com quem se relaciona. Somente uma das mães (mãe 3) faz a ressalva de conhecer os amigos da filha “*por enquanto*”, vislumbrando a possibilidade de tal não acontecer no futuro, o que denota um movimento interior no sentido do enfraquecimento do laço infantil e da diminuição do controlo exercido sobre a filha.

5.6. Categoria *namoro*

Pais

Quando questionados sobre o que acham da ideia da filha namorar, os pais 1 e 3 tendem para a denegação de que a ideia lhes causa inquietação (pai 1: “*gostava que elas tivessem uma...que não perdessem o focus nos estudos e por isso, e só por isso, confesso que não é por mais nada [baixa o tom de voz], gostava que tentassem adiar o mais possível os namoros*”; “*Nem sequer me sinto ameaçado como eu já falei com outros pais em que se sentem ameaçados, do tipo ‘a minha menina’*”; pai 3: “*não é uma situação que me...é assim...que me preocupe...acho que...acho que é natural, na idade deles, acho que é natural*”), sendo que o pai 1 racionaliza o desejo de que as filhas adiem os namoros, ao afirmar que receia que descurem os estudos. O pai 3, ao acrescentar: “*A única coisa que...pronto, que chamamos a atenção é que ela pronto tem que ter juízo, (...) que a mãe entretanto acho que já teve também uma conversa com ela pronto, já foi uma situação que falámos entre os dois também, que era conveniente alertá-la que eles agora pronto, já...a relação de*

namorados é diferente de quando tinham 3, 4, 5, 6 anos não é, que da parte dos rapazes já poderá haver outras intenções”, revela consciência da maturidade biológica da filha embora projecte o desejo e curiosidade sexual nos eventuais namorados da filha.

É ainda interessante referir que o pai 1 mostra uma grande inquietação com a possibilidade de a filha não ser bem tratada por um futuro namorado referindo: *“ouve-se tanta coisa aí hoje em dia, de maus tratos e vê-se não é, vídeos de namorados a tratar mal, mesmo psicologicamente, não precisa às vezes de ser físico, do ponto de vista físico, mas emocionalmente colocam uma grande carga nas raparigas, uma grande pressão, às vezes, para terem sexo”*. Daí, preocupar-se em que as filhas sintam que podem falar consigo.

O pai 2 responde o seguinte: *“uma coisa normal [riso], quando chegar a idade que o seja. Este pai parece encarar a ideia com relativa tranquilidade.*

O pai 4 declara: *“Tenbo...tenbo que aceitar mas [riso] acho que é muito novinha ainda, mas pronto. Claro, as coisas têm que ser aceites. Não...não me vou opor a nada”*. Este pai dá uma resposta muito sucinta em que predomina a resignação face à ideia, ainda que considere ser muito cedo para a filha começar a namorar. Quando questionado sobre como acha que se vai sentir, apresenta tendência para a recusa, acrescentando apenas: *“É muito complicado responder a isso, só mesmo na altura, acho que não vou fazer nada. Vou...vou, vou sei lá...vou andar [riso] de olbo, vou [riso]...mas dentro dos possíveis mas não me vou opor, claro que não”*.

O pai 5 responde: *“Horripilante, horripilante. Hum...[riso]. Não, acho que vai mais tarde ou mais cedo vai ser, normal, não é. Mas vai-me custar um bocadinho devo dizer. **Inquieta-o.** Bastante, bastante e tudo o que me passa pela cabeça é uma coisa que me incomoda profundamente portanto...vai-me custar muito”*. Este pai assume de imediato que a ideia de a filha namorar o *“incomoda profundamente”*. Acrescenta: *“Agora, eu diria que vai ter que ser com regras e essas vão ter que ser as minhas [riso] senão vai ser uma desgraça”*. Esta frase denuncia a dificuldade em renunciar à perda de controlo e à imposição unilateral de autoridade que o crescimento da filha acarreta.

Todos os pais, à excepção do pai 5, referem a maior facilidade da filha falar com a mãe sobre o namoro (pai 1: *“é obviamente mais fácil com a mãe”*; pai 2: *“Ela agora anda já com umas dicas e ideias [riso], já fala com a mãe sobre isso”*; pai 3: *“a mãe será o elo de ligação mais fácil para ter estas conversas (...) e isso em parte porque a M. (...) recorre mais à mãe para determinados assuntos”*).

Mães

Quando questionadas sobre o que acham da ideia da filha namorar as mães 1 e 5 mostram alguma tranquilidade (mãe 1: *“Acho fantástica, acho fantástica! Acho que é uma etapa da vida que todos nós devemos de passar, usufruir com muita responsabilidade mas com algum à-vontade”*; mãe 5: *“é um processo natural”*). Esta tranquilidade parece advir, em parte, da percepção que têm da filha, que revela saber *“muito bem o que quer”* (mãe 1). No caso da mãe 1, a forma como encara o namoro da filha está também relacionado com o facto de esta

partilhar consigo e com o pai o que vai vivendo em termos de namoros. Também o facto de ter começado a namorar com o marido aos 12 anos, pode facilitar a compreensão e diálogo com a filha.

No que diz respeito ao modo como lidam com a eventual sexualidade mais adulta da filha, as mães 1 e 5 diferem. Embora a mãe 1 comece por dessexualizar o namoro da filha (*“claro que é um namoro de criança ainda, não é, 13 anos”*), logo de seguida coloca isso em dúvida (*“sei lá, digo eu, já não digo nada”*), sendo visível alguma preocupação com o início de práticas sexuais. Refere que quando a filha teve a menarca lhe disse em tom de brincadeira que agora já podia engravidar e que levou um *“bom sermão”*, numa espécie de abordagem psicoeducativa da sexualidade. Acrescenta que a filha já conheceu algumas das *“suas pacientes que são mães com 14 anos, com 15 anos e sabe da responsabilidade e da dureza que é”* e que está *“a contar com essas aprendizagens todas para que ela tenha um namoro sossegado”*. A mãe 5 demonstra não estar, por enquanto, preocupada com questões relacionadas com a sexualidade por considerar que a filha se encontra ainda numa fase *“de ilusão e de encantamento”*. Contudo, afirma de forma pouco clara que irá ter uma conversa mais séria com a filha relativamente à sexualidade quando tiver a percepção de que o namoro é ‘sério’.

As mães 2 e 4 revelam resignação face à ideia da filha começar a namorar (mãe 2: *“É assim...há-de chegar o tempo, assim como também chegou o meu [riso], tenbo que aceitar”*; mãe 4: *“Está na idade, pronto de [aclara a voz], na idade de arranjar os namorados e tal, faz parte da vida não é”*).

Quanto à forma como lidam com a possível sexualidade mais adulta da filha, também estas mães diferem. Na narrativa da mãe 2, destaca-se uma grande preocupação com a possibilidade da filha descurar os estudos quando começar a namorar. Preocupa-se também com o início da vida sexual e com a tomada das devidas precauções. Ambas as preocupações foram objecto de diálogo entre mãe e filha, sendo que a mãe procura que a filha sinta que pode falar com ela quando iniciar um namoro. A mãe 4, embora mostre preocupação com questões inerentes à sexualidade, fá-lo de modo pouco explícito, (*“é preciso é que ela tenha informação suficiente para não... não fazer demasiadas asneiras”*). À semelhança da mãe 3, deseja conhecer o futuro namorado da filha, transparecendo desejo de acompanhar de perto e controlar o namoro (*“pelo menos, andava de olho nele [riso]”*). Acredita que a filha lhe vai contar quando der esse passo pelo tipo de relação que mantêm.

A resposta da mãe 3 evidencia que esta ideia já lhe assolou e assola os pensamentos. Admite com franqueza que o início de namoro lhe vai trazer preocupações e que *“vai ser uma dor de cabeça”*. Refere inclusive, que já comentou com o marido esperar *“ter inteligência suficiente para saber lidar com o assunto”*. Desconhece se irá *“lidar muito bem com a situação”*, caso o namorado da filha não lhe agrade. Procura, no diálogo com a filha, transmitir-lhe a ideia de que, quando esta tiver namorado, é importante levá-lo a sua casa e apresentá-lo aos pais, o que evidencia uma tentativa de acompanhamento e controlo.

Pais/Mães

Apenas o pai 5 assume plenamente que a ideia da filha namorar o incomoda profundamente. Os restantes tendem a denegar que a ideia lhes causa inquietação (pais 1 e 3) ou a mostrar resignação face à ideia (pai 4). Alguns pais (4 e 5) manifestam o desejo de controlar o namoro da filha. À exceção do pai 5, os restantes pais têm a percepção de que é mais fácil para as filhas falarem com a mãe acerca dos namorados, delegando, por vezes, nas mães a responsabilidade de conversarem com as filhas acerca da sexualidade (pais 3 e 4).

As mães apresentam uma maior variedade de respostas face à ideia da filha namorar. Somente a mãe 3 assume em pleno a sua preocupação; as mães 1 e 5 mostram alguma tranquilidade por perceberem que as respectivas filhas sabem o que querem; e as mães 2 e 4 revelam resignação. Tal como sucedeu com os pais, há duas mães (3 e 4), que manifestam o desejo de controlar o namoro da filha. Embora todas as mães considerem que, com esta idade, os namoros que as filhas possam ter não envolvam o início da vida sexual, mostram preocupação com essa possibilidade e tiveram ou planeiam ter conversas com as filhas acerca da sexualidade.

5.7. Categoria *independência*

Pais

Quando questionados sobre se alguma vez pensaram na ideia da filha sair de casa, os pais 1 e 4 tendem para a recusa, suprimindo os pensamentos que desencadeiam a angústia de separação. O pai 1 afirma: “[riso] Essas perguntas são... Ela tem 13 anos, ela tem 13 anos!”. Afirma: “Não, ainda não coloquei esse cenário. Não pensei ainda nesse cenário. Elas sim! Nem por brincadeira já se estão a ver até as duas a arrendarem um apartamento, e estarem na universidade a morar, e partilham a renda, elas já se vêem assim, nós ficamos assim a olhar um só para outro, eu e a S. [mulher], e a dizer uau, mas grande pressa mas...estão com pressa. Mas não, nunca pensei no dia em que isso ia acontecer. Não, não pensei ainda”. O pai 4 declara, tal como o pai 1, que nunca pensou na ideia da filha sair de casa, que a filha “é muito novinha” e “muito agarrada” aos pais.

O pai 2 afirma: “eu não me oponho desde que ela trabalhe e pague as despesas dela”. A evocação da questão financeira pode ser de natureza defensiva, na medida em que lhe permite esquivar-se à ressonância emocional que a ideia da filha sair de casa desperta, e constitui uma espécie de chatagem com a filha que lhe possibilita, simultaneamente, aumentar o hiato temporal até a ocorrência.

O pai 3 declara: “É assim, não é uma preocupação imediata mas é uma situação que...pronto, que estamos cientes não é...estamos cientes que...quer dizer poderá acontecer, mais cedo ou mais tarde”. Acrescenta: “é uma situação que nos preocupa. Aliás e já equacionámos até, eu e a N. [mulher], quer dizer, nós temos duas filhas mas não ficou completamente de parte de vir a ter um terceiro (...) se isso vier a ocorrer, há ali um desfasamento grande de idades que, quer dizer, quando elas saírem ainda acaba por...um conforto...a rotura vai-se fazendo aos poucos não é (...) nós gostamos de ter a

companhia delas e acredito que não seja fácil começar a vê-las sair". Para este pai a perspectiva da filha sair de casa é tão dolorosa que pondera, em conjunto com a mulher, colmatar a sua saída tendo um terceiro filho.

Face à ideia da filha sair de casa, o pai 5 debate-se com questões ligadas à autoridade e controlo parental. Declara: *"Não, embora...enfim, ultimamente, até por questões até de estudos etc, e desta questão das regras (...), às vezes temos pensado, eventualmente ir para um colégio interno, um bocadinho naquela perspectiva de que ela fora daqui tem um comportamento diferente e mais disciplinado (...) e tem uma disciplina (...) que nós aqui não conseguimos dar"*. Este excerto da resposta denota um exercício da autoridade parental, que oscila entre dois extremos, a demissão da autoridade parental e uma autoridade demasiado rígida onde há pouco lugar para a negociação, que parece dificultar enormemente o seu relacionamento com a filha e aumentar o nível de conflitualidade. Acrescenta: *"Agora sair de casa, no sentido de sair completamente de casa, por enquanto nem me passa pela cabeça (...). Eu acho que ela vai ter uma tendência para querer sair mais cedo, para querer ser independente mais cedo, o que também me perturba devo dizer porque...Perturba-me porque enfim, mesmo com estes conflitos gosto de... pelo menos vou controlando à volta e prefiro controlar (...) e sinto que o sair de casa perco completamente o controlo"*. Fica patente neste excerto, a dificuldade que tem com o enfraquecimento do laço infantil e com a perda de controlo que a saída de casa acarreta. À semelhança dos pais 2 e 4 realiza um afastamento temporal dessa eventualidade. *"Não é um assunto que eu pense muito ainda porque acho que ainda falta algum tempinho bom"*.

Tirando o pai 5, os restantes pais afirmam que a primogénita já falou em sair de casa quando tiver 18 anos. Os pais 2 e 3 revelam que a filha di-lo quando existem desentendimentos. Os pais 2 e 4 consideram que a filha fá-lo em "tom de brincadeira", o que lhes permite distanciar o acontecimento afastando sentimentos relacionados com a angústia de separação.

Mães

Quando questionada sobre se já pensou na ideia da filha sair de casa, a mãe 1 refere que está a *"ser confrontada com a ideia de ela sair de casa"* porque a filha afirma que quer fazer a especialização fora de Portugal. Ao longo da sua resposta vai oscilando entre a expressão de sentimentos relacionados com a angústia de separação e a luta contra os mesmos. Começa por aceder ao sentimento de perda inerente à separação, dizendo *"épá gosto muito de a ter por perto [riso]"*. Porém, em seguida predomina a razão e a consciência de que a independência é algo de positivo pelo que afirma: *"mas sim, não vou ser aquela mãe que chora baba e ranbo e vai dizer que 'não, estás melhor em casa', não. Eu sempre fui muito independente e sempre quis pautar a educação delas pela independência, elas saberem se desmencilbar e orientarem-se. Sim, se ela chegar aos 18 anos e me disser mãe eu vou estudar para um sítio qualquer e quero sair de casa, vai ter o meu apoio"*. Posteriormente reforça a manifestação de sentimentos relacionados com a angústia de separação dizendo: *"Custa-me um bocado só de pensar que ela um dia vai sair de casa não é. (...) Custa-me um bocadinho [riso]. Acho que ainda não tinha pensado muito assim a sério nessa questão. Acho que vou ficar com necessidade de substituir. (...) Quando elas não estão cá no Verão esta casa fica...fica um*

horror, eu fico muito atarantada’. Recompõe-se no final declarando: “*mas acho que vou encarar bem, acho que não vou ser daquelas mães que puxam os filhos para dentro de casa, acho que não*”.

A mãe 2 refere que a filha diz “*na brincadeira que aos 18 anos sai de casa*”. O seu discurso incide na questão de a filha ser responsável e ser capaz de se sustentar, quando decidir dar esse passo. Na sua narrativa parece estar implícito o reembolso de uma dívida à laia de ‘o que eu vivi, tu, adolescente, também tens de viver’, que permite à mãe escudar-se de sentimentos relacionados com a angústia de separação.

A mãe 3 revela que a filha diz que vai sair de casa quando tiver 18 anos por ela ser muito chata, transparecendo novamente a dimensão da culpabilidade. Quando a filha fala com alguma seriedade sobre a possibilidade de ir estudar para fora de Portugal, no discurso da mãe sobressai a dimensão racional que abafa a manifestação de sentimentos ligados à angústia de separação. Afirma que apesar de a ideia não lhe agradar, está consciente de que não deve limitar a filha, nem impedi-la de expandir os seus horizontes.

A mãe 4, tal como as mães 2 e 3, revela que a filha afirma querer sair de casa quando tiver dezoito anos. O seu discurso aparenta alguma tranquilidade que, em parte, pode advir da percepção que tem de na actualidade, face ao contexto socio-económico, ser “*cada vez mais complicado saírem de casa cedo*” e também a crença de que a filha “*está muito naquela fase utópica de eu vou ter 18 anos, vou sair de casa, vou arranjar uma casa, vou viver com as minhas amigas*”. Esta percepção permite-lhe remeter para um futuro distante a saída de casa da filha. Quando coloca efectivamente a possibilidade disso acontecer, afirma que “*a porta há-de estar sempre aberta quando ela precisar de alguma coisa, nem que seja vir jantar com a gente, vir almoçar com a gente*”, o que denota desejo e disponibilidade para apoiar e manter um contacto próximo da filha. À semelhança da mãe 1 e estabelecendo uma analogia com o que se passa durante as férias de Verão, revela que, quando a filha sair de casa, acha que vai sentir vazio. Este sentimento de vazio pode ser explicado pela percepção de que a saída de casa representa um acentuado enfraquecimento do laço que une mãe e filha.

A mãe 5 revela já ter pensado no assunto e estar convicta de que a filha irá sair muito cedo de casa por considerar que o “*desejo de independência*” da filha é “*tão grande*”. Diz: “*Já me custou mais mas como foi gradualmente uma ideia que ela sempre teve desde tão tenra idade, nós habituámo-nos a ouvi-la dizer isso*”; “*acho que não posso fazer nada em relação a isso, é a vida dela, é o futuro dela, não a posso prender*”. Na sua resposta transparece resignação e desinvestimento na relação com a filha, como se o desinvestimento a protegesse de futuros desapontamentos.

Pais/Mães

Quando questionados sobre se já pensaram na ideia da filha sair de casa, a generalidade dos pais distancia temporalmente esse acontecimento, sendo que os pais 1 e 4 se recusam a reflectir momentaneamente sobre essa eventualidade, suprimindo pensamentos desencadeadores da angústia de separação.

A maioria das mães mostra-se mais capaz do que os pais de pensar sobre a ideia da filha sair de casa, embora algumas se esquivem à ressonância emocional da ideia (mães 2, 3 e 5). Tanto o pai 3 como a mãe 1 que são aqueles que melhor conseguem sentir o impacto da saída de casa da filha, afirmam desejar de alguma forma ‘compensar’ essa saída, como que prolongando a fase do ciclo vital familiar em que se encontram, ou seja, casal com a presença física dos filhos.

5.8. Categoria *suporte extra-familiar*

Pais/Mães

Os resultados desta categoria são bastante variados. Embora alguns dos pais considerem o diálogo com outros pais importante e enriquecedor (pais 2, 3 e 5), outros dizem que têm um relacionamento pouco aberto com outros pais e mostram desconforto com a partilha mais íntima (pais 1 e 4).

Relativamente às mães, todas assentem que têm amigos ou conhecidos com filhos da idade da filha. Porém, somente a mãe 4 parece considerar importante e útil a partilha designadamente no que diz respeito à negociação dos limites e concessão de autonomia (“*Porque há sempre a dúvida. Será que a gente fez bem? Será que fizemos mal? Será que devíamos ter deixado ir e não deixámos? Será que não devíamos ter deixado ir e deixámos?*”). Quanto às restantes, a mãe 1 afirma que embora outros pais costumem partilhar consigo os problemas que têm com os filhos, ela não o costuma fazer por não ter grandes receios nem queixas a fazer da filha. A mãe 3 não consegue fazer uma partilha que considere realmente satisfatória. E as mães 2 e 5 focam-se na avaliação positiva que fazem de si em comparação com as outras mães, parecendo não beneficiar efectivamente da partilha.

5.9. Categoria *filho*

Pais

O pai 1 começa por descrever a filha da seguinte forma: “*ela é uma pessoa que enfrenta as situações com...com alguma segurança...É inteligente, é muito perspicaz (...), consegue (...) distinguir, já com esta idade, o bem do mal. (...) é uma pessoa que sabe, para a idade dela e dentro do contexto da idade dela, as coisas que deve e que não fazer. Sabe dizer não (...)*”. No excerto destacado, o pai faz uma descrição idealizada da filha, não aparecendo características relacionadas com a imaturidade da sua jovem idade. Refere-se à filha como “*uma pessoa*”, mantendo o anonimato da sua identidade de género e idade. Continua a descrição dizendo que: “*(...) é uma pessoa que tem crescido bastante em termos emocionais porque tem nos visto passar por tudo (...). Como mais velha tem mais discernimento do que as outras, não teve tanta protecção não é, não teve ninguém à frente a trilhar o caminho. (...) é uma rapariga com muita auto-estima (...). (...) acho que é uma criança feliz?*”. Neste excerto parece que o pai recorre à identificação projectiva, por ser ele próprio o primeiro da fratria. Observa-se também instabilidade ao nível da

identidade da filha, referindo-se a ela como “*uma pessoa*”, depois como “*uma rapariga*” e, por fim, como “*uma criança feliz*”, que sugere dificuldades em reconhecer o crescimento da filha.

O pai 2, faz uma descrição muito sucinta e pouco precisa da filha, parecendo referir-se mais à filha ideal do que à filha real. Relata: “*alegre, com espírito de sacrifício muito grande...pronto, e com muitos valores da vida*”. Não há qualquer referência à identidade de género ou geração. Fica-se sem perceber se ainda pensa e sente a filha como criança, ou se a vê como uma jovem rapariga.

O pai 3 descreve a filha do seguinte modo: “*é uma falsa extrovertida (...), (...) é uma criança que (...) adora ter muitos amigos, (...) relaciona-se com toda a gente, (...) mas ao mesmo tempo é uma criança, quando digo falsa extrovertida porque às vezes...sei lá, podemos estar num sítio qualquer e peço: ‘M. vai ali pedir aquilo ao pai’. ‘Ah não quero, não vou’, (...) e eu penso que isso está associado muitas vezes ou por vezes a uma introversão da parte dela*”. A forma como descreve a filha dá conta de um pai atento e em relação com a filha real. Porém, a leitura que faz da recusa em lhe fazer favores pode não se dever a uma introversão mas a uma espécie de atitude de oposição, equivalente à inibição na expressão de afectos ternos. No final da sua resposta aparecem os aspectos relacionados com a fase do desenvolvimento em que a filha se encontra, nomeadamente a necessidade e gosto na preservação do seu espaço e privacidade, o interesse manifestado pelo sexo oposto e a importância do grupo de pares. Ao longo do seu discurso, predomina a referência à filha como “*criança*”, o que denota a dificuldade do pai na assumpção do crescimento da filha e na sua crescente maturidade.

O pai 4 tem uma postura defensiva perante esta questão, apresenta uma tendência para a recusa e não se expõe, pelo que não é claro se predomina a filha real ou ideal na sua resposta. Começa por responder: “*Ela é minha filha não é [riso]? Como é que eu posso descrevê-la? Só coisas boas claro*”. Quando instigado a desenvolver a resposta e lhe é permitido considerar quer defeitos, quer qualidades, revela que a filha é teimosa ainda que tenha dificuldade em apelidar a teimosia de defeito, por achar que estaria a criticar-se também a si próprio uma vez que “*para haver uma teimosa também tem que haver outra pessoa que está a teimar*”. Revela indirectamente que a filha é meiguinha. Quando novamente incentivado a desenvolver a resposta acrescenta que a filha “*é muito divertida*”, que é uma característica em que impera o estatuto de criança e, portanto, a imaturidade.

Na descrição que faz, o pai 5 começa por colocar em evidência o conflito interior que intui existir na filha, designadamente na expressão de afectos carinhosos. Refere: “*tem um carácter forte, é meiga mas não quer ser meiga, mas é. (...) Eu acho que ela tem às vezes aquele conflito de querer dar um beijo ao pai ou à mãe, eu não recebo um beijo da minha filha há não sei quanto tempo, (...) mas faz ali um esforço muito grande para não mostrar que tem vontade*”. A restante descrição que faz da filha revela características tipicamente associadas à adolescência. Constituem exemplos disso a necessidade de afirmação das próprias ideias, a inconstância, frequentemente relacionada com a experimentação de papéis, e o desinteresse. Apesar do pai 5 evidenciar alguma sensibilidade na descrição da filha, predominando a filha real, parece ter muita dificuldade em lidar com o

seu crescimento e com a inevitável modificação no exercício da autoridade parental, deixando-se atingir no seu íntimo pela rebeldia da filha, que o desafia abertamente.

Mães

Quando é pedido para fazer uma descrição da filha, a mãe 1 descreve-a de forma muito positiva, elogiando o seu aspecto, inclusive na maturidade física que já apresenta: “*é uma miúda lindíssima*”, “*fisicamente muito bem estruturada*”, “*alta*”, “*tem umas curvinhas muito giras*”. Afirma que a filha “*é muito carinhosa*”, “*muito bem comportada*”, “*super educada*”, “*responsável*”. Considerando ainda qualidades da filha, declara que o discurso que tinha com a filha em criança era: “*miúda vai brincar, faz asneiras, é a parte qualquer coisa (...) porque era uma miúda muito comportada, nunca levantou a voz, nem aos pais, nem aos amigos, nem aos irmãos*”. Acrescenta que a filha “*fica muito aflita se vê que fez qualquer coisa que não devia (...) desdobra-se em desculpas*” e que é muito solícita - “*se ela vê alguma coisa em que ela pode ajudar, ela vai e faz*”. Diz não ter “*nada a apontar, rigorosamente nada*”. Parece haver uma idealização da filha, que provavelmente terá como origem uma idealização de si enquanto mãe por a maternidade ter sido o seu projecto mais acalentado e, portanto, um aspecto basilar da sua identidade.

A mãe 2 faz uma descrição pobre da filha, que parece ser da filha real, apresentando-a como sendo alternadamente tímida e extrovertida. No seu discurso sobressai o facto de considerar que a filha possui baixa auto-estima, por observar que a filha faz constantemente reparos acerca do próprio aspecto, nomeadamente “*está sempre a dizer que é feia, (...) é gorda*”.

A mãe 3 faz uma descrição algo contraditória da filha, pois se, por um lado, descreve-a como sendo “*muito independente*”, por outro lado, afirma que a filha “*não exterioriza o que sente e pensa*”, que se “*preocupa com aquilo que pensam dela e gosta de se dar bem com todos e gosta de agradar a todos*”, sofrendo com a possibilidade de ser posta de parte. Esta percepção, aparentemente, incoerente, pode justificar-se pela manifestação do desejo de independência, típica desta fase, bem com pela necessidade de se sentir aceite e apreciada pelos pares, que ao contrário dos pais não possuem a ‘obrigação’ de gostar de si.

Refere que a filha é esforçada e demonstra gosto em estudar, sendo responsável e autónoma no que diz respeito às obrigações escolares. Afirma que a filha é carinhosa consigo, embora não o seja com o pai, repelindo-o quando este tenta fazer demonstrações de afecto. Contudo, mostra ciúmes da irmã ao afirmar que o pai só é carinhoso para com ela. Esta partilha por parte da mãe põe em destaque as pulsões incestuosas e conseqüente afastamento, enquanto defesa contra essas pulsões. Pela narrativa da mãe, subentende-se uma falta de compreensão destes movimentos interiores, o que é comum, uma vez que o contrário implicaria o reconhecimento da existência dessas mesmas pulsões. Em termos sociais, considera a filha “*muito simpática*” e “*muito sociável*”. Esta mãe parece descrever essencialmente a filha real.

A mãe 4 descreve aspectos positivos e menos positivos da filha, de uma forma calorosa, referindo-se à filha real. Revela que a filha “*é muito querida, tem um feitio muito próprio, é muito teimosa, é muito*

persistente (...) e é muito individualista e é do género 'eu quero fazer isto, se mais ninguém quiser fazer, eu faço na mesma' (...) e nesse aspecto descansa-me um bocadinho porque não me parece que ela seja uma criança influenciável (...). Às vezes é mau porque... noto que isso pode ser, pode afastá-la se calhar dos amigos?'. A resposta da mãe e a sua tonalidade afectiva transparece um bom entendimento mãe-filha ainda que também se subentenda a existência de conflitos que, em última instância, são resolvidos através da imposição unilateral da autoridade materna.

A mãe 5 descreve a filha como sendo muito madura, responsável, embora não tanto como no passado. Considera que esta mudança estará relacionada com a idade. Afirma que a filha é “*muito certa daquilo que quer, muito prática*” e pouco esforçada, que “*faz o mínimo*” para atingir os seus objectivos e que isso basta-lhe. Revela que a filha é muito tímida e reservada e que gosta de permanecer discreta ao olhar alheio. Acrescenta que a filha tem problemas com o seu corpo por ser muito “*branquinha*”, “*loirinha*” e de “*olhinho muito azul*”. Enquanto defeitos que lhe causam desagrado e preocupação, percepção a filha como sendo pouco sensível ao sofrimento de outros e compara-a desfavoravelmente com o irmão, que segundo a mãe tem sensibilidade “*de sobra*”. A descrição que esta mãe faz parece ser sobretudo da filha real, ainda que pouco empática e transparecendo dificuldades na compreensão da filha e dos conflitos interiores que esta poderá estar a vivenciar, fruto da etapa de desenvolvimento em que se encontra.

Pais/Mães

A generalidade dos pais e mães tem dificuldade em pensar e designar a filha de rapariga ou jovem adolescente, e referem-se à filha como “*criança*” (pais 1 e 3; mãe 4), “*miúda*” (mães 1, 3 e 5), “*menina*” (mãe 5) ou então omitem uma designação que possibilite inferir de que forma vêem a filha (pais 2, 4 e 5; mãe 2). Constatou-se também que a maioria dos pais e mães descrevem a filha real. Apenas ambos os elementos do casal 1 e o pai 2 fazem uma descrição idealizada da filha.

De uma maneira geral, as mães mostraram-se mais capazes e mais à-vontade para descreverem a filha, elaborando uma descrição mais detalhada, o que pode traduzir alguma inibição dos pais em pensarem e falarem sobre a filha, uma vez que esta já não pode ser considerada criança. Observou-se também que as mães 2 e 5 fazem referência ao facto das filhas manifestarem preocupação e descontentamento com o seu aspecto, o que é relativamente comum no início da adolescência, dadas as grandes e súbitas transformações corporais.

5.10. Categoria *história com a filha*

Pais

Quando é pedido para contar uma história com a filha, o pai 1 relata uma ida com a filha a um concerto. Esta revelou-se especial para o pai, pois segundo ele: “*foi uma história que em dois momentos eu vi que ela deixou... libertou um pouco algumas amarras*”. A história que o pai recorda parece pôr em evidência o

mecanismo de identificação projectiva, em que a satisfação e orgulho que sentiu ao se aperceber que a filha foi capaz de relativizar o constrangimento e a vergonha estão estreitamente relacionados com a natureza das suas próprias dificuldades. E daí a insistência e importância que atribuí ao facto de a filha se mostrar capaz de dar “*a volta por cima*”.

O pai 2 faz referência aos dias que passou recentemente com a filha no hospital, por esta ter necessitado de ser operada por causa de uma fractura no braço. Relata o seguinte: “*Pronto, talvez esta última agora quando ela esteve no hospital, que como a gente vivia 24h sobre 24h, foram 3 noites que...que ela pronto, sentia que...que tinha ali alguém em quem contar e que se precisasse de algo mais que eu estava lá e que pronto, não...é uma história que não é feliz mas acaba por...mesmo para ela foi importante?*”. O pai evoca uma situação muito recente, de grande proximidade, em que a filha estava numa posição de vulnerabilidade e de dependência por estar internada no hospital. A história contada contrabalança os sentimentos de culpabilidade por saber que está mais ausente do que o desejável. Trata-se de um episódio em que, contrariamente ao que se passa no dia-a-dia, o pai esteve disponível para a filha, e onde percepcionou a sua disponibilidade como tendo sido de grande importância para a filha e para a proximidade na relação pai-filha.

O pai 3 não se recordou de nenhuma história quando a questão lhe foi colocada. Contudo, quando esta é retomada no final da entrevista, recorda-se de um episódio recente, que envolveu toda a família. Relata que no dia de aniversário da filha mais nova, teve, em conjunto com a mulher, de castigar a filha mais velha. Revela: “*Então fizemos uma coisa que nos custou um bocado...mas pronto, foi por acordo entre mim e a N. [mulher], que a M. ficava de castigo em casa, ficou de castigo e...e fomos os três jantar fora e ela ficou...ela ficou lá de castigo, ficou toda chateada, toda...e a M. lida muito mal com esse tipo de situações, ao facto de ser excluída, de ser posta de parte. Pronto, e nós fomos preocupados efectivamente. (...) acho que foi a primeira vez que (...) teve que haver assim uma separação premeditada não é, de não...de ter que ir para...de ficar mesmo em casa de castigo e isso tocou-nos um bocado e custou-nos um bocado assumir essa posição mas quer dizer, estas idades, a partir dos 10/11 muitas vezes não é fácil lidarmos com crianças nestas idades porque eles às vezes também excedem um pouco...pronto, os limites não é, tentam sempre ir marcando terreno e...e realmente às vezes tem que se pôr algum travão?*”. A situação relatada expõe um grande sentimento de culpabilidade associada ao exercício da autoridade que, pela entrevista obtida junto da mãe, parece ser mais frequentemente assumida por ela.

O pai 4 mostra-se renitente em contar uma história com a sua filha. Uma vez mais, este pai parece ter alguma inibição em assumir e partilhar afectos e apresenta um discurso superficial e ligeiro, declarando: “*Não, não vejo assim nenhuma, acho que elas são todas engraçadas...de a gente se rir. [riso] Não, eu não me ocorre assim, coisas básicas, com ela é sempre divertido?*”. Acaba por relatar: “*Eu recordo-me muito delas, das histórias quando ela era pequenininha. (...) Há uma que me marcou muito, que foi quando ela era pequenina, que...ela ficou...ela gostava muito de levar o livro para a casa de banho quando ia fazer as necessidades. (...) E essa ficou-me muito marcada porque achei engraçada a atitude dela e a posição dela. Ela era mesmo muito pequenina e então teve um desentendimento e a C. [mulher] meteu-a de*

castigo e disse: 'hoje não levas o livro para a casa de banho' [riso]. E ela foi e depois ela não conseguia porque ela gostava de estar entretida e então punha-se assim com uma expressão muito...pronto, sem o livro, e estava lá há uma série de tempo e eu fui por trás às escondidas e levei-lhe o livro. 'Toma, lê, para veres' e ela virou-se para mim 'não, não quero'. 'Não queres então mas porquê? Gostas de ler, lê?'. 'A mãe não deixa'". O episódio que o pai evoca remete para uma época em que a filha era "pequenina" e não havia necessidade de existirem portas fechadas, nem mesmo na casa de banho, e portanto, para uma situação que no presente seria constrangedora pela nova maturidade da filha. Na história relatada o pai assume o papel de aliado da filha que, à sucapa da mãe, figura de autoridade, lhe leva o livro. Termina dizendo: "Ela para mim há-de ser sempre pequenina e aliás ela também não é muito alta", agarrado-se ao concreto, o que denota as dificuldades que este pai enfrenta na tomada de consciência do crescimento da filha, que se traduz na impossibilidade de recordar uma história mais recente.

O pai 5 não relata propriamente uma história, mas recorda-se dos momentos passados com a filha, quando esta tinha 4/5 anos e se encontravam particularmente próximos. Diz: "Uma história com a minha filha...não é fácil, são muitas histórias [riso]. [silêncio] Não sei, acho que...eu...eu...eu gosto muito de enfim, num período um bocadinho mais, quer dizer não é nenhuma história especial, são...são...uma altura em que nos sábados de manhã, por exemplo, quando ela tinha 5, 4/5 anos...ia comigo, levantávamo-nos mais cedo e ia comigo sozinha passear sempre todos os sábados, portanto era aí...foi naquele período um bocadinho, antes daquele período mais complicado. E enfim, não sendo uma história são, é assim, são momentos que eu recordo com alguma...com alguma saudade admito. (...) tomávamos o pequeno-almoço juntos e não sei quê e ela tinha um lado mais dependente, que os pais também gostam um bocadinho dessas coisas, de terem os filhos mais dependentes e deixarem fazer festinhas e aquelas coisas todas [baixa o tom de voz]". Os momentos evocados remontam a uma época em que não só existia uma maior proximidade na relação pai-filha, mas também, tal como o pai menciona, a uma fase do desenvolvimento em que a filha era mais dependente e permitia a manifestação de carinhos, de que o pai se queixa não existir há muito tempo.

Mães

A mãe 1 revela inicialmente dificuldade em recordar-se de uma história com a filha. Entretanto, lembra-se de uma história dizendo: "para ver até que ponto é que realmente é uma miúda colada à família". Recorda-se de um Verão, há cerca de dois anos, em que estavam todos de férias, na praia, e o marido teve um imprevisto profissional que o forçou a interromper as férias e regressar a Lisboa. A mãe decide regressar juntamente com o marido e trazer consigo a filha mais nova. O que torna este episódio marcante para a mãe é que a filha mais velha decide regressar para lhe fazer companhia. Relata o seguinte: "a M. olbou para mim e disse 'oh mãe tu vais ficar sozinha lá em casa o dia inteiro?'. Disse 'Ah a mãe não se importa, a mãe não se importa, tenho a M. [filha mais nova] 'Ah mas a M. [filha mais nova] depois quer brincar e depois já viste? Oh mãe eu vou contigo'. E ela veio comigo e passou duas semanas fechada em casa, literalmente, comigo (...) e achei muita piada porque ela tinha a oportunidade de ficar na praia e de ficar com a irmã, de ficar com os avós, com os primos e não". Após o relato da história,

conta outros episódios semelhantes, nos quais continua evidente a união e preocupação excessiva por parte da filha mais velha com a mãe, sendo notória a assumpção de um papel maternal junto da própria mãe. Parece que a filha mais velha desempenha o papel que a própria mãe assumiu desde muito jovem, o de cuidadora, que se estendeu à própria mãe, em parte, por esta ter tido uma fase de maior fragilidade causada pelos problemas de saúde da filha mais nova, quando esta era muito pequenina.

A mãe 2, tal como a mãe 1, apresenta, ao início, dificuldades em iniciar o relato de uma história. Contudo, rapidamente se recorda de uma história, quando a filha ainda andava na escola primária e que revela, “já naquela altura”, os conflitos de autoridade que a mãe enfrenta junto da filha e de que se queixa no decorrer da entrevista. Conta a seguinte história: “*bouve uma altura em que ela estava na...na escola...na primária (...), eu vinha com ela a pé para cima e ela estava-me a dizer que no dia a seguir não tinha aulas mas que havia aulas de substituição mas que não iam marcar faltas e que não ia porque já todos tinham combinado não irem. Eu disse-lhe: ‘Não, tu vais porque...porque eu também não me apetece ir trabalhar e também tenho de ir trabalhar, por isso mesmo que não marquem faltas’. ‘Ah mas tu não vais trabalhar porque se não fores trabalhar não recibes e eu não tenho aulas mas não me marcam falta’. ‘Não interessa, tu vais, tu vais e’...eu achava e achei que ela tinha que ir e então ela pronto, ela acha que tem que fazer tudo como ela quer, já naquela altura e ela: ‘Ah eu até posso ir! Mas estou lá estou assim a olhar para o ar’. E eu vinha no caminho e estava a chatear-me com ela e disse: ‘Ailal! estás aqui estás aqui a apanhar à frente de toda a gente’. ‘Quero lá saber!’.*”

N sequência do relato do episódio, a mãe refere ainda que a filha entra mais em conflito consigo do que com o pai e que sente que a filha o respeita mais, “*apesar de o pai lhe fazer as vontades*”. A história recordada é portanto exemplificativa de uma das maiores dificuldades que a mãe sente no relacionamento com a filha. O maior nível de conflito com a mãe face ao pai pode também estar relacionado com o facto de o pai estar mais ausente, pelo que poderá ser alvo de uma maior idealização do que a mãe.

A mãe 3 recorda-se imediatamente de um episódio. Relata: “*O episódio foi há um ano ou dois anos atrás. Cada vez que eu ia à escola, obviamente a primeira coisa que uma pessoa faz é cumprimentar e dar beijinhos e abraços aos filhos não é. Acho que é normal. Acho que é normal. E ela virou-se para mim, nesse próprio dia, à noite e disse que da próxima vez não fizesse isso, ‘oh mãe não me cumprimentes quando vens à escola, deixa que seja eu a cumprimentar-te’. ‘Porquê?’ ‘Ah porque os outros...’. O que é que ela disse? Ou riem-se ou gozam comigo, uma coisa assim, não me lembro bem o que ela disse. Mas isso é muito mau porque acho que tu não deves ter vergonha nem os outros devem gozar porque uma mãe gosta de uma filha mas tudo bem, não há problema nenhum, eu vou respeitar o que tu me estás a pedir. Da próxima vez que eu for à escola não te cumprimento, espero que sejas tu a cumprimentar-me’. E assim foi. Da próxima vez que fui à escola, porque tive que tratar de outras coisas, teve piada que as amiguinhas dela vieram cumprimentar-me e eu não a cumprimentei como é óbvio não é. Uma pessoa tem que respeitar e respeitei. Ficou danada. Ficou danada porque eu não a tinha cumprimentado. (...) Mas eu perguntei-lhe naquele dia, ‘mas tens vergonha da tua mãe? Há algum motivo para que tenhas vergonha? Há algo que tu queiras cada vez que eu vá para a escola? É a forma de vestir, é a forma de falar, é a forma de quê?*”

Diz: Tens alguma vergonha da tua mãe nesse aspecto?'. 'Ah não, não. Eu com os outros, quando tu me cumprimentas e não sei quê podem-se rir de mim ou podem gozar comigo'. 'Tudo bem, isso é muito mau mas tu é que sabes''.

A história que a mãe recordou revela uma faceta típica na relação pais-adolescentes e que se prende com as manifestações de vergonha perante a expressão dos afectos em público, estreitamente relacionada com o sentimento de dependência patente no laço infantil e luta contra o mesmo. Contudo, a mãe mostrou não compreender os movimentos psicológicos inerentes à exteriorização da vergonha.

A mãe 4 exhibe uma tendência para a recusa, afirmando que como passam tempo juntas diariamente, e há um acompanhamento diário do que se passa com a filha, não se recorda de nenhuma história marcante. Acaba por referir um episódio recente - a morte do rato de estimação, que motivou choro de ambas as partes. Afirma: “*desatámos as duas a chorar, chorava ela, chorava eu, agarradas uma à outra*”. A ‘selecção’ desta história põe em destaque a união de mãe e filha num momento de tristeza.

A mãe 5 não consegue evocar nenhuma história de si com a filha. Esta incapacidade em conjunto com outras respostas dadas ao longo da entrevista, bem como a tonalidade afectiva do seu discurso, parece revelar e corroborar algum desinvestimento na relação com a filha, por ter tido desde cedo uma relação muito difícil com ela. Quando é feito o pedido para contar uma história com a filha começa por perguntar “*Com ela?*”, e um pouco mais à frente refere ter muitas histórias com o filho mais novo.

Pais/Mães

Quase todos os pais e mães mostraram inibição em responder face à instrução ‘Conte-me uma história com a sua filha’. Quanto aos pais, à excepção do pai 3, que conta uma história que diz respeito a uma situação de conflito com a filha adolescente que obriga ao exercício da autoridade parental, que lhe traz intensos sentimentos de culpabilidade. Os restantes pais contaram histórias com as filhas que evidenciam a dependência infantil das filhas perante o pai, que se encontra ainda idealizado, e/ou a imaturidade das filhas.

As respostas dadas pela mãe variam mais entre si. As mães 1 e 4 contam uma história que realça o laço estreito que une mãe-filha, sendo que no primeiro caso transparece uma inversão dos papéis, na medida em que a filha tem uma atitude de cuidadora para com a mãe. As mães 2 e 3 contam histórias que põem em destaque situações de conflito, relacionados com a fase de desenvolvimento em que se encontram. A mãe 5 recusa, alegando não recordar nenhuma história.

5.11. Categoria *desejos*

Pais/Mães

Quando questionados acerca do que desejam para a filha, quer os pais, quer as mães, de uma maneira geral, afirmam que desejam que as filhas sejam felizes, saudáveis, prossigam os estudos na área

que desejam e tenham sucesso na sua actividade profissional. Nos casais entrevistados, constatou-se que apenas dois dos pais fazem menção ao desejo que a filha encontre um parceiro amoroso com quem partilhar a vida. A mãe 4 diz inclusive: “*não é aquela coisa de quero que ela case e tenha filhos?*”, pelo que parece que a maioria dos pais e mães considera que a felicidade das filhas está sobretudo associada ao poderem trabalhar no que efectivamente desejam.

Alguns pais fazem menção a desejos que estão relacionados com os receios que têm (pai 1: “*gostava que ela tivesse...uma companhia para poder ser realmente feliz, (...) mas uma felicidade que...que fosse verdadeira, que ambos se respeitassem*”; pai 3: “*que estejam rodeadas de pessoas bem-intencionadas*”), ou com características particulares das filhas (pai 5: “*que deixe de ter tantos conflitos interiores*”; mãe 5: “*que ela encontre o seu caminho e seja feliz porque neste momento não sabe o que quer, não sabe, é tudo uma seca*”).

5.12. Categoria *medos*

Pais

O principal receio do pai 1 é que a filha tenha um relacionamento amoroso com alguém que não a respeite e maltrate. Este receio parece ter origem no conhecimento de um caso de maus tratos no seio familiar. Em segundo plano, surge a preocupação com a eventualidade da filha não conseguir vir a trabalhar no que deseja efectivamente.

O pai 2 refere que o único receio que tem é de que a filha conheça alguém que a desvie “*do bom caminho*”. À semelhança do que se passa com o pai 1, o receio enunciado encontra-se estreitamente relacionado com o conhecimento de um caso de toxicoddependência no contexto familiar, mais concretamente da sua sobrinha, que com a idade da filha iniciou o consumo de substâncias aditivas.

O pai 3 afirma que o seu maior receio diz respeito ao consumo de drogas e às doenças sexualmente transmissíveis. Refere, ainda que em menor grau, a preocupação com a possibilidade da filha não ser respeitada pelo seu companheiro.

O pai 4 afirma apenas que receia “*que alguém a trate mal*”.

O principal receio do pai 5 relaciona-se com o eventual impasse dos conflitos interiores que a filha está a vivenciar. Revela: “*Receio...receio que ela não encontre esse caminho e permaneça naquela revolta permanente na cabeça dela. Porque acho que se ela permanecer nesta revolta (...) e nesta inconstância de agora gosto e depois não gosto, acho que isso cria problemas...problemas problemas tremendos na...enfim, nos estudos, profissionalmente, nas relações pessoais, com os namorados, com os maridos [riso]*”. Acrescenta também o receio de que, face à conjuntura socioeconómica, a filha tenha uma vida pior que a sua.

Mães

Quando inquirida sobre o que mais receia para a filha, a mãe 1 responde prontamente “*que ela não seja feliz?*”. Estabelece um paralelismo entre o seu receio e as suas experiências de vida referindo: “*houve muito tempo da minha vida em que eu estava mais preocupada em fazer feliz os meus pais do que propriamente em ser eu feliz...Então eu tenho um pouco o receio de que elas às vezes estejam a fazer as coisas por nós e não por elas*”. Revela que não se preocupa especialmente com drogas ou álcool, por em casa a filha não ter exemplos. Contudo, o facto de fazer referência a isso significa que, pelo menos, está atenta para essa realidade e possibilidade.

A resposta da mãe 2 encontra-se estreitamente ligada ao contexto socioeconómico do país – “*não vejo um futuro para a minha filha muito risonho...no sentido de...pronto, do país em si?*”.

A mãe 3 revela que o seu maior temor são eventuais influências negativas sobre a filha. Revela ter receio, quando já não lhe for possível controlar a filha, do consumo de drogas e também da promiscuidade sexual (“*Drogas, não drogas. Uma pessoa ouve hoje em dia histórias de...de crianças já que praticam sexo com um, com outro, com este e aquele?*”). O receio apresentado pela mãe é congruente com a descrição que faz da filha, pois teme que o desejo que a filha tem de ser aceite e apreciada por todos a torne mais influenciável.

A mãe 4 revela, à semelhança da mãe 2, receios relacionados com a conjuntura socioeconómica e com as condições a que a filha poderá ter que se sujeitar para sobreviver. Por outro lado, e tal como a mãe 1, afirma não ter receio de que a filha enverede por “*drogas e (...) um caminho menos certinho?*”. Este ‘não receio’ pode estar, em parte, relacionado com a forma como a mãe percebe e descreve a filha, como sendo individualista e não lhe parecer uma criança influenciável. De qualquer modo, o seu discurso e as conversas que afirma ter tido com a filha sobre a toxicod dependência, apontam para uma mãe que está vigilante e atenta a essa realidade.

A mãe 5 refere recear que a filha tome alguma decisão de que se arrependa, fruto do grande desejo de independência que manifesta e da sua impulsividade. Teme, portanto, uma passagem ao acto.

Pais/Mães

Os receios mais frequentemente mencionados foram: o receio pelo futuro dos filhos face à conjuntura socioeconómica (pais 1 e 5; mães 2 e 4); o consumo de substâncias aditivas (pais 2 e 3; mãe 3), a promiscuidade sexual e doenças sexualmente transmissíveis (pai 3 e mãe 3); maus tratos e/ou faltas de respeito pelo companheiro amoroso (pais 1, 3 e 4). É de referir também que apenas em dois dos casais (3 e 5) as preocupações são coincidentes. No casal 3, as preocupações dizem, sobretudo, respeito aos perigos tipicamente associados à adolescência, nomeadamente a influência do grupo de pares em comportamentos de risco. No casal 5, os temores relacionam-se com características da filha também tipicamente relacionadas com a entrada na adolescência, a revolta, a inconstância, a impulsividade e a expressão do desejo de independência.

5.13. Categoria *desilusões*

Pais/Mães

Apesar da mãe 4 considerar que a filha podia ser melhor aluna, fazendo jus às suas capacidades, e de os pais 2 e 3 reconhecerem que as filhas não são perfeitas, somente ambos os elementos do casal 5 assumem plenamente que a filha os desiludiu, sendo o motivo apontado coincidente – a dedicação insuficiente aos estudos.

As mães 1, 2 e 3 e o pai 4 referem todos que até ao presente as filhas não os desiludiram. O facto de utilizarem a expressão “*até à data não*” ou outra equivalente, mostra que têm consciência de que ainda está por vir uma fase mais complicada, associada, provavelmente, a uma maior autonomia por parte da filha e aos conflitos tipicamente relacionados com o desejo de independência crescente. A mãe 1 verbaliza inclusive: “*claro que ela está a entrar na fase mais complicada, mas até hoje não*”.

5.14. Categoria *diferença de gerações*

Pais

Quando inquirido sobre se se lembra de como era quando tinha a idade da filha, o pai 1 responde positivamente embora inicialmente fuja dos aspectos pessoais e se foque no contexto sociocultural. Revela que com a idade da filha já trabalhava num negócio familiar mas que ainda assim “*brincava muito mais do que elas hoje brincam*”. Relativamente ao dia-a-dia, faz o contraste com o que observa nos dias de hoje e refere que no seu tempo não havia programação e que passava muito tempo na rua a brincar, chegando a casa, por vezes., ao mesmo tempo que os seus pais. Depreende-se da sua resposta que, quando tinha a idade da filha, tinha muito mais liberdade e era sujeito a um menor controlo por parte dos pais.

O pai 2 revela que com a idade da filha já tinha muita liberdade, e que lhe era permitido chegar a casa mais tarde, à semelhança de outros colegas seus, mais velhos. Refere ainda que com 14 anos resolveu abandonar a escola para ajudar os pais.

O pai 3 estabelece por iniciativa própria um paralelo entre si e a filha, no seguinte: “*era bastante dinâmico*”, “*gostava de brincar*”, “*também me preocupava com as aulas*” e “*gostava de ter muitos amigos, muitos grupos de amigos*”. Em termos de contexto familiar declara que “*também tinha um ambiente familiar bom*”, com maior proximidade com a mãe do que com o pai, em virtude de este trabalhar no comércio. Relativamente ao dia-a-dia, afirma que a liberdade que tinha na altura não tem nada a ver com a liberdade que as suas filhas têm actualmente. Afirma: “*eu ia sozinho para a escola, desde muito cedo, (...) nem sequer utilizava transportes, ia a pé, andávamos para cima, para baixo quando tínhamos furos, íamos para aqui para acolá, tínhamos uma liberdade completamente diferente, íamos para casa uns dos outros, (...) os nossos pais não tinham qualquer controlo (...) por onde é que andávamos. (...) e eu aí vejo que a esse nível não tem nada a ver*”. Refere ter tido, desde o 7º ano, contacto com colegas que consumiam drogas, razão pela qual, em parte, manifesta essa preocupação para com a filha.

O pai 4 não estabelece qualquer relação entre a sua adolescência e a da filha. Ao contrário dos pais 1, 2 e 3, afirma que *“não tinha a liberdade que há agora”*, por exemplo: *“Tinha hora de entrar em casa, não podia estar até tarde”*. Assevera que como adolescente era *“mau, muito mau”* e que *“gostava de ter tudo, (...) imaginava ter uma coisa qualquer, e quando tinha aquilo já estava a pensar noutra, já tinha aquilo, já queria outra”*. Faz referência à problemática das drogas, por vários amigos terem consumido drogas, e ao receio de se ver enredado nesse meio.

O pai 5 compara-se de forma espontânea com a sua filha. Diz: *“era muito mais miúdo”, “era muito mais ingénuo”*. Por outro lado afirma: *“era muito raro pedir, devo dizer, que é uma coisa que também me incomoda um bocadinho em particular com a minha filha, com a C., está sempre a pedir e eu nunca pedia (...) E tinha esta noção, que é uma noção completamente diferente, de que se eu queria ir a algum lado tinha que eu...tinha que eu andar a lutar por aquilo”*. O último excerto transcrito revela o incómodo do pai por a filha não passar pelas mesmas exigências pelas quais passou e por ter algumas facilidades na vida, que toma como garantidas. Este ressentimento do pai como que se uma parte de si quisesse perpetuar as exigências pelas quais passou, pode contribuir para as dificuldades existentes no relacionamento pai-filha.

Relativamente ao seu dia-a-dia, na sua resposta transparece uma maior liberdade face à que a filha possui actualmente, embora não faça essa comparação: *“de manhã ia para as aulas sozinho com os meus amigos, mais ou menos um grupo de amigos, também morávamos todos na mesma rua e íamos todos para a escola, fazíamos uns tantos disparates também no meio do caminho (...). (...) à tarde, estudava também e depois ia para a rua jogar à bola com os meus amigos ou brincar ou eventualmente íamos para casa uns dos outros”*.

Mães

Quando questionada sobre como era quando tinha a idade da filha, a mãe 1 responde prontamente que era terrível. Revela que a sua conjuntura familiar era radicalmente diferente daquela que as suas filhas têm, pois embora tivesse um pai carinhoso, tinha uma mãe *“fria, disciplinadora”* e *“muito amiga do castigo corporal”*. Revela que era *“muito impulsiva”, “respondona”* e *“dentro de casa, tinha muito mau feitio”*. *“Fora de casa era um espectáculo”*. *“Era boa aluna, tinha boas notas”*. Partilha que era muito diferente da filha mais velha, *“não tinha paz de espírito nem sossego”* e o seu objectivo era *“crescer e sair dali, ontem”*.

Relativamente ao seu dia-a-dia, diz que faltava muito às aulas por ter vergonha de sair de casa, devido aos maus tratos. Afirma que faltava para se isolar no seu canto. Revela ainda que quando tinha 13 anos, a sua *“mãe decidiu fazer outro curso universitário”* e foi ela quem teve que assegurar as lides domésticas e tomar conta dos sobrinhos, pois *“não havia o gosto de”,* era o *“tinha que”*. A sua resposta demonstra que possui recordações vívidas de como era na idade da sua filha conseguindo estabelecer um paralelismo, ainda que contrastante, entre a sua forma de ser e a sua realidade com a forma de ser e realidade das filhas, que parece facilitar o seu relacionamento com as filhas.

A resposta da mãe 2 foca-se no facto de ter tido muito mais responsabilidades domésticas que a filha e de lho dizer frequentemente. Responde: “*Lembro-me, tanto que eu lhe digo muita vez que eu com a idade dela já fazia muita coisa (...) que ela não faz*” (...). Por exemplo, estou-lhe sempre a dizer isto, com a idade da D. [filha] a minha mãe já não pegava no ferro”. Transparece no discurso da mãe o sentimento de que a sua filha tem uma dívida para consigo, ainda que a um nível pré-consciente ou mesmo inconsciente, e parece ter um carácter negativo, de perpetuação das exigências pelas quais a mãe passou.

No que diz respeito ao seu dia-a-dia dá uma resposta que evidencia o facto de ter começado a trabalhar jovem, com cerca de 16 anos, num restaurante que era negócio de família. Apesar da tendência para a restrição, o conteúdo e tonalidade afectiva do discurso permite antever alguma tristeza por ter começado a trabalhar tão cedo e ter-se visto ‘forçada’ estudar à noite. A tendência para a restrição nas questões que reenviam para uma fase de desenvolvimento análoga àquela em que a filha está no presente a viver pode indiciar uma integração insuficiente das experiências e vivências dessa época na sua noção de *self*, que pode diminuir a sua capacidade empática com a filha e dificultar o seu relacionamento com ela.

A mãe 3 demora algum tempo a recordar-se de como era quando tinha a idade da filha, como se estivesse ‘esquecida’. Quando associa a idade ao ano de escolaridade correspondente começa progressivamente a recordar-se de si com essa idade. Refere que com 12/13 anos mudou de escola e que encarou essa mudança com alguma rebeldia por ter mudado para um colégio. Afirmar não se recordar como era o seu relacionamento com os pais, se era “refilona” ou se os enfrentava. Porém, diz que não era como a filha. Assevera que não enfrentava o pai por este ser uma figura de autoridade com quem sabia não poder ultrapassar determinado limite. Com a mãe passava-se precisamente o oposto e afirma que lhe podia dizer tudo o que quisesse. Refere também, com a idade da filha possuir uma faceta mais infantil e gostar ainda de brincar com barbies, apesar de na escola se apresentar como ‘mulherzinha’, maquilhar-se ligeiramente e ir para a casa de banho pentear-se com as amigas.

Relativamente ao seu dia-a-dia, a mãe 3 recorda-se sobretudo da rotina casa-escola, escola-casa. Relata que nos dias em que ia para casa sozinha, a primeira coisa que fazia era ligar aos pais, uma vez que havia essa regra instituída. Recorda-se dos seus lanches, de estudar e de passar muito tempo com a sua amiga íntima ao telefone. Revela que não costumava passar muito tempo na rua. Apesar de não fazer essa associação, pela sua resposta a esta e outras questões, sobressai alguma semelhança na sua rotina e na da filha que também pouco tempo passa na rua, embora recentemente comece a manifestar esse desejo.

A mãe 4 refere de imediato que se recorda como era quando tinha a idade da filha e que considera que a filha é “*muito mais certinha*”. Por outro lado, aponta aspectos em que são parecidas, nomeadamente no que diz respeito a questões relacionadas com a obediência à autoridade parental. Afirmar que tal como a filha, obedecia aos seus pais, respeitando a sua decisão e/ou instrução. Nesta similaridade parece estar envolvida a internalização de um estilo de educação que agora exerce de forma natural junto da filha, em

que há um delineamento claro e firme dos limites e dos papéis de autoridade. (*“Se os meus pais me diziam não podes fazer, eu não fazia, e ela é assim”*)

Quanto ao seu dia-a-dia, considera que era um bocado diferente por ser a primeira de uma fratria de duas e assumir o papel de cuidadora da irmã. Tinha também algumas responsabilidades domésticas. Ao contrário da mãe 2, por ter experienciado essa responsabilidade quando era ainda jovem, e por esta dimensão do seu passado se afigurar de forma nítida à sua consciência, a mãe 4 parece ter uma maior capacidade empática, procurando libertar a filha dessas tarefas e deixá-la ter algum tempo disponível para além da escola e das suas obrigações escolares.

A mãe 5 recorda-se de ser *“muito criançaola”* e refere quase de imediato algumas características em comum, nomeadamente: gostar de estar em casa, gostar muito de ouvir música, não gostar de Educação Física, ser tímida e ser selectiva nas amizades. Porém, logo em seguida vinca a diferença que existe entre ambas, declarando que *“de resto não tem mais nada”* em comum consigo.

Relativamente ao dia-a-dia, recorda o seu como sendo parecido com o da filha. Era também essencialmente casa-escola, escola-casa. Contudo, ao contrário da filha não tinha actividades extra-curriculares. As respostas da mãe 5 a estas questões denotam uma recordação da vivência emocional da sua adolescência pobre, evocando sobretudo memórias desprovidas de afecto.

Pais/Mães

À excepção do pai 4, que afirma ter tido menos liberdade que a filha, provavelmente, fruto de uma educação autoritária; os restantes pais mencionaram terem tido muito mais liberdade que as filhas têm actualmente, nomeadamente ao irem e virem da escola sozinhos, ao passarem muito tempo na rua a brincar, ao andarem frequentemente em casa de uns e de outros e ao serem alvo de um menor controlo por parte dos pais. Nalguns casos, a maior liberdade era acompanhada de uma maior responsabilidade uma vez que dois dos pais entrevistados (pais 1 e 2) referem que já trabalhavam com a idade da filha. Os pais 3 e 4 mencionam ter estado num meio em que viram amigos seus consumirem drogas.

Ao contrário da generalidade dos pais que menciona ter tido mais liberdade, a maioria das mães (1, 2 e 4) revela ter tido um maior nível de responsabilidade, designadamente ao nível das tarefas domésticas e/ou enquanto cuidadoras de irmãos ou sobrinhos. No caso da mãe 2, o maior nível de responsabilidade parece ser gerador de ressentimento e interferir no relacionamento com a filha.

Tanto as mães 1 e 4, como o pai 3, que parecem ter o seu passado adolescente mais presente, aparentam ter uma relação mais próxima com as filhas e uma melhor compreensão do que as filhas poderão estar a experienciar nesta fase do desenvolvimento. Já as mães 3 e 5 bem como os pais 2 e 4 aparentam estar mais ‘esquecidos’ do seu passado adolescente, o que parece dificultar o acompanhamento e compreensão do que a filha poderá experienciar nesta fase do desenvolvimento.

5.15. Categoria *futuro*

Pais

Quando questionado sobre como imagina a filha daqui a 20 anos, O pai 1 declara ter grandes dificuldades em projectar a filha no futuro, dada a conjuntura socioeconómica e por possuir grandes incertezas quanto ao seu próprio futuro. Revela preocupação com o futuro das filhas, nomeadamente “*em criar as condições (...) para que elas consigam ter algum meio de subsistência*”.

O pai 2 afirma: “Bem encaminhada na vida, com aquilo que ela escolheu, que há-de escolher, não sei”. Quando incentivado para desenvolver a sua resposta e direccionado para relações afectivas, revela: “*mas espero que casada, estou sempre a brincar com ela, que quero um neto não é. Isso pode ser que a incentive, se ela o quiser não é*”. No final reforça dizendo: “*espero que ela esteja bem, esteja acompanhada de quem goste e eu rodeado pelos netos [riso], que depois tenho muitas histórias para contar*”. A resposta parece evidenciar o seu desejo de que a filha se encontre bem, com alguém de quem goste e com filhos, que parece corresponder mais ao seu desejo de ter netos, do que à percepção de que a filha, com essa idade poderá desejar ter filhos.

O pai 3 começa por colocar vários cenários, dizendo: “*poderá ser daqueles jovens que não saem de casa dos pais [risos] e ainda estão lá no bem bom [risos]*”. O cenário inicialmente colocado parece corresponder, essencialmente, ao desejo do pai manter a filha perto de si por mais tempo. Numa fase posterior da resposta e considerando que a filha privilegia muito o seu espaço, afirma que: “*é muito provável que com essa idade, (...) já não esteja em casa*”, e nesse caso, esteja com “*um companheiro, ou um marido*”. Acrescenta que pensa que a filha, com essa idade, já terá filhos, caso tenha possibilidades financeiras e isso seja também o desejo do seu companheiro, porque “*gosta muito de crianças*”. Este pai mostra-se capaz de projectar uma filha com maturidade no plano afectivo.

O pai 4 continua a mostrar-se esquivo à essência das perguntas. Começa por dar uma resposta defensiva, no concreto e em tom de brincadeira: “*um bocadinho mais alta*”, fazendo referência a uma característica física assexuada, a altura. Depois, tal como o pai 1, mostra-se extremamente preocupado com a conjuntura socioeconómica do país e em ajudar a filha no que lhe for possível. Mostra, portanto, uma dificuldade muito grande em projectar a filha no futuro, nos diferentes aspectos inerentes à maturidade que a vida adulta acarreta, seja no amor ou no trabalho.

O pai 5 declara: “*Imagino-a a...a viver sozinha...e quando eu digo sozinha é mesmo sozinha, completamente independente, a não dar cavaco a ninguém sobre o que faz, ou que lhe apetece fazer mas imagino que...acho que ela vai, dentro do seu espírito prático, vai conseguir de facto atingir os patamares que ela quer*”. Quando incentivado a desenvolver a resposta, afirma: “*há-de ter namorados para a vida [baixa o tom de voz tornando-se quase inaudível], espero que nessa altura já não esteja aqui e eu já não veja mas acho que nunca vai querer agarrar, ter uma...ter relações permanentes (...), acho que não vai ser muito o estilo dela, acho que aquilo vai ser muito manter a sua independência e não ter que partilhar essas...algumas decisões do dia-a-dia com ninguém*”. Contudo, imagina que a filha “*vai ser feliz assim*” e acha “*que ela*

é feliz assim?. A projecção que este pai faz da filha é profundamente influenciada pela intensa manifestação de desejo de independência da filha, revelando a incompreensão de que a expressão tão marcada do desejo de independência pode traduzir o sentimento de profunda dependência que a filha sente face aos pais. Uma vez mais mostra-se incomodado com a ideia da filha vir a ter namorados.

Mães

Quando é perguntado à mãe 1 como imagina a filha daqui a 20 anos, esta diz: *“Espero que com um bebé cá fora e outro na barriga porque esta criatura não está com muita vontade de ser mãe e ter filhos”, “uma profissional de sucesso”, “a fazer aquilo que ela mais gosta, sempre ligada à medicina, às ciências forenses”, “feliz”, “espero que com um marido fantástico, uma casa espectacular”*. Portanto, a mãe 1 imagina a sua filha a exercer em pleno a sua adultice, quer no plano profissional, quer enquanto mulher e mãe ainda que alguns dos aspectos pareçam estar estreitamente ligados à realização de parte dos seus desejos, nomeadamente o ser mãe e trabalhar em medicina forense. Acrescenta que mais facilmente consegue imaginar a filha mais velha que a do meio. Isto pode ser explicado em parte, pelo facto de, tipicamente, o filho mais velho ser mais investido e alvo de uma projecção mais intensa por parte dos pais, que se pode traduzir na elaboração de projectos em comum por mãe e filha.

A mãe 2 foca-se sobretudo na vertente profissional, deixando em aberto o plano do relacionamento íntimo. No seu discurso transparece uma grande dificuldade em permitir-se a imaginar a filha, mesmo no plano profissional. Parece não assumir os seus desejos para o futuro profissional da filha, por intuir que serão de difícil concretização e recear que isso constitua uma grande desilusão para si. Pelo discurso desta mãe depreende-se que a sua ambição seria a filha optar por concluir o ensino secundário e prosseguir para o ensino universitário, com o propósito de ascender socialmente. Infere-se que esta ambição pode estar sobreinvestida pelo facto de, nas questões que reenviam para o seu passado enquanto adolescente, manifestar tristeza por começado a trabalhar muito jovem e ter relegado os estudos para segundo plano. Pelas hesitações, tonalidade afectiva e conteúdo do discurso, esta mãe parece estar a lidar com a elaboração da perda deste ideal projectado sobre a filha.

A mãe 3 responde assim: *“Nunca pensei nisso... Há-de ter 23, 33. Não faço a mínima... Espero que, não sei, com essa idade se calhar que esteja casada suponho, se quiser casar, que hoje em dia as pessoas já nem querem casar, juntam-se. Espero que já tenha uma vida fora de casa... com alguém, ou sozinha, não sei. A trabalhar suponho”*. Quando incentivada a desenvolver mais a resposta acrescenta: *“se calhar já com um filho”*. Esta mãe mostra também muita dificuldade em projectar a filha no futuro, dando uma resposta vaga e recorrendo a muitas precauções verbais. Acaba por responder considerando o que é natural que suceda, em termos de ciclo de vida, a um adulto com 33 anos. Revela ainda: *“Ou a viver cá em Portugal, não faço a mínima, não é que não eston... É que não sei. Não sabe se a imagina a viver cá se noutro sítio. Não sei, espero que fique cá [riso nervoso]. Espero,*

se não [estalido com a boca]". Neste excerto transparece também a sua preocupação perante a possibilidade da filha viver fora de Portugal. Este receio pode estar a bloquear a projecção da filha no futuro por lhe ser muito doloroso imaginar a filha geograficamente distante de si.

A mãe 4 exhibe, tal como as mães 2 e 3, muitas dificuldades em projectar a filha no futuro e exhibe uma tendência para a recusa nesta questão: "*Não sei, não faço ideia*"; "*mas não sei, não sei, tenho alguma dificuldade em imaginá-la. Eu acho que ela vai ser sempre pequenina. Não sei mesmo, não faço ideia*". Esta tendência para a recusa parece estar relacionada com o afastamento de sentimentos ligados à angústia de separação. Paradoxalmente, apesar de afirmar que a filha vai ser sempre o seu bebé, a única característica que a mãe aponta na futura filha adulta é a independência. Afirma que: "*vai sempre muito independente, mesmo quando tiver a família dela acho que ela vai ser uma pessoa muito independente, muito...muito ela própria*".

A mãe 5 responde o seguinte: "*Ai [riso]. Não sei, não sei... Ou...ou ela muda muito ou então vejo-a com um emprego no topo a mandar em toda a gente. [estalido com a língua] Não a vejo casada, que ela diz que não quer casar, não quer ter filhos, não quer aturar ninguém, não a vejo*". Esta mãe projecta a filha como uma mulher de carreira, num cargo de topo que lhe possibilite o exercício da autoridade, e não uma filha terna, sensível, capaz de ter relações íntimas. A sua resposta mostra-se, à semelhança da do marido, muito influenciada pelas manifestações exteriores do desejo de independência que parecem ser reactivas aos sentimentos de dependência que a filha poderá ter em relação aos pais.

Pais/Mães

Os pais 1 e 4 mostram dificuldade em projectar a filha no futuro, alegadamente por causa das circunstâncias socioeconómicas. Os pais 2 e 3 são capazes de projectar uma filha adulta do ponto de vista afectivo, imaginando a filha a viver junto ou casada e com filhos. O pai 5, embora projecte a sua filha como independente, esta seria uma independência 'reactiva', na medida em que não vislumbra que a filha venha a ser capaz de estabelecer uma relação para a vida, dada a sua intensa necessidade de independência.

Algumas das mães (2, 3 e 4) mostram também dificuldade em projectar a filha no futuro, ainda que, aparentemente por motivos distintos. A primeira parece reear dar voz aos seus desejos, por temer que não se realizem. E as outras duas parecem tender para a recusa na tentativa de afastarem sentimentos interligados com a angústia de separação.

Apenas as projecções feitas pelos elementos do casal 5 são coincidentes por serem muito influenciadas pelas manifestações aguerridas do desejo de independência da filha.

Por outro lado, tanto a mãe 1 como o pai 2 parecem fazer mais a projecção dos desejos que têm para a filha do que propriamente o que antevêm, considerando o que conhecem da filha.

VI. Conclusão

6.1. Discussão

Após a análise de conteúdo das entrevistas obtidas junto dos pais e mães, é possível extrair conclusões que possibilitam uma compreensão mais abrangente acerca das relações estabelecidas entre os elementos do casal parental e a filha, bem como dos movimentos psicológicos subjacentes. Para além disso, observaram-se diferenças, nos casais entrevistados, ao nível das percepções e vivências dos pais e das mães face à pré-adolescência das filhas.

Relativamente à dinâmica familiar, constatou-se que as mães têm um papel preponderante. Além de investirem na sua profissão, são elas que seguem mais de perto as filhas, acompanhando-as nas idas e vindas da escola bem como nas actividades extra-curriculares e são elas também que, com mais frequência, assumem a figura de autoridade parental. São essencialmente as mães que asseguram a gestão da casa e as lides domésticas, sendo elas que, tipicamente, tomam as decisões de natureza prática. As decisões de maior implicação costumam ser tomadas em conjunto. Porém, nem todos os casais assumem de forma clara a responsabilidade e o controlo que a mulher exerce na família, sendo apenas revelado de forma implícita. Este aspecto corrobora o estudo equivalente realizado por Simões (2012), acerca de pais e mães face à pré-adolescência dos filhos.

Relativamente à forma como pais e mães vivenciam e assumem a sua parentalidade, constatou-se, de uma maneira geral, que ambos sentiram desejo de ser pais, ainda que este desejo tenha surgido em diferentes fases da vida. Porém, destacou-se no seu discurso a existência de sentimentos de culpabilidade que, tanto nuns como noutros, estão relacionados com o exercício de autoridade e/ou com falta de disponibilidade motivada por profissões absorventes e exigentes em termos de horário laboral. No caso das mães que transparecem sentimentos de culpabilidade pelo exercício de autoridade é evidente o desejo de que os seus maridos tenham um papel mais interventivo a esse nível, que as liberte, em parte, dessa função.

Embora nem todos os pais e mães tenham feito alusão ao passado enquanto filhos, constatou-se que a forma como se relacionaram com os pais influencia a relação com a filha, sendo que alguns dos pais e mães mostraram ter consciência de dinâmicas relacionais ou características dos seus próprios pais que os frustraram, procurando actuar de modo diferente junto dos filhos.

Relativamente às mudanças que percebem na relação com as filhas, verificam-se nos grupos de pais e mães, alguns aspectos em comum mas também diferenças. Os aspectos comuns mais frequentemente mencionados são: o reconhecimento da maior autonomia e independência da filha, pelo que o casal parental se sente menos necessário; maior intimidade na relação mãe-filha, sendo que os pais reconhecem a mãe como figura parental privilegiada para diálogos de natureza íntima e maior nível de conflitualidade. A maior intimidade na relação mãe-filha está relacionada com a perda do estatuto de

criança por parte da filha que se traduz no esbatimento da assimetria na relação mãe-filha (Aberastury, 1981). O maior nível de conflitualidade está relacionado com os movimentos psicológicos da adolescente de idealização de si e, simultaneamente, de desidealização dos pais, que leva a adolescente a procurar fazer valer as suas ideias e opiniões, colocando em causa as dos pais, e provocando alterações na dinâmica de autoridade (Relvas, 1996).

Quanto aos aspectos em que pais e mães diferem, face às mudanças na dinâmica de autoridade, alguns pais sentem-se solicitados no exercício da autoridade, ainda que com maior flexibilidade do que no passado, sob a pena de estarem em conflito permanente. Para além disso, os pais dão conta de uma diminuição ou cessar da manifestação de afectos ternos. Tipicamente pais e mães denotam falta de compreensão dos movimentos psicológicos subjacentes ao afastamento na relação pai-filha, dado que o contrário implicaria o reconhecimento da existência de pulsões incestuosas.

No que diz respeito às mudanças observadas na filha, também se constata diferenças entre os grupos de pais e mães. Observou-se, sobretudo nos pais, alguma relutância na tomada de consciência de mudanças nas filhas, como que numa espécie de negação da realidade, isto é, do seu crescimento. Entre as mudanças mais frequentemente percebidas, os pais referem a manifestação de interesse pelo sexo oposto, por parte da filha. Já as mães dão conta de um desinteresse por actividades que anteriormente eram consideradas prazerosas pelas filhas não compreendendo que o desinteresse observado pode estar relacionado com reacções nostálgicas, em que o adolescente parece desinteressar-se de tudo, tanto do presente como do futuro, esvaziados de sentido (Horney cit. por Cordeiro, 1979, 1988, 2002).

Curiosamente, as transformações corporais encontram-se relativamente ausentes do discurso dos pais e mães, o que sugere alguma inibição na tomada de consciência e/ou no assumir de uma filha que deixou de ser criança e possui agora uma nova maturidade sexual.

Constatou-se também, que a generalidade dos pais e mães designa a filha de uma forma que destaca a sua imaturidade e que a maioria dos pais e mães descreveram a filha real. Verificou-se que as mães, de uma maneira geral, mostraram-se mais capazes de descrever a filha do que os pais, que fazem descrições menos detalhadas. Uma explicação possível para esta diferença passa pela eventual inibição dos pais em pensarem e falarem sobre a filha, provocada, em parte, pela aquisição de um novo estatuto e já não poderem ser consideradas crianças ou então, como sugere Simões (2012), pela menor atenção e falta de disponibilidade.

A maior parte das mudanças que pais e mães detectam em si relacionam-se com as mudanças que percebem na filha, resultantes do seu crescimento, que conduzem a: alteração na natureza das preocupações dos casais, que os faz estar mais atentos ao meio exterior à família e a mostrarem-se disponíveis para o diálogo; alterações na dinâmica de autoridade e flexibilização de limites.

Relativamente ao grupo de pares, a generalidade dos pais e mães conhecem os amigos e amigas da filha, embora as mães pareçam seguir mais de perto as amizades da filha, seja pelo diálogo, seja por acompanharem a filha nas deslocações casa-escola, escola-casa. É, portanto, ainda evidente um forte laço imaginário que comporta a representação psíquica da filha, sabendo onde está, o que faz e com quem está. Alguns pais e mães revelam também que a filha mostra mais vontade de conviver com as amigas/amigos, revelando menos interesse em fazer programas com os pais, sendo que um pai relata a idolatração de um jovem cantor por parte da filha. De facto, o afastamento relatado está em consonância com a literatura, que dá conta da entrada na adolescência, despoletada pela puberdade, favorecer o movimento interno de desinvestimento nos laços objectais infantis e investimento e/ou deslocamento da libido subjacente a esses laços para figuras exteriores à família, que muito frequentemente são os pares e/ou figuras públicas que idolatram (e.g., Flemming, 1993; A. Freud cit. por Cordeiro, 2002).

Quanto à ideia da filha começar a namorar, os pais parecem lidar pior com essa possibilidade ou realidade, quando comparados com as mães, ainda que apenas um pai assuma plenamente que a ideia o incomoda profundamente. Os restantes tendem a denegar que a ideia lhes causa inquietação ou esquivam-se à ressonância emocional, mostrando resignação. As mães, na generalidade, ainda que mostrando preocupação ou resignação, revelam-se mais capazes de pensar e falar sobre a ideia da filha namorar e algumas revelam, inclusive, tranquilidade face à ideia.

Alguns pais e mães manifestam o desejo de controlar o futuro namoro da filha, o que põe em evidência a dificuldade em renunciarem ao laço infantil e a necessidade de saberem onde a filha está, com quem está e o que faz, a que Braconnier e Marcelli (2000) se referem.

Quase todos os pais têm a percepção de que é mais fácil as filhas falarem com a mãe acerca dos namorados, delegando, por vezes, nas mães a responsabilidade de falarem com a filha acerca dos namoros e da sexualidade. Esta percepção pode reflectir também a própria dificuldade dos pais em conversar naturalmente com a filha devido à emergência de pulsões incestuosas.

A entrada na adolescência é o prenúncio da separação e quando questionados sobre se já pensaram na ideia da filha sair de casa pais e mães acederam ao simbólico implícito da separação e perda. Constatou-se que quer os pais, quer as mães referem que as filhas já manifestaram, com maior ou menor seriedade, o seu desejo de sair de casa, o que é natural dado que se encontram no início de uma das tarefas mais importantes da adolescência, separação-individação. Contudo, observaram-se diferenças na forma como pais e mães pensam e vivenciam essa possibilidade. A generalidade dos pais ainda não pensou efectivamente nessa eventualidade, sendo que a maioria distancia no tempo o acontecimento e alguns recusam-se, inclusive, a reflectir momentaneamente sobre ele, suprimindo pensamentos desencadeadores da angústia de separação. A maioria das mães mostra-se mais capaz do que os pais de pensar sobre a ideia

da filha sair de casa, embora a maior parte se esquive à ressonância emocional da ideia, mostrando resignação.

Perante a instrução ‘conte-me uma história com a sua filha’, tanto os pais como as mães mostraram de uma maneira geral inibição em responder a esta pergunta, mais projectiva, e por isso mais reveladora. Também aqui se observaram diferenças entre os grupos de pais e mães. A maioria dos pais contam histórias que evidenciam a dependência infantil das filhas perante o pai ainda idealizado e/ou a imaturidade da filha. Apenas um dos pais relata um episódio relacionado com a fase actual do desenvolvimento da filha e onde sobressaem sentimentos de culpabilidade relacionados com o exercício de autoridade. As respostas das mães variaram mais entre si. Duas das mães contaram uma história que realça o laço estreito que une mãe-filha. Outras duas contaram histórias relacionadas com a fase de desenvolvimento em que a filha se encontra. Sendo que uma contou uma história exemplificativa de atritos que existem na relação com a filha, resultantes da atitude de desafio da filha e da dificuldade da mãe em exercer de forma eficaz a autoridade. A outra contou uma história que retrata a exteriorização da vergonha que a filha sentiu face a manifestação de afecto por parte da mãe, junto dos seus colegas de escola, e que a mãe não compreendeu. Por último, há uma mãe que não é capaz de recordar nenhuma história, o que traduz e corrobora o desinvestimento na relação com a filha e a demissão da autoridade parental, que parecem dever-se a conflitos extremados na relação com a filha.

Felicidade, saúde e sucesso na actividade profissional são os desejos mais frequentemente enunciados por pais e mães, o que é concordante com os resultados obtidos no estudo de Simões (2012). Receio pelo futuro dos filhos face à conjuntura socioeconómica foi o temor mais comumente mencionado, tanto por pais, como por mães. Curiosamente, verificou-se que o receio de maus tratos e/ou faltas de respeito pelo companheiro amoroso, nos casais entrevistados, foi um receio exclusivo dos pais e referido pela maioria. No que diz respeito aos receios tipicamente associados à adolescência, constatou-se que ambos os elementos de um dos casais e outro dos pais afirmaram temer a influência do grupo de pares em comportamentos de risco, nomeadamente toxicodpendência. Este receio parece advir no caso do casal, da percepção que têm da filha ter um grande desejo de ser aceite e querida por todos, que consideram poder torná-la mais influenciável. No caso do outro pai, esta preocupação advém do contacto com essa realidade no seio da sua família alargada.

Quanto ao seu passado enquanto adolescentes, pais e mães apresentam novamente diferenças. Quase todos os pais, referem ter tido muito mais liberdade do que a filha tem actualmente, sendo alvo de um menor controlo por parte dos pais. Ao contrário da generalidade dos pais que destaca ter tido mais liberdade, a maioria das mães revela ter tido um maior nível de responsabilidade, nomeadamente ao nível das tarefas domésticas e/ou enquanto cuidadoras de irmãos ou sobrinhos.

Observou-se também que enquanto alguns pais e mães têm a sua adolescência bastante presente e estabelecem de imediato um paralelo entre o seu dia-a-dia e o da filha, outros parecem estar mais ‘esquecidos’. Na origem do ‘esquecimento’ podem estar mecanismos de defesa como o recalçamento, que perante a adolescência da filha pode ser posto em causa e conduzir a um retraimento defensivo numa espécie de recusa da revivescência de certas forças pulsionais, sexuais ou agressivas que resultará numa incapacidade para acompanhar e compreender o que o adolescente está a passar (Marcelli & Braconnier, 2005), que é o que parece suceder com alguns pais e mães. Os pais e as mães que parecem ter o seu passado adolescente mais vívido aparentam ter um contacto mais caloroso e tolerante com a filha e uma melhor compreensão do que ela poderá estar a experienciar nesta fase do desenvolvimento.

Outro aspecto que parece dificultar o relacionamento entre pais/mães e filha, em alguns participantes do estudo, é a existência de ressentimentos por a filha viver uma realidade diferente daquela que foi a sua em determinados aspectos. É como se os pais desejassem, a um nível pré-consciente ou mesmo inconsciente, que as filhas vivessem as mesmas coisas, os mesmos conflitos, as mesmas tensões, para que eles próprios se sintam justificados e libertados da conflitualidade que, durante muito tempo, foi recalçada (Braconnier & Marcelli, 2000).

Por último, no que diz respeito à projecção da filha no futuro, daqui a vinte anos, verifica-se que cerca de metade dos pais e mães têm dificuldade em fazê-lo, ainda que por motivos distintos. Enquanto que as dificuldades dos pais se relacionam com as circunstâncias socioeconómicas do país, o que pode constituir, em parte, uma defesa contra o solicitado, isto é, imaginarem uma filha adulta, numa posição equivalente à que os pais têm no presente. Algumas mães parecem tender para a recusa na tentativa de afastarem sentimentos ligados à angústia de separação, sendo que no caso de uma mãe em particular, essa tendência parece dever-se à percepção de que o percurso escolar/académico que acalentou para a filha dificilmente se concretizará. De facto Braconnier e Marcelli (2000) apontam para a frequente elaboração de projectos em comum pelos pais e filhos, que implicam muitas vezes uma orientação escolar ou profissional, que na adolescência são postos em causa, deixando os pais a braços com a elaboração da perda dos ideais projectados sobre os filhos, que é o que parece suceder com esta mãe.

Entre os casais entrevistados, apenas um deles fez projecções coincidentes para a filha, que foram profundamente influenciadas pelas manifestações aguerridas do desejo de independência da filha. Este pai e mãe parecem ter-se deixado afectar no seu íntimo pela forte necessidade de separação demonstrada pela filha, não compreendendo que a intensidade dessa necessidade é ‘proporcional’ a outra diametralmente oposta, a necessidade de dependência. Efectivamente, segundo Braconnier e Marcelli (2000), estas duas necessidades contraditórias coexistem na adolescente durante o longo período entre a infância e vida adulta, sendo que a intensidade de uma pode exacerbar a intensidade de outra, influenciando-se mutuamente, como que numa espécie de reactividade.

6.2. Limitações do estudo

Considera-se que a maior limitação da presente investigação é o tamanho reduzido da amostra e a sua heterogeneidade quanto às habilitações literárias dos casais e suas idades (Anexo D). Deve ainda referir-se que embora se pretendesse entrevistar casais cuja filha fosse menstruada aquando a realização da entrevista, esta variável não foi controlada pois procurava-se averiguar se pais e/ou mães mencionavam espontaneamente esse aspecto. Num dos casos em que nenhum dos elementos do casal fez referência à menarca, verificou-se *a posteriori* que a filha à data da entrevista ainda não era menstruada (Anexo D). A variável fratria das primogénitas também não foi controlada sendo que a amostra é constituída por dois casais que são pais de primogénitas que são também filhas únicas e por três casais que são pais de primogénitas que têm pelo menos outro irmão/irmã (Anexo D).

A conjugação destes factores poderá ‘mascarar’ a detecção dos aspectos em comum e das diferenças observadas entre os grupo de pais e mães, no que diz respeito às suas percepções e vivências face à pré-adolescência das filhas.

6.3. Propostas para novos estudos

No decorrer da investigação e reflexões por ela suscitadas considera-se que, por um lado, seria interessante replicar o estudo aumentando a dimensão da amostra com o propósito de detectar mais claramente os aspectos em comum e as diferenças observadas entre os grupos de pais e mães, no que concerne às suas percepções e vivências face à pré-adolescência das filhas. Por outro lado, parece pertinente replicar o estudo constituindo outro tipo de amostras que permitam investigar o impacto de determinadas variáveis sobre os movimentos psicológicos dos pais e mães e seu relacionamento com a filha, nesta fase do ciclo de vida da família, isto é, a entrada da filha primogénita na adolescência.

Assim, teria interesse proceder-se à comparação de grupos de pais/mães cuja filha tivesse tido a menarca com grupos de pais/mães cuja filha ainda não fosse menstruada. E também, comparar-se grupos de pais/mães cuja filha primogénita fosse filha única com grupos de pais/mães cuja filha mais velha tivesse pelo menos outro irmão. O estudo da variável menarca afigura-se interessante porque esta constitui um marco no desenvolvimento pubertário e sexual, a partir do qual a adolescente pode engravidar, vincando a perda do estatuto infantil. A variável ser ou não filha única revela-se importante pois é provável que o facto de a primogénita ser filha única incremente a resistência e ambivalência que os pais sentem face ao crescimento da filha, uma vez que não existe um(a) filho(a) mais novo(a) que ‘colmata a perda’ que os pais antevêm sofrer com a crescente autonomia e independência da filha, que provavelmente culminará com a sua saída de casa e encerramento de uma das fase do ciclo de vida familiar.

VII. Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal* (7ª ed.). (pp.13-23). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Allison, B. N. & Schultz, J. B. (2004). Parent-adolescent conflict in early adolescence. *Adolescence*, 39 (153), 101-119. Retrieved January 3, 2012 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Almeida, L., & Freire, T. (2000). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Blos, P. (1985). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. S. Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1962)
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162-186. Retrieved January 3, 2012 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Caetano, L. (2011). *Pais e mães face à pré-adolescência das filhas: diferenças na percepção e perspectiva*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Lisboa: ISPA.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Cole, M., Cole, S. R., & Lightfoot, C. (2005). *The Development of Children* (Fifth edition). New York: Worth Publishers.
- Cordeiro, J. C. D. (1979). *O adolescente e a família*. Lisboa: Moraes Editores. (Obra original publicada em 1975)
- Cordeiro, J. C. D. (1988). *Adolescentes por dentro*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Cordeiro, J. C. D. (2002). O desenvolvimento psicológico do adolescente. In J. C. D. Cordeiro (Ed.), *Manual de psiquiatria clínica* (2ª ed.) (pp. 209-242). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Diatkine, R. (1983). Tornar-se adolescente, permanecer adolescente. In R. Carvalho (Ed.), *Interminável adolescência* (pp. 61-72). Porto: Res-Editora, Lda.

- Erikson, E. H. (1956). The problem of ego identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 4, pp. 56-121. Retrieved January 3, 2012 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Ferreira, A. G. (2000). Ideias para uma perspectiva histórica da adolescência. In M. T. Medeiros (Ed.), *Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento* (pp. 28-39). Lisboa: Direcção Regional de Educação.
- Figueiredo, E. (1985). *Reino de xantum: os jovens e o conflito de gerações*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (1983). A separação adolescente-progenitores. *Análise Psicológica*, 4 (III), pp. 521-542.
- Flemming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Freud (1969). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1905)
- Gammer, C. & Cabié, M. C. (1999). *Adolescência e crise familiar*. Lisboa: Climepsi.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal* (7ª ed.). (pp.24-62). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1985). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Matt, M.; Elkins, I.; Walden, B. & Iacono, W. (2005). Perceptions of the parent-adolescent relationship: a longitudinal investigation. *Developmental Psychology*, 41 (6), pp. 971-984. Retrieved January 3, 2012 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Medeiros, M. T. (2000). Conceito de adolescência. In M. T. Medeiros. (Ed.), *Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento* (pp. 12-27). Lisboa: Direcção Regional de Educação.
- Pedinielli, J., & Rouan, G. (2005). A entrevista de pesquisa. In C. Cyssau (Ed.), *A entrevista em clínica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Quinodoz, J.-M. (2007). *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Rappaport, R (Org). (1993). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: E.P.U.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ritchie, J., & Lewis, J. (2003). *Qualitative research practice – a guide for social science and researchers*. London: Sage Publications.
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais* (8ª edição). Lisboa: Caminho.
- Simões, S. (2011). *Pais e mães face à pré-adolescência dos filhos* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica). Lisboa: ISPA.
- Skyner, R., & Clesse, J. (1983). *Famílias...e como (sobre)viver com elas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Smetana, J. (1989). Adolescents' and parents' conflict: reasoning about hypothetical and actual family conflict. *Child Development*, 60, pp. 1052-1067. Retrieved January 3, 2012 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Steinberg, L. D. (1981). Transformations in family relations at puberty. *Developmental Psychology*, 17 (6), pp. 833-840. Retrieved January 3, 2012 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Vila Real, A. (2004). *Relações sociais, dinâmica familiar e organização da identidade em pré – adolescentes*. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Weiner, I. B. (1995). *Perturbações psicológicas na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste.
- Zimmerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed.

VIII. Anexos

Anexo A – Carta de Consentimento Informado

Carta de Consentimento Informado

Título do estudo: As percepções e vivências de pais e mães face à pré-adolescência das filhas.

Descrição da pesquisa e da participação: Convidamo-lo a participar num projecto de investigação que Susana Marina Pita Barroso, finalista do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Instituto Universitário, pretende realizar, no âmbito do plano curricular do referido Mestrado, sob orientação da Professora Doutora Ângela Vila Real.

A pertinência deste estudo prende-se com o facto de a literatura sobre a adolescência focar essencialmente o adolescente, sendo raros os estudos que se centrem na forma como os Pais pensam e sentem esse período de desenvolvimento dos filhos. Com esta investigação, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão da perspectiva dos Pais sobre o início da adolescência feminina, fase do desenvolvimento humano que envolve profundas alterações biopsicosociais, e perceber se existem diferenças nas percepções e vivências de pais e mães face à pré-adolescência das filhas.

Os critérios de selecção dos participantes são: casais que sejam pais em conjunto de uma menina pré-adolescente com cerca de 13 anos de idade; que esta seja a primogénita para que os pais estejam a passar pela primeira vez pela experiência de se tornarem pais de uma pré-adolescente; e que sejam casados ou vivam em união de facto, pelo menos, desde o nascimento da filha.

A colaboração solicitada envolve a realização de um entrevista semi-directiva que incidirá sobre a dinâmica familiar e a sua experiência enquanto pai/mãe de uma menina pré-adolescentes. A entrevista será idêntica para o pai e mãe. Contudo, deverá decorrer separadamente.

A sua participação é voluntária podendo desistir a qualquer momento sem qualquer consequência. O anonimato dos dados é garantido e em lugar algum aparecerão dados que identifiquem os participantes.

Contactos: Todas as questões relacionadas com este estudo devem ser dirigidas a Susana Barroso através do e-mail: susana_barroso_@hotmail.com.

Li e entendi os termos desta investigação, tive oportunidade de colocar questões e nesse sentido aceito participar voluntariamente, na mesma.

Assinatura: _____ Data: __/__/__

Anexo B – Guião de Entrevista

1. Como é o seu dia-a-dia?
2. Como são passados normalmente os fins-de-semana?
3. Como são as férias em família?
4. Quem é que toma as decisões na família?
5. Como é a sua história como pai/mãe?
6. Sentiu alguma vez desejo de ser pai/mãe?
7. Acha que a sua relação com a sua filha tem vindo a mudar ao longo do tempo?
8. Tem notado mudanças na sua filha? E em si?
9. Com quem se dá/convive a sua filha? O pai/mãe conhecem todos os amigos/companheiros?
10. O que acha da ideia da sua filha namorar?
11. Já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?
12. Tem amigos com filhas da mesma idade da sua filha?
13. Costuma partilhar com eles os seus desejos e receios?
14. Como descreve a sua filha?
15. Conte-me uma história com a sua filha.
16. O que mais deseja para a sua filha?
17. O que mais teme?
18. Houve alguma coisa na sua filha que a tenha desiludido?
19. Lembra-se de como era quando tinha a idade da sua filha?
20. Como era o seu dia-a-dia?
21. Como imagina a sua filha daqui a 20 anos?
22. Há alguma que gostasse ou ache importante dizer?

Anexo C – Caracterização da Amostra

	Nome	Idade	Menarca (Sim/Não)	Habilitações Literárias	Fratrã
Casal 1	Pai 1	38 anos		Licenciado em Engenharia	
	Mãe 1	35 anos		Licenciada em Medicina	
Adolescente 1	M.	13 anos e 5 meses	Sim	-	1ª de uma fratria de 3 meninas
Casal 2	Pai 2	44		7º ano	
	Mãe 2	45		9º ano	
Adolescente 2	D.	14 anos e 1 mês	Sim	-	Filha única
Casal 3	Pai 3	40		Licenciatura em Gestão	
	Mãe 3	43		Licenciatura em Gestão	
Adolescente 3	M.	13 anos e 0 meses	Sim	-	1ª de uma fratria de duas
Casal 4	Pai 4	42		12º Ano	
	Mãe 4	34		12º Ano	
Adolescente 4	J.	14 anos e 2 meses	Nao	-	Filha única
Casal 5	Pai 5	42		Licenciado em Economia	
	Mãe 5	46		Licenciada em Direito	
Adolescente 5	C.	14 anos e 2 meses	Sim	-	1ª de uma fratria de dois

Anexo D – Entrevistas Transcritas

Pai 1

1 - Como é que é o seu dia-a-dia?

O meu dia-a-dia? **Hum, hum.** É trabalho sobretudo, o dia todo, praticamente. De manhã ajudar a despachar, sobretudo a mais pequena não é. Depois é o dia de trabalho normal, às vezes ir buscar a mais pequena ao final do dia e voltar para casa para estarmos todos. Não é um dia muito diferente de muitos outros. Sobretudo é isso.

2 - Como são passados os fins-de-semana?

Os fins-de-semana varia muito. Normalmente, a maior parte das vezes é em casa. Eu posso ter que trabalhar...as meninas normalmente têm trabalhos de casa, estudar, brincar, vêem televisão, às vezes vemos televisão todos juntos, outras vezes não. Há fins-de-semana em que eu passo a trabalhar praticamente o dia todo, ou uma tarde inteira ou uma manhã. Não é...pronto o fim-de-semana passa-se ou vai-se passando. É acompanhar trabalhos de casa. É sobretudo assim.

3 - E as férias? Como são as férias em família?

As férias normalmente é sempre nós os 5 sempre juntos. Elas agora com...com algum interesse e compreende-se também costumam ir agora a colónias de férias, com mais frequência. Mas sobretudo passamos em família ou com a família, passamos com os meus sogros, sobretudo, a maior parte das vezes passamos com outros familiares ou só com os meu sogros e...com os tios que elas têm também lá em baixo, no G. [local do país] e...quando não é assim, passamos aqui em casa sempre juntos [riso]. Nós aqui também estamos um pouco, do ponto de vista familiares isolados da restante da família, a maior parte da família está pelo G. [local do país], daí que todos os programas que arranjamos mesmo no Verão vai a malta toda junta [riso]. Vamos para ali e para acolá. Normalmente é sempre assim. Sobretudo, desde muito cedo, como não tivemos a família muito por perto e...criámo-las sempre nós, nós e nós e acabámos por criar um núcleo duro em que para onde vão uns vão os outros. Só agora com estas...os 13 e 12 anos é que elas começam a ter e a gostar, obviamente, de ir às colónias de férias. E nós fazemos todo o possível para que isso aconteça. Não é todas as colónias de férias que nós gostaríamos que elas fossem mas pelo menos no Verão tentamos que elas tenham uma folga dos pais. **E passem um tempo com os amigos também.** Sim, sim, sim, sim.

4 - Quem é que toma as decisões na família?

Bom, depende de...do tipo de decisão. As decisões relativas à família, no que diz respeito a problemas, às vezes, que acontecem. Nós normalmente temos o hábito de decidir os dois [riso], nós

procuramos...procuramos sempre falar, eu e a S. [mulher]...às vezes, quando acabamos por concluir que elas também podem dar o seu contributo [a clara a voz], damos aí um berro: 'reunião de família', vamos aqui todos para a sala e falamos das coisas que estão a acontecer e de como é que havemos de as resolver.

As decisões, por exemplo, mais de carácter de gestão da casa, a S. [mulher] tem uma grande parte dessa...dessa responsabilidade. Sempre que ela precisa de...de ajuda, eu tento estar disponível, nem sempre acontece mas tento...tento sempre estar disponível. Mas tomamos sobretudo sempre as decisões estruturais da família, o que vamos ou não fazer, tentamos sempre os dois discutir se for preciso [riso] não é. Nem sempre concordamos mas acabamos sempre por chegar a uma conclusão os dois...não temos...não temos assim uma parte dominante aqui neste sistema de família. Eu tenho um sentido mais radical de...de resolução das coisas, dos problemas. A...a S. [mulher] completa ali o meio e acabamos por conseguir chegar a um acordo. Eu tenho uma visão muito analítica das coisas, dos problemas, fruto também da minha formação mas acabamos por ter...Vejo aqueles lados às vezes mais...menos agradáveis e levanto todas essas possibilidades, essas hipóteses e tudo o mais, as soluções e...vejo...vejo...acaba por ser também o que faço diariamente no meu trabalho, pensar naquilo que mais ninguém pensou ainda [riso] e daí que...pronto, contribuímos os dois.

Nas questões da lide da casa confesso que...e nos horários de...e é preciso ir acolá ou acolí, ou à reunião de uma ou de outra, tenho que confessar que a S. [mulher] está sempre em cima desses acontecimentos...diz-me...diz-me o que é que temos previsto dentro desta semana ou para a próxima semana, e eu procuro sempre que possível ajudar e estar lá, às vezes para substituí-la também, porque ela não pode ir também a tudo mas procuramos sempre que possível estar os dois, isso é. Sempre que possível estar os dois e...só que a vida nem sempre o permite.

5 – E como é a sua história como pai?

Como pai [riso]. Eu apregoo a todos os ventos que é a melhor coisa do mundo. Nós só sabemos quando lá estamos, isso não há dúvida. E...adoro as minhas filhas...amo-as, tenho orgulho delas. Sou muito também exigente, também. Mas tinha alguém aqui que ser a ovelha negra. Eu tenho...tenho, pronto, acho que elas também conhecem isso. Mas eu gosto de ser pai, gosto de tratar...sempre...sempre cuidei delas...desde...desde pequenas...desde o banho e creio que precisamente por estar sempre presente, sobretudo nos primeiros anos de vida, acabou por me aproximar...delas e...e entendê-las.

Agora, é assim, como todos os pais não é, o pai às vezes é sempre o mauzão que não deixa ir aqui, não deixa ir acolá, eu não sou muito diferente mas...não...acredito que...que estou a fazer o que eu gostaria que tivessem feito por mim, é essa a minha base, para todos os lados não é, para o lado mau e para o lado bom porque é assim...é assim que eu vejo a vida. Elas quando...quando pensam em mim, pensam...no lado bom e mau. O pai é muito bom mas às vezes é um bocado maluco, e é um bocado exigente de mais,

e está-nos sempre a chatear com as mesmas coisas. Por isso não me enganam, não me enganam. Eu costumo dizer que ninguém me...que ninguém me disse que iria ser fácil, por isso eu não ando enganado e acho que tento levar a vida...elas é que crescem rápido como tudo e de um dia para o outro já não são as mesmas e já têm outros...sempre a esticar a corda, mas faz parte. Eu gosto, gosto muito de ser pai, gosto de...da responsabilidade de ser...ser pai.

6 – Alguma vez sentiu o desejo de ser pai?

Olhe, sinceramente, antes de o ser não tinha desejo de ser pai [riso]. Não tinha, não tinha. Não sei se porque andava com a cabeça metida nos estudos e...e a pensar noutras coisas da vida. Não tinha, não tinha mesmo...digamos não tinha uma intenção ou vontade de o ser, não porque não quisesse ter essa experiência mas porque não pensava nisso, não pensava. Nunca me perguntava a mim próprio se um dia gostaria de ser ou não. É assim tenho também algumas razões por trás disso provavelmente. Mas...mas não, nunca pensei antes de o ser, nunca pensei. E costumo dizer a mim próprio e aos meus amigos que antes de o ser não sabemos o que é porque nem mesmo ali quando a nossa esposa está grávida e nós sabemos que está quase a nascer e que já vivemos aquela fase em que somos pais mas em que não vemos ainda [riso] o filho e mesmo aí nada nos prepara para o que vem a seguir. Mas não, nunca tive, nunca tive, nunca pensei.

7 - Acha que a sua relação com a sua filha, com a M. [filha mais velha] tem vindo a mudar ao longo do tempo?

[silêncio] Tem vindo a mudar, tem. Tem vindo a mudar, naturalmente. Ela obviamente [riso] deixou de ser aquela menina que estava constantemente agarrada ao nosso pescoço não é, e estarmos constantemente a...a dar mimos. Sim, acabou por obviamente, naturalmente deixar de ser a mesma...Ela no entanto, creio que continua a...continua a mesma mas cresceu...e com o crescimento, e às vezes nós brincamos com isso [riso], ela deixa de querer tanto aquela exposição de carinho, de abraçar, de pronto, mas eu percebo isso, passei também um pouco por essa fase. Costumo dizer, não para elas, senão elas ficam...costumo dizer que elas têm uma vantagem nos pais que têm porque somos novos, muito novos, o *gap* entre as nossas idades não era nada comparado com o *gap* que existia entre os meus pais e os pais da S. [mulher], daí que nós ainda nos lembramos de muitas coisas [riso] por quais elas estão a passar e...mas sim a relação mudou, mas...mudou para melhor, mudou para ainda ainda melhor, não digo que seja pior não. **Mas para melhor em que sentido?** Mudou para melhor no sentido em que... a M. tinha também... por ser também a filha mais velha... levava com todas as experiências novas não é, e isso fazia com que ela também tivesse também muitos medos, porque estava sempre a deparar-se com o desconhecido não é, seja na escola seja porque ia para uma colónia a primeira vez, era a primeira a ir para todos os sítios novos

e...e isso, por um lado, na altura exigia que eu também, que sempre fui a pessoa que empurra para a frente, que diz: 'Tens medo? Vai lá, enfrenta, vai lá, que o pai está aqui para te ajudar, faz assim, faz assado'. Acabei por ver que ela conseguiu, pelo menos parece [riso], elas quando crescem também são boas atrizes, começam a ser melhores atrizes. O que sinto é que ela começou a crescer e a lidar com essas fases, o que fez com que ela ficasse muito mais autónoma mas também ao mesmo tempo deixando de precisar tanto de mim. Isto para um pai é pronto [riso], um bocado mais... é uma mudança radical, ela agora consegue enfrentar as situações, obviamente tem medos também obviamente, mas...mas reparo que ela já consegue tomar as decisões sem ter sempre aquele receio que eu notava que ela acabou por ter, por precisamente ser a mais velha, ainda em tenra idade mas penso que a relação mudou aí. Ela é muito mais autónoma, já pouco ou nada precisa que eu lhe ajude no campo emocional sobretudo e... pronto... sobretudo foi sobre isso que eu notei que as coisas mudaram um pouco. Por isso eu digo para melhor, para mim foi melhor, é melhor para ela é melhor não é. Mas acabou por ser nesse campo que eu notei a grande diferença. Deixou de ser necessário tanto o pai para...sempre que era confrontada com situações novas. Ela agora se tiver uma audição, tem uma audição vai lá, e é capaz de estar ali à frente no palco sem...sem...sem...deve ter naturalmente algum nervoso mas é capaz de chegar, é para fazer. Porque é essa a postura que eu tentei inculcar-lhe, é para fazer, é para chegar lá, fazer, despachar, fazer bem, se possível, e seguir em frente e ela tem feito isso.

8 – Tem notado mudanças na sua filha?

[silêncio] Mudanças? [silêncio] Creio que...é assim [riso], nós...eu...é um erro meu mas... acabar...acabar de ter uma filha com 13 anos...eu acabo por a ver sempre como pequena. Não...é muito difícil explicar isto mas...talvez...ela tem obviamente mudanças e está a passar por...por uma fase de mudanças e que...sobretudo está a dar grande importância também aos rapazes e...Mas eu acabo por vê-la sempre como pequena e ainda me estou a adaptar, sobretudo nesse campo dos rapazes e a habituar-me à ideia. Mas talvez por essa...essa minha resistência eu não vejo assim grandes mudanças nela [riso]. Ela está aí qualquer dia, sei lá, na universidade ou a dizer-me que vai morar com alguém mas eu acabo por a ver sempre ainda pequena. Talvez por isso, sinto que essas mudanças estão ofuscadas ou ainda me estou a preparar para me aperceber onde é que elas estão.

Porque é verdade, em termos...físicos ela, obviamente, está mudada não é, tem...tem passado por isso, por essas mudanças mas...Em termos emocionais eu já expliquei que sinto-a muito melhor e preparada para enfrentar as coisas mas grande parte das mudanças eu acredito que ainda não as consegui detectar todas, num sistema talvez de protecção [riso], de pai para que a gente continue sempre de olho nela mas acabamos por as ver sempre pequenas e...e a M. não foge, apesar de ser a...não foge a este sentido de protecção, que é natural acho eu.

Por isso não, não tenho visto muitas mudanças na M. [riso]. Pronto, face...em face daquilo que naturalmente está a acontecer, eu não me permitir ver essas mudanças, talvez por isso. Mas sim, a miúda está aí, está mais alta que o pai e que a mãe quase e, sei lá, mais alta que as avós. Não, e naturalmente vê-se no seio, quando ela está com as amigas e isso e tem-se assim um vislumbre eu vejo que...ela está muito crescida e a forma de falar não é, quando está aqui é uma coisa, obviamente, quando está com as amigas é muito diferente e são esses momentos, esses *flashes* que eu às vezes tenho e que me fazem ver que ela está a mudar muito mas...enfim.

E em si? Em mim? O que é que está a mudar em mim? Se tem notado mudanças em si?

Sim, sim. É assim, é a terceira filha que nós temos e...cada uma traz-nos uma...uma capacidade de...tanto de enfrentar problemas como de...de lidar com elas, com as situações que...que eu costumo dizer que às vezes fazem pais andar aí a subir às paredes...Sim, estou mais confiante do que...do que provavelmente quando...quando durante um ano ou dois anos em que só tínhamos a M.. Muito mais confiante. Se calhar não levanto uma...uma grande discussão por causa de coisas que eu sei perfeitamente que...que naquele instante...que elas estão apenas a fazer o que eu acho que é o trabalho delas, que é esticar a paciência dos pais. Eu estou mais tranquilo, digamos...essa confiança traz-me também alguma tranquilidade e às vezes estou sempre a dizer à S. [mulher] também que...estas confusões todas não são nada, se calhar, com aquilo que a gente fazia quando éramos da idade dela [riso]. Por isso temos que pôr isto num...num campo em que...é normal. Mas eu mudei, mudei, naturalmete mudei, estou mais...tranquilo porque estou confiante daquilo que estou a fazer e que sinto que a S. [mulher] também está a fazer, por ela.

9 - Com quem é que convive a sua filha?

[silêncio] Bom ela tem o seu núcleo de amigas com quem ela tem um contacto e formam aquele núcleo. Depois tem aqueles mais conhecidos à volta por quem a gente pergunta volta e meia. O que eu já me apercebi é que ela, sobretudo amigas da escola, e uma ou outra amiga que seja...ou pelo local que ela passou férias, amigas, crianças com quem ela mantém algum contacto. O núcleo de amigas dela não...não varia muito. Depois tem o contacto com os avós. Ela também aqui tem muitas amigas à volta que moram aqui nesta zona e...mas é sobretudo com...com...não é digamos assim uma grande quantidade de pessoas mas...ela tem sabido, pelo menos a ideia que eu tenho, ela tem sabido escolher ao longo do tempo os amigos e às vezes vêm cá a casa, passam aí connosco, com ela e...Não são muitos mas são bons, são amigos bons. A gente tenta-lhe também ajudar a perceber, a saber distinguir. Ela própria já percebeu que tem que aprender também a distinguir os amigos dos falsos, os falsos amigos dos outros e tem...Mas não é mais do que isto, é connosco com quem ela passa, com os avós volta e meia, sim os tios, os tios também

não posso dizer que os tios estejam longe. Mas...tendo em conta o número de horas num dia, é provável que ela passe mais tempo com os amigos, com as amigas da escola, do que com qualquer outra pessoa.

E conhece todos os amigos?

Conheço algumas, algumas. Eu já reparei que...que mesmo o núcleo que...que é este ano, no ano anterior era ligeiramente diferente, incluía ali mais uma, saiu outra porque as coisas são assim. Mas há um núcleo que...de amigas, que são...são aquelas que estão lá sempre. A M. [amiga da filha], sobretudo, a V. [amiga da filha], a M. [amiga da filha]. Essas estão sempre, sempre lá. E...tenho me apercebido que outras entram, saem mas que não... ela não releva. Às vezes fala com alguma tristeza de outras que...pronto houve aí amigos do grupo dela que...que pronto, com quem ela sofreu alguma coisa porque teve...teve...foram...foram amigos que se deixaram ir por conversas de outros e que...são...são histórias complicadas mas que acabara por...eram os gémeos com quem ela se dava muito bem e estavam sempre aí em casa e tudo mais e...davam-se mesmo bem, mas depois por iniciativa, pelo que me parece [riso], deles cortaram assim as relações e começaram a tratá-la um bocado também mal fruto do que lhes ia chegando aos ouvidos enfim, são coisas normais da idade. Ouvem dizer que não sei quem que disse que não sei quantos e a M. 'mas não é nada, não é nada'. E acabaram por romper a amizade. Ela aí, ela nessa...sofreu bastante porque eles eram pequenos, eram muito pequenos e vinham ao longo dos anos com uma amizade muito...muito saudável. Entretanto, agora neste momento são umas quantas meninas, sobretudo meninas, que fazem parte daquele núcleo de amigas que não...são inseparáveis até ver.

10 - O que acha da ideia da sua filha namorar?

[silêncio] [suspira] É uma...É assim, não vou estar aqui a dizer que...que é fácil e que eu percebo...Creio que gostava que elas tivessem...gostava que elas tivessem uma...que não perdessem o focus nos estudos e por isso, e só por isso, confesso que não é por mais nada [baixa o tom de voz], gostava que tentassem adiar o mais possível os namoros. Mas eu não me ando a enganar, como eu disse no início, e sei perfeitamente que isso nem sempre acontece assim. Sei perfeitamente que ela tem agora um namorado, teve aí também um namoro à distância um pouco complicado. Acabou por...por...acabaram por se separar, mas...enfim, só me preocupa neste momento que ela não sofra muito e que...e que...e que não tenha...não se...não se...não minimize os estudos, porque enfim, porque os estudos hoje em dia são importantes. Tento não fazer muita pressão, para não fazer o efeito que eu chamo o efeito do balão não é. Uma pessoa carrega num balão que está quase cheio não é, e se carregar de um lado, o outro lado aumenta, tem que receber o volume todo do ar. E eu não quero estar carregar muito no balão, para ela não explodir, como acontece com muitos jovens, ficam uns revoltados e uns rebeldes, e os pais têm culpa de tudo e não sei quantos. Mas não vejo um grande...não vejo problemas em namorar, vejo problemas

em se perder o focus de outras coisas que também são importantes mas em namorar e em ela ter um namorado não, não...Nem sequer me sinto ameaçado como eu já falei com outros pais em que se sentem ameaçados, do tipo 'a minha menina'. Não, não...pá, pronto é assim não me sinto...não me sinto mal por ela ter um namorado, pelo contrário, ela...ela anda depois aí toda contente, depois anda triste, às vezes, mas não fico incomodado. Digo-lhe sempre o mesmo, digo-lhe sempre o mesmo, apesar de às vezes sentir que é obviamente mais fácil com a mãe, digo-lhe sempre o mesmo, 'quando tiveres qualquer coisa que tu queiras contar ao pai sobre o teu namorado conta, não tens problema nenhum, o pai é como...ouve-te como se fosse também a mãe sabes?' Conversa, conversa, depois a minha preocupação é que eles a tratem bem, obviamente não vão ser perfeitos mas...ouve-se tanta coisa aí, hoje em dia, de maus tratos e vê-se não é, vídeos de namorados a tratar mal, mesmo psicologicamente, não precisa às vezes de ser físico, do ponto de vista físico, mas emocionalmente colocam uma grande carga nas raparigas, uma grande pressão, às vezes, para terem sexo. Essas coisas aí eu prefiro que...que ela sinta que pode falar comigo e com a mãe.

11 - Já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

[riso] Essas perguntas são...Ela tem 13 anos, ela tem 13 anos! **Sim, sim, mas no futuro.** Pois. Não, ainda não coloquei esse cenário. Não pensei ainda nesse cenário. Elas sim! Nem por brincadeira já se estão a ver até as duas a arrendarem um apartamento, e estarem na universidade a morar, e partilham a renda, elas já se vêem assim, nós ficamos assim a olhar um só para outro, eu e a S. [mulher], e a dizer uau, mas grande pressa mas...estão com pressa. Mas não, nunca pensei no dia em que isso ia acontecer. Não, não pensei ainda.

12 - Tem amigos com filhas da mesma idade da sua filha?

Curiosamente são todos mais...mais novos, quer dizer os meus amigos têm filhos, mas são mais novos que a M....**Provavelmente porque também foram pais jovens.** Sim, sim, é. Aliás, quando eu digo que tenho 3 filhas com 38 anos. Talvez por isso. Normalmente são 9 anos, até aos 9 anos, mesmo...mesmo até no meio de padrinhos e familiares são tudo crianças mais pequenas. Bom, temos uma...pronto, a madrinha da M. tem uma filha mais velha, mas mais velha um ano, dois, por isso...e já sentimos o que é eles passarem por coisas que agora a nossa também está a passar. Mas a diferença é tão pouca que não se pode dizer que é assim muito mais velha até porque depois a maturidade de uma e outra é diferente. Eu digo que não se pode tirar nada da experiência de uns para nosso proveito não é, para nos ajudar, daí que pronto, a M. normalmente, é a pessoas, é delas a que está mais avançada na idade, os outros são todos mais pequeninos.

13 – Com esses poucos casais que terão filhas mais ou menos da idade, costuma partilhar receios ou desejos?

Sim, sim, sim, sim, em relação às fases pelas quais elas passam e...e fases que estão a atravessar, sim, sim, sim...os medos. Às vezes não se fala assim muito abertamente, eu pelo menos. A S. [mulher] consegue explicar-se, lembrar-se de tudo e mais alguma coisa. Mas eu com os meus amigos normalmente são conversas muito curtas e que se resumem a uma ou outra experiência, o que é um o outro está a fazer, como está a lidar com isso mas não...não se desenvolve muito, não se desenvolve nada praticamente.

14 – Como é que descreve a sua filha?

[silêncio] A M. tem...tem uma descrição [silêncio] que eu poderia colocar desta forma...ela é uma pessoa que enfrenta as situações com...com alguma segurança...É inteligente, é muito perspicaz também, consegue...consegue chegar ela própria distinguir, já com esta idade, o bem do mal. Penso que é uma pessoa que sabe, para a idade dela e dentro do contexto da idade dela, as coisas que deve e que não fazer. Sabe dizer não, mais do que isso, tem confiança suficiente para dizer que não e colocar condições, ou seja, não se deixar levar. Eu costumo dizer-lhes não sejam as ovelhinhas do rebanho, quanto muito vocês são o braço direito do pastor, e vocês estão ali, se não estiverem a liderar a situação procurem...procurem liderar e...por isso...é uma pessoa que tem crescido bastante em termos emocionais porque tem nos visto passar por tudo não é, até hoje. Como mais velha tem mais discernimento do que as outras, não teve tanta protecção não é, não teve ninguém à frente a trilhar o caminho, coisa que já não aconteceu com as outras. Tinham sempre alguém que já estava à frente e que ia mostrando como é que é. Acredito que é uma rapariga com muita auto-estima e estamos a fazer muito por ela, para poder ter muitas experiências, um leque muito vasto de experiências. Não sei se a descrevi, se a relatei mas o que acredito é que acho que é uma criança feliz, acho que...tem ali muita felicidade. É só.

15 - Conte-me uma história com a sua filha.

[silêncio] Uma história? Uma história [riso]. Uma história pode ser talvez...uma história que eu costumo dizer que...elas quando forem grandes só não vão ter vergonha dos pais...se passarem por muitas vergonhas dos pais [riso], em que já esperam tudo. Então...houve uma situação em que ela queria ir a um concerto pronto, e não tinha obviamente ninguém para ir...e nós fomos os dois. Não sei se ela acreditando que seria uma seca ou não, ir com o pai [riso], mas acabámos por ir os dois. E durante o concerto, ela...eu confesso que até não ia assim para uma...para ouvir uma música que eu gostasse muito mas...mas gostei da situação porque ia com a minha filha pela primeira vez a um concerto e...lembro-me perfeitamente de estarmos sentados lá nas cadeiras e...e depois entretanto a música começou e tudo mais, e as pessoas estavam, mesmo nas cadeiras, a dançar. Ela...ela que sempre teve um bocado de...era muito pequena, era

mais pequena também, mas já era grande o suficiente para ir a um concerto. Eu às tantas como vi que ela estava um bocado acanhada, levantei-me e pus-me a dançar no meio das cadeiras do...da...da sala de espectáculos e ela ficou com muita...ficou muito envergonhada [riso], estava o palco, a sala toda a dançar mas quando ela viu o pai a dançar ficou muito envergonhada como se tipo – ‘mas tu és o meu pai, tu não danças’. E então eu quis mostrar-lhe que era perfeitamente normal que ela pudesse fazer o mesmo e que eu pudesse fazer o mesmo. E...ela ficou muito, muito embaçada. E depois quando eu a puxei então para dançar, ela ainda ficou mais corada como se toda a gente da sala estivesse a olhar para nós, coisa que como é óbvio ninguém queria saber, não é. E lembro-me perfeitamente que depois, isso foi uma das...das situações que eu estava constantemente a dizer ‘filha não precisas de ter vergonha, ninguém quer saber de nós, ninguém está aqui para ver se dançamos bem ou mal’. E...e ela às tantas começou por lentamente se ir apercebendo e deu aquele salto em que deixou assim de um momento para o outro de ver aquelas situações que para elas eram mais constrangedoras...e deixou de...e viu bom mas ‘o meu pai, então mas o meu pai não é suposto estar aqui a dançar, está-me a envergonhar’, uma coisa assim do género, era o que ela pensava. E acabámos por sair do concerto, ela saiu aos saltos, às tantas ela própria já sozinha se levantava da cadeira e eu disse: ‘Ah poxa estava a ver que não...que não largavas esse medo filha’, e ela [estalido com a língua] ‘oh pai não fales disso’. E acabou por...acabámos por sair do concerto. Saímos do concerto e eis que à saída no corredor estava uma actriz muito famosa, na altura dos...e que ainda é famosa, está aí na televisão. E diz ela, ficou super aflita como se a actriz estivesse a olhar para ela, ‘ah está ali a coisa e não sei’. E eu fiquei assim bom então vamos lá cumprimentá-la. ‘Oh pai não!’, e eu a puxá-la e eu disse: ‘bom, então M. acabámos por passar ali dentro por uma situação em que acabaste por conseguir dar a volta por cima então e agora vês ali uma actriz que tu adoras tanto e não queres ir lá falar com ela’. E ela pensou, pensou, pensou, pensou, pensou e disse então está bem então vamos lá. Só que depois chegámos lá, a rapariga estava ao telefone e estive ao telefone, estive ao telefone, estive ao telefone. E às tantas ela: ‘oh pai vamos embora, não vou estar aqui à espera dela para, se calhar ela até está a fingir que está ao telefone só para não dar beijinho às pessoas’. E eu assim: ‘está bem, vamos, vamos’. Fiquei atónito, porque viu-se ali naquele momento que ela começou a relativizar as coisas e a passar a compreender que enfim...E depois, sempre desde aí ela lembra-se sempre desse episódio e a gente às vezes ri-se com a situação. Mas foi uma história que em dois momentos eu vi que ela deixou...libertou um pouco algumas amarras. Coisa que não se estava...que eu não estava nada à espera porque só íamos a um concerto, íamos ouvir só uma banda que ela gostava muito e eu não esperava, não esperava grandes mudanças ali naquela noite mas...a partir daí ela às vezes diz coisas até que me surpreendem porque mostra que ela consegue relativizar a importância de certas coisas e dar a devida importância não é. Se é uma coisa com pouca importância e se ela por acaso até perdeu ‘ah há mais coisas, há mais concertos, há mais oportunidades. Não vou à festa deste menino, a gente vê-se segunda-feira também’. Começa a lidar com as coisas de outra

forma e foi engraçado, ainda hoje ela se...nos lembramos disso. Agora, ultimamente, é a tal situação vou com ela assim a algum sítio ou isso ou, por exemplo, no Mcdonad's ou se for levá-la a casa de alguém e ponho-me a inventar situações constrangedoras e ela completa as situações agora, ela já faz o 'eh pai e depois sabes o que é que fazias? Punhas um chapéu assim à coiso e punhas uns bigodes e fazias-te passar por não sei quem'. É engraçado. Agora já completa as situações, já...**Já não se retrai.** Pois, já não se retrai.

16 - O que mais deseja para a sua filha?

[suspira] [riso] Está a fazer-me questões que eu ainda não tinha pensado...Gostava que ela tivesse uma boa vida, que fizesse o que gosta, que tivesse algum sucesso a fazer aquilo que gosta fazer e...fruto também de todo o enredo familiar em que nós vivemos, gostava que ela tivesse...uma companhia para poder ser realmente feliz, que pudesse ser feliz, mas não a felicidade que muita gente encontra hoje em dia, mas uma felicidade que...que fosse verdadeira, que ambos se respeitassem que...gostava que ela encontrasse a alma gémea dela e que...juntando a isso uma ocupação que ela gostasse fazer e pudesse levar a vida dela de uma forma tranquila. Isso é sobretudo o que eu desejo para ela.

17 - E o que é que mais teme?

Acima de tudo o que mais...mais temo é que ela tenha... não encontre alguém que...que a respeita e que...como eu sei que existe porque...até no nosso seio familiar. Temo que ela se apaixone por alguém que não tenha a mesma paixão por ela e que isso possa fazer com que a vida dela seja um falso...falso céu azul, em que realmente é tudo muito bonito sim senhor, à frente de todos, mas depois não é bem assim e que possa existir maus tratos. Isso é o que mais temo...nas minhas filhas, é que elas não consigam detectar isso. O trabalho...o trabalho é assim, eu e a S. [mulher] preocupamo-nos em dar-lhes ferramentas...ferramentas emocionais...para que elas consigam escolher minimamente aquilo que querem fazer mesmo. Procuramos que elas tenham uma percepção, às vezes pode ser até uma carga adicional que se calhar nós não deveríamos colocar nelas. Mas procuramos que vejam que às vezes nem sempre aquilo que a pessoa quer fazer muito acaba por realmente fazer. Toda a gente sabe, há pessoas aí a formarem-se porque adoravam explorar, sei lá, o mundo subaquático e acabam por estar a fazer uma coisa totalmente oposta, por isso tentamos que elas percebam que não é chegar àquele momento e dizer: 'ah eu vou fazer', procuramos que elas se preparem para isso e a M., sobretudo, a gente já teve essa conversa, eu tive essa conversa com ela, procuro que ela perceba que...ela não tem que decidir já, mas tem que ir interiorizando uma ideia daquilo que ela gostaria de um dia fazer, para que possa se ir munindo de...de ferramentas, de...de informação sobre aquilo, para não ter que tomar às vezes decisões [riso], como eu e a S. [mulher] fomos confrontados. Tivemos que decidir aquilo de um dia para o outro o que é que gostávamos de fazer. Porquê? Porque simplesmente não tínhamos informação para isso, ninguém nos

disse antes, antecipadamente e...Mas...ela...ela...a M. tem...tem. Creio que é isso que nos tem feito...Dar-lhes o...o necessário para que elas depois possam tomar as decisões...minimamente informadas. Não é...Creio eu que não é exigir muito mas...não sei se respondi à questão [riso nervoso].

18 - Houve alguma coisa na sua filha que o tenha desiludido?

Hum...Sabe que não. Não, não posso dizer que haja, não. Aí é mesmo um grande não [riso]. Não ponto, não houve.

19 – E lembra-se de como era quando tinha a idade dela?

[silêncio] Lembro-me mais ou menos. [silêncio] Lembro-me, lembro-me perfeitamente. Eram...eram...eram anos muito diferentes porque eram anos de descoberta em que havia muita coisa...muita coisa nova a aparecer, os anos 80, os anos 83, 84, eram...foram anos de grande boom, de novidades, estava tudo a acontecer ao mesmo tempo. E então cá em Portugal [silêncio]. Creio que na altura nem nos...nem nos apercebíamos na altura de que tanta coisa estava a mudar mas...mas a percepção hoje, na idade dela deve ser a mesma. Elas ouvem falar dos temas, às vezes, lá gramam assim as notícias com o pai porque o pai pôs nas notícias. Mas lembro-me perfeitamente na idade dela...na idade dela eu também já estava a trabalhar também. **Começou a trabalhar muito novo.** Num negócio familiar mas...mas acabei...acabou...acabaram por ser anos...aproveitei os anos como foi...brincava muito mais do que elas hoje brincam. Mesmo com 13 anos brincava muito mais, muito mas muito mais do que elas hoje o fazem.

20 - Como era o seu dia-a-dia nessa altura?

Eu costumava dizer que nós não programávamos o dia, não programávamos o dia, não...o dia ia acontecendo. Pelo menos a mim era assim. Eu...eu se depois de a minha mãe me chamar para almoçar, se...se...se eu me lembrasse, ia bater à porta do meu amigo ao lado, ou se fosse preciso andava 5 minutos ou dez a pé para ir a casa do meu amigo, batia à porta, entrava e brincávamos e...Não havia uma programação, se à vinda passasse por um campo de futebol onde havia meia dúzia de gatos pingados dos meus vizinhos [riso] a jogar eu chegava lá eles diziam ‘tu ficas na equipa do não sei quantos’ e ficava ali a jogar e os dias eram muito imprevisíveis. Saía da escola e se fosse preciso, sabia que os meus pais chegavam mais tarde, ao fim do dia, saía da escola e se fosse preciso não tinha assim grandes trabalhos de casa, chegava a casa às vezes ao mesmo tempo que os meus pais porque passava o dia a brincar. Lembro-me perfeitamente que não...não tinha, não tinha, nem havia aquelas combinações. Hoje é preciso um protocolo que...**Também não havia telemóvel nem computadores, nem nada dessas coisas, era**

diferente. Na altura, depois acabou por aparecer os computadores e mesmo isso acabou por juntar ainda mais as pessoas não é, agora separa as pessoas.

Porque não havia programação, pelo menos no meu seio, onde eu vivia, no contexto em que eu vivia não havia e...Nós às vezes dizemos, mas sabemos perfeitamente que elas vivem noutra...noutra...elas vivem em 2011...em 2012 [riso], não vivem...mas sabemos perfeitamente que aquilo entra por um ouvido e sai por outro. 'Quero lá saber o que é que vocês faziam em 1983, não tenho ninguém que eu conheça desse ano [riso] a não ser vocês pais'.

Mas...mas lembro-me. Era uma infância muito mais vivida. Elas hoje se...se tiverem que...se a gente lhes disser 'epa pega em ti, vai bater à casa da M.', chegam lá. 'Ah mas a Raquel está na casa da avó'. Mora ao lado a avó. 'Vais lá bates à porta e entras e perguntas se a M. está, está, não está, não está'. Era o que acontecia quando coiso, batia muitas vezes com o nariz na porta porque precisamente não havia programação não é. Ah não sei quê... não o Marcolino foi com a mãe ao médico, não está cá'. Pronto, lá voltava eu, outros 10 minutos a pé se fosse preciso. Depois parava para jogar à bola ou então para cair em cima de...para ir buscar uma bola no meio de umas silvas, caía e ficava todo picado, chegava a casa e a minha mãe dava-me uns bons açoites ainda por cima não é, e as coisas passavam-se assim. Hoje em dia é diferente.

21 - Como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos?

[riso] Não lhe sei dizer, não sei mesmo dizer...O que eu sei dizer é que é assim, não porque me tenham feito acreditar, mas porque uma pessoa acaba por ter olhos para ver e perceber. Eu, neste momento, dada a nossa situação actual e a do país, não sei nem sequer onde eu vou estar no final deste ano. Não sei se vou estar cá, se vou estar fora, se elas também vão estar fora, se vão estar cá. Por isso nem sequer para este ano eu consigo ver. Eu tenho uma opinião muito própria e pode ser partilhada por muitos mas...O estado a que chegámos, mesmo do ponto de vista económico, o país, e...e esta hipoteca que se fez de tudo e mais alguma coisa, em termos da segurança social e tudo, eu não consigo imaginar que raio de futuro é que os jovens de hoje vão ter, não consigo. Eu em 90...em 90, em 85 às vezes pensava no futuro mas conseguia... Também tive, era o mais velho lá está, também tive que desbravar muito terreno, de 3 irmãos e havia...havia ali mesmo...mesmo quando eu tinha a percepção do que se estava a passar, e depois Portugal a entrar na CEE na altura, parece que se conseguia ver assim um futuro à frente, e que daqui a 20 anos as coisas iriam ser mesmo boas...porque caminhava-se para isso e notava-se isso, sentia-se isso. Hoje em dia não, não consigo ter essa percepção de longo prazo ou muito longo prazo, nem a curto prazo. Daí que me preocupo que...em criar as condições, já disse isso à S. [mulher], condições para que elas consigam ter algum meio de subsistência mas não consigo ver assim...Não é para elas não é, eu para elas acredito que se elas tiverem alguma coisa que gostem de fazer muito bem, que saibam fazer

bem, se possível, melhor do que as pessoas que estão à volta, conseguem talvez se destacar e conseguir agarrar uma oportunidade naquilo que elas gostam de fazer, se investirem delas, o tempo delas, a cabeça e se conseguirem apostar nisso mas não consigo, consigo ver melhor para elas mas não consigo materializá-las nesse tempo precisamente porque na minha cabeça, uma coisa que tenho partilhado com a S. [mulher], é que neste momento talvez fruto destas políticas todas e destes últimos anos, que já começou em 2002/2003, a pessoa parece...eu parece que me sinto um cidadão do mundo. Tudo isto tem feito um desgaste tal que a pessoa parece que vai...vai desbastando...como se diz?...aquele sentimento patriótico, em que a noção de pátria parece que fica assim gasta e que...fruto de todas estas correntes para trás para a frente e para os lados e problemas e desafios e superar, e superar, e superar. E acabamos por pensar assim, então mas isto aqui, se isto for assim aqui e se eu consigo dar assim aqui, consigo fazer em qualquer lado do mundo por isso não é por estar aqui em Portugal. E o futuro delas está também muito certo também naquele campo. Porque sempre as educámos sozinhas...não, sozinhas não, sempre as educámos sozinhos, sentimos que não temos assim nenhuma dependência. Como não temos nenhuma dependência, nenhuma bengala ali que nos tenha que ajudar a suportar com elas, mesmo com elas, sentimos...eu sinto que sou capaz de vencer em qualquer lado e vamos ver se não teremos que o fazer.

22 - Há mais alguma coisa que gostasse de acrescentar em relação ao que foi falado aqui?

Creio que ela, a M. tem...Os irmãos mais velhos têm sempre...uma condição diferente, não digo que é melhor nem pior. Eu fui irmão mais velho também, a S. [mulher] por acaso foi a irmã mais nova mas temos sempre uma condição diferente. Às vezes ajuda-nos a ser mais responsáveis, outras vezes menos, mas eu já vi também de tudo, por isso é que eu digo que não é melhor nem pior. Já vi irmãos mais velhos que são os mais novos [riso] do grupo, precisamente porque não encaixaram, acabam por ter que se socorrer dos mais pequenos para...que têm mais juízo às vezes que mas...A M. tem essa...essa responsabilidade inerente ao facto de ser mais velha porque...porque as irmãs olham para ela não é, olham para ela e olham...e porque ela já lá foi, porque ela já foi e já experimentou porque... como é que é? E a M. não tem ninguém a quem perguntar e sobretudo porque também no meio do nosso enredo, a nossa vida, nós acabamos por ter todos esses amigos à volta, tudo bem, não são muitos mas são bons, e todos eles têm filhos mais pequenos, a M. é ali a calmeirona. E... embora isso, às vezes, possa ser positivo, porque acaba por ter também, com isso também vêm os privilégios mais cedo que aos outros, acaba por...acaba por fazê-la crescer também mais depressa. Esse é o único revés da medalha que eu vejo, que é o facto dos irmãos mais velhos terem que crescer mais depressa do que os outros. É injusto [riso], é injusto, aconteceu comigo mas por isso eu sei perfeitamente o que ela. Sei perfeitamente? Não sei

perfeitamente, mas faço uma ideia mínima do que ela pode passar e dos desafios que às vezes se colocam ao irmão mais velho que e não se colocam mesmo aos outros.

Hoje em dia, hoje em dia...as minhas irmãs também recorrem muito a mim, sempre que têm grandes questões para...para tomar na vida. Pedem-me ajuda, às vezes, secretamente face aos maridos não é, pedem-me ajuda e eu não peço ajuda a ninguém [riso], ainda porque sou o irmão mais velho, porque eu devo saber, eu tenho que saber.

Mas os irmãos mais velhos também podem pedir ajuda aos mais novos. Sim. **Não é se calhar o mais natural, se é que assim se pode dizer, mas podem pedir.** Sim, sim, acredito que sim mas nunca nos prepararam para isso, nunca nos prepararam para isso...é algo em que temos que pensar para a M. [riso], acho que é só.

Pai 2

1 - Como é que é o seu dia-a-dia?

O meu dia-a-dia? **Hum, hum.** Pronto, trabalho numa empresa de...do ramo alimentar equivalente à Makro, ao Recheio, não sei se conhece, alguma delas. **A Makro sim, conheço.** Agora, infelizmente pelas más razões que vêm na televisão também [riso]. **Sim...**Sou operador de empilhador, trabalho com empilhadores e faço 8 horas de trabalho. Já fiz...há 1 ano atrás fazia mais horas, que tinha um part-time durante...desde que a D. [filha] nasceu, durante todo...saía do meu trabalho às cinco da tarde ou às seis e fazia outro trabalho. Agora continuo a fazer outro trabalho mas ao fim-de-semana, hoje estou cá porque estou de férias apesar de ser fim-de-semana tenho direito a férias à mesma, este e o próximo estou de férias.

2 – E como é que são passados os seus fins de semana? Em parte, já sei que são passados a trabalhar...

São a trabalhar mesmo. São, porque é o ano inteiro. Tenho um período de férias mas de resto estou sempre a trabalhar.

3 - E as férias? Como são as férias? São em família?

São, tiramos 15 dias, 2 semanas sempre para estar os 3 ou mais alguém de família, neste caso a minha cunhada, mas geralmente é. **Já sei que costumam ir para o Algarve não é, a sua mulher já me disse...**Sim, sim, sim, sim. Basicamente é para o Algarve.

4 – E quem toma as decisões na família?

Somos os dois. **Em conjunto?** Em conjunto sim apesar de às vezes pode parecer um bocado confuso eu durante 12 anos ou 13 anos estar afastado, de chegar muitas vezes dez/onze da noite acompanhava sempre o dia a dia, sempre acompanhei. **Pois, trabalha muitas horas mesmo.** Sim sim chegava a trabalhar 12 horas por dia. **Pois, é muito. Agora trabalha menos horas durante a semana mas depois acaba por trabalhar ao fim de semana.** Mas foi uma opção minha para acompanhar a D. porque não valia de nada eu estar a chegar a casa à meia-noite todos os dias porque ela tem trabalhos para fazer e o que é que se passa no dia-a-dia... foi uma opção minha, inverti as situações. **E há quanto tempo?** Há um ano e três meses, desde Janeiro de 2011. **Agora que ela é um bocadinho mais crescida no fundo não é e está nesta fase assim mais...** Sim, mas mesmo por causa dessa situação que eu tentei inverter as coisas para acompanhá-la mais.

5 - Como é que é a sua história como pai?

Acho que tenho sido...tenho sido um bom pai apesar do afastamento lá está...que referi, mas tentando às vezes compensar noutras coisas. **Por exemplo?** Compensar nas férias os atrasos que se têm durante o ano, estar presente com ela nas férias, 15 dias praticamente são passados ao lado dela. Vamos os três, vai muitas vezes a irmã da minha esposa e eu aproveito estes bocadinhos para estar a irmã com a irmã e o pai com a filha. Acompanho-a nas férias, os 15 dias são passados comigo, basicamente.

E gosta desses 15 dias? Gosto, gosto, gosto. Tem...tem sido...muito bom mesmo. A tal recuperação...que não é total em 15 dias mas que compensa muito, tanto para ela como para mim. **Fica com vontade de ter mais?** Sim, mas neste momento...neste momento e nos anos passados não era possível porque tenho objectivos na vida e aos poucos estou a cumpri-los, tenho metas e estou a cumpri-las. Só que pronto lá está a minha meta de trabalhar ao fim de semana não vai ser para sempre, há-de haver um momento em que vou parar, que quando chego a certas metas, pronto, porque a idade não vai permitir que aos 50 anos esteja com a mesma força física, isso é impossível não é. **O seu trabalho acaba por ser desgastante do ponto de vista físico.** Não, é físico mais ao fim-de-semana agora, mas o trabalho com as empilhadoras, trabalho 8 horas sentado, é a coluna, é pernas, é a cabeça. Cabeça porque tenho de estar atento mas tem-se aos poucos conciliado as coisas, não vou dizer que tem sido 100%, sempre bom porque nunca o é, isso não há pessoas perfeitas nem famílias perfeitas tenta-se equilibrar as coisas.

6 - Sentiu alguma vez desejo de ser pai?

Ah sim, depois de casar...até casar...nem nunca passava pela cabeça casar. Desde o momento que casei é evidente que sim. **Foi um desejo que surgiu depois do casamento.** Sim, sim, principalmente menina. **Queria ter um menina?** Queria, queria, tanto que a mãe quando terminou a ecografia e soube que era menina ligou-me logo. **Já sabia que era algo que desejava.** Sim, sim, sim. Se fosse menino então era...era igual não é, mas o principal...**mas tinha preferência.** Era, era, era menina.

7 - Acha que a sua relação com a sua filha tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Tem, quanto mais tempo estou com ela mais muda, muda em mim e muda nela. **Mas nestes ultimos tempos que ela é assim mais crescida já, tem notado assim algumas diferenças?** Tenho, principalmente nela. Portanto que eu estou à procura de um 3º emprego, para completar o resto da noite, e ela ficou com um impacto muito grande e desagradável que não quer que eu faça esse...esse...mais essas horas. Ela sente ao longo destes anos, é evidente que sentiu a falta do pai em casa não é, à medida que foi crescendo. Apesar de as férias, não completam o resto do ano. Mas desde o momento que tive condições

para trabalhar em dois empregos não ia ficar as férias acanhado em casa, há que gozar um bocado e usufruir aquilo que se ganha. **Claro...claro e é preciso mesmo para se manter um certo equilíbrio.**

8 - Mas essas mudanças que diz que vê nela são que tipo de mudanças?

Pronto, as mudanças que eu agora estou a ver nela foi desde que ela entrou para para o 5º ano [riso], não no 5º, não no 6º, mas no 7º já houve...influência de...dos colegas daquelas idades e este ano agora acentuou-se, também ela fez 14...**Mas que mudanças?** Pronto, uma atitude de querer impor mais a sua vontade, de responder mais qualquer coisa mas...nada que não seja da idade dela e dos tempos de hoje. Todos os dias, a gente olha para um lado e para o outro e vê crianças da idade dela que pronto, uns por um caminho, outros por outro mas que...a gente vê que muitas vezes não é a melhor atitude e eu tento, tanto eu como a mãe, não ser igual a nós mas que certos valores da vida que não se percam pelo caminho. Isso é uma luta que eu vou ter, e a mãe também. Agora igual aos pais nunca vão ser, nunca eu fui igual ao meu pai nem à minha mãe e a minha mãe já tem hoje 86 anos. Foram outros periodos, outra vida e eles sempre quiseram o melhor para mim e agora claro, eu quero o melhor para ela não é, mas os tempos são diferentes.

E nota outras mudanças nela além dela dar mais a sua opinião e responder mais?

Eu noto porque ao longo do crescimento dela, ela sempre foi e continua a ser uma menina educada e pronto, sempre lhe tentamos dar ocupações para que ela esteja sempre com esse sentido só que é evidente que as influências das colegas, de uma falar assim e de outra falar assado. Porque há uma situação em que os pais muitas vezes estão a divorciar-se, tudo isso eles levam para a escola em conjunto não é, e isso leva, se calhar, a uma certa revolta, qualquer coisa que às vezes ela responda [riso]...só isso, nada mais, para já nada mais.

Essa é a principal alteração? Para já nada mais. Claro que ela tem um grupo de 5-6 amigas, todas elas conversam se calhar das famílias não é? Eu conheço alguns pais com quem ela lida e de qualquer maneira o grupo é bom mas há sempre uma ou outra que é diferente não é. **Mas gosta das amigas da sua filha de uma maneira geral?** Gosto, gosto conheço alguns pais, a gente fala frequentemente, entre a gente troca ideias, o que uma ou outra estão a fazer...vai dar tudo ao mesmo, praticamente.

E em si tem notado mudanças nos ultimos tempos? Em mim? **Sim, em si.** Em relação a ela? **Sim, em relação a ela.**

Sim tenho, tenho mudado porque como a mãe ao longo do crescimento dela tem feito todas as vontades chegou o momento da minha vida que ela está mais crescida começa a ter peito entre aspas para mim e há atitudes que eu não gosto nela e tenho de a confrontar. Não pode ser tudo bom. Eu sou uma

peessoas, sempre fui um bom pai e isto espero continuar a ser mas há coisas que tenho de pôr um travão porque não concordo. Não posso dizer que ela faça coisas erradas mas tentar ver que as coisas também não é como ela quer. **Portanto sente que tem que pôr agora mais limites do que há algum tempo atrás?** Sim tenho, tenho. Tenho que lhe dar mais margem de espaço porque ela já está a precisar, já não quer tanto que eu ande em cima dela, seja na escola seja noutras coisas, eu próprio dou-lhe já liberdade. Sei que estou a confiar nela e ela porta-se bem porque se eu muitas vezes vou estar sempre a confrontá-la com isto e com aquilo ela acaba, se calhar, por fazer outras coisas ao contrário, que eu acho que não é a melhor maneira. Eu confio nela e sei o valor dela, o espirito de sacrificio dela, ela tem muitas actividades, é escuteira, tem muitas actividades, tem natação e tem muitas actividade. Já está desde os 7 anos nos escuteiros, 7/8, acho que é 7, já tem 14, hoje já é chefe dos exploradores onde ela está aqui em L.. Tudo foi um processo que...darem-lhe a parte de chefia do grupo já é uma responsabilidade, é valor, tudo isto tem valor, tudo isto foi bom para ela. Ainda há pouco tempo, menos de um ano, recebeu uma medalha dos escuteiros de 25 noites de campo, cada acampamento...já são 25 noites de acampamento...tudo isso é um valor para ela.

E tem orgulho nisso? Como pai tenho, tenho. Tenho porque vejo o sacrificio dela. **O investimento dela.** Não fui eu que a quis pôr lá à força, ela é que quis ir para lá e ao longo dos tempos foi gostando, agora está um bocado intermitente, não sabe se vai continuar ou não mas isso eu não posso...se ela não quiser não posso pô-la à força senão não aproveita nada. **Claro, tem de haver vontade da parte dela...** Sim, sim só que pronto, equilibrar os estudos com as actividades não tem sido fácil, não, não tem sido fácil. Este último ano do 8º ano, já tem outras matérias...já tem...tem sido mais puxado tanto para ela como para eu tentar ajudar com aquilo que eu sei, tem sido mais difícil mas...E ela teve um precalço este ano que partiu o cotovelo, tem sido...mas aí foi uma parte que me uniu mais a ela. **O facto de ela se ter aleijado?** Sim, muitas vezes, isto é como no casamento quando se casa é quando o padre diz que é na doença ou no estar bem e neste entre eu e ele, no caso da saúde eu uni-me mais a ela porque passei 3 noites com ela no hospital, acompanhei tudo desde ela ser operada, e a mãe também, mas eu é que ficava lá com ela à noite e...houve mais um conhecimento que a gente...24 h sobre 24h a gente conversava apesar de ela estar com dores mas nos periodos em que estava mais calma a gente conversava. **Portanto foi um momento... uma altura em que os aproximou?** Me chegou mais a ela, foi. Por acaso foi.

9 - Já me disse que a sua filha tem 5-6 amigas com quem se dá mais...

Sim 5-6 amigas. **E com quem ela convive de uma maneira geral?**

Ah! É uma ou outra amiga. **Mas essas amigas são da escola?** Sim, sim é tudo da escola sim, nada de colegas de, por exemplo, dos escuteiros. **Nos escuteiros não tem uma ligação tão próxima?** É capaz de ter um ou outro porque ela teve muitos anos na P. [local] e mudou aqui para L. [local]. Ela

teve...iniciou na P. [local], estive lá até há 2 anos e depois quando mudou para aqui, foi um impacto assim...ela é um bocado assim parecida com o pai. **Se calhar deixou lá alguns amigos.** Sim, não, já estava habituada e aqui mudou porque a residência é mais perto. Mas esse impacto, se calhar, ainda hoje por isso, se calhar, ela o querer desistir é um bocado por causa disso, porque na P. [local] já tinha aquele grupo de amigos. **Pois vinha desde criança.** Desde os 7 anos. A única coisa pronto, que se calhar a manteve ali é como era responsável e...havia essa motivação se calhar. Agora em relação ao grupo que ela não conhecia ninguém, conhecia 2 ou 3 mas que já saíram, que eram aqui da nossa praticeta, já saíram de escuteiros, com quem ela lidava mais.

10 - O que acha da ideia da sua filha namorar?

Uma coisa normal [riso], quando chegar a idade que o seja. Ela agora anda já com umas dicas e ideias [riso], já fala com a mãe sobre isso mas quando chegar o momento próprio. **O que é que sente em relação a isso?** Não, não, é uma coisa normal, que todos nós passamos, desde que seja no momento certo, acho que não e que seja com a pessoa que seja tipo...tipo igual a ela, tipo que pense igual e que faça as mesmas coisas parecidas, que eu acho que assim, se for uma coisa ao contrário...Ainda tivemos aqui uma conversa que...que um dia que ela comece a namorar ou que comece a trabalhar que não quero que seja ela a pagar as coisas ao namorado, que sejam os dois a dividir as despesas de lanches, disto e daquilo, tentar pelo menos incentivar isso, não seja a rapariga, que acontece muitas vezes que as raparigas pagam as coisas aos rapazes, isso não...essas coisas tentar meter na cabeça, pelo menos esse tipo de coisas. **Mas o quê...as raparigas não pagarem aos rapazes ou os rapazes não pagarem às raparigas?** Das raparigas muitas vezes pagarem aos rapazes. **Nota que acontece isso?** Acontece. **Por acaso não tinha essa ideia, estou a achar curioso...pensava que era mais ao contrário.** Não, principalmente nos tempos de hoje. **As raparigas pagarem aos rapazes?** Sim, principalmente nos tempos de hoje. Isso sempre houve essas situações, eu sou contra porque eu nunca fiz isso e que...que eu acho que o rapaz estar a explorar uma rapariga nesse caso não acho bem, não acho bem em lado nenhum do mundo. Há que dividir as despesas e isso ao dividir despesas ao longo da vida se chegar a casamento, quando entrar no casamento já há uma base que é assim a gente fazia isto e isto. Eu fazia isto com a minha esposa, quando namorávamos, ela pagava hoje, ou pagava amanhã ou em conjunto a gente pagava, tanto que entramos no casamento já com uma base de futuro que tudo o que a gente ia adquirindo era através dos dois. Não um a [imperceptível] o outro. Espero que ela essa mentalidade também lhe entre na cabeça, que é bom para ela. Nem eu quero futuramente um genro que esteja só a contar com ela isso está fora de questão. Ou o contrário...**Ou o contrário,** que ela esteja sempre a depender de... neste caso o contrário também, é válido para as duas partes.

11 – E já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

Se já pensei? **Hum, hum.** Talvez...mas sair de casa porque razão, por algum motivo que não se sintam bem em casa actualmente ou chegar ao momento próprio? **Não, chegar o momento em que há-de sair de casa não por nenhum motivo em particular mas se já pensou que ela um dia há-de sair de casa?** Já, já porque ela já me disse que quando fizer 18 anos, claro que é tudo em tom de brincadeira, às vezes quando há uma zanga ou outra, diz que quando tiver 18 anos quer ir embora e eu não me oponho desde que ela trabalhe e pague as despesas dela, é uma maneira de a confrontar para a vida [riso]. Claro que não, então desde que ela o tenha condições para o fazer, para pagar a renda e comida para ela se alimentar [riso]. Mas é uma maneira de ela futuramente de enfrentar a vida que tem de depender dela, claro que nós pais vamos estar por trás sempre, como acontece à maioria dos pais, não é. Muitas vezes os filhos casam e os pais dão uma ajuda muito grande, vai além de qualquer coisa. Infelizmente há casos assim não é? Casam e depois não há condições para pagar casa ou carro e os pais muitas vezes por trás têm que o pagar. A gente vamos estar sempre por trás mas espero que ela [estalido com a língua] também esteja a sua parte à frente...**Sim, que ela consiga assumir grande parte das suas responsabilidades...**Claro, claro. É evidente que se uma filha que casar que depois nalgum momento tenha dificuldades eu não vou dizer que não, se eu puder não vou dizer que não, mas que ela tenha já mentalidade depois para tentar resolver a sua própria vida. Pelo menos estamos a tentar trabalhá-la desde o início para que assim seja.

12 - Tem casais amigos com filhos da mesma idade da D.?

Tenho. Sim, sim.

13 - E costuma falar com eles sobre desejos e receios em relação à D.?

Sim, sim, sim. Com colegas de trabalho, praticamente têm entre 13/14/15. Sim. **Os seus colegas de trabalho também têm filhas mais ou menos com a mesma idade?** Sim, eu estou-me a referir a colegas de trabalho e muitas vezes o que é que se passa na escola, quais as atitudes que eles têm. **Sim, portanto costuma falar.** Sim, sim para saber. Eu ao estar a falar e eles comigo a dialogar para saber realmente qual é o mundo actual e o que vai na cabeça deles. Claro que eles são todos diferentes mas as atitudes, muitas vezes o que se passa nesta escola passa-se noutra. **Portanto acha que é útil.** Não, tem sido útil, ou eles darem conselhos sobre o que eu posso dizer à minha filha e eu certas coisas a eles que faço com a minha filha que se calhar serve para outros colegas. Mas as nossas ideias não são sempre válidas é todo um conjunto de trocar ideias. Nós temos a nossa maneira de ver a vida, eu e a minha esposa, outro casal já tem outra maneira de ver, aquilo que eu estou a educar o outro casal se calhar educa de outra maneira. Ela...a gente educa que ao passar de ano a gente nunca lhe oferecemos nada isso é uma coisa que a gente meteu assim. Agora é assim, o que ela precisa para o dia-a-dia tem, não é por passar que é

um prêmio, o prêmio eu sei qual é o prêmio, que eu sei o valor dela e quando ela precisar ‘oh pai eu quero isto, oh pai eu quero aquilo’, ela tem sempre não é preciso chegar ao fim do ano escolar para comprar as coisas. Isso, ela nunca pediu nada em troca porque tanto eu como a mãe sabemos o valor dela e quando ela precisa se a gente puder, a gente disponibiliza para ela. Tanto que ela tem uma contazinha já há muitos anos, sabe o valor que tem e nem pensa no dinheiro que lá tem. A gente disse para o que era, que a gente há-de chegar um momento, hei-de chegar a uma idade que eu não hei-de trabalhar tantas horas e que depois não a posso ajudar tanto mas já tem aquele dinheiro se quiser isto ou aquilo...**Mas a ideia que têm em relação ao dinheiro é ajudá-las nos estudos mais tarde?** É para os estudos, é para a faculdade. Eu posso chegar ali àquela idade e não ter disponibilidade para certos dinheiros...até agora tem sido possível...**Portanto é no sentido mais de assegurar a educação dela?** Sim, sim, sim, sim. E que ela depois possa tirar dali já da conta para certas coisas. Se a gente puder ajudar muito bem, senão é uma garantia que dali já pode tirar alguma coisa, é um pé de meia.

14 - Como é que descreve a sua filha?

Como é que eu descrevo...alegre, com espírito de sacrifício muito grande...pronto, e com muitos valores da vida. **Quando diz espírito de sacrifício é no sentido de ser trabalhadora?** Sim, o trabalho dela neste caso é a escola, a natação, nem vou pôr a natação porque isso é uma coisa que ela gosta mesmo, mas os escuteiros que implica muitas vezes ocupar os fins-de-semana, muitas vezes 3 dias, quando estão de férias, e ainda vir e tentar estudar mais alguma coisa quando tem testes no dia a seguir.

15 - Conte-me uma história com a sua filha.

Eu e ela? **Sim.** [riso] [silêncio] Temos algumas...**Uma que gostasse de partilhar...ou que tenha sido importante para a vossa relação.** [silêncio] Pronto, talvez esta última agora quando ela esteve no hospital, que como a gente vivia 24h sobre 24h, foram 3 noites que...que ela pronto, sentia que...que tinha ali alguém em quem contar e que se precisasse de algo mais que eu estava lá e que pronto, não...é uma história que não é feliz mas acaba por...mesmo para ela foi importante. Agora, se disser outras histórias temos algumas mas essas 3 noites pronto, eu tentava à parte da dor dela que eu não conseguia tirar mas a nível psicológico contava-lhe histórias comprava-lhe revistas, toda essa parte mental que ela se apagou um bocadinho, desde que caiu e foi operada meteu na cabeça que nunca mais ficava boa, toda essa parte eu consegui dar-lhe a volta e saiu dali um bocadinho animada. Tentei trabalhar para isso, a dor não podia tirar porque estava ali e só com o tempo é que ia desaparecer a dor mas o resto...ainda houve momentos em que a gente se riu muito no hospital.

Por acaso quando fiz esta pergunta pensei que fosse falar neste episódio, percebi que tinha sido importante e marcante para os dois...

Sim, foi marcante para mim e para ela tanto que houve ali uma noite que a gente estava-se a rir tanto, que a gente tinha TV no quarto e tivemos a sorte de ficar num quarto à parte em vez de ela ficar com outras senhoras. Ficou, como ela era menor, ficou num quarto à parte e houve momentos que nós ríamos e eu contava-lhe anedotas e outras coisas que até um enfermeiro foi bater à porta para ver se estava tudo bem, a gente ria-se, já eram 11 horas da noite e nem estávamos a fazer muito barulho mas era a maneira de eu tentar fazê-la sorrir um bocado. Mas foi importante...e felizmente quando há coisas más, nem tudo é mau há coisas que dali saem positivas.

16 - E o que deseja para a sua filha?

O que mais desejo...Que se empenhe nos estudos e que o que ela escolher, e ela ainda não sabe o que é que lhe vai na ideia, que se chegar à faculdade que consiga, não sei o que é que ela vai querer. É preciso é que se empenhe não é [estalido com a língua], mas se se empenhou até agora e tem sido muito bom para ela e para nós, se ela se continuar a empenhar até ao fim, o que ela escolher que tenha sucesso. **Tem alguma preferência?** Não, não. Ela dá-me umas dicas que gosta de comunicação social e disto e daquilo. Não sei, ela tem 14 anos, há-de chegar um momento que há-de ter de escolher qualquer coisa. **Ainda tem um tempinho.** Tem um tempinho mas no que ela se meter que tenha sucesso, é isso que eu desejo para ela.

17 - E o que é que mais teme? O que mais receia?

Se calhar, encontrar alguém, de colegas que a façam desviar do bom caminho que tem tido. Esse é o meu único receio, que à medida que vão crescendo a mentalidade dela vai ficando mais forte, a personalidade vai ficando mais forte e que eu depois não possa fazer para que, se calhar, mude aquele caminho. Espero que isso não aconteça. **Portanto, é a sua preocupação, que ela conheça alguém que a desvie...** Alguém ou algum grupo não estou a dizer que seja um namorado, algum grupo que a faça desviar para o caminho errado. Porque até à data, e se continuar assim, ela tem sucesso seja no casamento, seja em trabalhos, se continuar assim. Ela tem espírito de sacrifício, tem capacidade de muita coisas, ao longo da vida há-de ter tempo para ter o seu sucesso e eu espero que tenha. O sucesso dela é o nosso sucesso, que a gente como pais ficamos felizes, o que ela escolher, desde que seja para o lado bom...eu...o meu pensamento desde que nasci foi sempre para o lado bom, nunca o lado errado. Convivi com muitos colegas do lado errado da vida mas eu nunca...**Quando diz lado errado está a falar de drogas?** Sim, sim. mas nunca me deixei influenciar por isso. Tinha o meu sentido de vida, o meu gosto de vida, gostava deles como amigos mas nunca segui para a outra margem. **E também tem esse receio em relação à D.? Ou é com outro tipo de coisas?** Não, não. É esse tipo...que já se passou na minha família coisas que...que ela até um ponto era correcta, conheceu uma tal colega incorrecta que a levou para um mau

caminho. **Alguém da sua família, é isso que me está a dizer?** A minha sobrinha, que é da minha idade, eu tenho 44, ela tem 42. Crescemos juntos, ela até à idade da D. talvez 15, tudo correu correctamente. O meu irmão, que é o meu irmão mais velho, sempre a tentou pôr em colégios também que a fizessem...dela uma mulher e...conheceu uma amiga que...ela mora em O. [local], que...depois foram outros caminhos. Teve que estar internada em F. [local], em T. [local], por causa da droga. É essa parte é que...para o meu irmão e para a minha cunhada em especial foi um desânimo muito grande ter de mandá-la para F. [local] para que houvesse uma cura, agora acho que está um bocadinho melhor, que já não a vejo há muito tempo mas ficam as marcas. Mas espero que não, e não vai acontecer. A D. tem um pai e uma mãe que...**Estão atentos.** Estamos, estamos. Apesar de muitas vezes parecer que estou muitas vezes for mas estou muito atento. E uma coisa, ela esteve aqui no colégio aqui perto, aqui talvez 2-3 Km em L., uma coisa que a marcava sempre, depois de tantas horas fora de casa, havia o dia do pai, havia o dia disto, e eu estava sempre presente, nunca faltei, isso foi uma coisa que a marcou sempre ao longo do tempo de infantário, esteve lá até aos 10 anos. Isso foi uma coisa que a marcou. Havia o dia do pai, havia o dia disto mas eu nunca faltei. Havia aqui uma escola em baixo, ela esteve aqui até ao 4º ano até transitar para o 5º ano. Houve aquela despedida de finalistas, que chamam agora, e estive presente. Muitas vezes a minha esposa não, porque o trabalho dela muitas vezes não permitia, mas sempre estive presente, tanto que as educadoras disseram que mais vale...o pouco que seja bom. E eu sempre a acompanhei...que eu senti que ela até aos 3-4 anos...ela andou num psicólogo no infantário. **Andou? Tão pequenina?** Com 4 anos talvez, porque senti...ela sempre foi uma bebé contente e sempre feliz e a gente sempre lutou para que ela estivesse bem, só que houve um período ali de 3-4 anos em que acharam que ela estava triste e andou acompanhada alguns meses por psicólogo, que ia lá à escola, que era do Ministério da Educação e que pronto, a gente ia às consultas, ela não estava presente. Primeiro, falavam com a D. sozinha não é, e depois chamava-nos os dois para explicar se a gente tinha alguma razão de um bebé com 4 anos estar naquela situação. Os psicólogos faziam a desenhar o que é que ela sentia e ela fazia uns desenhos tristes. **Mas na altura chegaram a perceber o que é que se poderia estar a passar?** Se calhar derivado a eu não estar em casa presente naquele período, não foram muitos anos mas...ela chegava do infantário, era tomar banho, era fazer o comer, há aquele período em que ficam sempre sozinhos e é naquela altura em que querem brincadeira. Até aos 5 anos é aquele período em que a criança desenvolve mas tem que ser com o pai ou com uma mãe a acompanhar não é. **Mas a sua esposa estava presente...**Estava. Mas ao fazer jantar, dar banho...O período que sobra já não é muito, há o cansaço de ir para a cama. Depois chegava eu 10 horas/11 horas da noite já ela estava a dormir. Aí eu senti uma quebra dela, mas depois...depois eu senti isso, que era essa falta de apoio e tentei me esforçar mais um bocadinho e apostámos nas férias tanto que a psicóloga disse que depois...a D. depois que vinha das férias, vinha outra, vinha sempre diferente. E

foi aí que me apercebi realmente da importância do acompanhamento dela. A psicóloga dizia que quando a D. vai de férias e vem dá um salto! E foi por isso que a gente investiu nas férias.

E eu lutei muito para que apesar de todas estas horas tinha que haver tempo para a D., tanto que ela agora quando eu disse “olha o pai vai-se inscrever no trabalho, vai trabalhar até às 11h da noite, ela ficou triste. E eu não decidi se realmente eu vou, também ainda não me chamaram, já fui à segunda entrevista mas tenho que pensar bem se...o que é que já perdi para trás, se vale a pena continuar a perder. Expliquei-lhe que era para bem dela ganhar mais qualquer coisa mas ela ficou um bocado triste [estalido com a língua], vou pensar melhor ainda. **Ainda vai ponderar...** Vou, vou ponderar porque o dinheiro não paga tudo e o estar sem ela e ela sem mim, isso não há dinheiro nenhum que pague, não é por mais alguns euros que se vai perdendo outras coisas. Era querer mais qualquer coisa até para o futuro dela mas...mas ainda não está nada decidido.

18 - Houve alguma coisa que o tenha desiludido na sua filha?

Que tenha desiludido? **Hum, hum.** Não, não. Tenho tido...ela não é uma menina 100%, não é 5 estrelas mas não, até à data não.

19 - Lembra-se de como era quando tinha a idade da sua filha?

14 anos? 13/14 anos. Lembro-me perfeitamente...perfeitamente.

20 - Como era o seu dia a dia na altura?

O meu dia-a-dia andava na escola ainda e foi o meu último ano de escola. **Com 14 anos?** Sim, foi opção minha deixar a escola para ajudar os meus pais em casa. **Estava no 9º ano então.** Não, 7º. 7º ano porque na primária houve uma professora que embirrou comigo entre aspas e me chumbou na 2º classe e não me passou dois anos seguidos. A partir daí, depois passei sempre.

E lembra-se de como é era quando tinha 14 anos?

Pronto, referente à idade era já...tinha liberdade dos meus pais para que chegasse depois da hora normal que havia naquelas alturas. 8 horas e os meus colegas muitas vezes estavam em casa, 8/9. Tinha liberdade para acompanhar colegas mais velhos, todos morando ali no mesmo bairro e que podia chegar 10-11h que os meus pais confiaram em mim. Foi um voto de confiança que tive deles que me fez crescer muito. Aproveitei esse voto de confiança. Desde os 10 anos que os meus pais me deram liberdade para chegar muito tarde a casa e aproveitei esse voto de confiança para crescer, cá fora, com os outros colegas mais velhos mas...lá está o lado bom...que eu muitas vezes já via outras coisas e que não me encaminhei para isso, já havia alguma maturidade, cheguei aos 14-15, já tinha alguma maturidade, aproveitei o lado bom...que os meus pais também me educaram para o lado bom da vida e aproveitei. **Depois começou a**

ajudar os seus pais? Sim aos 14 anos, foi opção minha, que eu sei que tinha capacidade para algo mais mas que foi decisão minha completei o 7º ano.

21 - Como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos?

Daqui a 20 anos...ora 14, mais 20, 34 anos. [silêncio] Bem encaminhada na vida, com aquilo que ela escolheu, que há-de escolher, não sei. E eu hei-de estar cá ainda para...para ter alguns sorrisos de alegria, tenho 40 com mais 30 ainda é possível...**Então não é?**[riso] **É bem possível e provável!** 84 neste caso. **84 não. Daqui a 20 anos, 64.** Ah está bem eu pensava que era 30. Neste caso sim, então neste caso é 64, posso estar, posso não estar mas se eu cá estiver que...que a veja bem. Imagina-a com sucesso? Sim, sim, sim. **E a nível pessoal?** A nível pessoal o quê?...a formação ou? **A pessoa...**A personalidade dela é isso? **Ou se está junta, se está sozinha, se está com filhos, sem filhos, em termos de relações afectivas?** Como os tempos de hoje estão...não, mas espero que casada, estou sempre a brincar com ela, que quero um neto não é. Isso pode ser que a incentive, se ela o quiser não é. Não, mas espero que casada e com filhos não é. Hoje em dia, os tempos é...além de casarem mais tarde, casam e há separações também, que não acontecia há anos atrás. Isto...casar é fácil, manter é que é mais difícil. Em qualquer situação não é, o casamento não é diferente. Estou casado há 17 anos e nem tudo é fácil, aliás até à data nem tudo foi fácil [estalido com a língua], mas manter o casamento dá prazer, enquanto se gosta dá prazer. Mas espero que ela esteja bem, esteja acompanhada de quem goste e eu rodeado pelos netos [riso], que depois tenho muitas histórias para contar.

22 – Há alguma coisa que queira acrescentar ou que ache que é importante ainda dizer...

Não. Acho que tudo o que foi perguntado foi positivo.

Pai 3

1 - Como é o seu dia-a-dia?

Bem, o dia-a-dia, com as miúdas [riso], de manhã...pronto, de manhã a N. [mulher] é que as leva à escola. Pronto, elas estão no I. [escola], têm aulas das...das 8 até às 4 sensivelmente. Depois têm alguém que as traz para...para casa. Ficam...Elas chegam por volta das 5 a casa. Pronto, tanto eu como a N. [mulher] trabalhamos...estamos os dois ocupados, trabalhamos não é...Essencialmente entramos às nove. A N. [mulher] entra um bocado mais cedo logo quando...das nove até às sete, sete e pouco. As meninas neste...pronto, elas ficam ali um período de uma hora ou duas sozinhas em casa não é, a fazer os trabalhos. E depois entre eu e a N. [mulher], vamos chegando aí por volta das seis e tal, sete, oito, depende dos dias, se há mais ou menos trabalho. Não há propriamente uma hora, não temos assim um horário fixo não é. A partir daí, depois há ali um acompanhamento, saber se elas fizeram os trabalhos, se não fizeram, essas coisas todas e...pronto, é o jantar, estamos ali um bocado com elas ali à noite, à mesa, pelo menos ali normalmente é o nosso ponto onde mais calmamente durante o jantar se pergunta como correu o dia, como é que não correu, como é que as coisas estão, pronto, saber como é que as coisas estão a correr na escola, os resultados dos testes, essas coisas todas. Pronto, depois vê-se ali um bocado de televisão...Pronto, está-se ali um bocado em família. Mas é assim isto é o dia-a-dia durante a semana não é. Depois aí por volta das dez, dez e pouco, elas deitam-se. **A M. [filha mais velha] tem então uma irmã, pelo que percebi.** Tem, tem. A M. vai fazer agora 13, faz agora em Maio, falta um mês sensivelmente e tem uma irmã que é a C. [filha mais nova], que vai fazer 10. Têm ali uma distância de 3 anos. Pronto, aquilo as duas, aquilo é tipo o gato e o rato. É, que elas têm feitios muito diferentes. A M. é uma...pronto, é uma criança extrovertida, gosta bastante da irmã mas anda constantemente a provocar a irmã. A outra é mais explosiva, é mais calma mais ao mesmo tempo mais explosiva quando a provocam e aquilo...Ao fim-de-semana pronto...

2 – É isso que eu ia perguntar, como são os fins-de-semana?

Ao fim-de-semana os programas são...pronto, aí já são mais variados não é. Depende. **Já vi que a M. vai, não sei se a M. se são as duas.** São as duas, são as três aliás, vão todas à natação. É a mãe e as duas filhas, vão as três à natação, têm agora, durante o sábado de manhã, já está preenchido com esta hora e depois os sábados e o restante dia de sábado isso agora varia muito. É assim se têm festas, às vezes vão para casa das amigas, outras vezes somos nós que programamos coisas para o fim-de-semana, ou com amigos ou vamos passear. Alguns fins-de-semana também a M. já está numa idade que começa a ter mais responsabilidades com os estudos. Já não é a primeira vez também que...pronto, fica, também prefere ficar em casa. Pronto fica ali naquele clima ali de casa a estudar para os testes. A C. [filha mais nova] a esse nível

ainda não nos prende tanto. Pronto, consegue, o tipo de trabalho que ela tem...tem uma dinâmica diferente porque é assim durante a semana em pouco tempo consegue controlar os trabalhos. Ao fim-de-semana não há aquela preocupação de ter 3 ou 4 testes às vezes como tem a M. e tem já que programar um estudo por forma a que, já não consegue assegurar o planeamento do estudo só nas vésperas. Já necessita de alguma antecedência não é, principalmente quando tem muitos testes. E são alguns fins-de-semana assim não é. Claro que nesses fins-de-semana, tenta-se intercalar, não é o fim-de-semana todo a estudar mas restringe um pouco as nossas actividades. Quando o tempo está bom tentamos às vezes fazer um pouco, quer dizer já de há uns tempos para cá que tentamos fazer algum desporto ao ar livre, ou andamos de bicicleta ou irmos dar um passeio a pé ou correr, vai-se criando assim umas dinâmicas ou...ou ir assim para uma zona que se possa andar sei lá tipo para Cascais, para o Chiado ou isso. No fundo é estar um pouco ao ar livre não é. Pronto, e há outros fins-de-semana que nós também temos umas actividades extra...como pronto, a N. [mulher] em termos de trabalho está numa empresa de contabilidade. Temos aí uma empresa ou outra por fora. Às vezes também nos restringe durante o fim-de-semana.

3 - E as férias em família como é que são?

As férias em família é assim, normalmente temos...um período fixo não é, porque esse é quase certo, 15 dias que costumamos alugar uma casa e pronto, vamos para fora ou para o Algarve. Andámos muitos anos a ir para o sul de Espanha também. **Vão os 4?** Sim, vamos sempre os quatro. Isto ocupa sensivelmente metade das férias, a outra...o outro período costumamos tirar uma semana também, costumávamos sempre uma semana ir para fora...que...é assim, nós por norma tirávamos...isto ultimamente, quer dizer, de há uns anos para cá a forma de organizar as férias tem variado um pouco. Antes de elas...pronto, terem assim menos responsabilidades tirávamos as férias em Julho e Agosto. Neste momento as férias têm-se centrado mais no mês de Agosto. Praticamente, de há 2 ou 3 anos para cá, as férias têm sido praticamente todas utilizadas em Agosto e temos nesse período os tais 15 dias e depois uma semana em que se tenta fazer...às vezes tem acontecido ir para casa de amigos nossos não é, para fora de Lisboa também ou para o Norte de Espanha ou isso. E...e depois há uma semana que passamos aqui em Lisboa, também todos juntos, em que...poderá ser em Agosto ou noutros períodos que também...pronto, andamos ocupados e tenta-se arranjar actividades ou um fim-de-semana assim para fora ou então em Lisboa mas a fazer passeios, de um lado para o outro. **E elas têm mais tempo de férias do que vocês não é, têm 3 meses praticamente. Durante o tempo que não estão de férias com vocês ficam por casa, costumam fazer colónias ou...?** É assim, durante esse tempo realmente, estava a pensar mais do ponto de vista de família não é. Elas efectivamente têm...pronto, elas têm um...durante as aulas, elas estão no I. [escola], acho que já disse isso, e elas têm férias...elas têm aulas até finais de Junho. Iniciam as aulas logo no início de Setembro. Porque elas sensivelmente dia 4...3, 4, 5 de Setembro

começam logo com aulas e depois têm só, pronto, elas têm 2 meses e mais uns dias. Um mês passam connosco, está assegurado com a nossa companhia quase a 100%, e o outro mês no meu serviço há um...existem actividades de tempos livres e elas passam pronto, estão lá...há ali uma proximidade também comigo. Aquilo o horário...elas estão ocupadas das nove até às...aquilo o...os tempos livres é das nove até às...seis e meia. À hora do almoço, almoçam ou comigo ou às vezes vão almoçar com umas colegas mas dentro lá do círculo também de amigos não é, e acabam por estar pronto, ocupadas o dia todo com alguma proximidade dos pais. Pronto, em termos do dia-a-dia...é assim, à noite as coisas não mudam muito não é, ali a diferença é que em vez de irem para a escola vão para os tempos livres. **Acaba por ser um dia de trabalho entre aspas.** Sim, é um dia de trabalho entre aspas mas não tem...mas não há assim uma mudança na nossa rotina em casa, em vez de virem da escola vêm dos tempos livres. A dinâmica é muito idêntica, têm só a hora do almoço que muitas vezes vão almoçar comigo e...e acaba por...pronto, não haver assim uma mudança muito grande, acabam por ter um ambiente mais descontraído, eles de vez em quando também têm muitos passeios para fora, pronto, acabam por ter assim umas excursões mas também são excursões de ir e vir, têm assim um...

4 - E quem toma as decisões na família?

As decisões...É assim, nós a esse nível, costumamos...funcionar muito em sintonia, tanto eu como a N. [mulher] tentamos...pronto, não há propriamente...pronto, um é mais rígido num aspecto, outro é mais rígido noutra mas a decisão que um toma, o outro tenta sempre compactuar, pronto...e tentamos sempre...estar em sintonia não é, ou há uma espécie de acordo entre os dois de...ou se alguém tem que tomar uma decisão, supostamente o outro já está...ao corrente não é, a não ser que sejam coisas muito pontuais e que se tenha que agir de imediato não é mas...mas decisões assim premeditadas normalmente há sempre uma troca de impressões entre os dois. Depois ou um ou o outro reporta ou estamos os dois presentes mas...mas há sempre uma...pronto, existe sempre o objectivo, antes de mais, de existir uma discussão entre eu e a N. [mulher] e depois aí actuar junto delas. Existe sempre esse diálogo prévio não é, a não ser que seja assim momentos assim já de conflito ou isso é que aí não há hipótese de...actua-se e depois transmite-se o que é que aconteceu, não aconteceu. Mas tentamos mais ou menos que...que a educação que é dada a elas que pronto, que esteja realmente de acordo com...pronto com o que é discutido entre os dois. Aí a esse nível ou mesmo que elas queiram ir para uma casa de uma amiga, às vezes acontece não é. Pronto há sempre uma discussão prévia entre os dois. Olha ela este fim-de-semana está a pensar ir para casa de uma amiga, às vezes acontece, há sempre uma discussão prévia entre os dois. Este fim-de-semana ela está a pensar ir casa de uma amiga, o que é que achas, o que é que não achas. Ou em termos de educação, de ir para o inglês, isto ou aquilo, discute-se sempre isso em conjunto. Não há propriamente...**uma decisão unilateral.** Não, quer dizer, eventualmente poder-se-á dizer é que em

termos de comportamento talvez, em termos de permissividade, talvez aí eu nalgumas coisas seja mais flexível, talvez aí a N. [mulher] seja mais intransigente, às vezes, com a forma de elas estarem, porque elas não...como eu disse já que...pronto, as duas, elas gostam muito uma da outra mas por vezes também têm feitiços que chocam e aquilo às vezes não é fácil gerir o dia-a-dia delas não é, porque andam, volta e meia há conflitos e depois há sempre um que tem mais paciência do que o outro, às vezes, para assimilar esse tipo de comportamento. Aí, talvez eu nalgumas situações seja mais flexível não é, talvez deixe as coisas desenrolar um bocadinho mais. A N. [mulher], a...a esse nível, é mais, pronto, é mais intransigente e intervém mais cedo, acaba por ter esse papel.

5 - E como é a sua história como pai?

[silêncio] É assim, como pai...ao desempenhar este papel não é, tento estar o mais próximo...o mais próximo delas...Tentar auscultar realmente o...pronto, estar atento ao comportamento, auscultar realmente os problemas, tentar apoiá-las, a todos os níveis, quer a nível de estudo, quer a nível da educação, quer também...pronto, no próprio relacionamento que elas possam ter com colegas, muitas vezes também há conflitos e aí também estar atento, tentar perceber e dar o pronto, o máximo apoio. Mostrar-me sempre disponível não é, de forma a tentar ter pronto, uma abordagem que não crie uma espécie de barreira não é, que elas se sintam à-vontade, ou pelo menos tento fazer por isso, que elas sintam algum à-vontade para poder chegar a casa e contar as coisas que acontecem no dia-a-dia. Agora, quer dizer, isso é uma situação que...quer dizer...para alguns problemas elas têm mais à-vontade às vezes em falar com a mãe, noutros com o pai, depende das situações. Talvez ao nível de questões pessoais não é, do facto de serem mulheres, nalgumas situações se sintam mais à-vontade com a mãe a falar, há outras que com o pai e depois também nalgumas situações é uma questão de conveniência também, elas aí são muito espertas e quando é para pedir, aí tentam principalmente avançar para aqueles alvos mais...que é mais provável de se conseguir logo o objectivo. Mas tentamos...pronto, estar próximos delas e ao mesmo tempo, pronto, disponíveis não é.

Mas esse papel que falou que tinha junto delas portanto é agora mais recentemente não é, mas ao longo do tempo, desde que elas nasceram como é que tem vindo a evoluir? Sente que o seu papel tem vindo a mudar de alguma forma?

É assim as mudanças...é assim, não sinto mudanças, o empenhamento é o mesmo, a forma de actuar é que é um pouco diferente não é, porque quando...quando elas eram mais pequenas a lógica ali, o acompanhamento era mais de apoio, mas que...mas que não...o diálogo era limitado, era diferente, era mais de brincar e mais dar apoio, mudar as fraldas essas coisas todas, quer dizer aí, em termos de tarefas como pai, entre pai e mãe sempre, mais ou menos, houve aí um paralelo que, não houve aquela distinção que a mãe faz isto ou o pai faz aquilo, mais ou menos íamos repartindo essas tarefas desde pequeninas não é, de

mudar fraldas, de fazer isto ou aquilo, ou dar os medicamentos ou levar ao médico, essas coisas sempre fomos...é assim, sempre houve uma gestão muito paralela não é, ou repartida de forma igual entre pai e mãe e sempre houve essa proximidade. Agora os anos, claro que conforme elas vão crescendo...é assim, em termos de contacto claro que é diferente e temos que ter...e mesmo...elas aos poucos e poucos começam a querer também sair fora do meio familiar. Já começam a gostar de ir para casa de amigas ou a M. com 13 anos já começa a querer ir para o cinema sozinha com amigas e aí requer uma atenção já diferente da nossa parte porque temos que estar já atentos a outros...pronto, temos que ter uma atenção diferente, temos que começar já a alertá-la para umas situações, mas tem...quer dizer, essa proximidade tem existido sempre, tem existido sempre, quer dizer no nosso ambiente familiar tem existido sempre esta proximidade com ela. **Essas situações que diz que...que situações são essas que de alguma forma sente que tem que alertar a M.?** É assim, a M. com...já tem 13 anos, já começa a... pronto há ali um despertar não é, já para a adolescência, começa a querer afirmar-se, pensa que já sabe tudo e, quer dizer, começa a entrar num meio que nós já passámos por isso também e que sabemos que há ali uma série de contactos agora com novas realidades, em que, pronto, começam entre...na idade delas para já começa já a despertar a questão do...do...como é que eu hei-de dizer?...de...dos namoros, essas coisas todas, começa já ali a haver um interesse entre os rapazes, quer dizer, começam a ser já abordadas entre colegas já numa perspectiva diferente e é a esse nível que começamos a alertar a M. para esse tipo de situações, a mãe também já a alertou para o facto de ela estar numa fase de transição que...pronto, que começa a partir desta fase estar eminente o facto de surgir a menstruação, essas coisas todas. Teve também um diálogo a esse nível. Quando vai para casa de amiguinhas ou vai para o cinema também, tentamos alertar que, pronto, para elas se portarem bem, como se começa por vezes no círculo de amigos provavelmente uns que são mais inovadores e às vezes podem trazer alguns vícios, como o tabaco ou outras coisas ou até a nível de drogas e isso, às vezes. Não sei se naquele meio possa já existir ou não mas...mas estamos cientes que nestas idades, é onde começam já os primeiros contactos com esse tipo de situações e tentamos alertá-las para...pronto, para isso, quais são os riscos, pronto, tentamos sempre estar...pronto, atentos e...pronto, a dar-lhes a conhecer realmente as implicações que podem ter alguns...pronto, esses contactos não é, que nesta fase poderão parecer inocentes ou que poderão pensar elas que aquilo pode ser uma forma às vezes de se afirmarem como...nesta fase pré-adolescente mas que isso...pronto, tem consequências e mesmo no comportamento, mesmo dentro do grupo de amigos...já começam a ter algumas atitudes para se afirmarem não é. Muitas vezes essas atitudes têm a ver com a forma de estar, com a forma de vestir, com o que fazem e é esse tipo de situações que, dentro do possível, tentamos estar atentos, dialogar e que pronto, muitas vezes também não é fácil porque, quer dizer, a nossa vida profissional cada vez mais também nos preenche mais e tentamos ao final do dia durante a semana e aos fins-de-semana, dentro do possível, ir acompanhando. Há ali um período ali bastante grande que é...aliás que para nós é impossível

acompanhar, que é quando estão nas aulas. Aí, realmente elas estão por conta própria e têm pouca supervisão dos professores mas que...mas que alertamos não é. Elas por enquanto não são umas crianças que...é assim, elas efectivamente estão uma hora ou duas em casa sozinhas mas acabam por estar ali fechadas, não há ali uma liberdade de poderem sair...Pronto há algum controlo, sabemos que elas não saem, que não entra ninguém em casa, não há aquela situação de...pronto, como algumas crianças da idade delas que às vezes as aulas terminam mais cedo ou isso e estão uma tarde inteira sozinhos em casa, vão para casa de amigos ou...isso durante a semana não acontece.

6 - Sentiu alguma vez desejo de ser pai?

Sim, isso...isso foi sempre...é assim, foi uma situação programada, não foi nada...tanto nas duas situações, para as duas aliás, e...pronto, e foi tudo e desde cedo, quando..quando casei com a N. [mulher] que pronto, houve logo essa vontade, não foi logo no primeiro ano mas ocorreu logo passado um ano e meio para aí. Fomos pais com 27 anos. **Têm os dois a mesma idade?** A N. [mulher] é mais velha que eu três anos, mas eu tinha 27, a N. [mulher] 30.

7 - Acha que a relação com a M. tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Tem vindo a mudar, e tem vindo a mudar não no meu papel como pai porque eu respondi mais no meu papel como...como pai mas no comportamento da M., como filha, aí tem mudado bastante, aí tem sido uma mudança bastante significativa que é assim, sinto que a M. de há uns anos para cá, ao crescer, realmente é assim, existe uma proximidade...pronto, existe uma proximidade bastante grande à mesma entre os dois mas nalguns aspectos nota-se que nesta fase ao mesmo tempo que...quer dizer, em alguns aspectos a M. parece que bloqueia algumas situações pelo facto de ser pai. **Ser pai e não ser mãe, ser pai e filha é isso?** Exactamente. E aí para algumas situações, que ela recorre mais à mãe e também tem a necessidade de se afirmar mais, de afirmar mais o seu espaço que é uma coisa que a mim me irrita um bocado [riso], que não estava habituado não é, porque...É assim, nós em casa...nós temos uma maneira de estar muito...pronto, é assim, muito aberta...ninguém reserva o seu espaço, a nossa porta do quarto está sempre aberta ou encostada, no limite, mas nunca fechada...e pronto, andamos descontraídos em casa, não há assim uma preocupação muito...é assim, muito grande...às vezes a pessoa sai do banho, ter de me tapar à frente dela ou essas coisas e na M. com esta mudança de idade e com a alteração do corpo dela e também é normal a esse nível, houve o cuidado da parte dela de, pelo menos em relação a mim e em relação à mãe também, que isso também se notou, que...com o crescimento, que ela começou...começou-se a, pelo menos na parte íntima, isso foi uma mudança radical. Começou a refugiar-se e a fechar-se...não queria...pronto, tinha cuidado de não se expor, de não...mesmo que inadvertidamente que algum de nós não é, tivesse ocupado o espaço dela e muitas vezes no seu dia-a-dia também que ela refugia-se às

vezes...uma coisa que não me agrada muito...quer dizer a questão da intimidade tudo bem, aí eu respeito e acho que...quer dizer cada um é como cada qual, estamos a falar da intimidade e temos que respeitar. Agora há outras situações que me incomodam um bocado às vezes, é que a M. reserva muito o seu espaço, o seu espaço quando está no quarto, fecha a porta, fecha...pronto, e nós nunca tivemos habituados a esse tipo de comportamento, quer dizer e a C. [filha mais nova] ainda é mais pequena não é, e ainda não sei se irá ter o mesmo comportamento ou não, isso também penso eu que depende de jovem para jovem, mas a M. é uma criança que preserva muito o seu espaço, gosta muitas vezes de se fechar, quando está ao computador também, é assim, não gosta que as pessoas se aproximem ou que invadam, quando ela está no *facebook* ou isso, e isso às vezes temos algumas pegadas em casa...que é assim, eu acho inadmissível não é, que se ela não tem nada a esconder porque é que há-de ter a preocupação de alguém chegue ao pé dela quando está ao computador ou quando...é como se estivesse...é como se estivesse a fazer algo que pudesse ser censurado ou que ela não queira partilhar, isso faz-me um bocado quer dizer...O nosso objectivo não é controlar, quer dizer, [riso] ou pelo menos controlar de uma forma mais dissimulada. Não vamos para ali ver o que é que ela escreve ou deixa de escrever não é, estamos constantemente a alertá-la que é assim, para os perigos do *facebook* e de outras...que às vezes possa haver não é, no grupo de amigos para ter muita atenção nesses meios ao grupo de amigos com quem interage, pelo menos pessoas que conheça e não...não se expor realmente a outras pessoas que possam surgir que não sejam do seu conhecimento. Isso aí, porque aquilo é um...acaba por ser um mecanismo que eles facilmente se expõem em ambientes abertos não é na *internet* e que poderão ser abordados por pessoas que se possam, de uma forma dissimulada, passar por outra e aí tentamos alertar e ela diz-nos não que a esse nível praticamente só...funciona dentro do seu grupo de amigos. Eu também tento é assim, pelo histórico do computador às vezes...é assim, ver o...quer dizer como fico um bocado preocupado pelo facto de ela...é assim...isto normalmente costuma-se dizer quem não deve não teme não é, e como ela não tem muitas vezes uma postura despreocupada pronto de pronto, estar no *facebook* ao lado de nós ou isso...isso faz-me um bocado confusão e depois também da nossa parte como pais também requer uma maior atenção. Eu às vezes vou ao histórico do computador não é que a nível do *facebook*...pronto aí existe...pronto, acaba por...não se conseguir saber onde é que, qual é o círculo de amigos pronto que ela possa interagir mas pelo menos a nível de outros sites ter alguma atenção para saber se anda em zonas menos devidas ou não...e tentamos...e...às vezes também se tenta dentro de um limite controlar o acesso do computador. **Controlar alguns sites.** Por acaso isso ainda não o fizemos, de recorrer a alguma aplicação ou isso que possa limitar o acesso. Foi uma situação que até já ponderámos eu e a N. [mulher] de...pronto instalar um *software* ou isso que possa pronto limitar o acesso a alguns sites de...mas gostamos de estar atentos a essas...porque isto o mundo da *net* aquilo consegue-se extrair...extrair tudo e mais alguma coisa e ter acesso a tudo e mais alguma coisa. Não é que, quer dizer, é normal na idade deles mas...

Quando fala de restringir o acesso a sites, eu estou a partir do princípio que é sites mais para adultos. Sim, exacto é sites mais para adultos ou coisas que...não quer dizer que na idade deles mas o...não fico chocado que ela eventualmente tente nalguma vez, acho que é normal na idade deles, nessa idade de...pronto, de eventualmente por curiosidade algum dia recorrer a um...pronto, tentar fazer uma pesquisa em sites desses...mas temos que estar atentos a essas coisas. Se é mera curiosidade ou se fazem por sistema. Eu penso que ainda o nosso papel na qualidade de pais acho que tem que passar mais pelo...pelo, quer dizer ao fim ao cabo filtrar o que é curiosidade e o que é obsessão pronto e...também se se puder criar alguns mecanismos de filtragem também não sei se é bom, se é mau mas...Não foram criados ainda porque não me pareceu que fosse necessário.

8 - E há assim mais alguma mudança na sua filha que sinta que esteja a afectar a vossa relação para além dessas que falou de ela preservar o seu espaço?

É basicamente a preservação do espaço dela...também é a maneira de estar dela, do querer, posso e mando, que acaba por passar pela sua própria afirmação do querer já começar...é assim, de querer já estar mais junto de amigos não é, começar a querer criar programas. Os programas já não passam só pelos pais mas querer também criar programas com os amigos, ir ao cinema ou de...por enquanto, ainda está só nessa fase, ainda não veio com outros tipos de pedidos para ir para discotecas e coisas do género ou sair, ou sair sozinhas. Os programas ou passam por ir para casa de amigas que normalmente são de...vão para casas de amigas de pais que nós conhecemos. Ainda não ocorreu nenhuma situação de surgir uma amiga vinda não sei de onde. Pronto, aí normalmente quando vão para casa de amigos que nós conhecemos os pais, dá-nos algum conforto também a esse nível. É os cinemas...é...e...pronto, mudanças basicamente é o nós começarmos a sentir que ela está a crescer e quer dizer está a ficar mais responsável também a nível de estudos que pelo menos nesta fase é importante não é, e é bom que ela continue porque isto ainda está a começar, esta fase crítica da adolescência ou da pré-adolescência. Pelo menos ela tem essa responsabilidade agora e ficamos satisfeitos com isso. É o querer afirmar-se...que também já...já tem peso, que é importante e que ela também tem que começar a querer, começar a dar-lhe espaço para ela fazer o que ela quer, é a preservação do seu espaço e no ideal dela que, também...que é importante também estar junto dos amigos e começar a programar coisas com...sair do núcleo dela e que lhe faz feliz realmente estar que ainda ontem, é engraçado, que estava a dizer que...estávamos a falar sobre este ano de...pronto, de ir ao Rock in Rio.

Ela foi na última vez, foi só com a mãe, eu não fui, fiquei com a C. [filha mais nova], que ela ainda era pequena e a C. [filha mais nova] este ano a preocupação dela é que queria ao Rock in Rio com os pais mas que a M. não ia porque já tinha ido e nós dissemos que isso não era justo não é, que a outra depois como é mais jovem mas gosta de conquistar tudo o que a irmã já conquistou e conquistar de uma forma

que este ano vou eu e a outra não porque ela já foi e não é justo que vá duas vezes, eu só fui uma. Acaba por haver esse tipo de conflitos. E o que a M. estava a dizer é: ‘ah mas eu este ano já não quero ir com vocês, quero ir com as minhas amigas’, já quer dar o passo seguinte porque eu era mais feliz se fosse sozinha com as minhas amigas e nós dissemos, quer dizer, essa felicidade também passa por...acho que ainda és jovem e temos que equacionar bem isso. A N. [mulher] aí empurrou a decisão para mim não é. Disse que, e disse que...nós dissemos que achamos muito bem que ela pode ficar, para ela pode ser importante ir sozinha mas que também tem que ter noção que essa felicidade também passar se estiverem reunidos realmente todos...quer dizer os mínimos de haver alguma segurança de elas estarem sozinhas não é, porque se não essa felicidade pode-se traduzir noutra contexto não é. Aquilo realmente são festivais não é, que tem muita gente e quer dizer tem pessoas bem intencionadas, outros provavelmente poderão também numa fase inicial ir bem intencionados mas como depois aquilo tem pronto, jovens alcoolizados, às vezes ,ou com drogas ou não sei quê, é preciso...quer dizer ela tem que ter noção que são mais...mas ainda ficámos de pensar. **Ainda estão em processo de decisão.** Ainda estamos em processo de decisão e pode ser que se arranje ali uma solução intermédia, que possamos estar todos juntos ou haver ali alguma proximidade mas isso é uma situação ainda a equacionar e no grupo que ela poderia ir, ia uma amiga mais velha, que é filha de um casal amigo nosso, que já tem 15, mas de qualquer forma não me agrada que elas, quer dizer, numa multidão daquelas, com 13 anos, que andem ali um pouco à deriva. Tem que se arranjar uma forma de controlo pelo menos na entrada e na saída e lá dentro também, haver de vez em quando alguma proximidade.

E em si? Tem notado mudanças em si ao longo do tempo?

[silêncio] É assim, em relação a mim não noto assim...Noto que o modo de actuar como pai é diferente porque quer dizer as nossas preocupações vão mudando conforme elas também crescem. Quando são pequenas, as preocupações é mais com...com...quer dizer, com a forma como elas estão não é, de bebés, se caíem, se não caíem, se estão bem. Quer dizer a atenção e as preocupações estão mais ao nível da segurança, do meio, porque muitas vezes não medem o que fazem, não têm consciência às vezes do perigo. [recebe telefonema da N. [mulher]]

Mas estava a dizer que a preocupação, naquela fase de crescimento, muitas vezes, é eles não têm consciência do que fazem ainda...e com os anos as preocupações passam [riso]...passam para outros níveis não é, mais da forma de andarem ou de estarem mas também pela forma de se relacionarem não é. Depois aí as preocupações passam um pouco pelo...passam pelo próprio relacionamento e a abertura depois para...também para outros meios não é, que começamos a ter menos controlo, quer dizer, quando deixam... começam a sair da nossa redoma entre aspas não é e...**que é um pouco o que estava a dizer**

de ela agora começar a querer dar-se com amigas e passar tempo em casa de amigas e falando nisso já me falou um bocadinho também mas vou perguntar-lhe na mesma.

9 - Com quem é que se dá ou convive a sua filha?

É assim, ela...a M. é uma criança muito...como já disse ela é extrovertida. Extrovertida não é, quer dizer é uma falsa extrovertida porque depois nalgumas situações ela é tímida mas no relacionamento com...nas suas amizades, é uma criança que dá-se com tudo e todos. Não é selectiva. Quer dizer, selectiva não é ou não é uma criança que tenha um grupo pequeno de amigos. Por exemplo a C. [filha mais nova], a irmã, a esse nível é uma criança que privilegia mais um grupo de amigos pequeno. Tem 4 ou 5 amigas e depois dá-se com uma ou outra mas aquelas 4 ou 5 realmente é o núcleo duro. A M. aquilo dá-se com tudo e todos, aquilo é, gosta de ser o centro das atenções e gosta de...e acaba por ter aí...pronto, uma dinâmica muito grande quer com rapazes quer com raparigas, consegue conquistar todos praticamente. Eu acho piada que ela desde pequenina nas festas dos rapazes às vezes era a única rapariga que ia porque era das poucas que alinhava naquelas brincadeiras todas. Isso começou-se a notar a partir dos 8/9 anos. Também depende do tipo de festa, às vezes do tipo de actividades que possam fazer nas festas mas havia muitas festas que realmente que os rapazes às vezes começam a...os rapazes e as raparigas começam-se a separar às vezes nalgum tipo de festas não é. E é engraçado que a M. e...quer dizer, quer nas suas festas ou quer nas festas dos amigos normalmente aquilo estava sempre em todas porque ela tanto se adaptava às brincadeiras ou ao ambiente com amigas ou com rapazes. Aquilo é assim um...Não diria que seja maria-rapaz porque ela é feminina não é, como rapariga é bastante feminina mas também é assim toda despachada e gosta de...e se for preciso joga à bola e se for preciso anda de skate, anda de bicicleta, é assim muito activa e depois gosta é de festas com muita gente lá em casa, aquilo...nós de há uns anos para cá, no início, as festas eram muito...naqueles quer dizer...acabavam por ser naqueles espaços fechados não é, com insufláveis ou com actividades. Com estas idades já começa a ser mais complicado arranjar assim um espaço atraente para eles e a solução, a solução intermédia foi começar a fazer festas em casa, convidava os amigos e tal, andavam ali por casa, ouviam música enquanto um ia à rua, andavam...nós temos assim uma praceta, uma alameda assim grande com jardim, aquilo dá para andar de skate, de bicicleta, de patins e essas coisas. E então iam todos lá para baixo e aquilo era, pronto andavam ali todos entretidos e brincavam com balões de água pronto, e basicamente era assim, sentiam-se felizes nesse ambiente, livres mas num ambiente seguro e as coisas iam funcionando entre os 8, 10/11/12. Agora já começa a...mais aquelas festinhas de...de ir ao cinema ou de ir jantar fora todos juntos. Depois arranja assim uns programas assim já mais de jovens, mais sofisticados, já não...já não pega aquela...e é basicamente esse...

E conhece todos os amigos dela?

Sim, os amiguinhos dela basicamente...é assim, o grupo todo aliás, o grupo todo de amigos da M. é todo da turma dela da escola e o I. [escola], o I. [escola] acaba por, porque aquilo é uma escola em que quer dizer a maioria das crianças entram, aliás para entrar têm que entrar muito jovens que é difícil, cada vez é mais difícil dado o número de p. [pessoas de outra nacionalidade] que anda a entrar no país...é assim, aquilo era...é cada vez mais difícil às vezes pais que vêm trabalhar para Portugal ou isso...de assegurarem realmente a entrada dos filhos lá, ao contrário do que acontecia há alguns anos que aquilo era uma escola mista, tinha crianças de...que eram filhas de pais p. [pessoas de outra nacionalidade] não é...os dois ou um deles era p. [pessoa de outra nacionalidade], e depois havia outras crianças que pais eram portugueses e que eram pais que pronto gostavam do ensino do I. [escola] e...e tentaram promover a assimilação de uma outra língua não é. Neste momento, aquilo é assim...essa figura de pais só portugueses, neste momento praticamente não existe. O que existe ou são só pais p. [pessoas de outra nacionalidade] ou um misto, um dos dois que consegue assegurar a nacionalidade dos filhos ou dupla nacionalidade, portuguesa e p. [pessoa de outra nacionalidade] para entrarem e ele...isto vem a propósito de que, quer dizer, eles praticamente, desde muito pequenos andam todos juntos, tiveram só uma...uma mudança de turma, que não era usual, acho que foi na pré-primária. Entre os 3 e a pré-primária tiveram ali uma mudança de turma, de resto era sempre o mesmo grupo, mas de qualquer forma continuaram a ver-se no recreio. E agora, este ano, na mudança do 6º para o 7º, porque no 5º e no 6º o I. [escola] a lógica ainda é muito a da primária, é o mesmo professor, não têm um professor para cada cadeira. Eles têm sempre o mesmo professor, depois têm como é óbvio se tiverem música claro que aí o professor não assegura as aulas de música ou aulas de inglês, mas por exemplo as matemáticas, as ciências, a História é tudo dado pelo mesmo professor e eles só sentiram essa mudança, que normalmente as crianças não é, que estão no ensino português sentem que é na primária para o ciclo preparatório, em que passam a ter vários professores, têm que andar de sala em sala, eles só sentiram isso agora no sétimo e...e aí também no I. [escola] aproveitaram para alterar novamente, distribuir a lógica das turmas mas eles não haja dúvida que...quer dizer o grupo deles é assim muito coeso, muito estável e aquilo podemos... quer dizer eles arrancaram nos 3 anos com 4 turmas sensivelmente, quer dizer que iam sempre partilhando o mesmo recreio em turmas separadas mas entre aspas conheciam-se, havia ali claro que um núcleo mais...mais coeso dentro da própria turma que mudou para aí aos 5 ou aos 6 e mudou porque a turma onde a M. andava era assim um bocado irrequieta e houve ali necessidade de distribuir alguns elementos. Tiveram mais uns 4 anos, 4 não, uns 5 para aí, 5 ou 6 anos, foi desde a 1ª classe até ao 6º sempre com a mesma turma e agora, novamente, voltaram a fazer ali uma distribuição mas é uma distribuição que é um pouco, quer dizer, distribui ali um pouco aquele grupo coeso mas que ainda vão ficando alguns, que ela ainda tem colegas desde a primária que ainda estão na turma dela desde o início, alguns que estão desde o início,

desde os 3 anos e foi agora novamente o ter contacto com colegas que não teve durante 4 anos ou 5, que retomou novamente e tem acesso aos outros no recreio. Isso realmente depois, é assim, todo...todo o seu contacto de amigos a todos os níveis, de ir ao cinema, de ir a festas, de *facebook*, isso tudo anda muito preso a esse grupo, depois existe um outro grupo de amigos que são filhos de amigos nossos, que aí acaba por...**que também conhecem**. Sim, sim. São amigos de confiança, ou alguns com quem já temos passado férias juntos, que quando há festas...estamos...pronto há sempre um convívio entre...entre...entre casas não é, estão sempre convidados de umas festas para as outras. Pronto, estamos a falar de um grupo também que tem alguma, também tem alguma dimensão. Numas alturas é mais dinâmico, noutras não mas ainda é um grupo para aí de, não sei, 10 ou 15 amigos talvez amiguinhos que possam ter fora do seu grupo da escola e depois também, depois também há ali uma interacção entre grupos de amigos da irmã. **Mais nova**. Mais nova. Quando há festas de...quando...quando há programas com a irmã, às vezes a M. pode eventualmente interagir. Pronto, mas é...o grupo da irmã também é lógico que, como andou na mesma escola, acaba por haver pessoas em comum. A nível de prédio não há assim muita...há muitos jovens da idade dela. Pode-se dizer que tem muitas crianças, temos logo porta com porta uma criança que tem mesmo a idade da M., quer dizer, nasceu no mesmo ano, no mesmo mês e no mesmo dia. Aquilo mais coincidência, têm diferença de horas. E há para aí, não sei, provavelmente, umas 10 crianças no prédio dentro dos parâmetros da idade dela, mais ano menos ano, mas que nunca...nunca houve ali grande convivência, uma vez ou outra mas nada de...**Não são assim as grandes amizades dela**. É, é estranho. No meu tempo era diferente, a nível de prédio havia assim uma grande convivência e de rua e isso perdeu-se tudo. Ali não há, elas não têm, é assim, não existe ali convivência de...pronto, de rua...isso, talvez, também um pouco pela preocupação dos pais não é perante os problemas dos dias de hoje de não os deixar na rua sozinhos com a idade que elas têm ainda não gostamos...não gostamos que elas vão para a rua sozinhas não é. Apesar que a gente, aquilo tem uma alameda, não circulam carros, podem andar ali de bicicleta, podem...mas gostamos sempre de ir com elas, estar lá em baixo ao pé, próximos...que dá-nos algum conforto porque em casa a pessoa pode estar a ver mas é diferente. Mas a nível de prédio ainda tentámos assim com o vizinho do lado e isso, promover alguma dinâmica não é, entre elas para estarem juntas ou brincarem mas nunca houve e com outros amiguinhos mas não...Quer dizer, há um bom relacionamento entre vizinhos, até entre adultos, as pessoas estão...não temos razão nenhuma de queixa a esse nível. Nuns temos mais confiança, noutros menos mas o clima é bom dentro do prédio, mas a esse nível nunca houve entre crianças, nunca houve assim grande convívio. Temos conhecimento de que há lá uma criança ou outra que se dão bem e que andam cá em casa uns dos outros que às vezes também é agradável não é, mas não, com elas não...

10 - O que acha da ideia da sua filha namorar?

É assim a M...ela desde muito jovem, ela já em pequenina, notávamos assim alguma propensão para ter assim uns namoricos. Por acaso era engraçado, até mais do que agora. Porque ela já quando tinha os seus 4/5 anos, já nos apercebíamos que...e aliás, até era mais extrovertida a esse nível. Às vezes a gente perguntava se tinha namorados, 'ah agora namoro com o...o não sei quantos e não sei que mais' e havia, até havia mais conversa a esse nível, conseguíamos captar mais esse tipo de coisas, desses namoricos, do que actualmente. Hoje em dia, aliás até tenho mais dificuldade, acho que isso, que esse tipo de diálogo, da parte dela sinto-a mais introvertida a esse nível do que quando era pequenina, que às vezes apercebíamos não é, que havia troca de cartas e apercebíamos, às vezes, mesmo nas conversas entre eles 'ah e tal a M. é namorada de não sei quem' ou 'o não sei quantos gosta da M.'. E hoje em dia, ela aí realmente tenta ser mais dissimulada...não...reserva-se mais...não é uma situação que me...é assim...que me preocupe...acho que...acho que é natural, na idade deles, acho que é natural. A única coisa que...pronto, que chamamos a atenção é que ela pronto tem que ter juízo, tem que ter cuidados, que a mãe entretanto acho que já teve também uma conversa com ela, pronto já foi uma situação que falámos entre os dois também, que era conveniente alertá-la que eles agora pronto, já...a relação de namorados é diferente de quando tinham 3, 4, 5, 6 anos não é, que da parte dos rapazes já poderá haver outras intenções, que terá que haver cuidado com...pronto com esse tipo de situações e que...a mãe já teve uma conversa com ela realmente quais são...pronto ela acho que já tem a noção do que é uma experiência sexual, essas coisas todas...já...penso que com a idade deles, eu pelo menos quando tinha a idade dela não só já sabia...e a tendência agora é para saberem mais do que no nosso tempo mas de certeza absoluta que ela...quer dizer nós às vezes também partimos da convicção que eles sabem...parte-se muito dessas convicções e são conversas que também não são fáceis de ter normalmente a esse...acho que...actualmente acho que a mãe será o elo de ligação mais fácil para ter essas conversas, pelo menos nota-se que...e isso em parte porque a M. para algumas situações refu...quer dizer...refugia-se mais na mãe ou recorre mais à mãe para determinados assuntos e para outros, para mim. E daí que também essa dedução não é, que ponha entraves nisso e muitas vezes quando posso intervenho logo que...quando...pronto ela toma um lado que vá ou isso...ah quando foi uma vez para...foi no ano passado, foi para uma excursão para P. [país], eles lá no instituo de vez em quando promovem assim umas viagens, aliás acho que foi a primeira...para fora não é, e foi mais do que um dia e chamámos a atenção para...pronto alertámos numa série de situações...eu aí, quando posso intervenho logo e digo logo que ela tem que ter cuidado com os rapazes, com os vícios, com drogas, com essas coisas todas que...pronto que...que não se deve deixar influenciar e que não deve ver o facto de às vezes não aderir a uma coisa que...alguma ideia que possam trazer, que não é...que não se deve sentir excluída, que não deve ver isso como um factor de afirmação ou de exclusão caso não adira e que não se deve sentir menos ou que...e dou-lhe muitas vezes

exemplos, às vezes, de jovens...que uma pessoa vê na rua e isso é aproveitado para dizer 'olha provavelmente foram jovens que se quiseram afirmar e fazer coisas que não eram devidas e hoje em dia o destino deles é este e que deves ter sempre a esse nível realmente uma posição, quer dizer intermédia, não estou a dizer que...eu também já passei por essa fase e...gostava de me divertir, gostava de sair, gostava de...agora nós temos que saber sempre onde está o limite das coisas e haver um equilíbrio entre gozarmos a nossa juventude e ao mesmo tempo mantermos a responsabilidade'. E pronto, é esse tipo de coisas que gostamos de inculcar, nela quer junto dos amigos quer junto... pronto e alertá-la sempre ...acaba por passar por aí.

11 - Já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

[riso]...Não, claro que estamos...É assim, não é uma preocupação imediata mas é uma situação que...pronto, que estamos cientes não é...estamos cientes que...quer dizer poderá acontecer, mais cedo ou mais tarde, quer dizer ainda mais que a M. quando...a M. tem assim umas ideias...quer dizer, ela preserva muito a sua independência, o seu espaço e essas coisas e...volta e meia...é uma criança também, que em certa medida, muito ambiciosa e acho que...que acho que aquela responsabilidade que ela tem de estudar também, preocupa-se muito com o amanhã e o que é que vai fazer e se vai ter...e tem que optar também por uma carreira, que lhe assegure alguma independência...e...já não é a primeira vez que diz que quando acabar o I. [escola] quer ir para P. [país] estudar [riso]. E a gente ouve e cala-se não é. **Já foram até confrontados com essa possibilidade.** Sim, sim. Já várias vezes, já não é a primeira vez e quando está arrelviada então isso parece que 'ah eu quando tiver que ir para uma Universidade não sei quê, quero ir para P. [país]'. E eu 'está bem logo se vê' [risos]. Mas quer dizer, realmente quem tem filhos e estão em escolas que realmente adquirem outra língua como língua materna realmente há esse...há mais esse risco não é. Porque é assim, elas acabam por ter uma porta aberta mais facilmente para outras...pronto para outro...acabam por ter essa porta aberta para terem outros acessos para outras universidades que muitos jovens portugueses se calhar não vêm isso ou que não têm esse acesso tão facilmente não em porque há sempre a questão da língua, que não dominam a língua e...e isso parece que não acaba por ser um...pronto um handicap que...e temos noção, também no meio de amigos da N. [mulher] não é, porque a N. [mulher] também...também chegou a estudar dois anos no I. [escola] ainda...e também tem alguns colegas não é que...do meio... que são, que têm nacionalidade p. [pessoa de outra nacionalidade] e que nos apercebemos realmente que há esse risco de realmente irem, se dominarem a língua facilmente...quer dizer se não tiverem acesso a um curso, a uma universidade que queiram entrar aqui facilmente, desde que os pais estejam dispostos a financiar, depois também há esse pequeno detalhe que não é assim tão pequeno [risos], que...e que terá que ser equacionado não é, mas têm muito essa facilidade de poderem, quer dizer, facilmente ter e terem colegas que os possam desafiar não é, ou ex-colegas aliás

porque é assim, no I. [escola] elas estão num meio...é assim, o I. [escola] realmente elas...aquele é um núcleo muito fechado. É como já falámos, um núcleo muito restrito, eles conhecem-se todos uns aos outros, passam muitos anos a estudar mas também tem outro inconveniente, que às vezes dentro do grupo de amigos mais chegado, muitas vezes vêem-se confrontados com amigos que saem do I. [escola] ou porque os pais estavam cá a trabalhar em Lisboa em empresas ou embaixadas ou...e são casais que muitas vezes têm dupla nacionalidade e que muitas vezes saem do país de um momento para o outro. Ela ainda recentemente teve aí um caso de...quer dizer não um...que o pai é p. [pessoa de outra nacionalidade] e a mãe é portuguesa pronto...e agora com a conjuntura, o pai teve a oportunidade de trabalhar para o Panamá e pronto são pessoas que dominam outras línguas e que já estão deslocadas do seu país e que mais facilmente se deslocam para outros meios não é. Este é um exemplo, há outros que nem sequer são portugueses não é, estão cá temporariamente a trabalhar ou que abrem negócios aqui, que de um momento para o outro podem sair, outros que estão em comissões de serviço, outros estão, quer dizer, há n situações e a M. dentro do seu período escolar já se deparou com algumas situações destas, 3, 4, 5, já não posso assim quantificar...**então já teve algum contacto com essa possibilidade de abertura para outros...**é e isso vai criando ramificações realmente em vários pontos, em P. [país]...de hoje para amanhã não me admira nada que, quer dizer, quando ela começa a equacionar a hipótese de ir para uma Universidade, que algum comece a desafiar-la que algum comece a desafiar-la até podemos ir...se calhar há uma universidade boa em P. [país] ou em M. [cidade estrangeira] ou em V. [cidade estrangeira] ou aqui e acolá e que facilmente se calhar, ou de amigos de cá ou em contactos depois não é, que eles vão mantendo os contactos depois pelo *facebook* de alguns que já estão em P. [país] até e amigas que ela tem agora neste momento, que elas estão a ver que vão para P. [país], que de hoje para amanhã, é assim, venha a ser desafiada olha 'eu agora estou a pensar ir para S. [cidade estrangeira], para a Universidade ou para aqui ou para acolá, não queres também vir' e isso realmente o risco é bastante grande.

O que é que sente face a essa possibilidade? É assim [num tom mais agudo], é assim é uma s...preocupa-nos um bocado. É assim, se tivermos em atenção que uma entrada na universidade poderá ser feita, poderá ocorrer aliás aos 17...17/18...ainda é uma idade assim bastante imatura não é, porque já passei por essa idade e eu acho que é...dos 16 aos 19/20 acho que é a idade mais crítica que...pronto, que a pessoa privilegia muito realmente as amizades...quer dizer...as borgas, tudo isso e que, uns mais, outros menos e que depois tentam fazer o tal equilíbrio entre os estudos e...e também para nós, para pais não é fácil, quer dizer de um momento para o outro, porque essa saída é uma crítica não é, porque se ela nos sai com 18 anos, o curso que poderá levar 3 ou 4 anos não é, e agora com os acordos de Bolonha que reduzem o período do curso mas depois quase todos andam a tirar o Mestrado, é os 5 anos, é o que se vê, na prática é uma fachada e os jovens com a dificuldade que têm de entrar no mercado de trabalho e, quer dizer, com 21/22 e com as dificuldades que têm em entrar no mercado de trabalho a maioria deles opta

por estudar mais um ano ou dois para reforçar o currículo, tudo isso e...quer dizer, ao sair de uma Universidade, aquilo praticamente sem retomarem a casa aquilo poderá ou não ser um elo de passagem porque se entrarem no mercado de trabalho já vêm com aquele espírito de independência e se calhar o objectivo será mesmo...**ficarem em terras não lusas**, ou não lusas, ou...quer dizer há esse risco de ficarem em terras não lusas, nem era por aí que eu ia, não era por aí que eu ia. Mas o estarem habituados já a essa independência logo que consigam adquirir uma independência financeira vão querer ter o seu próprio espaço não é, acho que é normal não é. Porque quando estão a estudar em casa aquilo estão habituados a terem as mordomias não é, tudo prontinho, a roupa lavada, a comida feita e ...mas eu penso que quem estuda fora depois há ali um choque de voltar outra vez às regras de casa e...em que há um controlo maior não é, de entrar, sair, de fazer o que lhes dá na gana, e aí é provável que eles mais facilmente ou então gostam mesmo de mordomias e aí sentem a necessidade de, quer dizer, terem tudo feito e não terem a preocupação do jantar, chegar a casa e ter o jantar feito, ter a roupa passada, não ter preocupações com a limpeza, o dinheiro que ganham realmente poderem usufruí-lo completamente, como muitos jovens não é, que gostam de usufruir bem aquela...de viajar, de isto e aquilo...mas é uma situação que nos preocupa. Aliás e já equacionámos até eu e a N. [mulher], quer dizer, nós temos duas filhas mas não ficou completamente de parte de vir a ter um terceiro, e como a N. [mulher] está já numa situação...pronto está numa idade já crítica não é, tem 43 e eventualmente o ano dessa decisão...quer dizer essa decisão...colocou-se a questão de eventualmente, se engravidasse era este ano se não, não...mas também não está fácil agora...a situação económica também não é propriamente...pronto, que isso traz alguns constrangimentos e quer dizer não só financeiros mas depois a outros níveis...mas para nós também...é assim, era...pronto, é o passar por aquela fase de se ter outra vez um bebé em casa que tanto um como o outro gostámos, foi...acho que aquele período do crescimento...acho que foi bastante saboroso e ao mesmo tempo acaba por ser esta diferença de idades não é, porque na M., caso viesse a ocorrer...ainda não sabemos [muito baixinho]...andamos assim um bocado na despreocupação [riso]...se isso vier a ocorrer, há ali um desfasamento grande de idades que, quer dizer, quando elas saírem ainda acaba por...um conforto...a rotura vai-se fazendo aos poucos não é. **Não ficam com a casa vazia** logo assim de repente não é porque elas têm 3 anos de diferença e há o risco de realmente de aquilo pegar lá em casa [risos]...mas é, nós gostamos de ter a companhia delas e acredito que não seja fácil começar a vê-las sair. **A abandonar o ninho.** É. E o risco maior é se elas forem estudar para fora. Se elas estudarem cá, os jovens hoje em dia ficam mais uns aninhos em casa. Há aí uns que a tendência tem sido a caminhar para os 30 não é e às vezes mais. Alguns isto ó [risos]. Mas...se houver esse contacto realmente do começar a...é assim, o sair de casa para estudar, o risco aumenta bastante, muito, muito mesmo.

12 e 13 - E costuma partilhar com...já sei que tem amigos com filhos da idade da sua filha não é? Costuma partilhar com eles os seus receios, as suas preocupações e os seus desejos em relação à M.?

Sim, a esse nível costumamos ter...É assim eles são...o nosso grupo de amigos têm filhos da idade das nossas filhas, mais ou menos, acaba por andar dentro deste...deste meio e é normal não é, nas conversas que temos, às vezes...falar muitas vezes no...pronto, nas questões, nos problemas do dia-a-dia não é, do que é que acontece. Há um casal amigo nosso por acaso que...quer dizer...que...que houve uma altura que, aqui há uns anos andámos muito juntos, quando elas...que eram...que o elo de ligação...era o...pronto, era o pai desse amiguinho da M. ou é um amigo nosso que estudou connosco na Universidade e que...e depois cada um casou-se, continuámos ali a manter realmente esse relacionamento, os filhos deles coincidem mais ou menos nas mesmas idades que os nossos e houve ali realmente uma aproximação grande até aos 3/4 anos, depois...assim de repente desligámos e agora voltámos outra vez a reencontrar, agora nestas férias que passaram, nas férias de Verão e foi engraçado porque os filhos têm praticamente a mesma idade. Eles vão fazer 13 e 10 também sensivelmente e aquilo pronto, ali nas férias, até houve...até se notou ali alguma amizade colorida ali entre a M. e um dos filhos, o R., que é o mais velho e é normal que nós entre pais depois se comenta muita coisa e tal de...de amores e não sei quê e que eles falam também da própria...o filho mais velho deles, por exemplo, já está numa escola...ele está numa escola pública, este miúdo tinha estado num colégio, tinha estado num colégio, agora passou para uma escola pública e comenta-se muitas vezes também... que...quer dizer, que ele já tem namoradas. Acho que ele é assim...acho que o miúdo é bastante mais extrovertido que a M., com os pais, comenta as coisas mais...acho que é do género: oh mãe já viste, aquela rapariga é muito gira' e não sei quê. A outra, a M. não...nisto é mais...é mais reservada e acho que o pai e tudo comenta essas coisas e o miúdo já tem mais liberdade, porque é assim, como está numa escola pública, os horários não são tão estanques como numa escola privada que aquilo, no instituo, saem ah tive furos, o controlo é menor, às vezes saem a seguir ao almoço, têm a tarde toda livre. Acho que já vai, acho que ele tem uma namorada, já vai passear com a namorada, vai para casa da namorada. É assim, isto para nós [risos] já nos faz assim alguma...alguma confusão e às vezes trocamos algumas impressões sobre eles, com eles sobre isso não é, e a própria M. também já começa a ver, quer dizer, que a liberdade que realmente quem anda numa escola pública tem, face a quem anda numa escola privada...é bastante diferente...mas comenta-se, é normal que...temos assim um relacionamento bastante aberto com...com casais amigos nossos e comenta-se bastante esse tipo de situações, de namoricos, quer dizer, do que é que se fala com eles, essas coisas todas, tudo o que é preocupações.

14 - E como é que descreve a sua filha? Já me descreveu um bocadinho, em parte não é? Já me disse que ela era extrovertida, falsa extrovertida [riso]

É uma falsa extrovertida, **que às vezes é tímida mas se a tivesse que descrever como é que descrevia?** A M. é uma...pronto é uma falsa extrovertida realmente, isto porquê, porque tanto é uma criança que gosta de...é assim, adora ter muitos amigos, aquilo...relaciona-se com toda a gente, não é...acaba por...gosta de...de muitos programas, aquilo lá em casa anda sempre tudo a sonhar com programas, 'é o que é que vamos fazer este fim-de-semana e não sei quê, e vamos aqui, vamos acolá' e...mas ao mesmo tempo é uma criança, quando digo falsa extrovertida porque às vezes...sei lá, podemos estar num sítio qualquer e peço 'M. vai ali pedir aquilo ao pai'. 'Ah não quero, não vou', 30 por uma linha e eu penso que isso está associado muitas vezes ou por vezes a uma introversão da parte dela, às vezes. A mais pequena não, aquilo é com a 'maior das descontrações, maior descaramento chega lá e diz 'olha podes me dar isso, podes me dar não sei quê'. E em relação à M. noto que nalgumas situações que ela, alguns ambientes que não domina tão bem, fica ali um bocadinho introvertida mas também facilmente quebra...mas tem facilidade e...é assim, ela fica introvertida mas acaba por ter muita facilidade em...depois...ou pelo menos nas amizades de...se se associar, de criar novas amizades...pronto, agora ali aquele patamar da rotura ou pedir qualquer coisa para fazer, ou pedir favores e essas coisas. Ela aí fica um bocado renitente. Não gosta de pedir nada a ninguém. Não...os outros que vão e fica ali...e penso que isso aí é que revela um bocadinho que é uma criança, pronto penso eu que denota que é um bocado introvertida...que se movimenta mais...melhor dentro do seu meio e das pessoas da sua idade. Quando sai fora da sua idade depois...O que é que eu posso mais dizer dela? Pronto, é uma jovem também divertida, bastante divertida, gosta de provocar ela, gosta bastante de provocar, de ver as outras pessoas às vezes...principalmente com a irmã, de irritar a irmã...é uma criança trabalhadora, que ela vê-se que se esforça, que gosta de...é preocupada, gosta de planear, é muito...é assim...com os estudos gosta, quer dizer, antecipa-se com alguma preocupação, gosta de planear os estudos, não é em cima da hora, eu nesse caso era tudo na véspera, só na última é que ia estudar, ela...aquilo já faltam 3 ou 4 dias para o teste já se está a preocupar que tem que estudar e não sei quê, tem que...vê-se que é responsável, a esse nível é uma criança responsável, é sensível também, que ela é bastante sensível, que ela em situações, em determinadas situações que...pronto, que a possam transtornar, ela...vê-se que fica sensível, que fica transtornada, as coisas não lhe passam ao lado e que fica preocupada com alguma coisa que possa acontecer a nós ou a alguém, que ela fica bastante...preocupa-se, transtorna-se, sente, fica...às vezes em demasia acho eu [riso]. Mas isso ela sempre foi desde pequenina, a irmã não, aquilo já lhe passa assim, às vezes parece que as coisas passam ao lado. Já nos começámos a aperceber que não passam assim tão ao lado mas aparentemente aquilo é 'ah está bem'. Pronto e é um pouco esse o comportamento da M.. Vê-se que...pronto relaciona-se bem com raparigas, com rapazes, sempre foi...sempre reparámos que foi uma

criança que pronto, sempre gostou de manter ali uma relação com rapazes desde pequenina, de namoros e vê-se que está sempre ali, e nas conversas que a gente nota que ela olha muito para os rapazes. Pronto, é uma particularidade dela e, quer dizer, sentimos mais isso porque a irmã não se pode falar em rapazes ou se ela namora com alguém que ela começa logo ‘e deixa-me e não sei quê’. **A C. [filha mais nova]?** A C. [filha mais nova], a mais nova. A M. não, nota-se que ela...pronto, que houve sempre ali troca de papelinhos, de conversas, de telefonemas, e de vez em quando umas paixões e não sei quê. É uma criança assim bastante emotiva. E basicamente é...pronto é aquela questão do espaço agora gosta...está numa fase em que gosta de preservar o seu espaço...está se a tentar afirmar. Preocupa-se muito com o ser excluída dos grupos. **É sensível a isso.** É, ela é sensível a isso. Aqui há um ano ou dois tivemos lá um problema em casa que...que haviam umas amigas que estavam a...pronto aquilo havia uns grupinhos lá na turma dela, havia lá uma amiga ou outra que a punham assim um bocado de parte e ela aquilo foi...mexia muito com ela, demais. Aquilo não foi fácil realmente de gerir e tentar-lhe explicar que ela não...pronto, que ela não alimentasse esse tipo de situações, e que não se deve sentir nem inferior nem dizer que as outras...pronto tentava lhe demonstrar que as outras é que estavam a ser parvas. Mas realmente nessa fase notámos...ficámos ali um bocado preocupados com o facto de ela...daquilo mexer...mexer bastante com ela, de se sentir excluída socialmente ou do grupo de...uma coisa, quer dizer, que a mim preocupa-me. Acho que...quer dizer, uma criança que tem um comportamento desses depois poderá às vezes levá-la a fazer coisas que às vezes não vá ao encontro dos seus princípios só para não ser rejeitada, socialmente ou pelos grupos. Nós tentámos explicar-lhe isso, nunca mais...quer dizer, não houve mais crises dessas mas poderá às vezes haver um conflito ou outro com amigos, que as mulheres são muito conflituosas fuge [risos], aquilo é terrível, que elas são...é, às vezes nota-se que...e amigos nossos que têm filhos homens. **Pois é que também tem logo...tem duas filhas, portanto são só mulheres.** É, aquilo é uma coisa...e a não sei quantos disse isso e não sei quê. Aquilo realmente não é fácil de lidar com [risos]...que a esse nível acho que os rapazes são mais...no relacionamento entre eles são mais despreocupados e aquilo provavelmente são capazes de andar à porrada por causa de...ou à tarefa por causa da bola e não sei quê, mas depois no relacionamento entre eles acho que...e como eu disse aquilo e que a outra disse que o não sei quantos gostava dela e aqueles conflitos de a amiga gosta de...do Diogo ou que gosta do Filipe ou que gosta...e depois se a outra também gosta aquilo...gera-se ali um conflito enorme mas mesmo assim elas com mais crises menos crises vão gerindo mais ou menos ali o...

15 - Conte-me uma história com a sua filha.

Essa aí...Agora vêm as difíceis.

(A N. [mulher] liga e falam um pouco para verem como combinam a entrevista dela)

Pronto, mas agora um episódio assim com a M. **Sim**. E essa agora não é...mas um episódio tipo uma coisa assim. **Qualquer um que gostasse de partilhar ou que o tenha marcado por algum motivo ou que ache que tenha sido divertido, por qualquer motivo.** (...) É assim, uma coisa assim especial, especial [riso] agora apanhou-me assim...de repente não me está...(...). Assim de repente, é assim...eles praticamente são todos especiais [risos]. **Essa é uma boa maneira de fugir à questão [risos]**. Mas agora (...) **Mas se quiser podemos voltar**. Sim, está bem. **Posso avançar e pode ser que entretanto se lembre**. Estava a ver...Sim, pode ser que entretanto...passamos a outra e depois pode ser que me ocorra assim uma coisa assim...neste momento.

16 - O que mais deseja para a sua filha?

Em relação a isso é assim, acho que o que desejo, penso que deve ser uma questão muito transversal a todos os pais, que elas...sejam felizes...que sejam felizes, que estejam com o...pronto, que estejam rodeadas de pessoas bem-intencionadas. **Eu sei que está a falar para as duas e no fundo acaba por ser para as duas mas queria que pensasse...** Sim, para a M., pronto para a M.. Pronto, que ela seja feliz...quer dizer, que esteja rodeada de pessoas bem-intencionadas não é, que o grupo de amigos dela, que sejam pessoas saudáveis, saudáveis no aspecto que...que sejam jovens também que tenham...tenham...é assim...que realmente...que quer dizer, que se divirtam mas que tenham objectivos para o futuro não é...e que...pronto e também que... não menos importante é que ela faça a sua formação, que estude, que tire a sua licenciatura, numa área que ela goste e que...e que consiga depois atingir todos os objectivos que ela idealiza em termos profissionais...e que consiga...criar a sua própria independência. Acho que é importante para qualquer jovem que se venha a sentir realizado. Penso que...e que um dia encontre também o seu par, a sua meia, a sua face metade não é, para que...pronto, que possam depois os dois...pronto, à semelhança do que acontece comigo e com a N. [mulher] não é, que possam fazer uma vida a dois também...ou partilhar realmente a sua vida a dois, que sejam felizes e que...que tenham filhos [risos], se passar pelo ideal deles. Basicamente, eu acho que é o que eu desejo.

17 - E o que mais teme?

O que eu mais temo? É assim, o que eu mais temo realmente...é que...é assim, que agora nesta...nesta fase que eles começam a entrar na adolescência, que entre em determinados caminhos que...que os possa...que os possa prejudicar não é, realmente o entrar em drogas...e basicamente que...também é assim, no relacionamento entre eles não terem os devidos cuidados, às vezes envolverem-se com pessoas indevidas não é...também há outras doenças não é, que às vezes por falta de responsabilidade dos jovens também...que também têm que ter cuidado não é, que exige realmente que eles no seu próprio relacionamento com amigos pronto, que tenham os devidos cuidados para que

pronto, se possam resguardar de sidas e de outras...pronto, principalmente da sida, do problema das drogas...o resto...Isso é o que efectivamente me preocupa...não gostava...sinceramente não gostava de...quer dizer de vir a ter um...pronto, que as minhas filhas pudessem, que enfrentasse problemas com drogas, ou com doenças...ou que viessem a ter alguma...pronto, isso também penso que...ou uma doença grave não é. De resto é assim, se tiram uma licenciatura, se não tiram, claro que qualquer pai gostava de ver um filho seu licenciado, realizado, com um bom...pronto, um trabalho que pudesse realmente dar a sua independência e também gostava que...que ela, quer dizer, no seu relacionamento também...com amigos que viesse a encontrar um...pronto o par ideal e que fosse feliz não é, que isso às vezes também não é fácil. Ou pelo menos ter alguém ao lado dela que a respeite não é, acima de tudo...pronto, se as coisas depois correm bem ou mal...é assim, isso também é relativo, porque isso também não está...Acho que o importante é que ela seja feliz, o facto de eventualmente, quer dizer, dessa relação se vir a desmoronar mas se enquanto existiu foram felizes, pronto aí também, acho que não é uma situação que me preocupe...acho que é...preocupa-me é que é assim, se algum dia ela...pronto, me vier dizer que não é feliz com o companheiro ou isso...eu acho que é importante eles detectarem isso e depois passar para outra, agora acima de tudo que seja respeitada. Acho que coisas que ainda hoje em dia nos apercebemos que há falta de respeito não é entre os casais...e basicamente é isso.

18 – Houve alguma coisa na sua filha que o tenha desiludido?

[silêncio] É assim, até aos dias de hoje acho que não...não posso, não há nada que...aliás, acho que garantidamente não...não há nada que me possa ter desiludido. Agora há situações que uma pessoa gosta mais ou menos não é, mas daí a desiludir, que o desiludir acho que terá que ser algo assim grave. Acho que erros todos nós cometemos...e é assim, os erros pronto, faz parte do ser humano não é, há coisas que...que nós fazemos melhor outras pior...no trato do dia-a-dia, às vezes somos mais sensíveis, outras vezes somos...somos insensíveis, mas daí à desilusão acho que está muito longe disso. **Ainda não sentiu.** Não, isso não.

19 – E lembra-se de como era quando tinha a idade da sua filha? De como o J. era? Sim. E como é que era? [silêncio] É assim, quando era jovem, algumas coisas acho que até...pode-se criar, pode-se estabelecer aqui algum paralelo. Eu era uma criança...também bastante...era um...aliás com a idade dela era bastante dinâmico, gostava de brincar, andar sempre. Nas aulas, a nível de aulas era...era responsável, quando estava nas aulas era responsável. Tinha algumas semelhanças com a M., era bastante falador, nas aulas, às vezes, em termos de comportamento o que me podiam apontar era que era bastante falador mas era...mas respeitava os professores, respeitava os professores. Talvez...também me preocupava pronto, com os estudos., talvez não tanto como a M., mas tinha a preocupação, pelo menos,

antes de um teste de estudar, de tirar, pronto, tirar boas notas... não, talvez num patamar não tão elevado como o da M... a preocupação dela neste momento é tirar notas muito elevadas e quer, quer ter oitos e nove, isto numa escala de 0 a 10. Pronto, eu também me preocupava, quer dizer, não estudava para ter... no meu tempo era de 0 a 5, não era a minha preocupação ter 3, era 4 ou 5. Tinha essa preocupação mas o... provavelmente não trabalhava tanto era para chegar lá não é, mas preocupava-me, tinha essa preocupação... E gostava, quer dizer, de brincar bastante, gostava... é assim, era uma criança que também no ambiente familiar pronto, tinha assim um... pronto também tinha um ambiente familiar bom, não tenho razão de queixas apesar de ter uma maior proximidade à minha mãe, porque o meu pai também por vias profissionais também estava, como ele é comerciante, pronto não tinha assim tanta disponibilidade... e gostava de ter muitos amigos, sempre tive, quer dizer sempre gostei de ter muitos amigos, muitos grupos de amigos porque muitas vezes, às vezes tinha necessidade de andar de grupo em grupo, muitas vezes focalizava-me mais num grupo depois ia para outro mas sempre tive bastantes amigos...

20 - E o seu dia-a-dia nessa altura? ...

Ah, o meu dia-a-dia era... é assim, eu tinha aulas à tarde, sempre tive praticamente, é engraçado porque ainda hoje acho que isso teve reflexos, não gosto de trabalhar de manhã. Custa-me, levo bastante tempo até apanhar aquele... isto parece que vou aos poucos e poucos, o organismo vai-se estimulando até... e as primeiras horas normalmente, não sou uma pessoa de madrugar muito, normalmente não gosto de ir muito cedo para o trabalho e depois, aos poucos e poucos, é que vou ganhando ritmo e quando os outros já estão para sair é que eu ainda estou com a pedalada toda. Tinha aulas à tarde por isso quase todos os dias me levantava tarde, para aí, levantava-me tarde, ia almoçar, os meus pais tinham comércio, uma pastelaria, ia almoçar lá, depois ia para a escola... depois ao final do dia, quando vinha da escola, vinha aqui ter com eles, aqui para a loja, andava por ali, às vezes jantava ali, depois ia para casa com a minha mãe, o meu pai ficava lá, pronto estava ali por casa, via televisão tinha o meu irmão também... tinha o meu irmão, dava algum apoio também às vezes ao meu irmão, às vezes ia busca-lo à escola e isso. Outras vezes, quando saía cedo, em vez de vir aqui ter com os meus pais, ia para casa ou ia para a rua, quer dizer, havia uma liberdade enorme [riso]. Em termos de liberdade não tem nada a ver, quer dizer eu ia sozinho para a escola, desde muito cedo, quer dizer eu vivia aqui em B. [localidade], ia até lá abaixo, andei na preparatória Q. [escola], depois andei na Secundária de B., ia a pé para a escola, nem sequer utilizava transportes, ia a pé, andávamos para cima, para baixo quando tínhamos furos, íamos para aqui para acolá, tínhamos uma liberdade completamente diferente, íamos para casa uns dos outros, os nossos pais muitas vezes não sabiam se... porque ainda era uma altura que havia muita instabilidade no ensino, que os professores muitas vezes faltavam, outras vezes a colocação no início do ano dos professores era horrível, às vezes

chegávamos a estar um mês...as aulas começavam em Outubro...às vezes tivemos anos que chegávamos a estar um mês quase à espera da colocação de alguns professores. Aquilo dava-nos furos que aquilo realmente, quer dizer, os nossos pais não tinham qualquer controlo para onde é que a gente, por onde é que andávamos. Quer dizer, a gente saía da escola, íamos para ali, para aqui, havia um que não tinha ninguém em casa, íamos para lá ouvir música, inventávamos a esse nível, saíamos das aulas e combinávamos todos na rua brincar, quer dizer era uma liberdade e eu aí vejo que a esse nível não tem nada a ver o...quer dizer a educação que dou hoje, a preocupação que tenho hoje com as minhas filhas e a educação que dou, não quer dizer que os meus pais não se preocupassem, mas em termos de liberdade não tem nada a ver...a liberdade que nós tínhamos anteriormente com o que...com o que eles têm agora. Apesar que... a minha mãe estava ali sempre a chatear-me a cabeça e atenção, cuidado com não sei quê, não sei que mais, cuidado com as companhias, cuidado com as drogas porque também, naquela idade, no 7º ano já, na minha escola já havia casos de drogas e coisas desse género, já no 7º ano já tinha colegas meus que, da minha turma, que já tinham contacto com drogas e drogas pesadas, não era cá haxixe nem coisas do género, já na altura devia ser heroína mesmo, não é brincadeira, por isso é que eu [riso] tenho alguma preocupação...aliás e logo quando eu me fui...é assim, a esse nível, logo no ciclo, na Q. [escola], quer dizer já tinha colegas meus que já andavam lá com comprimidos e com o tabaco, que era o kentucky e aquelas coisas. Eu por acaso nessas coisas nunca tive...é assim sempre me desviei, nunca tive curiosidade, mas quer dizer, sempre tive muita proximidade porque, não sei se foi por azar ou não, mas quer dizer, sempre calhei nas piores turmas das escolas, quer na Q. [escola], quer na Secundária de B., sempre calhei nas piores turmas, nos repetentes e...apanhei gente com diferença de idades de 2 e 3 anos, que fazem, nessa fase faz muita diferença pronto, e...pronto, e eles já traziam vícios que...que houve colegas meus, que da minha idade que...que numa posição de se afirmar já achavam que aquilo lhes dava, os diferenciava o facto de começar a andar com esses mais velhos e de experimentar coisas novas e tive ali realmente com a idade da M...é assim, tive ali contacto com um meio já não muito [riso]...já não muito favorável não é, quer dizer, aquilo tanto podia, a minha actuação tanto podia pender para um lado ou para outro não é. Mas não era...quer dizer, podia ser uma criança entre aspas, não digo que fosse betinho mas que é o que eles chamam agora e na altura também chamavam, era uma criança que gostava é assim, de...quer dizer, gostava de brincar, gostava de muita dinâmica, de muitos amigos mas ao mesmo tempo tinha consciência realmente que havia determinadas companhias...que eu até dava-me com eles mas não entrava naqueles esquemas depois...porque eu a esse nível nunca, quer dizer nunca...não era de me distanciar, que eu dava-me com boas e más companhias e sempre tive amigos que não eram boas companhias. Mas o facto de me dar com essas pessoas não queria dizer que fizesse as mesmas coisas que elas. Via o lado positivo dessas pessoas mas não concordava com determinadas coisas que eles faziam não

é, e isso sempre consegui graças a Deus lidar com essas situações...e espero [riso] que as minhas filhas também façam o mesmo.

21 - Como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos?

[silêncio] Daqui a 20 anos? Essa também é complicada...que isso podemos idealizar aí vários cenários não é, poderá ser daqueles jovens que não saem de casa dos pais [risos] e ainda estão lá no bem bom [risos]. **Mas tendo em conta também o que conhece dela como é que imagina?** É assim...eu é...por acaso, é uma questão que eu nunca pensei, nunca pensei porque é assim, o que vamos vendo...o que vamos vendo actualmente é difícil realmente de idealizar um cenário desses ou de imaginar um cenário desses, mas dado que a M. privilegia muito o seu espaço é muito provável que com essa idade, que ela esteja a viver já, que já não esteja em casa, eu penso que aí é muito muito provável que ela não esteja em casa a não ser que mude, a não ser que, quer dizer, essa necessidade de autonomia que ela tem, de espaço, de ter o seu próprio espaço, que seja agora uma fase transitória, que depois de repente comece a ver que [risos] as mordomias que tem em casa também são boas [aclara a voz] e que se acomode, mas também julgo que não, que acho que é da personalidade dela, por isso o mais provável é que não esteja em casa. Pronto, e agora partindo desse cenário pronto, o que eu idealizo é realmente estar fora de casa, ter alguém ao lado dela, ter alguém, ou um companheiro, ou um marido ou...pronto, ter filhos ou não isso depois eu penso que vai depender muito da autonomia financeira dela, do sucesso que ela pronto, da facilidade que ela possa, se ela realmente tiver essa facilidade de ter filhos, conhecendo a M. como conheço, muito provavelmente com essa idade e se o companheiro também estiver dentro desse perfil, muito provavelmente a M. com essa idade é capaz de já ser mãe. É muito...é muito provável porque a M. gosta muito de crianças e é provável que ela, se tiver essa possibilidade, que venha a concretizá-la rapidamente. Não vai, penso que não vai ser daquelas pessoas, digo eu não é, que vai pensar mais em si e depois...porque ela tem...que ela sempre quis ter uma irmã e anda-nos sempre a chatear porque é que não temos outro [riso], e com crianças pequenas ela emociona-se bastante. Não sei, mas isso quer dizer depois são cenários que poderá...pronto, poderão variar por muitas contingências aí pelo meio não é, mas possivelmente era esse, quer dizer face às...à personalidade actual dela não é, e se as coisas não mudarem assim muito, poderá ser um possível cenário.

15 (cont.) - Então vou agora voltar à tal, à outra, que é a da história ou episódio que...

Vamos lá ver um episódio...**pode ser bom, pode ser mau.** [silêncio] Ah, agora lembrei-me de um por acaso, até tem...até é assim recente...recente...foi...ocorreu acho que foi nos anos...acho que foi nos anos da C. [filha mais nova] se não estou em erro, ou foi...bem, agora não posso precisar os anos de quem...sei que não foi os da M., da C. [filha mais nova] penso que não foi...agora estou no erro se foi

nos anos da C. [filha mais nova] ou, quer dizer, poderá ter sido nos anos de qualquer um de nós, isto porque...mas os meus não foram de certeza, mas como elas fazem anos todas muito próximas. A M. é 31 de Maio, a N. [mulher] faz a 13 de Junho e a C. [filha mais nova] a 21, os da M. também não foi, ou foi da mãe ou da C. [filha mais nova]...que foi...que...é assim, os anos normalmente estavam a ocorrer ali todos durante a semana e...pronto, e estávamos ali a programar ali durante a semana, porque é difícil de nos reunirmo com pessoas...com amigos e com pessoas amigas, tínhamos ali programado...durante a semana de irmos jantar fora. Acho que tínhamos feito, aliás acho que tínhamos feito um jantar...tínhamos ido jantar fora...com a M...e aquilo até houve ali...até foi um bocado confuso, que elas às vezes portam-se mal. E depois, acho que foi...agora já não sei se foi nos da C. [filha mais nova], ou da mãe que depois tínhamos planeado também ir jantar todos fora. E entretanto, acho que houve lá uma confusão qualquer em casa, que elas...pronto, portaram-se mal mesmo e ficámos...quebrou aquele clima realmente agradável de irmos sair e jantar fora...e acho que a N. [mulher] disse que pronto, a solução...acho que até foi nos anos da C. [filha mais nova], agora aos poucos e poucos vou-me começando a...a N. [mulher] até estava a equacionar de não haver jantar nenhum...de não haver jantar nenhum e...e depois...quer dizer, como a principal causadora da situação acho que até foi a M., começámos a ponderar que se calhar o castigo melhor era...que a C. [filha mais nova] também não devia ser prejudicada, pelo facto de eventualmente ser os anos da C. [filha mais nova], que não devia ser prejudicada porque não...é assim, ao fim ao cabo era o dia de anos dela e ela estava com aquela emoção de ir jantar fora e não era correcto...pronto, não era correcto agora ela estar a ser prejudicada por causa da irmã. Então fizemos uma coisa que nos custou um bocado...mas pronto, foi por acordo entre mim e a N. [mulher], que a M. ficava de castigo em casa, ficou de castigo e...e fomos os três jantar fora e ela ficou...ela ficou lá de castigo, ficou toda chateada, toda...e a M. lida muito mal com esse tipo de situações, ao facto de ser excluída, de ser posta de parte. Pronto, e nós fomos preocupados efectivamente. A C. [filha mais nova] como é mais criança também ficou preocupada com a M. e ainda...ainda a meio do jantar ainda disse, já não sei se...se foi a M. que nos ligou se fomos nós, acho que a M. não nos ligou, pediu para ligarmos à M. para saber como ela está, também ficou preocupada mas pronto, ali criou ali um, acho que foi a primeira vez que...que realmente tivémos que...teve que haver assim uma separação premeditada não é, de não...de ter que ir para...de ficar mesmo em casa de castigo e isso tocou-nos um bocado e custou-nos um bocado assumir essa posição mas quer dizer, estas idades, a partir dos 10/11 muitas vezes não é fácil lidarmos com crianças nestas idades porque eles às vezes também excedem um pouco...pronto, os limites não é, tentam sempre ir marcando terreno e...e realmente às vezes tem que se pôr algum travão. E ali pensámos o que havíamos de fazer, se batíamos, se fazíamos isto ou aquilo e equacionámos realmente que realmente convinha passar por um castigo que marcasse, quer dizer, e o marcar realmente era impedi-la de ir ao jantar, que na M. o que funciona mais é isso, para lhe marcar realmente é ou não ir a festas ou não ir a jantares ou...e ali aquilo realmente marcou-lhe e ela

ficou...ela depois disse que ficou bastante...bastante irritada e pronto, fomos preocupados, o jantar correu bem, fomos jantar calmamente...**Posso perguntar qual foi a situação de conflito?** Não me lembro, sinceramente não me lembro, já não...isso aí sinceramente já não me lembro. Sei que é assim, como elas entram em conflito por tudo e por nada, já não sei se foi entre elas, se foi connosco, se foi alguma coisa que nos fez, sei que...pronto, houve ali alguma coisa que não gostámos e...é assim, e o bater-lhes muitas vezes, às vezes, ainda gozava connosco. A M. como é assim refilona e houve ali uma altura que tivemos que recorrer a castigos que desse, ela às vezes tinha algo planeado para ir para casa de uma amiga de fim-de-semana, ou para uma festa, e quando ela se portava mal e fazia alguma coisa que não era correcta, o castigo passava realmente por não a deixar ir às festas. Foi a única forma que vimos realmente de resultado. Uma pessoa dá um palmada, dava...punha-a no quarto e aquilo não resultava. E realmente impedindo de partilhar momentos agradáveis para ela aquilo era um incómodo bastante grande para ela. Agora os conflitos é...aquilo passa por tudo, desde coisas parvas entre ela e a irmã, que de repente andam para lá à pancadaria e...e quer dizer, e nós temos que as separar que aquilo às vezes entre as duas aquilo chega a haver violência, uma dá um murro, a outra dá não sei quê, depois é um pontapé. **É uma escalada.** É, é uma escalada que nos irrita não é. Uma pessoa fica um bocado porque não se sabem comportar e às vezes coisas assim um bocado parvas mas...como elas a esse nível chocam muito. E connosco...pronto, connosco às vezes é aquele tipo de situações que a gente diz a ela 'M. pára, M. sossega, M. não irrites mais a tua irmã' e depois ainda vai fazendo chacota das situações e...e aquilo acalma, depois passado um bocado está outra vez tudo na mesma e temos que pôr realmente travão nessas coisas. É basicamente...

Pai 4

1 - Como é que é o seu dia-a-dia?

[riso] Além do trabalho não é? **Ou com o trabalho, como é que é a rotina?**

É sempre a mesma coisa. Ir para o trabalho, vir para casa, entretenho-me um bocado com o computador, às vezes há poucas coisas que dá para ajudar, ajudo mas a miúda já é grande, já não é... já não requer assim muita atenção. **Está a falar dos estudos? Dos trabalhos de casa?** Não, estou a falar dela tomar banho e essas coisas todas. Agora já não. Quem ajuda mais ao nível da escola é mesmo realmente a C. [mulher], que ela... agora se for assim tipo mais uma matemática mais avançada ah isso já... pronto cá estarei para isso. Ah ajuda-a na matemática então? Sim, sim e em disciplinas que ela ainda não tem. Também filosofia quando tiver, também sou mais batido nisso. Agora essas coisas um bocado básico não. **Já agora o que é que faz?** Eu? **Sim.** Sou mecânico de aviões. **Como falou em matemática estava com curiosidade.**

2 - E como é que são passados os fins-de-semana?

Os fins-de-semana? Pois, quando não dá para ir... a gente tem outra casa, não sei se ela disse também, quando não dá para ir para lá, normalmente aos sábados de manhã sempre ocupado. Ela tem a pisci... a natação, a gente vai para a natação. **Vão todos?** Todos os sábados. **Mas vão os 3?** Ah sim, sim, sim, sim. Mas eu não ando. A gente vai com ela. Onde vai um, vai tudo, vai tudo atrás. Depois da parte da tarde, quando não temos assim mais nada para fazer, compras ou isso, normalmente ficamos aqui em casa. No domingo costumamos ir almoçar a casa dos meus pais. Pronto e computador, estou sempre ali agarradinho para entreter-me um bocado. Arranjo sempre maneira de me entreter. E quando não vou trabalhar, claro. **Mas quando diz computador é mesmo por lazer?** Não, não, não, é mesmo por distracção, não sou pessoa de gostar de ir para cafés e isso, prefiro estar aqui, sou um bocado. **Gosta mais de estar em casa.** É isso. Agora quando vou para a outra casa ah isso sempre entretenho-me, tenho sempre coisas para fazer. **Em casa ou fora de casa?** Dentro, fora, no quintal, há sempre qualquer coisa por fazer, mesmo a nível de obras e isso eu gosto. Até aqui, esta cozinha foi toda desmanchada por mim e feita. Sim, gosto de inventar. Não é a minha profissão mas desenrasco-me.

3 - E como são as férias em família?

Férias em família? Férias em família, normalmente costumamos ir para a outra casa, às vezes costumamos viajar, agora ultimamente não temos viajado, não tem... não tem havido possibilidade disso. A nível dela, também a escola agora e até mesmo para ir para a outra casa também é mais complicado porque ela... o horário este ano não foi assim muito famoso, também não dá assim muito à sexta-feira e

por causa dos testes, em primeiro lugar está ela. Nas férias, nas férias a gente tenta sempre conjugar ou uma ida ao Norte ou...mas é mais agora ultimamente estes 2/3 anos temos ido sempre lá mais para outra casa, temos tido também alguns trabalhos e aproveitamos, estamos sempre a desejar então vê lá aí quando é o feriado e a gente tenta tirar um diazinho de férias ah isso para conjugar, para estender um bocadinho os fins-de-semana. Agora não temos ido viajar, ultimamente não, mas gosto muito de viajar, eu se puder vou-me já embora [riso]. **Gosta de conhecer outros sítios.** Claro, a gente também tem essa garantia e possibilidade de facilidades nas viagens por isso não, isso compensa-nos mais ir para fora do que irmos para o Algarve. E agora, ultimamente temos ido sempre para o Algarve também, uns diazitos mas não é...não é coisa que a gente goste. **Não gostam muito.** Não, não gostamos muito. **Mas costumam passar então os três é isso?** Sempre, a gente, sempre, lá para a outra casa levo sempre os meus pais. O meu carro leva 5 pessoas, dá para ir sempre os 5. **Ah então vão os 3 e os seus pais.** Sim, sim, sim, sempre. Levo sempre os meus pais. E às vezes os pais dela vão lá ter connosco também mas ele trabalha ainda e agora os meus pais são reformados. Os dela agora também estão reformados mas ele mesmo assim ainda tem sempre aí uns biscatezitos. **Portanto passam em família ou família alargada.** Sim, sim. A minha irmã também vai lá ter connosco. É muito raro mas vai também. Acabamos por nos...encontrar lá todos.

4 - E quem toma as decisões na família?

Depende. Tomamos todos, tudo depende. É tudo...à última da hora a gente discute, vê e chegamos logo a uma decisão. Quando é uma coisa mais complicada, agora também não me está a ocorrer assim nada mas, normalmente quando é assim coisas básicas a gente já tem a nossa ideia e não entramos muito em desacordo. Agora se for coisas para comprar para a casa, aí é que andamos sempre em desacordo. Aquilo normalmente os cortinados que ela gosta é aquilo eu não gosto. O candeeiro que ela gosta é aquele que eu não gosto. Aí, já é mais complicado. Agora tomar decisões, às vezes assim para mudar um pacote da Zone ou uma coisa do género, são coisas básicas que há, chegamos sempre a acordo, analisamos e não tenho grande tipo de problema. Era sobre isso não era? **Era, era, perceber como era, portanto já percebi que tomam em conjunto.** Sempre, não, não, não, nem tinha nexos nenhum chegar aqui e dizer: 'olha meti-me nisto'. Não, isso não, não é o meu feitio, não gosto disso.

5 - E como é a sua história como pai?

Como pai? Tento sempre dar o melhor mas claro, ela é miúda, acho que há certas conversas que cabe sempre melhor à mãe não é? É sempre diferente, embora ela também tenha às vezes algum à-vontade mas...não é assim tão à-vontade como com a mãe. E eu às vezes também fico um bocado encavacado e ela também vê isso. Claro, lá vai ela ter com a mãe. **Fica encavacado?** Sim, às vezes certos

tipos de...tipo namorados e coisas assim eu...o que é que eu vou dizer a ela? Elas dão-se melhor, é diferente. Nesse aspecto, claro. Quando é outras coisas não, quando é para a brincadeira é logo comigo.

6 – Esta pergunta que eu fiz de como era a sua história como pai no fundo também era como tinha sido, como surgiu a ideia de ser pai. Já tinha sentido esse desejo de ser pai?

É assim, todos nós temos mas na altura [riso]...a gente é assim, quando for é, e todos nós ficamos, é uma grande alegria claro mas não...não, não estava à espera tão...que fosse naquele momento, já estava à espera antes, já estava à espera depois. Também vir a ser mas não é, quando a coisa tem que acontecer acontece, não... **Mas tinha tido essa vontade, anteriormente?** Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim. Já tinha tido essa vontade, claro. Sei que um dia mais tarde acabaria por ser mas é não dar pressa às coisas e quando tiver que acontecer acontece.

7 - Acha que a sua relação com a J. [filha] tem vindo a mudar nos últimos anos?

Ela muda sempre, muda sempre um bocado mas não é assim nada de radical. Acaba sempre por...porque a paciência às vezes nossa não é tão grande como era antigamente e com isto tudo que anda a acontecer não é, mesmo a nível de trabalho a gente nem sempre vem bem-humorado e bem-dispostos. Claro que chegamos aqui e tentamos sempre dar o melhor mas ela também vem cansada, também...quer dizer, muda e não muda. Em certos aspectos penso que seja tudo igual ao que era e outros porque ela também já é mais autónoma e já consegue decidir e ver as coisas como elas são e também pronto, já não...acaba por ser um bocado diferente mas não é assim muito. Se houver alguma pergunta mesmo específica se calhar...ou alguma coisa que me esteja a fugir e que não me esteja a ocorrer.

8 – E tem notado mudanças na J.?

A nível de? **Em qualquer campo.** Ela a nível de respostas e isso nota-se sempre, ela começa já a perceber muita coisa e a não fazer tanta pergunta, ela passou já a idade dos porquês há muito tempo e depois também elas conversam muito na escola, entre amigas, já há certas coisas que ela já não pergunta tanto. Há sempre essa mudança. **Como por exemplo?** Uma série de coisas, mesmo a nível de...sei lá...disso dos namorados e...ela às vezes vinha fazer perguntas e ultimamente já não...não sei se conversa mais com a mãe, se não, ela às vezes puxa a conversa e depois começa a olhar para mim e riem-se as duas, começam a ver-me encavacado e eu tento disfarçar um bocado [riso]. **E há assim outras mudanças que note na J.?** Fisicamente? **Por exemplo.** Sim, no dia-a-dia nota-se, vai-se notando. O comportamento, não sei. **Mais autonomia não é? Tinha-me dito que notava que ela estava mais autónoma.** Sim, sim, sim, sim.

E em si? Tem notado mudanças nos últimos tempos?

Em mim? Ah noto sempre, noto sempre. Além de ficar mais velho, começo a ficar mais rabugento e menos paciência e...ah isso nota-se sempre não é. Até porque o nosso trabalho também não nos permite para isso. Faz com que a gente cada vez leve mais bofetadas entre aspas não é, e acabamos por não andar tão animados como andávamos antigamente. E os anos vão começando a pesar e a gente já não tem aquela paciência que tinha e às vezes nem a pachorra para estar ali a aturar certas pessoas que aturamos e isso é uma normalidade, isso em todo o lado. **E em si enquanto pai da J.?** Enquanto pai dela? Não, não sei. Acho que não, mas ela é que é a pessoa indicada para...**Não, mas podia ter notado alguma mudança na forma de se relacionar com ela.** Não, eu penso que sempre fui a mesma coisa porque quando, normalmente elas conversam mais e...pronto não é melhor, o tipo de conversas que uma miúda tem gosta mais de ter com uma outra pessoa do mesmo sexo do que o oposto. Mas não noto assim diferença, pelo menos que eu notasse não.

9 - E com quem é que se dá a J.? Com quem ela convive?

A nível dos dois ou a nível de colegas? **Sim, dos colegas, dos amigos, estava a pensar mais fora do vosso núcleo familiar.** Eu penso que é...se é rapazes ou raparigas? **Quem são os amigos dela? Com quem ela se dá?** Ela dá-se com todos, às vezes ela pede para trazer aí alguém, um colega dela, rapazes não, mas miúdas, eu penso que ela dá-se com todos e depois pelas conversas que a gente apanha e tudo. Até mesmo porque a gente também, ela tem o facebook e eu também tenho claro, e ando sempre a controlar e ela não...não vejo...ela tem uma série, tem um grupo muito grande de amigos, ela é muito directa, também nas coisas quando alguém faz alguma coisa ela ataca logo, é muito directa então não deixa com que nada aconteça e isso é ótimo. Enquanto a gente já é maior...eu pelo menos, é diferente, eu às vezes faço-me de parvo e tal e deixo as coisas enrolarem-se e finjo que não percebi. Claro que percebi não é, ela não, ela diz logo na cara. Claro, a gente não pode dizer. Assim ao pé do meu chefe e dizer o que eu penso. São coisas diferentes. **Portanto ela dá-se sobretudo com amigos da escola é isso?** Sim, sim, com amigos da escola e não só e também...Aqui não, aqui ela no prédio teve azar que não...tinha uma amiga mas a amiga foi morar para outro lado. Aqui no prédio não tem, não tem mesmo, não tem da idade dela e são pessoas de mais idade e os miúdos que estão aí são muito pequeninos ainda. Também não são muitos. Agora lá na terra, ah isso lá ela tem os vizinhos todos e toda aquela aldeia. Ela já nos disse muitas vezes que se pudesse estava lá sempre. Ela também não gosta muito de estar aqui mas claro não dá, mas ela lá tem os amigos todos, ela gosta é de lá estar e quando tem ali na página do facebook também acaba sempre por conversar com os amiguinhos de lá, é diferente. Ela lá sente-se mais à-vontade, ela também mesmo que tivesse aqui no prédio não pode ir à rua, isto aqui também não convém não é. **Aqui é complicado?** Quer dizer, aqui onde a gente está não é muito mas com o que a gente ouve,

lá a gente é diferente, lá vê-se as chaves nas portas, vê-se tudo lá, é uma aldeia, não tem nada...é como isto era antigamente aqui. Não dá para andar aqui à vontade. Por acaso ela não tem aqui nenhum amigo, aqui nos prédios ao lado, mas mesmo que tivesse tornava-se mais complicado estarmos descansados. Lá não, lá é completamente diferente.

E conhece esses amigos com quem ela se dá?

Sim, todos, todos.

10 - O que é que acha da ideia da J. namorar?

[riso] O que é que acho da ideia dela? Tenho...tenho que aceitar mas [riso] acho que é muito novinha ainda, mas pronto. Claro, as coisas têm que ser aceites. Não...não me vou opor a nada. **Mas como é que acha que vai lidar? Como acha que se vai sentir?** É muito complicado responder a isso, só mesmo na altura, mas acho que não vou fazer nada. Vou...vou, vou sei lá...vou andar [riso] de olho, vou [riso]...mas dentro dos possíveis mas não me vou opor, claro que não.

11 - E já pensou alguma vez na ideia da J. sair de casa?

Sair de casa? Não [riso]. **Nunca pensou nisso?** Não, é muito novinha. **Mas um dia mais tarde quando ela...** Não, ela é muito agarrada a nós. Para já penso que não e quando tiver que ser. Ela no outro dia começou a brincar connosco no carro, começou a dizer assim 'ah um dia destes, quando eu fizer 18 anos vou-me embora? Não sei se ela contou isso. Achámos uma piada, ela ter dito, a gente a pensar então 'mas vais para onde? Com 18 anos comesas a trabalhar, onde é que vais ganhar dinheiro?'. 'Então casa já tenho, tenho aquela lá da terra, vocês não estão lá a morar? Mas não, isso...ela ainda é muito novinha. Quando for a altura logo se verá.

12 - Tem amigos com filhos da mesma idade que a J.?

Sim, tenho. Filhas, filhas? **Sim, com filhas.** Um bocadinho mais novas, da mesma idade penso que não.

13 - E costuma partilhar com eles os desejos ou preocupações que tenha em relação à J.?

Não, não, não, não. Não, eu vou dizer uma coisa que é mesmo assim. Eu amigos, não considero que tenha amigos. **Acha que não tem amigos?** Não, tenho conhecidos. Não, não tenho. Para mim uma definição de amigo é uma coisa assim tipo família. Não, eu não tenho amigos. Tenho é conhecidos, que são as pessoas que trabalham comigo no dia-a-dia. Mas tudo o que é revelado e tudo o que é contado poderá ser usado um dia futuramente contra mim. **Então acaba por não se abrir.** Não, nem pensar

nisso, nem pensar nisso. **E fora do trabalho também não tem?** Fora do trabalho? Só mesmo os pais das colegas dela que a gente se dá, da turma mesmo. Ainda daqui a bocado a gente vai até à casa de uns e... só mesmo assim. **E com esses costuma falar de preocupações que tenha em relação à J.?** Não, não. Às vezes pode calhar em conversa umas coisas muito básicas mas não. Eles começam por comentar e a gente: 'ah não te preocupes que a nossa também faz isso', coisas muito assim, muito normais mesmo.

14 - Como é que descreve a J.?

Ela é minha filha não é [riso]? Como é que eu posso descrevê-la? Só coisas boas claro. **Boas ou menos boas, há sempre defeitos e qualidades. Como a vê.** Não, ela defeitos eu não considero que seja defeito porque estar a apontar-lhe um defeito nela que é o caso dela ser um bocado teimosa, estaria também a criticar-me a mim próprio, não poderei apontar isso como sendo um defeito. **Como é que então descreve a J.?** É um miúda, é o que eu digo a muitas pessoas é assim se neste momento tivesse outro filho gostava que fosse uma miúda, as miúdas são muito mais meiguinhas, é diferente. **Acha que ela é meiguinha... já disse também que é um bocadinho teimosa.** É a única coisa de mal que encontro nela, é ser um bocado teimosa, gosta de levar a dela a avante e... mas lá está, ela é teimosa então mas para haver uma teimosa também tem que haver outra pessoa que está a teimar, então o outro também é teimoso, já não é só um, já são os dois. **E mais alguma característica da J. que queira referir?** É muito divertida, não sei... ela é tudo, sei lá... não há assim nada, é toda ela especial claro, então, mas assim.

15 - Conte-me uma história com a sua filha. Uma história que pode ser um episódio, uma situação boa ou má. Recente? Não precisa de ser recente. Uma que achasse que gostava de partilhar, que tenha de alguma forma marcado a vossa relação.

Marcado não... Há tantas, não... que a gente depois diz assim, ah é como a gente diz: 'ah então conta uma', e a gente depois não se lembra na altura não é, e isso é mesmo verdade porque elas são todas importantes. **Então mas não quer escolher assim uma.** [riso] Não, não vejo assim nenhuma, acho que elas são todas engraçadas... de a gente se rir. [riso] Não, eu não me ocorre assim, coisas básicas, com ela é sempre divertido. Não [riso], se me lembrar depois eu digo. **Está bem. Pronto uma história é uma forma de dizer, pode ser assim uma situação engraçada que tenha acontecido, por exemplo, não precisa de ser uma história, uma história mas eu posso prosseguir e depois já voltamos, pode ser que entretanto se recorde de algum.** Eu recordo-me muito delas, das histórias quando ela era pequenininha. Estas agora, às vezes, a gente está-se sempre a rir. Ela também é engraçada e diz sempre piadas que a gente começa a olhar e a dizer epa isso... é sempre divertido não é, mas... Há uma que me marcou muito, que foi quando ela era pequenina, que... ela ficou... ela gostava muito de levar o livro para a casa de banho quando ia fazer as necessidades. Não sei se ela contou também isso. E essa ficou-me muito

marcada porque achei engraçada a atitude dela e a posição dela. Ela era mesmo muito pequenina e então teve um desentendimento e a C. [mulher] meteu-a de castigo e disse: 'hoje não levas o livro para a casa de banho' [riso]. E ela foi e depois ela não conseguia porque ela gostava de estar entretida e então punha-se assim com uma expressão muito...pronto, sem o livro, e estava lá há uma série de tempo e eu fui por trás às escondidas e levei-lhe o livro. 'Toma, lê, para veres' e ela virou-se para mim 'não, não quero'. 'Não queres então mas porquê? Gostas de ler, lês'. 'A mãe não deixa'. Então nunca mais me esqueci disso, acho uma cena muito gira. **Era pequenina mas já tinha pelo menos 6 anos não é.** Já, já, já. **Já lia.** Já, já, já. Ela para mim há-de ser sempre pequenina e aliás ela também não é muito alta.

16 - E o que é que mais deseja para a J.?

Que ela seja feliz, mais nada, que ela nunca...que seja feliz e nunca tenha nenhum problema de doenças nem nada disso. Tudo o que estiver ao meu alcance claro, o que eu puder fazer faço, por ela.

17 - E o que é que mais receia para a J.?

Que alguém a trate mal. Isso acho que é o receio de todos os pais. **Quando diz alguém está a pensar...qualquer pessoa?** Qualquer pessoa.

18 - Houve alguma coisa na J. que o tenha desiludido?

Não, até à data não.

19 - E lembra-se de como era quando tinha a idade da J., quando tinha 14 anos?

Recordo-me bastante. Por acaso recordo-me bastante bem. **Como é que era?** Eu consigo recordar-me de todas as idades que tive. Como é que eu era? Os tempos eram outros, era diferente. A gente...a gente não tinha a liberdade que há agora e mesmo sendo rapaz não...havia limitações e havia regras a cumprir bastante grande. **Regras em que sentido?** Por exemplo não podíamos cortar as patilhas, eram coisas assim...absurdas...neste momento, a gente diz absurdas. **Mais formais?** Sim, sim, exacto. Tinha hora de entrar em casa, não podia estar até tarde, era diferente. Os tempos eram muito, muito diferentes. E como é que era como adolescente? Ah muito mau, muito mau. Eu gostava de ter tudo, gostava por exemplo, imaginava ter uma coisa qualquer, e quando tinha aquilo já estava a pensar noutra, já tinha aquilo, já queria outra. **Está a falar de brinquedos, de jogos, de...?** Não, brinquedos não havia muitos. Não, não tive muitos. Tive alguns brinquedos mas coisas muito básicas mesmo, não havia assim grandes coisas de brinquedos e os que havia eram muito caros, não dava para ter isso tudo. Depois a idade também passa, a nível de brincadeiras. Nós é muito diferente, enquanto vocês as raparigas gostam mais de

ter roupas e...nós não ligamos a isso. Nós é mais curtir...sei lá, qualquer coisa do género. Nós não ligamos muito a esse tipo de coisas.

20 - E como é que era o seu dia-a-dia? Já disse que tinha regras não é. Tinha regras para entrar em casa, andava na escola nessa altura.

Sim, sim, andei, andei sempre na escola embora ficasse um bocado cansado e quis decidir uma coisa rápida na minha vida, foi quando comecei a ver os meus amigos na minha geração todos a meterem-se na droga eu, claro com medo de algum dia também me ir acontecer alguma coisa disso, que nunca aconteceu ainda bem, eu quis acelerar um bocado o meu processo então, eu andava a estudar mas meti os papeis como voluntário para a M. [instituição militar], com 17 anos e eu fui logo chamado. Fui muito novinho, ou seja, nem deu a hipótese de nada disso. Quando saí da M. [instituição militar] estive lá 3 anos e qualquer coisa. E fui logo trabalhar para onde estou. Neste momento estou lá há 21 anos, já é uns anitos, já é muito bom.

21 - Como é que imagina a J. daqui a 20 anos?

[riso] Um bocadinho mais alta [riso]. Não sei, não...não...eu não gosto de fazer futurologia, não gosto muito de planear. A futurologia que eu posso fazer é única que é pensar num dia mais tarde que isto é muito difícil, que foi aquilo que a gente pensou, é como tenho outra casa e a outra é pronto, melhor para mim e para todos nós. E esta aqui é uma casa que eu digo é aquela do meu trabalho, do meu dia-a-dia, não posso...É muito longe e lá também não há trabalhos, lá para onde eu vou? A minha vida foi aviação, não, lá não tenho. Estão lá uns aeródromos mas aquilo Jesus a gente não consegue sobreviver com os ordenados lá. E...a única futurologia que eu fiz foi garantir que esta casa um dia mais tarde vá para ela e nem que seja para a entrada de uma outra ou outra coisa do género e tudo o que eu puder ajudar. Agora como ela vai ser, vai ser muito complicado, imagino que isto vai ser muito difícil, isto já está difícil, mas se eu conseguir salvar alguma coisa claro, cá estarei para isso, nem que eu tenha que ir bater a alguma porta para ela [riso] começar a trabalhar ou arranjar mas as cunhas também funcionam. Eu vejo lá os meus colegas e isso. Tento sempre arranjar algo, só se eu não conseguir. Agora a nível de futurologia mais. **Não era bem futurologia, era mais como é que eventualmente a imaginava daqui a...com 34 anos.** Vai ser muito difícil...vai ser muito difícil mesmo. **Está a falar em termos da conjuntura do país, é isso?** Sim, sim, vai ser...porque eu vejo isso nos meus colegas, nos filhos dos meus colegas, muitos também, não conseguem arranjar nada e hoje em dia é tudo pessoal licenciado. Eu tenho lá...eu tenho lá um colega meu que...que a gente começa às vezes a pensar e a gente vê até mesmo por nós, eu desisti de arquitectura, podia ter estudado mais além e desisti porque vi que colegas meus que acabavam e estavam lá em aquitectura e continuam a sair e ainda ganham menos do que eu, porque a profissão deles lá no

aeroporto não é a mesma que eu tenho. Eu sou TMA [técnico de manutenção de aeronaves] e o TMA, neste momento, ainda tem um vencimento um bocadinho bom e estes, por exemplo, são preparadores que andaram a estudar e não conseguiram fazer vida daquilo. São arquitectos, estavam lá na mesma universidade que nós estávamos e eles continuam na mesma posição porque fora não dá saída de nada. E tenho lá agora um colega meu, que ainda agora a gente estava a falar, que por acaso, gabo-o imenso, ele tem 27 anos, gabei a acção dele, que ele...ele é psicólogo e então, só que é do trabalho, e ele não conseguiu, não consegue arranjar em lado nenhum, ele inscreveu-se numa escola náutica e então está a tirar electrónica e ele lá agora está a estagiar lá connosco. E porque é que ele fez isso? Para ver se consegue arranjar agora lá nesse, quando acabar agora o curso, a ver se fica lá, que já lhe disseram quase que ficava lá pronto, a ganhar o mínimo que é o que se consegue arranjar para ele conseguir à noite ir tirar o mestrado. **Mestrado na área que está?** Em psicologia, que ele fez uma pausa. Ele agora para conseguir ter dinheiro para continuar fez isso, só para dizer que tira, e ver se consegue mas pronto, e vai, se calhar, acabar por ficar e anda todo contente. Porque mesmo assim consegue arranjar isto. Por isso a gente vê logo o difícil que isto está. Isto está mesmo muito, muito complicado. **E isso também torna difícil imaginar o futuro da...** Sim, torna muito difícil porque a gente vê através dos outros, a gente consegue ver. Eu...eu no meu trabalho, no meu sector consigo contar pelo menos 5 engenheiros que são o mesmo que eu sou. Não dá, não se consegue. E futuramente vai ser...o que vai acontecer é que no local onde a gente está já vai ter que ser o mínimo um curso de engenharia ou uma coisa qualquer assim.

22 - Bem, acho que...não sei se há mais alguma coisa que queira dizer.

É assim, se não puxarem por mim eu não digo nada. Até mesmo perguntas complicadas e isso, se puder respondo, não tenho problema nenhum.

Pai 5

1 – Como é que é o seu dia-a-dia?

Saio de manhã, vou para o trabalho e venho à noite [riso]. Portanto, não, chego aqui a casa geralmente nove, nove e meia. Portanto chego sempre um bocadinho mais tarde.

2 – (não foi necessário formular a questão porque o pai abordou-a espontaneamente)

E aos fins-de-semana quando não vou, porque às vezes também vou trabalhar, eu trabalho em casa mas...tento passar aí um bocadinho mais com a família embora a C. [filha mais velha] pouco...pouco saia connosco portanto aquilo é assim uma coisa estranha.

3 - E as férias? Como são as vossas férias?

Isso vamos todos. Ultimamente tem sido no Algarve portanto...enfim praia...mas geralmente todos. A C. de vez em quando fica...fica no quarto, aquelas coisas dela mas...mas dá-lhe assim umas coisas, mas está naquela idade, quer vir mais cedo da praia, aquelas coisas mas enfim vamos todos, estamos todos e passamos todos.

4 – E quem toma as decisões na família?

(...) Os homens têm a mania que são sempre eles a tomar as decisões [riso]. **É o que acha [riso].** Não, eu acho que há algumas decisões que sou eu que tomo, há outras que são tomadas em conjunto e outras é a minha mulher que toma. Eu acho que as do dia-a-dia é a minha mulher que toma, definitivamente. Eu diria que as decisões mais definitivas, mais estruturantes...tipo mudar de casa ou ter um cão, por exemplo, andou 2 anos a dar-me a volta e depois eu acabo por ceder mas no final eu tenho de ter ali uma palavra a dizer, também é uma questão de...mas no dia-a-dia e com a família acaba por ser a C. [mulher] a tomar as decisões mais...mais enfim, mais imediatas, acaba por ser ela a tomar as decisões, mas que obviamente quando estamos a falar das escolas, das explicações e não sei quê, isso são conjuntas. **Tomam em conjunto.** Exactamente.

5 - Como é que é a sua história como pai?

Como pai. É uma boa questão. Não, eu acho que no início, quando a C. nasceu...enfim, era mais pequenina e já andava etc, tínhamos uma relação mais próxima e depois também um bocadinho em função do trabalho, e não ponho isso...acho que um bocadinho também foi um erro meu no princípio que agora é mais difícil de colmatar, acabei por eu próprio me afastar um bocadinho porque também o tempo e quando a gente chega a casa ao final do dia, a gente chega cansado e houve uma altura

muito...muito...enfim, foi uma altura de 5/6 anos, onde os meus *timings* para chegar a casa eram onze da noite etc, e portanto uma altura da vida muito puxada e que era difícil de facto dar essa resposta, trabalhar aos fins-de-semana etc...E portanto isso afastou-me um bocadinho da C., aliás eu isso acho que, ainda hoje, ela sente um bocadinho isso. **Esses 5/6 anos mais complicados ela tinha mais ou menos que idade?** Ela devia ter... na altura foi, devia ter os 5 anos, foi ali entre os 5 e os 10 anos mais ou menos...que foi uma altura mais complicada porque...e tínhamos uma relação muito mais próxima antes, quando ela era pequenina, aliás às vezes, quando o G. [filho mais novo] nasceu, o G. teve problemas de saúde quando nasceu porque aos 15 dias teve uma pneumonia viral...e obviamente depois o G. acabou por ter uma atenção diferente...pelos próprios problemas mas também depois cria-se aquela, com a mãe então criou ali uma relação muito especial e...e a C. aí, enfim acabei eu por dar um bocadinho mais de atenção à C., por sair com ela e ir às vezes...sair no fim-de-semana e irmos ao centro comercial ou uma coisa assim, criou uma relação diferente e depois houve ali um período que de facto essa relação perdeu-se um bocadinho...em função também do trabalho mas faz parte [muito baixinho a última parte da frase].

6 - E sentiu alguma vez desejo de ser pai?

Ah isso senti desejo de ser pai, embora tenha que admitir que os meus filhos apareceram um bocadinho por acaso os dois [riso] mas tinha desejo de ser pai se calhar não era na altura que tive a C. porque foi numa altura também um bocadinho complicada da vida e depois quando apareceu o G. [filho mais novo] também era complicado porque já tínhamos uma filha e...enfim, o rendimento não era propriamente...mas como eu costumo dizer isto tudo...tudo...tudo evolui, tudo acontece e portanto...mas quer dizer senti a necessidade de ser pai, queria ser pai, queria ter um casalinho. **Portanto já mesmo antes da C. nascer tinha essa vontade.** Sim, tinha essa vontade de ser pai, se calhar não era naquela altura, era noutra altura um bocadinho mais folgada, porque na altura foi um bocadinho difícil e depois quando apareceu o G. as coisas já estavam estabilizadas começou a ser um bocadinho mais difícil também porque...por razões obviamente mais um é sempre mais difícil não é...e...mas também sempre tive, de uma forma ou de outra, tivemos o apoio dos nossos sogros e dos meus pais mas logisticamente mais dos meus sogros, que estão aqui perto e isso ajudou bastante, isso ajudou bastante, mas sempre tive vontade de ser pai, sobre isso...e gosto de ser pai. Não que seja um pai perfeito nem um grande pai mas gosto de ser pai.

7 - Acha que a relação com a C. tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Houve ali uma mudança, um afastamento por assim dizer. Eu diria que houve uma fase em que ela me enfrentou e ela enfrenta, enfrenta e em que eu tive que me impor não é, e não é muito fácil de impor à minha filha, a minha filha posso estar ali a cascar uma hora que não dobra, dê lá por onde der não

dobra e portanto tivemos que alterar aqui um bocadinho também a nossa forma de lidar com ela, que é enfim, deixá-la um bocadinho um espaço de liberdade mas tentar ao mesmo tempo dar algumas regras embora com ela não seja especialmente fácil dar-lhe muitas regras. Ela é um bocadinho mais madura, nesse aspecto é um bocadinho mais madura do que o G. [filho mais novo] definitivamente mas também, não é só uma questão de idade, mesmo na idade dele ela já era um bocadinho mais madura e portanto ela própria quando define as regras dela. Eu por exemplo é difícil eu mandar a C. estudar, ela tem que sentir a necessidade de estudar, nem sempre é aquilo que eu gostaria, aliás isso é uma grande frustração, nenhum dos meus filhos é bom a matemática, é uma frustração horrível, eu sempre fui ótimo aluno a matemática mas pronto faz parte. Mas ela sente aquela necessidade, não quer ser brilhante, não quer ser não sei quê mas sente aquela necessidade de ter ali aquilo para passar, para tirar a nota que quer. O meu filho já é completamente diferente, temos que estar sempre em cima dele porque...para ele estudar se não vai para a *playstation*, vai para outros sítios. Ela tem ali as suas regras, cria as regras dela e...É muito mais difícil de impor regras a ela do que ao G.. Tem que ser ali um bocadinho, com negociação, não é muito fácil. **Essa altura em que disse que ela o enfrentou foi agora mais recentemente?** Não, foi, foi há dois/três anos para aí, que começou na fase de me enfrentar e encher o peito mesmo. Enchia mesmo o peito e ‘quem manda aqui sou eu, não és tu, tu não mandas aqui nada’. Era um bocadinho neste racional, ‘eu sou independente, eu até era capaz quase de morar sozinha e quase não precisar de vocês para nada’, uma coisa assim do género. Isso também admito que faça parte da idade, mas ela obviamente tem características um bocadinho especiais e maturidade com um...com um carácter muito forte, que é complicado numa idade...nesta idade, supostamente não deviam ter carácter tão forte, não deviam ter uma maturidade tão forte, uma vontade de ser independente tão forte mas é complicado, mas é complicado.

É a principal mudança que nota nela ou há mais alguma que...

Ela sempre foi muito madura face à idade que tinha e...mas nos últimos anos claramente foi essa vontade de ser independente um bocadinho de todos nós. Vive cá em casa porque, porque tem que viver cá em casa mas a vida dela é outra, não é bem a...não é bem a nossa vida, a vida dela é outra, tem lá a vida na cabeça dela, joga um bocadinho essa...nós tivemos...chegou um ponto em que nós tivemos que optar ali um bocadinho por...se queríamos ter vida também [riso]...do género vamos jantar fora e ‘ah não quero, não sei quê’, uma grande discussão, pois acabava por ninguém ir jantar fora. Ela não dobra. E portanto, chegou ali ao ponto em que nós tivemos que definir olha não queres jantar fora, ficas em casa mas vamos nós. Nós agora vamos para a praia, ela não está nem para aí virada, ‘ficas aí, eu vou telefonando de meia em meia hora telefono para ver se está tudo bem mas desenrascas-te, comes o que te apetece’, não vou fazer comida especial, ‘desenrascas-te e depois’...Tivemos que criar um bocadinho isso senão não fazíamos nada, ficamos aqui fechados em casa o dia todo. **Ela passa muito tempo em casa.** Passa muito tempo dentro do quarto, dentro do quarto, é o mundo dela, Justin Bieber, aquelas coisas

todas, o mundo dela, aquilo é o mundo dela. Aí eu também admito que, às vezes falava com um colega meu lá do banco também, que ele de facto definiu umas regras mas tem que ser logo desde pequenino. Costumo dizer se eu soubesse o que sei hoje não tinha...por exemplo, ele não pôs televisão no quarto dos filhos, que eu acho que é das coisas que mais...hoje em dia, e é difícil retirar não é. Já está, é difícil. Não há televisão nos quartos, não há computadores nos quartos, não há nada dessas coisas nos quartos, nos quartos só há livros, se querem ir para o quarto é para ler livros. **É uma boa estratégia.** É uma boa estratégia. E portanto, eles acabam por estar enquadrados dentro da vida familiar com muito mais...porque para ver televisão têm que ir para o pé dos pais, têm que ir para a sala etc etc. Eu optei por uma lógica mais confortável entre aspas, que era se eu queria ver a sic notícias, ninguém queria ver a sic notícias, e portanto das duas uma ou punha outra televisão para eles verem o que querem ou então, que depois acaba por ter este outro lado e...eu admito que foi um erro, que agora é difícil de reverter, agora retirar a televisão, retirar as coisas daquele mundo dela, é muito difícil, dela e dele mesmo. Mas ele é mais...é mas ajustável. Eu abro os olhos e ele aí já, faz uma birrinha e tal mas aquilo vai lá mas ela é um bichinho.

8 - E tem notado mudanças na C., nos últimos tempos?

Quer dizer, eu acho que ela...ela tem mudado...enfim, tem evoluído um bocadinho da forma...tem sido mais madura, mais responsável nalgumas coisas, nas suas regras e eu admito que as regras dela até são um bocadinho mais maduras. De facto, não é preciso estar sempre em cima dela. Continua a ser uma pessoa difícil...mas admito que ela ultimamente tenha-se tentado ajustar um bocadinho mais também para evitar alguns conflitos etc, e isso acho que ela também tem evoluído nesse sentido. Mas muito ao jeito dela, muito ao jeito dela, ou seja, sem dar a perceber que está a ceder no que quer que seja. Portanto, tem que ser muito ao estilo dela não é...Mas tem havido um bocadinho essa evolução e...mas quer dizer, eu acho que tem sido, tem crescido, tem sido, está a evoluir e está a crescer como uma mulher, tanto que noto que, por exemplo, nas conversas, aquela coisa já com os rapazes, essas coisas todas. Enfim, já há algum interesse. Esta coisa do Justin Bieber que é uma coisa que me faz imensa confusão [riso], mas pronto, que é um bocadinho histérica, a berrar pelo...mas isso enfim, também acho que faz um bocadinho parte da idade mas...mas acho, noto essa evolução, que ela está a crescer...está a crescer como...como mulher e acho que tem ali um conflito dentro dela, porque acho que ela julga que é muito mais crescida do que o que efectivamente é, mas ali é um conflito na cabeça dela que eu acho que, pouco a pouco, se está a ajustar e acho que isso é uma evolução positiva na cabeça dela que é difícil nós influenciarmos, tentamos mas não é fácil.

Aliás foi há uns dois anos ou o que é que foi, tinha ela para aí 12 anos, perguntou à mãe quando é que podia ir para a discoteca e eu estava lá e ela ‘mas quando é que eu posso ir para a discoteca?’. ‘Qualquer dia se calhar podemos ir, vamos todos’. ‘Achas que eu vou com um cota como tu para a

discoteca? Quando é que eu vou para a discoteca sozinha?'. 'Ó filha quando te casares vais para a discoteca', ela ficou furiosa comigo. Tem muito sempre aquela lógica, acho que nem sabe muito bem como é uma discoteca, para além daquilo que vê na televisão mas é aquela lógica de eu sou crescida, sou mais independente não sei quê, ouço falar desta coisa de ir para a discoteca portanto com 12 anos definitivamente era...o conceito não era muito diferente deste, uma afirmação de maturidade ou de independência. **Portanto já nessa altura mostrava.** Sim, sempre foi. Desde pequenina, sempre foi muito mais acima daquilo que eram os pontos em que devia estar, mas sempre foi muito mais...E agora está numa fase que ainda é pior, em que o conflito dela com ela própria é muito...é muito...é muito mais difícil de ela própria gerir ali o conflito, que é achar que já tem idade, já tem 14 anos mas acha que já deve ter para aí 18 e que gosta muito mais das pessoas mais velhas, lá da escola, dos rapazes e das raparigas mais velhas, enfim, e em particular dos rapazes que é uma coisa que me deixa assim um bocado mais preocupado mas pronto, mas isso é aquelas coisas que eu acho que também é normal nas mulh...nas meninas, isso também é normal.

E em si tem notado mudanças nos últimos tempos?

Eu tenho tentado ajustar-me a esta...a isto, o que não é fácil. Em vez de tentar impor e desatar aos berros e passar-me um bocadinho da cabeça, porque quando me enfrenta eu passo-me um bocadinho da cabeça, devo dizer. Tenho tentado ajustar-me e tentar enfim, não ligar a algumas coisas para que as coisas mudem devagarinho. Também já percebi que...que indo pelo confronto, geralmente eu perco, e portanto...e ela tem...aquela personalidade é...ela não dobra e portanto, tenho tentado ajustar isto de outra forma. Que é engraçado porque ela depois tipo, 4 ou 5 horas depois começa a remoer na cabeça e depois vem com uma atitude mais de cordeirinho, porque lá percebe que aquilo não agiu bem ou que não coiso...mas aquilo demora muito tempo a processar, primeiro que chegue lá e não dobra, mas mesmo assim não pede desculpa nem nada que se pareça, vem é com uma atitude de cordeirinho, é uma outra forma de pedir desculpa mas já percebi que não é por aí. Portanto enfim, tenho tentado relacionar de uma forma diferente enfim, ou fazendo ouvidos de mercador nalgumas coisas para não e tentando gerir assim mais devagarinho. A minha evolução também tem sido um bocadinho nesse sentido não é, para evitar aquele conflito permanente, que houve uma altura que o conflito era quase permanente, se calhar porque eu também sou muito parecido com ela, temos muitas essas...essas parecenças. Eu diria que temos muitas coisas parecidas portanto...eu também não sou propriamente a pessoa que goste que me imponham, nunca fui desde, também desde pequenino, a minha mãe ainda hoje conta isso. E a minha mãe aliás tinha essa arte, que era levava-me sempre à certa, mas nunca por me impor o quer que fosse, dava-me sempre a volt...ainda hoje... mas levava-me sempre a certa mas sempre por uma forma ou por outra forma e se calhar por também sermos muito parecidos nessa componente é...é muito difícil duas pessoas que não

gostam...não gostam que lhes imponham nada, é muito difícil a gente ajustar-se quando esses feítios se confrontam. E portanto se calhar por sermos um bocadinho parecidos também temos essa...essa...esse conflito mais normal. Portanto, eu tenho tentado evoluir para o outro lado mas não é fácil, devo dizer. O meu feítio também não é, não sou propriamente um excelente feítio.

9 - E com quem é que convive a C.?

Convive com as coleguinhas da escola...de vez em quando e mesmo na antiga escola, telefonam e etc, e vão ao cinema e enfim não com muita regularidade que eu acho que isso também é um problema dos dias de hoje, eu lembro-me que passava grande parte do meu tempo a jogar futebol na rua com os meus amigos etc...e os miúdos hoje em dia são muito mais isolados do que eram no passado, também esta coisa dos computadores, essas coisas todas, também não ajuda muito, também não ajuda muito a essa socialização por parte dos miúdos. Mas pronto, dá-se com os amigos da escola, dá-se com os avós, principalmente com os avós da parte da minha mulher...e enfim, mais com a mãe, com o irmão também tem sempre aquela coisa: 'ó puto não me chateies' e comigo menos...menos tempo mas é um bocadinho este o círculo de relações da C.

E conhece as amigos e as amigos dela?

É assim, não os conheço tão bem como a minha mulher os conhece. Conheço-os mais de vista do que propriamente de falar com eles, mesmo enfim, a minha mulher é que geralmente os leva à escola, não é. Ela anda aqui no A. [escola], uma escola, porque o meu sogro era sargento da marinha e portanto tiveram facilidade em vir aqui até à 4ª classe para o A. [escola]e portanto a minha mulher ia...a minha mulher, os meus sogros é que iam busca-los, trazê-los etc...e portanto acabavam por em relação a esse conhecimento dos amigos foi sempre mais feito pela minha mulher e pelos meus sogros. Eu conheço muito pouco dos...com excepção de um ou de outro miúdo, porque por enfim, qualquer razão, acabei por conhecer melhor os pais ou uma coisa assim mas acabei por não os conhecer muito bem. Portanto não sou propriamente daqueles pais que conhece os nomes dos amigos dos filhos todos. A minha mulher conhece-os todos. Vai à escola, vai com os outros pais etc, do que propriamente eu, portanto eu aí... **A C. não costuma trazer amigas para casa?** Não, uma ou duas vezes mas não...nada de especial...mesmo houve duas vezes que foi dormir a casa de uma amiga mas ela própria não apreciou muito, quer dizer gostou de lá estar mas ali a parte do jantar e do dormir, porque aquilo já lhe afectava um bocadinho a independência dela e porque ali tinha umas regras diferentes. Porque ela aí porta-se muito bem, ela...Graças a Deus, ela vai para casa de quem quer que seja e é extremamente bem-educada, isso é uma coisa que eu felizmente não tenho aquele problema de ter uns filhos que vão para a casa de alguém destruir a casa toda e de serem muito mal-educados com as pessoas. É extremamente bem-educada,

aquilo é uma santinha, parece outra miúda completamente diferente. Os meus amigos dizem: ‘epa a tua filha, os teus filhos pá é uma coisa impressionante’. ‘A sério, não sabes é o que eu passo lá em casa’, mas é completamente diferente. Eu acho que ela, aliás nós estamos a tentar mudar de casa [muito baixinho e pouco perceptível], ter uma vivenda e não sei quê, nos dias de hoje não está muito bom para isso, nomeadamente para vender casas mas mesmo a ideia da minha filha é um bocadinho eu não tenho condições, temos uma casa boa mas enfim, não tenho condições para ter miúdos a dormirem, uma miúda, uma amiga a dormir aqui em casa e não sei quê. Enfim, eu acho que é um argumento que ela usa para mudar mas não é, mas eu acho que ela chega ali àquela hora e gosta de estar no seu espaço, não é muito por... não é muito... não tem muita vontade de ter assim. Gosta de ter as pessoas até certa hora e depois gosta do seu espaço mas não é muito o hábito, preferem muitas vezes ir para o cinema ou ir sair do que ir para casa dos outros.

10 - E o que é que acha da ideia dela namorar?

Horripilante, horripilante. Hum...[riso]. Não, acho que vai mais tarde ou mais cedo vai ser, normal, não é. Mas vai-me custar um bocadinho devo dizer. **Inquieta-o**. Bastante, bastante e tudo o que me passa pela cabeça é uma coisa que me incomoda profundamente portanto...vai-me custar muito. **Até agora ainda não foi confrontado com essa...** Não, até agora não mas enfim as conversas que vamos ouvindo ou o que vamos conversando, que às vezes lá descaí qualquer coisa não é, até acho piada porque noutra dia estava a comentar porque a minha mulher estava a contar que teve um namorado, um namorado que lhe emprestou um cd e ela deu-lhe um piparote e eu assim: ‘epa isso é que eu gosto, esses namoros é que eu gosto, assim é que correu bem’...mas...mas pronto...Reparo um bocadinho que pensa nos rapazes mais velhos etc, mas ainda acho que ainda não deu esse passo, mas é uma coisa que me...perturba um bocadinho devo dizer com toda a franqueza. E portanto...portanto não sei, não sei como é que vou reagir, acho que vai ter que ser assim um bocadinho, um bocadinho devagarinho para eu...incorporar aqui, devagarinho que é para me ir habituando à ideia, para não me chocar muito. Agora, eu diria que vai ter que ser com regras e essas vão ter que ser as minhas [riso] senão vai ser uma desgraça...vai ser difícil...mas vai ser difícil, vai ser difícil. É uma coisa que me incomoda um bocadinho.

11 - E já pensou na ideia da sua filha sair de casa?

Não, embora...enfim, ultimamente, até por questões até de estudos etc, e desta questão das regras do...das regras e das...das coisas, às vezes, e temos pensado, eventualmente ir para um colégio interno, um bocadinho naquela perspectiva de que ela fora daqui tem um comportamento diferente e mais disciplinado e dobra melhor e tem uma disciplina diferente que nós aqui não conseguimos dar também e portanto é uma perspectiva que às vezes, já temos discutido algumas vezes. **Entre vocês?** Entre nós e às

vezes com ela, às vezes com ela, às vezes mais em tom de ameaça com ela do que outra coisa. Ela fica completamente indiferente – ‘ah ótimo, para um colégio interno, quando é que vou?’. Não, não acusa. Nunca, ‘quando é que eu vou?’.

Agora sair de casa, no sentido de sair completamente de casa, por enquanto nem me passa pela cabeça, devo dizer que não...Embora admito que ela, não sei, ou muda muito ou vai ter uma vontade muito mais cedo, até por esta evolução de maturidade etc, acho que vai ter uma vontade mais cedo do que enfim, os miúdos hoje em dia. A maioria, eu não posso dizer muito porque eu saí de casa para me casar, portanto já foi aos 27 anos pronto...e...mas...eu diria que os miúdos hoje em dia têm tendência para ficar em casa até muito mais tarde. Eu acho que ela vai ter uma tendência para querer sair mais cedo, para querer ser independente mais cedo, o que também me perturba devo dizer porque...Perturba-me porque enfim, mesmo com estes conflitos gosto de...pelo menos vou controlando à volta e prefiro controlar mesmo, às vezes, com aquela distância, fazer um esforço para gerir isto de outra forma, mas gosto de ir mantendo o controlo à volta para...e sinto que o sair de casa perco completamente o controlo e isso também...Não é um assunto que eu pense muito ainda porque acho que ainda falta algum tempinho bom, mas não...mas vai-me custar, também vai-me custar bastante e com ela quase que acho que ainda me vai custar mais do que com ele. **Mas porque é que acha que lhe vai custar mais com ela do que com ele?** Porque...não sei, se calhar porque somos muito parecidos e também por ser menina, por ser enfim...sou um bocadinho cota nessas coisas e portanto tenho...tenho...vai-me custar mais com ela do que com ele. Embora eu ache que o meu filho vai só sair de casa aos 40 anos mas pronto.

12 - E tem amigos com filhas da mesma idade que a sua?

Não...da mesma idade, não. É mais rapazes, por acaso assim da idade dela é mais rapazes do que raparigas...não.

13 - Costuma partilhar com esses amigos desejos e preocupações?

Não, assim...por acaso, tenho um colega lá no banco que...enfim, mas já passou por estas fases, já está mais à frente não é, não muito, mas mais à frente mas às vezes falamos sobre isso e partilhamos um bocadinho essas coisas. Eu diria que...por isso é que eu digo muitas vezes, a minha filha é bastante diferente, nestas coisas. É diferente nesta forma de...nesta maturidade enfim, pelo menos é a percepção que eu tenho. Está sempre um bocadinho ali mais à frente do que os outros...do que a percepção que eu tenho, das outras miúdas da idade. Mas pronto, partilhamos etc. Obviamente que há aquelas coisas que eu acho que são iguais para todos, quer dizer, pode ser aos 14 ou aos 15 ou aos 12 ou não sei quê, que é esta necessidade de terem o mundo deles, em particular as meninas com esta idade, embora ela começasse mais cedo, isso custa mais não é, e de não querer partilhar, querer ser independente. Acho que há muitas

coisas que são comuns, estão em idades diferentes e a minha filha acho que aí está um bocadinho mais à frente, mais à frente.

14 - E como descreve a C.?

É...enfim, é...tem um carácter muito forte, é meiga mas não quer ser meiga, mas é. **Não mostra.** Não mostra, nem quer mostrar, nem lhe passa pela cabeça mostrar. Eu acho que ela tem às vezes aquele conflito de querer dar um beijo ao pai ou à mãe, eu não recebo um beijo da minha filha há não sei quanto tempo, é uma coisa impressionante...querer dar um beijo ao pai ou à mãe, mas faz ali um esforço muito grande para não mostrar que tem vontade ou não sei quê, portanto, a priori tudo o que são aproximações de carinho afasta logo. Portanto tem ali um bocadinho essa...essa barreira embora eu ache que ela no fundo é meiga e quer. É muito independente, portanto, isso claramente e...e na cabeça dela tem ideias muito definidas do que quer, podem estar certas ou erradas, até podem mudar no dia a seguir, mas tem ideias muito definidas. Tem depois alguns problemas, tem alguma inconstância no dia-a-dia no que quer, ou seja, muda também com alguma rapidez, do género: ela tem imenso jeito para a música, por exemplo, e...é admirável, ela consegue ler uma pauta com flauta ou com viola, e aprende com uma rapidez enorme. Houve uma altura que quis aprender a tocar viola, aprendeu a tocar viola num instante. Chegou tipo um ano depois disse: 'já estou farta daquilo porque os outros andam mais atrás e aquilo depois é sempre a mesma coisa'. 'Então mas não queres ir para outro professor?'. 'Não, já estou farta'. Portanto, aprende, vai, quando gosta é boa naquilo que faz, tem que gostar, mas e depois também se desinteressa muito rapidamente das coisas. E isso é...também é uma coisa que me preocupa um bocadinho porque não...enfim, vai até ao ponto que acha que deve ir e depois já não vai mais para a frente, e portanto, tem essa...essa particularidade...Enfim, é um bocadinho isto.

15 - Conte-me uma história com a sua filha.

Uma história com a minha filha...não é fácil, são muitas histórias [riso]. (...) Não sei, acho que...eu...eu...eu gosto muito de enfim, num período um bocadinho mais, quer dizer não é nenhuma história especial, são...são...uma altura em que nos sábados de manhã, por exemplo, quando ela tinha 5, 4/5 anos...ia comigo, levantávamo-nos mais cedo e ia comigo sozinha passear sempre todos os sábados, portanto era aí...foi naquele período um bocadinho, antes daquele período mais complicado. E enfim, não sendo uma história são, é assim, são momentos que eu recorro com alguma...com alguma saudade admito. Eram momentos privilegiados onde ela se fazia um disparate ou eu, dava-lhe, tomávamos o pequeno-almoço juntos e não sei quê e ela tinha um lado mais dependente, que os pais também gostam um bocadinho dessas coisas, de terem os filhos mais dependentes e deixarem fazer festinhas e aquelas coisas todas [baixa o tom de voz]. Não é propriamente uma história mas são momentos que eu sinto

alguma saudade, bons momentos. **E essa altura foi também a altura em que o seu filho estava com alguns problemas?** Não, foi um bocadinho seguir mas não foi muito depois porque é assim, o G. nasceu quando a C. tinha dois anos e meio. Pronto, e houve ainda ali um período difícil. O G., mas foi ali naquele período a seguir onde obviamente a C. [mulher] deu mais atenção ao G. e o G. nos dois primeiros dois anos teve muitos problemas respiratórios e aquelas coisas todas que depois felizmente passou tudo mas foi ali um bocadinho esse período, que foi ali mais ou menos até aos 5 anos, 6 anos, até entrar mais ou menos para a escola. Foi ali um bocadinho esse período que foi um período onde obviamente a proximidade também acabou por...por ser maior e também por ser necessária porque a C. [mulher] também estava mais focada no miúdo e mais preocupada com o miúdo e portanto acabou por ser maior [baixa o tom de voz mesmo no fim da frase], um bocadinho também enfim, em função de uma necessidade quase, mas que não deixou de ser importante.

16 - O que é que mais deseja para a C.?

Que tenha muito sucesso na vida [riso]...que...que não se case [riso], estou a brincar [riso], estou a brincar [riso]. Não, eu acima de tudo, desejo que seja realmente feliz, porque eu acho que é isso que...e que tenha sucesso, porque eu acho que hoje em dia as pessoas se não têm independência material, por muito que a gente diga que não, se não têm independência material não conseguem ser efectivamente felizes, não acredito naqueles...naqueles conceitos de que pobrezinhos, uma cabana, somos felizes todos e não quê, não acho que seja assim, obviamente que não temos que ser ricos. Mas que tenha de facto sucesso material, ou seja, que eu acho que ela só vai ter esse sucesso se fizer uma coisa que ela vai gostar se bem a conheço, embora ela seja muito prática, ela tem um...ela é muito prática na vida, não é muito conceptual, é...é tem de ser, é assim, acabou, portanto se calhar até numa determinada altura vai perceber que as coisas têm que ser, têm que ser, é. E ajusta-se também, se calhar, com alguma facilidade...mas acima de tudo que seja de facto, que seja feliz, dentro...dentro do conceito global da felicidade, dentro da vida material, a vida sentimental, a relação com os pais enfim, com os amigos etc e que...e que também encontre ali um bocadinho aquele caminho dela na cabeça dela, que ainda está em construção e que se não encontrar, ela própria tem que encontrar um bocadinho porque dificilmente a cabeça dela, a gente pode influenciar mas...tem que partir dela, a cabeça dela tem que encontrar ali o caminho dela. Mas eu acho que ela como é muito prática vai chegar a um ponto e vai encontrar o caminho dela e vai seguir ali o caminho mais...mais normal. E pronto, depois obviamente que deixe de ter tantos conflitos interiores e que pronto, consiga encontrar ali o caminho e seja feliz, no conceito global de felicidade.

17 - E o que é que mais receia?

Receio...receio que ela não encontre esse caminho e permaneça naquela revolta permanente na cabeça dela porque isso é que pode ser uma desgraça. Porque acho que se ela permanecer nesta revolta, mas que eu acho que vai evoluir naturalmente, e nesta inconstância de agora gosto e depois não gosto, acho que isso cria problemas...problemas problemas tremendos na...enfim, nos estudos, profissionalmente, nas relações pessoais, com os namorados, com os maridos [riso]...porque não é muito fácil, enfim a vida também precisa de ter alguma estabilidade em muitas das coisas, a gente tem que ter alguma estabilidade em muitas das coisas, não podemos estar a mudar permanentemente, também para os outros isso é...não facilita as relações não é, e não facilita a relação connosco próprios e portanto eu acho que ela...isso é o receio que eu tenho, é que ela mantenha aquela revolta...de que acha sempre...nunca está contente com o que tem. E isso pode ser bom por um lado, mas quando é muito...quando é demasiado, é mau, e portanto a gente às vezes também tem que estar contente, tem que ter ali um mínimo de estabilidade para estar contente com o que temos, obviamente almejando mais etc, querendo outras coisas mas também temos que ter ali um período de estabilidade e na relação com as outras pessoas essa estabilidade é muito importante e portanto, aquela revolta dela, muitas vezes, admito que possa no futuro criar alguma...alguns dissabores, porque tendencialmente eu acho que se nós também não mostramos uma estabilidade muito grande na vida e na relação com os outros, as pessoas também têm tendência para se afastar de nós, e portanto isso é o meu receio sobre isso. E tenho algum receio, acho que isso é o normal dos pais de hoje em dia, que é o receio de que de facto, enfim, no mundo de hoje e como o nosso país está hoje, que é o receio de facto de que tenham uma vida muito pior do que aquela que eu infelizmente acho que...Infelizmente eu nisso sou muito pessimista. Acho que até agora o país tem evoluído no sentido em que os filhos conseguem em média ter melhor vida que os pais e a geração enfim, a minha geração, se calhar, conseguiu de facto trazer essa evolução e habituar os filhos a ter uma vida diferente, e portanto têm um grau de exigência diferente porque eu não tinha quando era pequeno como eu costume dizer, eu só tive a minha primeira televisão quando tinha 8 anos, em casa, não era no meu quarto, era em casa, e portanto o grau de exigência que fui obtendo foi devagarinho não é. E acho que hoje em dia os miúdos e os meus filhos em particular, como outros miúdos, já nasceram com quase tudo e foram tendo quase tudo e acho que isso pode ser um problema para o futuro. Mas acho que isso é um problema de uma geração, não é só dos meus filhos mas obviamente que me preocupa porque os meus filhos estão nessa geração, vão estar nessa geração. Isso preocupa-me claramente mas isso é um bocadinho mais global não é tão em particular.

18 - E houve alguma coisa na C. que o tenha desiludido?

A matemática. Não, eu há coisas como é óbvio, eu acho que nos estudos esperava um bocadinho mais dela...aliás dos dois, dos dois e acho que nós fazemos um esforço grande, obviamente, para os termos numa boa escola etc, e portanto a gente espera sempre um bocadinho mais. Eu como costume dizer, os meus pais não tinham essas possibilidades e portanto tive eu que fazer o esforço, andei numa pública e as escolas públicas da altura eram muito piores que as de agora, devo dizer com toda a franqueza, e a tendência que a gente tem é se têm essa possibilidade de facto esperamos que venha qualquer coisa a mais disso e aí desilude-me as notas bastante e a matemática em particular. Tenho uma grande frustração [riso]. Nenhum deles alinha com a matemática é uma coisa impressionante mas...mas pronto, os estudos acho que...quer dizer, a gente não deve, obviamente, às vezes também penso nisso, porque a tendência é a de que os meus filhos sejam os melhores enfim, faz parte acho eu, e também não deve transpor aquilo que é os nossos desejos e o que é a nossa vontade para as vontades das pessoas mas eu enfim, durante, com excepção de uma ou outra vez, tinha sempre notas...boas e portanto, e aliás, num período em que os meus filhos estão agora eu diria que para aí até ao 9º ano/ 10º ano, geralmente, era o melhor aluno da escola e portanto, da turma sempre ou quase sempre, e depois da escola também andava sempre nos melhores alunos da escola. E isso hoje em dia para mim é uma frustração. Não deve ser mas infelizmente às vezes admito que me frustra um bocadinho essa...mas pronto, tenho que me habituar.

19 - E lembra-se de como era quando tinha a idade da C.? De como o A. [pai] era?

Era...era muito mais miúdo, definitivamente. Era, quer dizer, já andava atrás das meninas [baixa o tom de voz tornando-se imperceptível]. Mas muito mais ingénuo, uma forma de ser muito mais ingénuo, era muito mais ingénuo, era...era...quer dizer, como eu digo não tinha metade, metade? Um décimo do que ela tem hoje do ponto de vista material e do ponto de vista mesmo, se calhar, até aspiracional, no sentido em que o potencial ou vinha de mim não era porque me tinham que dar ou porque eu que achava que alguém me tinha que dar. Porque hoje esse é outro problema, também um bocadinho geral, os miúdos hoje em dia acham que os pais é que têm que dar tudo, portanto não têm que fazer um grande esforço para coiso. E na altura eu já não pensava assim não é. Embora também face aos meus colegas já era um bocadinho, também sempre fui um bocadinho mais maduro do que o normal, tinha mais juízo, nesse aspecto aliás...tinha sempre e às vezes eu próprio enfim, não sendo propriamente um líder mas criava regras não por questões de liderança mas as pessoas acabavam um bocadinho por me seguir porque havia mais juizinho, portanto nesse aspecto acho sempre fui. Mas era muito mais ingénuo do que era hoje, quer dizer, do que eles são hoje e do que a C. é hoje claramente. Isso eu diria a minha filha está a anos-luz de mim em todos os aspectos. Em termos de crescimento, eu diria que talvez estaria dois anos antes ou três anos antes do que a minha filha está hoje, de percepção do que é que é a vida, do que é que são as

coisas, uma ingenuidade absoluta devo dizer e portanto aí era... Agora do ponto de vista de vida normal, quer dizer, tinha uma vida muito mais restritiva do que os meus filhos têm hoje. Quer dizer, não podia propriamente chegar 'oh pai quero um telemóvel novo porque parti o meu telemóvel' não é, nem me passava pela cabeça pedir isso ao meu pai devo dizer. E portanto...era muito raro pedir, devo dizer, que é uma coisa que também me incomoda um bocadinho em particular com a minha filha, com a C., está sempre a pedir e eu nunca pedia e portanto ou davam ou não davam, quando davam ficava contente, quando coiso...mas nunca pedia. E tinha esta noção, que é uma noção completamente diferente, de que se eu queria ir a algum lado tinha que eu...tinha que eu andar a lutar por aquilo. Obviamente tinha o apoio dos meus pais etc etc, isso os meus pais nessas coisas sempre foram, e o meu pai também sempre foi, ainda é hoje uma pessoa à moda antiga, como se costuma dizer, mesmo à moda antiga, do tipo de homem, que eu também enfim, também tenho um bocadinho desse defeito, que se senta quando chega a casa e não faz mais nada. Portanto...e fui habituado um bocadinho nesse ambiente, devo dizer, um bocadinho o homem...coisas de casa...quer dizer...também agora não sou assim tão mau, devo dizer, mas...mas nunca...o meu pai obviamente era...tinha...tinha mão pesada, como eu costumo dizer, mas também nunca foi preciso usar muito a mão pesada porque...porque sempre fui um bocadinho mais sensato e mais...que o normal das pessoas, do que o normal dos meus colegas, dos meus amigos. Mas sempre com a noção de que qualquer coisa que tinha que acontecer na minha vida, era eu que tinha que ir à luta por isso. Hoje em dia, os miúdos hoje em dia, eu acho que em geral não têm. A C. não tem de todo. Acha que a vida...algures na vida também lhe vai cair alguma coisa do céu, e que se não cair, o pai e a mãe hão-de estar cá para...para contribuir mas acho que é...Mas muito mais ingénuo do que ela, isso claramente.

20 - E como é que era o seu dia-a-dia na altura?

Na altura era um bocadinho...ia para a escola sozinho...enfim, eu já não me lembro se tinha aulas de manhã, na altura era um bocadinho de manhã ou à tarde. Mas por exemplo, de manhã ia para as aulas sozinho com os meus amigos, mais ou menos um grupo de amigos, também morávamos todos na mesma rua e íamos todos para a escola, fazíamos uns tantos disparates também no meio do caminho que havia sempre alguns disparates, faz parte das brincadeiras não é...E pronto, na escola era bem...era mais ou menos bem comportado. Andava direitinho, tinha uma coisa diferente, aliás tinha mais ou menos uns 14 anos, tinha um amigo meu que dizia, um colega meu, na altura, nunca mais o vi, que dizia que eu era diferente, que era do tipo que conseguia tirar as boas notas mas ao mesmo tempo conseguia estar no recreio a jogar futebol. Não era o betinho que só tirava boas notas ou o extroviado que só jogava à bola e não fazia nada...conciliava bem as duas coisas e tinha... e portanto, sempre tive boas relações com os meus amigos, com...e com os professores etc. Sempre consegui dominar muito bem esse tipo de

coiso...e depois no...à tarde, estudava também e depois ia para a rua jogar à bola com os meus amigos ou brincar ou eventualmente íamos para casa uns dos outros. Eu não tenho irmãos mas tenho um amigo meu que morava no mesmo prédio que era uma espécie de irmão, ainda hoje é uma espécie de irmão que vive...nascemos quase juntos e andámos na escola aliás até à universidade, até ao 11º ano, exactamente, andámos na escola sempre nas mesmas turmas, sempre juntos portanto e isso também éramos praticamente irmãos e...e portanto íamos para casa um do outro isso claramente, para casa uns dos outros, portanto era uma vida relativamente normal nesse aspecto, enfim. A relação com o meu pai era razoável, a relação com a minha mãe sempre foi melhor nesse aspecto, com o meu pai um bocadinho mais afastada [baixa o tom de voz e torna-se imperceptível], agora está a ficar velhote, já está a ficar mais calmo. Com a minha mãe era...era diferente, um bocadinho especial, a minha mãe dava-me...sempre me dá a volta, é um facto, tem uma forma muito especial para me dar a volta e...e portanto, eram relações normais e depois houve um período menos bom familiar mas isso depois já foi numa fase mais posterior da vida mas...mas pronto, mas nessa altura era mais ou menos assim...era mais ou menos assim.

21 - E como imagina a C. daqui a 20 anos?

[Estalido com a língua] Imagino-a a...a viver sozinha...e quando eu digo sozinha é mesmo sozinha, completamente independente, a não dar cavaco a ninguém sobre o que faz, ou que lhe apetece fazer mas imagino que...acho que ela vai, dentro do seu espírito prático, vai conseguir de facto atingir os patamares que ela quer. **Em termos profissionais? Pessoais?** Profissionais, pessoais, acho que vai atingir esses p...mas acho que vai sempre ter a necessidade de ser independente e por isso é que eu digo, há-de ter namorados para a vida [baixa o tom de voz tornando-se quase inaudível], espero que nessa altura já não esteja aqui e eu já não veja mas acho que nunca vai querer agarrar, ter uma...ter relações permanentes ou, não digo permanentes mas...**casar**. Casar, pronto. Hoje em dia já não...**Casar, viver junto**, viver junto essas coisas, acho que não vai ser muito o estilo dela, acho que aquilo vai ser muito manter a sua independência e não ter que partilhar essas...algumas decisões do dia-a-dia com ninguém, isso vai ser. Portanto vejo assim um bocadinho nestes patamares mas acho que vai ser feliz assim, acho que ela é feliz assim.

22 – Há alguma coisa que gostasse de acrescentar ou que ache que seja importante e que as perguntas não tenham coberto.

Não, acho que não. Acho que está tudo mais ou menos dito.

Mãe 1

1 - Como é que é o seu dia-a-dia?

O meu dia-a-dia? É uma boa pergunta. Em que sentido? Em todos não é? Bem, o meu dia-a-dia nunca é rotineiro, porque eu tenho dias mais atrapalhados, outros menos atrapalhados, tanto posso ter um dia muito calmo como posso ter um dia caótico. Tirando a mais pequenina as outras já não me dão assim muito trabalho desde que eu tenha assim um pouco de regras e que essas regras sejam cumpridas não me atrapalha muito o meu dia. Mas é um dia-a-dia preenchido normalmente, sim. Eu desdobro-me, em muitas.

Trabalho... Trabalho e trabalho, e trabalho e eu estou a acabar uma especialização, portanto mais essa questão, e casa e compras e miúdas não é, porque uma casa destas com tanta gente em casa, somos 6 em casa não é tem que haver sempre um mínimo de gestão [riso], há sempre alguma coisa para ir buscar ao supermercado, sempre. **Uma especialização? A M. [vizinha] tinha me dito que era médica. A especialização é medicina então.** Sim, e agora estou a fazer uma nova especialização, que me dá assim muitos panos para mangas e ocupa muito do meu tempo, demasiado [risos], demasiado [riso].

É muito exigente...

É exigente e eu sou muito exigente e com aquilo a que me proponho fazer e então ainda atrapalha um pouco mais essa mania da perfeição [riso]. Eu tenho assim umas regras muito próprias para comigo e isso atrapalha muito.

2 - Como são passados os fins-de-semana?

Bem os meus fins-de-semana existem e não existem não é. Há fins-de-semana que são fins-de-semana de trabalho. Há fins-de-semana que são fins-de-semana de puro...de puro lazer, relaxar, descansar. A prioridade é sempre as miúdas. Nós cá em casa, a prioridade é sempre a família, portanto se eu estiver a trabalhar, o R. [marido], nós temos a certeza que o R. [marido] não está a trabalhar. Tem que haver sempre um de nós com os miúdos mas de qualquer das formas são fins-de-semana que às vezes não existem não é. Quando eu trabalho o fim-de-semana completo, não existe fim-de-semana mas depois acabo por ter 2 dias na semana que consigo conciliar com elas. Volta e meia tento raptá-las da escola nesses dias, como é uma vez por mês tento raptá-las da escola e levá-las comigo para passear ou às vezes para não fazer nada não é mas agora está difícil porque [riso] pelo menos a mais velha gosta muito da escola e diz sempre não mãe hoje não quero ir [riso] mas os fins-de-semana até são porreirinhos, são calminhos.

Então costumam passar juntos quando possível. Sim, sempre que possível, a menos que eu esteja a trabalhar ou o R. [marido] esteja de prevenção, normalmente sim estamos juntos. Há fins-de-semana mais complexos que outros. Por exemplo, este fim-de-semana é um fim-de-semana em que eu

estou em casa mas eu tenho um exame da especialidade para a semana portanto é um fim-de-semana de estudo, elas também têm testes, também vão estudar [riso], vai acabar por haver aqui um equilíbrio. **Estudam em família.** Sim, normalmente sim, nós temos ali uma sala que chamamos o pavilhão atlântico porque é o pavilhão onde tudo acontece não é, às vezes está, está cheio de computadores do R. [marido], às vezes está cheio de livros de medicina meus, às vezes está cheio de livros de geografia e de história delas, então aquilo serve para tudo [riso] mas sim, normalmente a base é a família sempre.

3 – E como são as férias, em família?

As férias em família, as férias em família são quase inexistentes, muito poucas porque ainda não atingimos uma estabilidade que nos permita fazer férias em família assim tipo tirar 15 dias e vamos todos de férias. Normalmente as miúdas vão para casa dos meus pais, no G. [local do país]. Eles, nós somos g. [nome dado a naturais de uma zona do país], estamos aqui emprestados. **Ah mas não tem pronúncia, não se nota.** Ah isso é já o hábito [riso], fui muito criticada quando vim para Lisboa, eu era muito miúda, eu tinha 17 anos quando vim para Lisboa e toda a gente dizia que não entendia o que eu dizia, que eu tinha a pronúncia muito cerrada então eu controlava-me para falar normalmente não é. Não é que falar g. seja anormal mas se me vir com a família esqueço-me completamente do português [riso].

Normalmente elas vão no mês de Agosto, vão o mês todo e nós vamos ter com elas à sexta, sábado e domingo ou quando conseguimos tirar uma semana, duas semanas, vamos sempre ter com elas mas basicamente é G. [local do país]. As férias acabam por ser sempre...**Mas conseguem então passar uma temporada todos juntos.** Ah sim, sim, juntos conseguimos, podemos é não sair de casa ou não sair daquele, o G. [local do país] é casa para nós também mas sim sempre que podemos estamos juntos, o máximo possível. A mais pequenina inclusivamente, se eu não tiver um dia muito complicado, ou se estiver só em clínica não...se não tiver um dia muito complicado a mais pequenina nem vai à escola e o mesmo aconteceu com as mais velhas não é. Agora já não, agora já não querem, já não têm vontade de estar com a mãe. Ainda têm, ainda têm muito mas sim, estamos muito tempo juntos. Acabamos por estar muito tempo juntos.

Elas fazem muitas colónias de férias, porque adoram colónias de férias e escolhem sempre uma série delas. O ano passado, a M. [filha mais velha] fez 4, a mais velha, e a C. [filha do meio] fez 3. Têm 3 meses de férias e as colónias normalmente são 2 semanas ou chegam a ser de uma semana, uma semana ou 2 semanas e a M. sempre que pode, crava-nos as semanas todas que houver das colónias preferidas. Aquilo agora tem um vasto leque de amigos das colónias e eles combinam quem é que vai em que turno.

4 - Quem é que toma as decisões na família?

Normalmente se forem decisões financeiras, decisões de estrutura é o pai e a mãe em conjunto. Se for algo que abrange os miúdos e que seja obviamente fácil de gerir com eles, por exemplo, eu posso dar o exemplo das compras, os cereais que se mais gosta, os leites etc, os lanches das miúdas então aí é reunião familiar, toda a gente dá a sua opinião e depois há uma decisão em conjunto, às vezes por votação. **Muito democrático.** Não é uma questão de democracia, é uma questão de eu não vou estar a decidir comprar determinadas coisas que elas depois acabam por não utilizar. É mais uma questão de gestão do que propriamente de democracia. Decisões mais de estrutura, então aí é o pai e a mãe. Normalmente ouvimos a opinião um do outro e fazemos uma decisão conjunta. Se calhar eu decido mais do que ele, porque há coisas que se calhar não me dou ao trabalho de lhe perguntar porque já sei que ele vai dizer: ‘vê lá o que é que tu que achas melhor’ não é, mas isso pode ter mais a ver com a casa, com as decisões da casa, decisões rotineiras, de logística. Agora, o resto não, o resto é em conjunto.

Quando mudámos da Zon para o Meo, por exemplo, chamámos a família [riso], chamámos a família. Claro que demos a nossa polidela à coisa não é, da questão financeira, é mais barato, o Meo é melhor em termos de serviços, vamos ter mais serviços, essas tretas todas que nós achámos que seria bom para a opinião delas mas fizemos questão de as incluir porque mudava a rotina de canais que elas gostam de ver etc... mas pronto mas o *core* base somos nós sem dúvida [riso], mas incluímos muito as miúdas. Por exemplo, não decidimos as férias não decidimos sem a opinião delas porque é importante também saber o bem-estar delas não é, embora eu saiba que a minha mãe, eles têm casa na praia, vivem na praia eu sei que por a minha mãe se eu lhe dissesse ‘olha as miúdas vão de Julho a Setembro’, a minha mãe adorava não é, elas eu sei que já não, no início talvez sim, agora já não porque já têm um grupo de amigos, já têm uma rotina, já têm as suas coisas, pronto, então eu gosto de as incluir e saber a opinião delas.

O ano passado a M., a mais velha, já não quis ficar lá o mês de Agosto completo, preferiu ir para as colónias [riso] e estar só uma semana com os avós. Portanto há sempre aqui um...A mãe do R. [marido] também é...vive no G. [local do país], tem uma casa em A. [localidade] também, também vive junto à praia, mas pronto é diferente e independentemente de ter a piscina que é aquela coisa mais apelativa para os miúdos, elas por exemplo não gostam de ir para lá e então pedem-me sempre. Se eu disser a avó A. quer que vocês vão passar 15 dias com ela, tem que haver aqui um jogo de cintura porque isto é quase, parece que estamos num mercado marroquino. Mãe 15 dias não, 10. Oh filha 10? 10 é pouco. Vá lá 12 dias. E acabam sempre por ir um fim-de-semana [riso], não vão mais, ganham-me sempre [riso]. Mas lá está depende do tipo de decisão.

5 - Como é a sua história como mãe?

A minha história como mãe começa aos 5 anos quando eu decidi que queria ser a Mãe. Pronto, foi o meu primeiro nenuco, na altura não havia nenucos assim como há agora, em cada esquina de supermercado. Trouxeram-me um nenuco de fora, não havia nenucos ainda cá e aquele nenuco foi assim qualquer coisa de fenomenal, aquele cheirinho a bebé que aquilo tinha, que acho que já não têm, mas na altura tinham um cheirinho assim muito característico. Eu olhava para aquele nenuco e pensava o que é que seria ser mãe. Eu não tive uma infância muito simples nem tive uma mãe muito carinhosa, felizmente hoje tenho uma mãe carinhosa porque a coisa deu-se não é, mas eu olhava para aquele bebé e sentia que queria ser uma mãe muito, aquilo não era um bebé, era um nenuco e começa aí aos 5 anos e sempre disse que ia ter muitos filhos. Sempre quis ter muitos filhos [riso]. Fui tia muito cedo, tenho irmãos mais velhos, fui tia muito cedo, aos 9 anos já tinha sobrinhos e já cuidava deles. Tipo, passei as minhas férias de verão, 4 mesitos, a cuidar de um recém-nascido, então isso ainda juntou mais ao querer ser mãe e ser mãe para mim era o mais importante, não era a carreira, não era nada, era ser mãe. Ser mãe é uma coisa que me dá, me dá vida e...tanto que a M. nasceu quando eu tinha, sei lá, era nova [riso], era nova não, tinha 21 anos, não tinha, tinha 22, sim 22. Mas, era assim aquela...eu quase que me apetecia fazer tudo ao contrário, ser mãe primeiro e depois tudo o resto vinha depois e foi o que aconteceu não é. A M. fez muitos exames na minha barriga. A carta de condução foi com a C. [filha do meio] no banco de trás, portanto no ovinho. O exame de código foi com a C. [filha do meio] na barriga. Portanto, isto foi tudo assim, a minha história como mãe passa por tudo o que consegui até hoje como mãe sempre com...já com filhos. Tudo o que eu fui construindo, toda a família que nós fomos construindo, subir o degrau não é, cada degrau que subíamos, sempre com filhos. E acabamos por fazer as coisas sempre no todo por todos, não só por mim, portanto os meus filhos pesam nas minhas decisões, sem dúvida. A minha história como mãe é linda [riso], de conto de fadas, de conto de fadas [riso] não é, não posso dizer que não e elas são impecáveis.

A minha história como mãe é realmente uma história cor-de-rosa, com um solzinho e nuvens bonitas e tal, fofinha, tanto é que eu tenho um sobrinho que aos 15 anos decidiu desertar [riso] e vir viver connosco [riso]. **Pois era isso que eu ia perguntar porque a M. [amiga da filha] tinha-me dito que havia um rapaz mais velho que estava já na universidade.** É o T. [sobrinho]. Porque é assim, eu aos 9 anos fui tia não é e dois dos meus sobrinhos foram criados basicamente e praticamente por mim, na minha casa a minha mãe não era uma pessoa muito dada a mimos e dada a carinhos mas era uma pessoa que acolhia muito bem e a minha irmã pronto teve algumas questões e os miúdos acabaram por ficar entregues a mim, embora eu fosse muito nova não é mas eu era a única que estava normalmente mais disponível em casa e quando o T. [sobrinho] nasceu eu tinha 15 anos e...foi um miúdo que foi muito acompanhado por mim, cresceu sempre comigo...e quando eu me vim embora basicamente ele vinha a correr. Eu acabava por ter que ir para F. [localidade] de propósito aos fins-de-semana, não porque querer

ver a família mas porque tinha que acompanhar o T. [sobrinho], porque o T. [sobrinho] quando eu vim para cima aquilo foi o desgosto total. Assim que ele teve um pouquinho mais de maturidade ele pediu para, pediu para vir para o pé de nós. E foi complexo mas pronto mas veio. E agora que já é maior de idade não sai daqui mas nem que eu o arraste [riso]. É complexo [riso]. Mas pronto, é eu gosto disto, gosto de ser mãe, quero ser mais mãe.

Quer ter mais filhos? Quero, quero ter mais filhas. Agora não dá não é, estamos num país que é muito complicado. Agora a incitação é: vamos sobreviver, não é vamos gerar mais família. Mas há-de acontecer, há-de acontecer. E se passar do prazo, como se costuma dizer não é, há tanta criança que precisa de ser acolhida. Logo se vê [riso].

6 – Hum...tenho aqui uma pergunta mas não faz sentido nenhum fazê-la porque já me respondeu e que é alguma vez sentiu o desejo de ser mãe, portanto já está mais do que respondida.

Deixe-me só complementar. **Diga, diga.**

Sabe que eu, quando nós namorávamos, nós começámos a namorar muito cedo, eu e o R. [marido]. Fomos assim aquela história do casal perfeito que se mantém até sempre. A primeira, das primeiras perguntas que eu fiz ao meu namorado na altura foi queres ter filhos? Que aquilo era muito importante para mim porque se aquele senhor tivesse me dito, se aquele rapaz me tivesse dito, ah eu não tenho muita vontade de ser pai. Eu acho que o largava na esquina. Sempre foi aquela coisa de, quem está comigo tem que querer ser pai. Então as nossas conversas de namorado, que não existe praticamente em namorados nenhuns não é. As nossas conversas de namorados era do estilo. Eu quero ter 6 e ele respondia-me 4 chega, e eu dizia então espera vamos ter 7 e ele dizia-me 5 e então eu dizia então vamos ter 8, e ele dizia ok, 6 e não se fala mais nisso portanto aquilo era muito importante para mim. De facto, o querer ser mãe era a base de tudo. **Sempre foi um projecto muito presente.** Eu tinha projectos muito definidos na minha vida mas o ser mãe batia-os a todos sim, sem dúvida.

7 - Acha que a sua relação com a sua filha, com a M. tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Tem, tem vindo a mudar sim. Eu acho que passámos de ...eu acho que passámos de mãe e filha, a mãe, amiga e filha. Eu deixei de ter a necessidade de estar sempre a corrigir, ou de estar sempre...ela não foi uma criança que eu precisasse de corrigir muito, mas pronto a guiar. Deixei de ser aquela mãe que estava sempre só a guiar e passei a ser uma confidente, passei a ser alguém a quem ela pede opiniões, a quem ela pede ajuda, a quem ela acaba por não ter só como mãe, ela não me pede só aquela ajuda típica de mãe e filha, ela pede-me...faz aquelas confissões como se eu fosse uma miúda da idade dela. Às vezes

quase que tenho que lhe dizer: 'M. isso é uma coisa, essa é uma decisão tua, não me vou meter porque a minha visão é diferente da tua e tu se tiveres que bater com a cabeça na parede é a tua aprendizagem'. Mas mudou, mudou para melhor sim, com esta minha filha mudou para melhor sem dúvida. Ela também está mais madura e é uma miúda com quem eu posso conversar, ela permite-me e permite-se a isso. É diferente sim, sem dúvida. Ela também está crescida não é. Está diferente. Está um mulherão, está um mulherão.

8 – Tem notado mudanças na sua filha?

Mudanças em que nível? **Em qualquer nível.** A nível físico sim. Ela está mais alta do que eu, está um mulherão como eu estava a dizer. Está uma miúda muito bonita, está uma mulher muito bonita. Ela já é menstruada há dois anos, portanto com essa mudança hormonal trouxe uma série de outras mudanças, está mais madura sem dúvida mesmo a nível de responsabilidade, a nível de coerência mental também. Acho que ela está completamente diferente, não é a mesma miúda que era há dois anos atrás. Acho que de facto, a entrada na adolescência, ou, na minha altura 13 anos era pré-adolescência não é, nesta altura dos 13 anos já são...lá está tem a ver com as marcas precoces também, elas acabam por ter saltos quantitativos e qualitativos muito grandes e sem dúvida que a M. teve um salto qualitativo e quantitativo muito grande. A M. está mulher, é uma miúda com quem eu não me tenho quase que preocupar. E depois é muito divertida, está muito divertida. Passou da miúda tímida para a miúda divertida se bem que ela quando andava na primária e no primeiro ciclo era uma miúda tímida mas muito certa do que queria para ela, não deixava que ninguém ultrapassasse o limite. Agora está mais divertida, sabe ser irónica, sabe ser sarcástica [riso]. Está muito divertida mas é uma miúda que sabe muito bem o que quer e não deixa que ninguém lhe leve a avante. Ninguém faz farinha com ela, como ela diz. Sim, acho que foi uma mudança muito grande, muito positiva.

E em si?

Em mim. Mudança em mim. Eu sou um camaleão, estou sempre a mudar, independentemente de ser pelas minhas filhas ou por outras situações. Eu acho que o ter sido mãe muito nova, por si foi um benefício muito grande porque acabo por ter um acompanhamento diferente, tenho uma paciência diferente para todas as situações. Mudanças em mim, não sei, eu mudo constantemente, eu adapto-me, sou uma pessoa muito adaptável a tudo. Sim...se calhar...se calhar estou mais tranquila, acho que é um pouco por aí. Estou mais tranquila porque, em relação a ela, estou mais tranquila porque vejo que ela é uma miúda com tino e que não perdeu nem o brio nem a capacidade de discernir o que é que deve e o que é que não deve fazer. Se calhar estou mais tranquila sim, se calhar assustava-me um bocadinho, que é o que me acontece com a C. [filha do meio], assusta-me um bocadinho as fases em que ela está a entrar e a

M. não, a M. não descarrilou, está ali não é. Bom ela tem 13 anos, ainda não chegámos aos 16. Mas sim estou mais tranquila. **Mas sente que está no bom caminho.** Sim, sem dúvida. Elas são miúdas fantásticas, acho que estou mais tranquila sim. Acho que é por aí.

9 - Com quem é que convive a sua filha?

Connosco, nós agregado familiar, não é, e já somos muitos, já é uma boa convivência. Convive com os colegas da escola, da turma. De vez em quando, na altura escolar mais esporadicamente do que nas férias escolares, com os avós, mais os avós maternos que os paternos...e pouco mais. Somo assim um núcleo mais fechado nesse sentido. Ela tem muita família, tem muitos primos, muitos tios, mas está tudo, está tudo longe. Em Lisboa, somos só nós então criámos um núcleo de família muito fortificado, muito unido...portanto somos nós aqui, é os colegas da escola, ela dá-se bem com todos os colegas da escola, os da turma e os que não são da turma, os que são do ano dela e até anos mais acima, os 9ºs, 10ºs. A convivência basicamente limita-se aí, aos colegas do C. [escola de música] também, mas basicamente é isto.

E conhece os amigos dela?

Aqueles amigos sérios, verdadeiros, com quem ela gosta de estar efectivamente e a quem me pede por exemplo para ir passar a tarde sim, conheço-os a todos, tenho uma boa relação com todos eles, tenho o telefone deles todos [riso], sou amiga no facebook deles todos, embora às vezes não queira não é, às vezes corto, às vezes inclusivamente desligo as conexões porque tenho direito à minha privacidade, não preciso que miúdos de 13 e 14 anos andem a ver as minhas coisas mas sim tenho uma boa relação com os miúdos todos. Conheço todos da turma e do C. [escola de música] também. Às vezes baralho-me não é. Às vezes baralho-me, chamo Francisco a um que se chama Pedro e por aí fora mas aqueles centrais que ela realmente gosta e que tem um relacionamento mais...mais próximo, aí sim, conheço-os todos. São miúdos que vêm cá e passam aí as tardes e dormem aí. Miúdos e miúdas claro. **E a sua filha também costuma passar?** Não, as minhas filhas adoram receber miúdos em casa, detestam ir dormir em casa dos outros [riso]. A C. [filha do meio] gosta de dormir na casa de algumas amigas. A M. não, a M. se lhe convidarem para dormir lá, a M. mais facilmente diz 'anda, vem tu dormir à minha casa'. Ela gosta muito, é uma miúda que gosta muito de sair...mas gosta de sair sabendo que volta é. O cordão umbilical é assim estreitinho.

10 - O que acha da ideia da sua filha namorar?

Acho fantástica, acho fantástica! Acho que é uma etapa da vida que todos nós devemos de passar, usufruir com muita responsabilidade mas com algum à-vontade. Acho fantástico porque é uma aprendizagem de vida muito grande, aprende-se emocionalmente outros factores que não se aprenderia se

não, se não namorasse e a M. começou a namorar há 2 dias. Ela já teve um namorado, no verão mas aquilo a coisa não correu lá muito bem, com um rapaz da colónia. A coisa não correu lá muito bem porque a M. sabe muito bem o que quer e quando o namorado lhe disse qualquer coisa do estilo já namoramos há duas semanas e ainda nem me deste um beijo e ele respondeu algo do género: ‘se estás com tanta pressa, o melhor é ficarmos por aqui’ e então acabou o namoro, mandou o rapaz dar uma volta [riso] e ficou por ali. Entretanto, ela já gosta de um rapaz há algum tempo e o rapaz pediu-lhe em namoro na 5ª feira e a primeira reacção da M. quando assim que chegou a casa foi ‘mãe tenho que te contar uma coisa, o D. pediu-me em namoro e eu aceitei’ e a seguir foi ter com o pai e foi-lhe contar. Portanto, tranquiliza-me, lá está, essa atitude que ela tem de não ter problemas de nos vir contar, de nos vir dizer, claro que é um namoro de criança ainda, não é, 13 anos, sei lá, digo eu, já não digo nada, não é. Mas acho bom, acho que é uma aprendizagem que ela só poderá ter se passar pelas experiências e eu acho que o namoro também constrói muito a emoção da pessoa, mais que não seja pelo sentido de responsabilidade, pelo sentido de haver um...um contacto próximo com uma outra pessoa. É diferente, não é, o termos uma responsabilidade emocional com a família, do que ter com um amigo, do que ter com um namorado. Nesse sentido eu acho que é fantástico, mas não vou deixar de ser uma mãe sempre em cima não é. Claro que ela fala-me de tudo e conta-me tudo, até agora não é, também não estou dizer que ela vai ser sempre assim mas vou dando os *guidelines* essenciais não é. Aliás, comigo só dá para ter *guidelines* essenciais porque uma das primeiras coisas que eu fiz, logo quando falei da menstruação, antes de ela ser menstruada, quando eu comecei a notar algumas alterações hormonais e mesmo físicas, falei-lhe da menstruação. Quando lhe veio a menstruação ela na brincadeira a primeira coisa que me disse foi: ‘mãe podes chegar aqui?’, e eu cheguei ao pé dela, ela estava na casa de banho e disse: ‘olha mãe já posso engravidar’. Porque lá está a ironia e o sarcasmo, não é. Sabia que eu ia ficar em estado de ‘o quê!? Desculpa!’. Então levou um sermão não é, não foi um mau sermão, foi um bom sermão, peguei nalguns livros e disse-lhe ‘olha minha amiga queres saber como é que é, vamos cá aprender’. Portanto ela tem noção até que ponto é que se pode esticar não é, e tem noção do que é a responsabilidade. Já conheceu algumas das minhas pacientes que são mães com 14 anos, com 15 anos e sabe da responsabilidade e da dureza que é. Eu fui voluntária da Ajuda de Berço muito tempo e ela...compreende a noção do que é ser mãe muito adolescente não é, portanto estou a contar com essas aprendizagens todas para que ela tenha um namoro sossegado [riso]. Mas acho muito bem que ela namore. Acho que faz parte da vida, são etapas importantes e...eu costumo achar que o namoro também serve para crescer nem que seja a nível de maturação emocional e isso é muito importante. Acho muito bem que ela namore.

11 - Já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

[respira fundo] Nós já passámos várias fases. A fase em que elas dizem todas que vão ficar a viver connosco até nós sermos velhinhos não é e que mesmo que casem vêm viver cá para casa. Há fases em que a minha filha agora diz que quando acabar o liceu faz um ou dois anos de faculdade e depois quer ir para os EUA fazer a especialização dela. Portanto estou a ser confrontada com a ideia de ela sair de casa. Eu ando a ver se o T. [sobrinho] sai de casa não é porque...o miúdo vai fazer 20 anos este ano e eu estou sempre a dizer 'épa ganha asas, vai voar, faz a tua vida'. Ele está a trabalhar também. Decidiu trabalhar este ano, faz as duas coisas, trabalha e estuda. Eu acho muito bem que ele saia. Em relação à M., épa gosto muito de a ter por perto [riso] mas sim não vou ser aquela mãe que chora baba e ranho e vai dizer que 'não, estás melhor em casa', não. Eu sempre fui muito independente e sempre quis pautar a educação delas pela independência, elas saberem se desvencilhar e orientarem-se. Sim, se ela chegar aos 18 anos e me disser mãe eu vou estudar para um sítio qualquer e quero sair de casa, vai ter o meu apoio. Mas o meu apoio não significa que ela não tenha que ser independente, ou seja, vai ter que ter a responsabilidade de, não digo que sustentar-se a 100% mas vai ter que ter noção que não é tudo rosas não é. Obviamente se ela entrar numa faculdade no Porto, pois aí...estaremos lá a 100% não é, mas se ela decidir ir viver sozinha por outros motivos então aí sou a primeira a apoiar mas desde o momento em que ela tenha consciência a que é que vai, não é. Custa-me um bocado só de pensar que ela um dia vai sair de casa não é. **É a primeira ainda por cima não é...**Custa-me um bocadinho [riso]. Acho que ainda não tinha pensado muito assim a sério nessa questão. Acho que vou ficar com necessidade de substituir naquela questão de que, às vezes nós comentamos que um dia eles vão sair de casa e nós vamos ter uma vida a dois não é. Tivemos pouco tempo de vida a dois. Nós casámos e...a M. nasceu um ano e meio depois portanto foi assim pouquinho mas acho que vou ter a noção de que preciso de substituir, eu não gosto de ver o meu ninho vazio. Quando elas não estão cá no Verão esta casa fica...fica um horror, eu fico muito atarantada...fico muito atarantada, é verdade. Gosto de ter as minhas crias todas debaixo do braço, debaixo da asa. Não sei...mas acho que vou encarar bem, acho que não vou ser daquelas mães que puxam os filhos para dentro de casa, acho que não. Não sei, o futuro dirá.

12 - Tem amigos com filhas da mesma idade da sua filha?

Bem, amigos, amigos, amigos próximos, amigos que privam connosco...tenho, tenho duas grandes amigas. A maior parte são...não são bem amigas, são conhecidos que vieram *attached* à função de ser mãe não é. São as mães das amigas, que acabamos por ter uma relação porque já se conhecem desde a primeira classe e pronto. Mas assim amigos que já venham antes de ser mãe, tenho duas amigas que têm filhos da mesma idade, próximo, uma tem 15 e outra tem uma filha com 12. Agora os meus amigos de infância não, esses têm todos filhos com 3/4 anos, quando têm. Lá está, eu fui mãe muito cedo, eu fui mãe

quando toda a gente ainda nem pensava em casar. A maior parte das minhas amigas de infância não tinham namorados quando eu casei não é portanto vem tudo mais tarde, vem tudo mais tarde.

13 – E costuma partilhar com esses amigos que vieram na sequência de serem também pais e mães os seus receios e os seus desejos em relação à M.?

Não, não costumo. Normalmente eles costumam partilhar comigo. Eu acho que sou mais calma, sou uma mãe mais calma, não tenho assim aquelas fases de desespero como vejo alguns pais terem, encaro as coisas de uma forma mais...mais *soft*. Também porque a maior parte desses pais são muito mais velhos do que eu e parece que não têm tanta paciência nem conseguem estar tão próximos dos filhos, não conhecem os filhos. Eu ainda ontem cheguei a essa conclusão, não conhecem os filhos. Eu não tenho muito para partilhar em termos de receios porque elas não me dão esse tipo de problemas. E às vezes acabo por não partilhar porque é muito complicado entre uma conversa de 3 ou 4 pais todos estarem a dizer o meu filho assim, a minha filha assado e não sei o que hei-de fazer, não sei como é que hei-de agir, e eu não tenho nada para dizer das minhas porque as minhas não me dão problemas não é, é complicado porque somos assim quase, somos quase a peça de xadrez no meio das peças de damas não é? É muito complicado, os outros pais queixam-se, queixam-se, queixam-se e eu não tenho queixas para fazer. Por isso não, eu não partilho. Não tenho assim...não tenho nada para partilhar de facto mas os outros pais sim, os outros pais telefonam-me. Tenho uma mãe, tenho aí um postal de uma mãe, de uma amiga da M. que seria fantástico esta mãe fazer este questionário. Uma amiga da M. que tem imensos problemas na escola, problemas não no sentido do estudo mas porque é uma miúda que, é uma miúda que é muito gordinha e tem muitos problemas com isso, auto-estima, a imagem e a mãe...tem alguns problemas também e o pai tem uma depressão crónica e então aquilo. A miúda vem cá dormir às vezes, e vem cá, quando precisa de desabafar é comigo, não é com a mãe então a mãe volta e meia telefona-me a minha A. [filha mais nova] está assim, a minha A. [filha mais nova] está assado o que é que eu faço? Então é mais no sentido de lá para cá. E é uma mãe muito mais velha que eu, tem mais 20 anos do que eu. Bem têm quase todas mais 20 anos do que eu [riso]. Eu sou a moça pequena na reunião de pais.

14 – Como descreve a sua filha?

A M.? A M. é uma miúda, fisicamente é uma miúda lindíssima, é alta, não é por ser minha filha, é alta, é fisicamente muito bem estruturada, tem umas curvinhas muito giras e tem um sorriso fantástico, aquela miúda tem um sorriso aberto, fantástico, eu costumo dizer que desde que ela nasceu, nós costumamos dizer que ela tem olhinhos que tem [imperceptível], que era um boneco animado que havia japonês, há muitos muitos anos que quando ria, os olhos rasgavam e então a M. é exactamente assim, quando ri aqueles olhos rasgam todos, fica, é uma felicidade só e depois é uma miúda carinhosa, muito

muito bem comportada, super educada, das duas uma, ou ela mantém-se assim o resto da vida ou qualquer dia faz-me assim uma asneirada das grandes. O discurso que eu tinha com a M. quando era miúda é ‘miúda vai brincar, faz asneiras, epa parte qualquer coisa’ porque ela era uma miúda que não, muito comportada, nunca levantou a voz, nem aos pais, nem aos amigos, nem aos irmãos. É uma miúda super responsável, eu não preciso dizer vai estudar, ela sabe que tem que estudar, tem boas notas. É daquelas miúdas que eu ainda não consegui encontrar assim um defeitozinho para dizer epa tu realmente, porque não. Fica muito aflita se vê que fez qualquer coisa que não devia ou se se esqueceu de qualquer coisa que eu lhe pedi para fazer, fica muito aflita, desdobra-se em desculpas. É uma miúda que...é muito solícita, se ela vê alguma coisa em que ela pode ajudar, ela vai e faz. Eu acho que ela é impecável, não...não tenho nada a apontar, rigorosamente nada. Ah! se calhar tenho, é super desarrumada [riso]. Aquela criatura é tão desorganizada no quarto dela [riso]. Nisso é muito desorganizada sem dúvida. Ela é uma miúda que nunca pediu ajuda para vestir. Assim que começou a aprender a falar ela levantava-se mais cedo do que eu para ir tirar a roupa do armário, para eu não ter que ir escolher a roupa porque assim ela vestia o que ela queria. **Muito pequenina então.** Muito pequenina. Ela chegava a ir buscar um banco para se pôr em cima para ir buscar a roupa. Mas isso são todas, só a pequenina é que ainda me deixa vesti-la de boneca mas já não dura muito porque ela já diz eu prefiro que a mana escolha portanto a coisa está por pouco. Mas a M. tem uma coisa que é, o armário da roupa dela é um caos, um caos. O quarto se for preciso tem a secretária com tudo espalhado. Ela teve dois meses o cartão da escola na secretária e achava que o tinha perdido e nós mandámos vir outro, e houve um dia que a L., que é a nossa empregada, quando começou a arrumar...porque foi assim tipo, eu tenho algumas regras que é quando o quarto está muito desarrumado a L. não arruma, têm que ser elas a arrumar. Mas houve um dia que a L. já estava assim um bocadinho por aqui, não é, e resolveu arrumar aquilo tudo e encontrou o cartão da escola que estava por baixo daquela tralha toda por isso isto é para ver o ponto de desorganização daquela criatura. Mas desorganização é quase o...o normal no caos porque está desorganizado mas ela depois sabe o que é que tem e onde é que está. E depois de vez em quando, de vez em quando mas muito de vez em quando, dá-lhe um vaipe e arruma tudo. Se eu não estiver em cima minha nossa aquilo ficava de pantanas, de pantanas. Desde que eu instituí a regra, ninguém sai de casa sem fazer a cama, as coisas estão melhores porque quando se faz a cama, o resto já parece um bocado descontextualizado e aquilo parece que ela já arruma com um bocadinho mais de vontade. Quando a cama ficava por fazer, aquilo era uma balda total. Porque depois a L. vinha, fazia a caminha, arrumava as coisinhas mas não pode ser não é. Eu costumo dizer que a única pessoa que pode ter o quarto desarrumado sou eu, eu e o pai porque já passámos por essas fases todas [riso] e porque trabalhamos muito para ter alguém que nos possa fazer as coisas. Portanto se alguém tiver somos nós, como nós não temos vocês também não podem ter. A regra passa um bocado por aqui. Aqui em casa vive-se muito o exemplo e eu não posso exigir a elas uma coisa que eu não faço.

Independentemente de eu já poder ter alguma liberdade para decidir se faço ou não. Mas acho que a vida serve muito por exemplo e então de vez em quando tenho que fazer a cama também. **Não é só faz o e eu digo, é faz o que eu faço.** Precisamente, precisamente.

15 - Conte-me uma história com a sua filha.

Uma história com a minha filha? Sei lá, nós temos tantas histórias e agora assim de repente...Que tipo de história? **A que quiser partilhar, uma que ache que gostasse de partilhar.** Não sei, não estou assim a recordar-me assim de nenhuma história assim em específico. Eu gosto muito de levá-la comigo para onde vou. Ela...gosto de qualquer uma delas, de levar, mas a M. é uma miúda que se eu pedir para ir para a tortura comigo vai e não se queixa. Ontem fui buscá-la à escola, ela ia ter 2 horas de...não sei se era coro se era formação musical mas era qualquer coisa assim, e eu precisava de ir fazer compras ao Continente e decidi levar a M.. Telefonei-lhe e tal, fui com ela e ela é uma miúda que não...não se queixa, não. É capaz de estar 3 horas comigo no supermercado a empurrar carrinhos e ir buscar coisas e está na boa e vai fazendo piadas e vai sorrindo e isso agrada-me não é, porque normalmente com estas idades eles querem lá saber dos pais. Uma história com a M...não faço ideia, ela tem tantas histórias comigo. Hum...realmente não me lembro assim de nada [riso]. **Não?** Não, porque são tantas. Eu começo a tentar lembrar-me de histórias mas...

Tenho uma história engraçada, não tem piada mas pronto para ver até que ponto é que realmente é uma miúda colada à família. Há uns dois anos atrás, nós tínhamos o mês de Agosto todo de férias e fomos para o G. [local do país] e estávamos na I. [local]. Aquilo não tem...não tem luz eléctrica, não tem... Portanto, aquilo é assim o paraíso total, só tem praia e só temos luz eléctrica à noite, quando se liga o gerador etc. Mas pronto, durante o dia, e durante a noite também, mas é um paraíso total porque só lá estamos nós e os meus pais e depois há uma outra família que é...que nem sempre está porque são mariscadores e então nós estávamos a passar lá o mês todo com as miúdas todas, só que a dado momento eu tinha férias e férias e férias nesse mês. Tinha férias de dois ou três anos acumuladas que tive que tirar e o R. [marido] também tinha e tirámos. Só que a meio do mês...houve assim uma cena assim caótica cá em Lisboa e o R. [marido] teve que...teve vir. Ele é responsável por algumas coisas e teve que vir, e eu sou muito ligada ao R. [marido] e então entendi que se o R. [marido] vinha para Lisboa, podia ser por 2 dias podia ser por 3 semanas, entendi que se ele vinha eu também viria. Não me fazia sentido o meu marido vir sozinho e pronto não está cá ninguém em casa quando ele chega, não...não haver ninguém que lhe fizesse almoço e jantar, a L. [empregada] também levou as mesmas férias que nós não é. E...e eu vim para cima e trouxe a pequenina porque a pequenina obviamente não ficava lá não é, e a M., a C. [filha do meio] quis ficar, praia 24 horas por dia não é, aquilo a única coisa que elas vestiam era bikini e pé descalço, não tinham mais nada, e a C. [filha do meio] quis ficar e a M. olhou para mim e disse 'oh mãe tu vais ficar sozinha lá

em casa o dia inteiro?’. Disse ‘Ah a mãe não se importa, a mãe não se importa, tenho a A. [filha mais nova]’. ‘Ah mas a A. [filha mais nova] depois quer brincar e depois já viste? Oh mãe eu vou contigo’. E ela veio comigo e passou 2 semanas fechada em casa, literalmente, comigo porque eu depois acabo por não sair, sou muito caseira, quando tenho oportunidade de estar em casa, estou em casa. E ela ficou, ficou comigo, brincava com a irmã, estava comigo, víamos uns filmes, fizemos trabalhos manuais, fizemos muitas coisas e achei muita piada porque ela tinha a oportunidade de ficar na praia e de ficar com a irmã, de ficar com os avós, com os primos e não... Ela preferiu vir ter com a mãe porque ‘oh mãe mas eu custame que tu estejas lá sozinha e assim eu posso estar e fazer companhia’ e isso são coisas que marcam, são coisas que...E eu ainda insisti ‘que disparate ficas aqui, agora vais lá para casa com o sol fantástico que aqui está, não?’. E ela quis vir e veio mesmo. E nessas férias, eu agarrei nela num dos dias que o R. [marido] depois já estava disponível, agarrei nela, o R. [marido] ficou com a A. [filha mais nova] e nós fomos passar uma noite no hotel as duas sozinhas. Foi assim tipo, vamos, vamos fazer um *spa*, e vamos as duas, fizemos assim uma *girls night out* mãe e filha, foi assim muito cómico, muito giro.

Não sei, ela tem muitas histórias comigo mas...Ela tem tantas histórias comigo, mas não sei, e deve haver muitas engraçadas eu é que não me recordo assim.

Ela fez parte dos escuteiros muito tempo e é engraçado porque cada vez que eu lhe telefonava ela dizia-me ‘Mãe tu estás bem?’. ‘Estou, estou bem filha’, ‘olha e como é que estão a correr as coisas, estás te a dar bem com as manas?’. Porque ela sempre foi uma mãe, com as irmãs, ela tem sempre aquela sensação maternal muito grande e então ela volta e meia, no meio dos acampamentos, quando era a hora do telefonar ela dizia-me ‘mãe tu queres que eu peça ao chefe que me vá levar a Lisboa? Queres que eu vá para ao pé de ti?’. ‘Que disparate, goza aí a tua experiência’. ‘Mãe mas vê lá? Ah, isto porque a A. [filha mais nova] era muito pequenina e a A. [filha mais nova] teve vários problemas de saúde e então obviamente houve momentos em que eu estive mais em baixo. Então ela dizia-me, ‘vê lá se tu estiveres em baixo eu vou ter contigo’ e ela é uma miúda mesmo impecável.

Põe-me a falar da minha filha e a gente não sai daqui hoje [riso]. Sou uma mãe muito babada com as minhas criaturas. **Já vi, já vi que sim.** Ainda não viu foi nada. **Já dá para sentir assim um cheirinho.** Pois [riso].

16 - O que mais deseja para a sua filha?

Acima de tudo que ela seja feliz. Eu sei que isto é um cliché mas sim, acima de tudo que seja feliz e para mim o ela ser feliz inclui o estado emocional, não só o estado emocional mas que ela faça aquilo que ela gosta, acima de tudo aquilo que ela gosta. Gostaria muito...ela quer ser médica forense, quer estar ligada à medicinal legal. Epa isso dá-me uma pica desmarcada não é porque é uma área que eu amo de paixão mas eu não quero que ela queira porque eu gostaria portanto eu faço sempre aquela cara de ‘a sério Mari

mas com tanta coisa divertida na vida, em vez de cuidares dos vivos vais cuidar dos mortos, epa oh mari a sério?!. Faço aquela...mas no fundo vibro não é porque é assim qualquer coisa de fenomenal, eu acho uma área excepcional. Mas acima de tudo quero que ela chegue aos 18 anos, ou aos 20, ou aos anos que forem necessários e escolha aquilo que ela quer ser por ela e que isso a faça feliz. Se ela me disser aos 20 anos que quer casar e ter filhos, se isso a faz feliz então ótimo. Claro que vou ter o meu papel de mãe, sempre que possível vou guiá-la para que ela realmente seja feliz e não seja iludida não é? Mas *top of the line*, eu quero que ela seja feliz, essencialmente. Porque vamos lá ver eu gostaria de dizer que quero que ela tenha uma carreira profissional de sucesso, quero que ela tenha um marido fantástico como eu tenho o meu, quero que ela tenha filhos fenomenais como eu tenho os meus mas isso pode não a fazer feliz não é. Portanto não vou cingir-me a: 'quero que tu tenhas esta profissão ou este marido, ou quero que cases com uma pessoa assim'. Vou cingir-me a: 'quero que sejas feliz' e isso é o que eu passo sempre nas minhas mensagens para elas, é isso, é o mais importante 'é vocês sentirem-se bem e felizes, convosco próprias, não com os outros, convosco próprias, se vocês dentro de vocês forem felizes epá, tudo o resto encaixa, vai encaixando devagarinho'. E saudável não é, mas pronto, dentro da felicidade está a saúde. Acho que é o que eu mais quero para ela.

17 - E o que mais teme?

Que ela não seja feliz. Isso...isso consome-me muito. Eu penso muito nisso. Não penso que ela vai sair de casa mas penso que ela possa não ser feliz. Tenho uma preocupação muito grande para que elas sejam felizes, talvez porque eu sou uma pessoa muito feliz, muito à custa das cabeçadas que dei não é e muito à custa de más decisões que depois tornam-se forças para criar boas decisões porque eu houve muito tempo da minha vida em que eu estava mais preocupada em fazer feliz os meus pais do que propriamente em ser eu feliz...E então eu tenho um pouco o receio de que elas às vezes estejam a fazer as coisas por nós e não por elas e isso assusta-me um bocadinho porque no futuro, o importante é que um dia que nós falhemos elas possam ter pernas para andar e sentirem-se felizes na mesma. É uma...é uma das coisas que eu lhes explico muitas vezes é que o ciclo de vida é exactamente esse. Eu tanto posso morrer amanhã, como daqui a 30, 40 ou 50 anos e vocês têm que ter capacidade para...e estrutura para seguirem em frente e serem felizes, deixar, cortar aquilo que já não é importante no dia-a-dia, na actualidade e seguirem em frente, andarem, voarem. Tenho um bocado de receio que ela...que ela possa não ser feliz, um dia mais tarde não é. Agora sei que ela é feliz mas...ou sinto que ela é feliz, tenho um bocado receio que ela perca um pouco o brio e o brilho nos olhos que ela tem com o futuro e que se perca. Não no sentido de drogas ou de álcool ou de...Não estamos longe de tudo isso não é. Mas ela não tem exemplos em casa, os pais não fumam, os pais não bebem portanto acabo por ter um pouquinho essa segurança, o que não significa que os opostos não se atraíam e que ela não venha a ter uma experiência nesse sentido.

Mas que ela se perca na felicidade dela e que não seja feliz, que não siga aquilo que gosta porque tem medo da matemática ou porque tem medo...por acaso não tem porque sei que ela gosta mas está a entender o? **Sim.** Só o futuro dirá mais uma vez. Claro que eu vou fazer o meu papel sempre, de...de fazer umas barreirinhas para que ela continue no sítio. (50 min 18 seg)

18 - Houve alguma coisa na sua filha que a tenha desiludido?

Na M.? [silêncio] Estou a fazer um *flashback*, um *flashback* à vida. Eu acho que não. Eu acho que não, ela nunca me mentiu, nunca foi uma miúda...Se estivéssemos a falar da C. [filha do meio] então aí a conversa já seria outra mas a M. não, a M. nunca fez nada que me tivesse desiludido até hoje. Claro que ela está a entrar na fase mais complicada, mas até hoje não. Não, não foi miúda que mentisse ou que faltasse ou que fizesse alguma coisa de errado, não.

19 – E lembra-se de como era quando tinha a idade dela?

Eu? Era terrível, eu era terrível. Ainda hoje de manhã estava a olhar para a minha filha C. [filha do meio] e estava a pensar uau! Era o que eu precisava, era de uma Xerox em casa. Eu era muito terrível, terrível no sentido de...Pronto eu não tinha uma conjuntura familiar assim tão fantástica como eu acho que as minhas filhas têm. Tinha um pai extremoso, carinhoso. Aquele tipo de pai que eu quase tinha sempre que olhar para a frente, eu não podia olhar para uma montra porque se eu fizesse assim (roda ligeiramente a cabeça) era automático, ele tentava perceber o que é que eu tinha gostado e no dia a seguir eu tinha aquilo em casa, era matemático. E depois tinha o extremo oposto, que era uma mãe fria, disciplinadora, uma mãe que não dava abraços, não dava beijos, não...tinha que ser tudo muito metódico. Só para lhe dar uma ideia, o meu pai chama-lhe o general portanto... Foi uma mãe que até aos meus, até ao nascimento da minha filha M. eu não soube o que foi ter uma mãe, eu tinha uma mãe mas daquelas à moda antiga não é. Era uma mãe que tinha lá as suas frustrações e era muito amiga do castigo corporal e quando não havia castigo, castigo, havia a frustração dela. Portanto, ela chegava a casa, o dia correu-lhe mal e o facto de eu estar de chinelos e não estar de meias era o suficiente para eu levar uma boa tarefa. Eu ou os meus irmãos, qualquer um de nós, não era exclusivo. E depois tinha um pai que era extremamente, extremamente carinhoso e a minha estabilidade emocional não era muito grande nesse sentido portanto. Porque nós tínhamos uma mãe muito...agressiva mas não o podíamos demonstrar, tínhamos que ser a família Cerelac, a família perfeita com o sorriso e para toda a gente aquilo era a família que funcionava não é. Mas dentro de casa não funcionava e pior para o meu pai tinha que funcionar, ou seja, a minha mãe, acontecia a minha mãe castigar-nos e depois dizer-nos o vosso pai está a chegar vocês têm que estar bem, lavar a cara, sorrir. Portanto, eu era uma criança, e por ser a mais nova, mentia muito porque tinha muito medo da minha mãe. Então a maior parte das vezes as minhas mentiras eram no sentido de dourar as

coisas não é, tentar que [riso]... Eu, para dar um exemplo, eu podia até não ter lanchado mas se a minha mãe perguntava ‘comeste o lanche todo?’, nem que eu fosse jogar fora, eu dizia que sim porque se não já sabia que o castigo era grande. E, eu faltava muito às aulas, porque muitas vezes tinha vergonha de sair de casa e então andava sempre de mangas compridas porque pronto havia sempre aqui uma nódoa negra, ali outra e tal. E então eu faltava muito às aulas mas depois mentia que era para não levar por ter faltado e então. Eu faltava às aulas mas para estar em casa, isolava-me no meu cantinho e...e isso fez de mim uma criança um bocado rebelde nesse sentido. Depois eu não era uma miúda assim muito...eu era muito independente e queria fazer a minha vida e não...não queria que me chateassem, queria era estipular o meu destino, o meu objectivo, o meu futuro e quando possível sair dali. Então eu acho que a C. [filha do meio] foi buscar um bocado esse meu mau feitio. Eu na altura tinha um bocado mau feitio sim, muito mau feitio porque andava sempre com a cara fechada. A partir aí dos 10, 11, 12 anos que foi quando a minha mãe reduziu a agressividade porque obviamente eu já era grande e era maior do que ela não é, a minha mãe é muito pequenina...eu tornei-me um pouco mais agressiva, um pouco mais...Tinha mau feitio, tinha mesmo mau feitio! E tinha mau humor também volta e meia, em casa, não lá fora, mas em casa. E o facto de saber que ela já não me iria chegar a roupa ao pelo ainda me mantinha um pouco mais altiva, mais agressiva, com ela, só. E acho que a C. [filha do meio] puxou esse meu lado [riso], embora ela não tenha a vida que eu tive, nem pouco mais ou menos, nem sonha! E a avó está-lhe sempre a dizer, se tivesses vivido comigo [riso]. Mas a C. [filha do meio] tem um mau feitio terrível, terrível, tão mau, mesmo mau feitio, é Capricórnio. Peço desculpa. **Eu também sou Capricórnio [riso]**. Eu sei, eu sei mas há dois lados nos Capricórnios e a minha filha foi buscar o lado do veneno. A M. não, a M. é muito *quiet, peace and love*.

Eu com a idade da M. comecei a namorar com o R. [marido]. **Então começaram a namorar muito cedo**. Eu tinha 12 anos quando começámos a namorar. Primeiro, namoro de mão dada e depois acabou por, acabámos por ser namorados a sério. A sério? A sério foi para aí aos 18 ou 19 anos mas não interessa não é. Mas eu fora de casa era uma S. e dentro de casa era outra. Dentro de casa era calada, sossegada, reivindicativa, era como eu queria, as minhas coisas era como eu queria. Estava sempre dentro do quarto fechada, a menos que o meu pai estivesse em casa. Se o meu pai estivesse em casa, nós andávamos todos à solta. Se o meu pai não estivesse em casa cada um estava no seu quartinho, sossegadinhos, que era para evitar os conflitos. A minha mãe, quando eu tinha 13 anos, a minha mãe decidiu fazer outro curso universitário e caiu-me tudo em cima não é porque...os meus irmãos estava já todos fora de casa. Eu já tinha sobrinhos que tinha que cuidar. Ali não havia o ‘gosto de’, era eu ‘tinha que’. E era eu que fazia o jantar, era eu que tinha que ter a preocupação de preparar as coisas para o almoço do dia seguinte porque a minha mãe estava noutra não é, a minha mãe estava na vida dela, carreira dela, estava noutra. Então eu tinha muito mau feitio também, dentro de casa eu tinha muito mau feitio. Fora de casa

era um espectáculo, toda a gente me adorava. Era boa aluna, tinha boas notas. Acho que era muito diferente da M. sim. Não tinha paz de espírito nem sossego como a minha filha tem. E o meu objectivo era crescer e sair dali, ontem; sair dali ontem! Porque o hoje já era muito tarde. Mas pronto a vida encarregou-se de mudar as coisas [riso]. Só para registo, a minha mãe, quando a minha filha nasceu, a minha mãe teve uma doença muito grave e...eu costumo dizer que a senhora que foi minha mãe morreu e nasceu uma mãe a sério. Felizmente, não é, porque é bom saber que tenho uma avó para as minhas filhas. Mas eu não tive uma mãe. Hoje tenho! Hoje tenho uma mãe que se for preciso está meia hora aos beijos e abraços não é. Portanto foi bom ter, ainda conhecer uma mãe. Eu e os meus irmãos, não sou única. Mas pronto a vida é assim.

Acho que foi a perspectiva da morte, não foi tanto a doença. Porque logo no início da doença ela entendia que era à maneira dela e era má para toda a gente. Mas quando a perspectiva da morte se lhe colocou à frente aquilo foi um pouco 'ok, estão a dar-me uma segunda oportunidade, se calhar convinha eu mudar'. E ela estava muito mal, muito mal mesmo e reuniu os filhos e pediu perdão e falou com os filhos e falou de todas as situações, ou quase todas, e quando a vida lhe deu a segunda oportunidade ela mudou muito e hoje é uma mãe com que qualquer um de nós pode contar, sem dúvida. Ainda bem não é [tom ligeiro]. **Ainda bem, sim.** Ainda bem, é verdade.

Mas eu a minha primeira filha, a M. nos 2 primeiros anos não conheceu a avó que era hoje, conheceu a outra avó. Aliás, nos primeiros dois anos de vida da M. eu não tinha uma mãe com quem contar, eu fui uma mãe...que aprendeu tudo sozinha, sem dúvida. Não tive uma mãe que pudesse telefonar e dizer assim olha mãe, dói-me a barriga e...e saiu-me para aqui uma coisa esquisita, achas que devo ir ao hospital. Não fui aquela mãe que diz, olha mãe estou de contracções de meia em meia hora achas que posso ir para o hospital. Não tive, não tive esse tipo de apoio...mas também ainda bem não é [tom ligeiro], ainda bem, gerei outro tipo de imunidades. **Acabou por se tornar mais forte.** Sem dúvida! Toda a minha vida me tornou mais forte, todos os problemas que eu tive, todas as dificuldades, e isso é bom para elas, porque eu acabo por ter as duas perspectivas e saber se calhar gerir melhor nesse sentido. Mas de vez em quando tenho que lhes dizer - 'Vocês! Se eu fosse a minha mãe na vossa idade, vocês nem imaginam!'. Mas eu respondia mal, eu era respondona. Tinha sempre resposta na ponta da língua. Eu sabia que ia levar um estalo a seguir mas eu respondia na mesma [riso]. **Era a maneira de se rebeldar não é.** E eu sou carneiro, e sou carneiro! Sou impulsiva até dizer chega. Era! Já não sou, mas era muito impulsiva, fazia jus ao carneiro, sem dúvida. Eu levava a seguir mas eu respondia. Ainda bem que elas não são assim [riso].

20 - Como era o seu dia-a-dia nessa altura?

[Considerarei que na questão anterior respondeu a ambas]

21 - Como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos?

Linda, fantástica, maravilhosa. 20 anos? **Daqui a 20.** Eu espero que com um bebé cá fora e outro na barriga porque esta criatura não está com muita vontade de ser mãe e ter filhos. Uma profissional de sucesso, sem dúvida. E a fazer aquilo que ela mais gosta, sempre ligada à medicina, às ciências forenses mas sim sem dúvida uma profissional de sucesso. E feliz, imagino-a feliz, espero que com um marido fantástico, uma casa espectacular e que tenha mudado de ideias e que queira filhos entretanto [riso]. Imagino-a bem, imagino-a feliz sim. Mais facilmente imagino a M. que a C. [filha do meio]. A C. [filha do meio] tem outras ideias para o futuro que eu não sinto que encaixem. Mas pronto se ela decidir assim será. Ela quer ser veterinária e eu acho que aquilo não encaixa nela. Acho que não tem...pá, eu acho que é aquela, todos queremos ser cabeleireiros aos 6 anos não é, eu não queria, mas parece que todas as miúdas querem ser cabeleireiras aos 6 e querem ser veterinárias aos 11, e eu acho que é um pouco por aí. Mas ela quer e já decidiu que vai fazer uma clínica, que vai não sei quê, vai não sei quanto. Ela tem muita potencialidade, a minha filha C. [filha do meio] é aquela miúda que é inteligente. Não precisa de ter grande estímulo, ela é inteligente. A irmã é esperta mas não é tão inteligente. A M. precisa de estudar. A C. [filha do meio] não, a C. [filha do meio] é aquela que ouve uma vez e decorou não é. E eu não a encaixo na veterinária por isso eu não consigo imaginar o futuro da C. [filha do meio] porque acho que ainda vai passar muitas etapas. A M. não, a M. tem sido muito coerente, desde muito miúda que tem sido muito coerente naquilo que ela quer para o futuro dela. E eu imagino-a de facto assim, imagino-a de roda da ciência forense, de roda das autópsias e da medicina legal, que ela tem uma paixão por aquilo enorme. E imagino-a feliz porque acho que ela é uma miúda tão zen, está tudo tão bem e tudo se consegue. Acho que ela vai ser... imagino-a de facto bem na vida daqui a 20 anos.

22 - Há mais alguma coisa que gostasse de acrescentar?

Não, penso que não. Espero que ela nunca se perca, que siga trilho dela. **Esse é o seu receio.** É, sem dúvida, é. Mas acho que qualquer mãe tem esse tipo de medos. Se bem que eu tenho mais medo da C. [filha do meio] do que dela. A C. [filha do meio] é mais influenciável pelas amigas, tem uma auto-estima [interrompe-se]. Embora seja uma miúda super inteligente, tem uma auto-estima da treta [riso], da treta. Eu acho que tem a ver com o facto de ela ter puxado a mim, ela é gorduchinha, é... Ela não é gorduchinha, ela é que meteu na cabeça que é gorduchinha. Ela é uma miúda que pronto tem mais curvas do que a irmã. Mas na escola os miúdos são cruéis e chamam-lhe bolinha, gorducha, gordalhufa e coisas do género. E não é, ela não é mas pronto as outras miúdas são todas escanzeladas, ela acha que é. E...é muito influenciável, muito influenciável. Ela muda de opinião assim com quem bebe um copo de água e eu tenho um bocado de receio que a C. [filha do meio] [interrompe-se]. E a C. [filha do meio] tem outras coisas, a C. [filha do meio] mente, para chegar lá ao ponto dela, a C. [filha do meio] é ludibriosa, faz ali.

Temos que andar sempre em cima dela e eu estou sempre a dizer-lhe minha amiga já passei por essa fase, a mim não me enganas mas tenho um bocado receio que ela se deixe influenciar sim. A M. não, a M. sabe muito bem o que quer. Não deixo de ter receio não é. Sou mãe e ser mãe é assim mesmo, acho eu.

Mãe 2

1 – Como é que é o seu dia-a-dia?

Olhe, o meu dia-a-dia...é levanto-me por volta das seis e meia e entro...entro ao trabalho às...às 8 da manhã. Depois saio às 5, nunca é às 5, saio sempre por volta das...**Tinha-me dito que é professora não é?** Não, trabalho numa empresa de...de restauração, numa empresa de prestação de serviços. **Ah tinha ideia que tinha dito que dava...** Não, não, eu tenho...trabalho na faculdade de ciências mas na área da restauração. **Sim, sim, sim.** Trabalho numa empresa de prestação de serviços. **Hum...hum...** Depois saio por volta das 5 não é, pronto a minha hora de sair é às 5 mas saio por volta das 18h00, por aí. Depois venho para casa, outras vezes também ando a tirar a carta de condução. Às vezes vou às aulas. E pronto, o meu dia-a-dia é basicamente isto. Depois chegar a casa, é tomar banho, preparar o jantar, ver um bocadinho de televisão, ir um bocadinho à *net, facebook* [riso]. **Também tem o vício.** *Facebook* e tal e pronto.

2 – E os fins-de-semana como é que são passados?

Os fins-de-semana, sábado pratico natação, por volta das onze horas depois saio e chego a casa mais ao menos ao meio-dia e meia, uma hora, faço o almoço, preparo o almoço, depois vou levar a minha filha aos escuteiros, que ela anda nos escuteiros. **Exacto, foi assim que cheguei até vocês, exactamente.** Vou levar a D. [filha] aos escuteiros, depois venho para casa e depois se o meu marido nesse fim-de-semana não fizer a noite como eu já disse que ele trabalha...se ele não fizer a noite vou buscá-la depois à saída às 20h00. Senão é ele que a vai buscar. Depois à tarde é fazer a limpeza da casa [riso], para as mulheres, lavar a roupa, passar a ferro. Basicamente isso. **Portanto são bastante caseiros ao fim-de-semana.** É, é porque ele também trabalha, os fins-de-semana é a trabalhar. **Claro.** Mas também as nossas saídas ao fim-de-semana é sempre...não há saídas, as únicas saídas que eu tenho, alguma semanas é para a minha irmã, visitá-la ou à minha mãe. Mas...por norma não costumamos sair, ir a cinemas e isso, não costumo sair muito porque também não tempos tempo porque o meu marido também trabalha ao fim-de-semana. E a D. também como tem os fins-de-semana muito preenchidos. De maneira que também não temos assim muitas saídas.

3 – Não se chegou a formular a questão relativamente às férias pois é abordada espontaneamente pela mãe.

Só mesmo nas férias, quinze dias...geralmente os quinze dias que nós tiramos nas férias aí sim vamos ao Algarve. **Costumam ir os três?** Sim, os três, a minha irmã também. **Então costumam passar as férias em família.** É, em família. O ano passado também foi a minha mãe, foi a minha irmã, o meu

cunhado, a minha sobrinha. **Todos para o Algarve.** Todos para o Algarve. **Mas não tem família lá?** Não, vamos mesmo de férias para lá [riso]. E pronto é assim, não tempos assim muitos...muitas saídas. Também pronto...também como eu já disse também não temos muito tempo mas também com esta crise toda [riso] também não saía muito. Mas pronto, é basicamente...

4 – E quem toma as decisões na família?

Geralmente tomamos em conjunto. Pronto, pode ser ‘olha o que é que achas?’. Nem um nem outro...toma decisões sozinho. **Tentam conversar e tomar em conjunto.** Sim, é. Seja qual for o tipo de...Mesmo coisas básicas comprar pronto...ou saídas ou isto ou aquilo pronto.

5 – Como é que é a sua história como mãe?

A minha história como mãe eu acho que pronto, sou, acho que sou uma mãe exigente, gosto de...pronto, ensino-lhes valores pronto, que eu acho que sou pronto, um bocado exigente mas...**se calhar também é exigente consigo própria...**É, é. Tanto que a D. está sempre a queixar que pronto, eu sou muito exigente e que...**mas muito exigente em que sentido?** No sentido de ela se tornar responsável, de ela no dia-a-dia pronto nos estudos...é basicamente isso. É lógico que também pronto cedo nalgumas coisas mas sou mais um bocado...o pai é mais [riso]...parece que ele agora já está um bocadinho melhor mas. **O pai já não é tão exigente.** Não, cede mais um bocado e...e...

6 – Sentiu alguma vez desejo de ser mãe?

Sim. Pronto, foi uma gravidez planeada...Nós casámos em 94 e ela nasceu em 98 e depois estava ali aquela pronto faltava qualquer coisa [riso]. **Antes de terem a D. é isso?** Sim, sim, naquele espaço entre 94 e 98. Foi mesmo uma gravidez planeada como eu lhe disse e...só que eu depois também entrei ali um bocado, porque depois não engravidei logo. Começámos a tentar em Setembro e só consegui engravidar em Maio, por aí. Tanto que eu já andava assim, até fui à ginecologista particular e já andava assim um bocadinho...Fiz várias ecografias [riso], vários testes para ver se estava tudo bem e isso mas...correu tudo bem. **Já tinha sentido antes desejo...antes dessa altura vontade de ser mãe?** Não, não, não, não, não, não. Foi mesmo só nessa altura.

7 – Acha que a sua relação com a sua filha tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Sim, eu penso que sim, que eu agora como está com...agora conversamos mais...acho que ela agora dá-me mais ouvidos, digamos assim, dá-me mais ouvidos no sentido pronto ela às vezes...ultimamente pronto, começa a falar nos namoricos, que ela ainda não namora mas pronto ‘oh mãe o que é que achas? Aquele rapaz é giro?’. **Pede opinião.** Pede opinião. E...mas...eu com ela como é

que hei-de dizer, geralmente andamos sempre...não sei se são feitos iguais, eu não sei, que andamos muita vez, chocamos uma com a outra. **Agora ultimamente?** Não, sempre até aqui. **Desde sempre?** Desde sempre, desde sempre [riso]. Porque...porque eu às vezes não aceito muito bem, porque ela responde e isto e aquilo e eu acho que não deve ser assim porque é assim os meus pais. **Teve uma educação diferente, se calhar mais tradicional.** Mais tradicional e ela responde, digo qualquer coisa e ela responde logo. Tem tudo, tudo na ponta da língua, responde logo. Assim não pode ser então, que é isto, tem que haver respeito [riso]. **É nessas alturas que sente que há um certo conflito.** Pois, no sentido de pronto de me impor porque eu sou mãe e ela tem que [riso]...Que eu às vezes digo-lhe a ela pronto que eu acho que ela não me respeita como mãe pronto. Falo-lhe e ela responde e é assim e é como eu quero e não pode ser assim mas...**Mas desde sempre que sente isso ou sente especialmente nos últimos tempos?** Não, principalmente agora. Nos últimos tempos.

8 - Então e que mudanças tem notado na sua filha nos últimos 2 anos?

Não tenho assim notado muita diferença...Pronto...mais... eu tenho notado mais...pronto, mais rebeldia, mais...só fazer aquilo que lhe apetece. Por exemplo, hoje não lhe estava a apetecer ir à catequese ou não lhe estava a apetecer ir aos escuteiros 'e eu não vou e porque não me apetece ir e porque não...',e eu acho que não deve ser assim. Digo-lhe, muitas vezes, pronto, a maioria dos dias, eu levanto-me e não me apetece ir trabalhar e tenho que ir [riso]. **Sim, o dever impõe-se.** Mas eu noto que ela às vezes há dias, ainda hoje lhe disse...que eu sinto que ela...por vezes não...coisas que ela se interessava pronto...deixou de ter interesse...não sei [diz num tom desagradado]. **Ultimamente?** Ultimamente. **Mas em que tipo de coisas se não é indiscrição?** Não, é no sentido pronto gostava dos escuteiros, adorava os escuteiros, agora a semana passada inventou uma desculpa. Inventou uma desculpa? Pronto, eu cedi. Não foi desculpa, pronto. Porque tinha muitos testes e...tinha que estudar e isso. Pronto, eu cedi e lá estive a estudar com ela e tudo. Hoje não teve escuteiros mas também arranjou uma confusão porque não queria ir à catequese porque não lhe apetecia ir. **E ela antes gostava.** E gostava. É nesses aspectos. Porque noutros interesses, pronto ela também pratica natação ao sábado, ela adora natação. **Vão as duas?** Vamos. Ela pratica natação pura e eu hidrogenástica...em horários diferentes. Mas ela pronto adora desporto. Tanto que ela, basquete e pronto...e ela adora. Então natação, quem lhe tira a natação tira-lhe tudo. E também adorava, pronto, as outras actividades, os escuteiros e a catequese mas ultimamente não sei o que é que se passa ali. **Tem outros interesses em vez desses?** E eu tento falar com ela só que ela diz, pronto, que não lhe apetece, precisa de descansar, precisa de descansar que anda muito cansada [riso]. Mas é o que eu lhe digo, o cansaço dela se hoje ficasse em casa era computador toda a tarde. A semana que vem não tem aulas. Hoje era computador toda a tarde. **Pois agora são as férias da Páscoa, exactamente, duas semanas.** E era basicamente isso.

E em si tem notado mudanças ao longo dos últimos tempos?

Sim, tenho...acho que tenho estado mais atenta, pronto, em conversar agora com...com ela porque ando sempre a dizer para ela confiar em mim e pronto e ainda...falei com ela... pronto, há-de chegar uma altura...agora ela diz que não...não gosta de nenhum rapaz nem se interessa pronto em...ela diz-me 'olha um rapazito giro não sei quê, o que achas mãe' e isso. E eu digo-lhe que há-de chegar a altura em que ela começa a namorar mas quando isso acontecer para...pronto, para falar comigo, que é normal, que eu também passei por isso mas para tomar precauções que se...depois é tudo novidade, quer experimentar, não toma concepção sexual e nem ele nem ela tomem precauções e depois pronto acontece. E ela disse: 'oh mãe...então...vais ver que não vai acontecer isso porque é só um namorico e não sei quê' mas pronto a gente sabe como é que é não é. **É uma preocupação sua.** A gente sabe como é que é. É novidade e não sei quê, vamos experimentar e se um...se um, o outro, têm que tomar os dois ou mesmo que não, pronto...é complicado. **Portanto é algo sobre o qual têm conversado.** Sim, é mais nisso que eu...**anda mais atenta**, ando mais atenta ultimamente. E pronto...e depois também como ela agora, desde Janeiro...caiu e partiu...o cotovelo...partiu o cotovelo em 3 lados, partiu o osso em 3 lados e tem sido uma fase difícil para ela. **Também tem que fazer fisioterapia provavelmente.** Sim, agora anda a fazer fisioterapia. Houve uma primeira fase que não fez, porque o cirurgião achou pronto...para o fisioterapeuta não andar ali a puxar e não sei quê e estragar o que ele fez. E então ali duas semanitas após a operação não fez fisioterapia...**Então foi assim um acidente feio.** Foi, foi, foi, foi, foi, foi um bocado feio, foi mais grave do que tínhamos pensado porque, pronto, o meu marido...ligaram-me para o trabalho da escola mas só que não atendi e entretanto, pronto, vi que [imperceptível] e não atendi e como nunca ando com o telemóvel, depois ligaram para o telemóvel do meu marido e quando ele me ligou 'partiu o braço' [faz estalido com a boca como se não tivesse valorizado muito a situação no momento], é normal, partir o braço ou uma perna ou isso olha paciência, é chato mas...mas foi complicado [aclara a voz]. Foi operada, tem uma placa com 7 parafusos e agora...**Foi um acidente na escola então.** Foi, foi na Educação Física. E foi uma queda assim um bocado...**Na Educação Física?** Foi. Porque o cirurgião disse porque não é muito comum na idade dela o osso partir daquela forma...e pronto. **Então ela está a recuperar ainda.** Está, está, está, está...está. E ainda vai demorar um tempo que o fisioterapeuta dela...Ela...ela...ela entrou para a fisioterapia com um ângulo de 90, com o braço cá em cima, que não conseguia esticar. Agora já está um bocadinho mais esticado, já consegue sim mas rodar é que ainda é mais difícil. Mas ela hoje na natação, ela já foi à natação, já a semana passada também, que o cirurgião disse que...eu pedi-lhe para ele fazer a declaração para ter menos de 50%. É melhor ela experimentar porque mesmo que não consiga só o estar na água e isso já...mas ela disse que hoje já consegue fazer pronto para trás. Rodar é que vai ser um bocado mais complicado. **Agora é uns meses provavelmente intensivos de fisioterapia.** Por isso é que ela anda também nessa fase assim [riso]. Há dias que vem da fisioterapia

com uma neural! Eu assim ‘fogo grande telha’ pronto. **Pronto é complicado porque também se confronta com o não poder fazer coisas que sempre conseguiu fazer não é.** Pois...**Mas à partida vai evoluir bem, ela é novíssima. Agora tem assim uma fase um bocadinho mais chata.** Sim, vai, vai. O cirurgião disse que depois, agora vai lá dia 18, disse que é capaz de não...pronto, que aquele osso vamos ver se o sangue chega àquele osso, se o osso morre. Mas em princípio está a correr bem. Estamos todos esperançados pronto. Porque pronto eu sou uma pessoa muito optimista...mas pronto, eu também estava preocupada e ela então estava em pânico com a operação porque o problema dela era não acordar da cirurgia...da anestesia. O problema dela era de não acordar da anestesia. ‘Oh mãe porque há muitas negligências e se eu não acordar e se e depois se não conseguir pronto colar e se, se, se’. **Foi uma coisa angustiante para ela.** Foi, ela estava muito...e então mandaram-nos lá estar às onze...às onze e meia para fazer a operação, fazer o...electrocardiograma pronto aquelas coisas e depois ela só foi operada às seis da tarde. Foi muitas horas. Ela estava muito, muito, muito, muito nervosa, muito ansiosa. Eu tentei pronto não transmitir muita...muito nervosismo...lógico que estava nervosa mas tentar não...‘oh mãe...oh mãe estás aqui parece que me estás a visitar, estás numa calma’. Mas ela estava muito nervosa, muito nervosa e então eu achei graça e ainda hoje lhe digo então ela...pronto, estava naquelas horas todas à espera e então todas as pessoas que passavam no corredor ela perguntava se eram...se eram médicos, até à senhora que passou com o carrinho para os lanches, perguntou se ela era médica porque estava muito muito...tanto que lhe deram antes da anestesia um calmante porque ela estava muito nervosa. **Mas correu bem a operação?** Correu, correu, correu, correu bem. **E foi há quanto tempo a operação?** Foi em Janeiro. **Ah pois é recente.** Dia 23 de Novembro...ah Novembro, Janeiro. **Pois foi há pouco tempo, há 2 meses mais ou menos.** Foi a 23 de Janeiro a operação e ela caiu a 18. **Foi logo pouco tempo depois, não teve muito tempo à espera.** Foi, foi logo mesmo assim. [riso nervoso associado ao silêncio inerente ao final do discurso]

9 - E com quem se dá a sua filha?

Com as amiguinhas dela da escola. Tem uma colega que é muito amiga dela, que já veio da escola, do básico. **Do 5º e 6º ano ou da primária?** Da primária, da primária mesmo, que ela depois encontrou agora na...no 5º e no 6º mas não era da mesma turma e o ano passado pediu-me para mudar de turma. Pronto lá escrevi o papel, também não queriam mas depois lá tentei fazer...força e lá consegui ir para a turma que ela queria, que era a amiguinha dela. E ela diz que, pronto, que é a amiga dela, é a melhor amiga dela [riso] e...e pelo menos têm-se dado bem. Ela tem...além de...dessa, dessa amiga, ela já teve outras mas depois desiludiu-se, teve aqui uma miúda também aqui nossa vizinha...que ela dava-se muito bem mas depois pronto, lógico, mas também é comum...**Mas sabe porque é que ela se desiludiu?** Sei, sei. Porque...porque aqui a minha vizinha que vive aqui por baixo de nós...mentia muito, tipo...intrigas, tipo

uma vez a D. perguntei ela desiludiu-se mais nessa vez que no início do 5º ano, quando foi a passagem do 4º para o 5º, nós também escrevemos uma carta ao conselho executivo para elas ficarem juntas como era o primeiro ano e elas iam e vinham juntas. **Com esta rapariga que é a vizinha?** Com esta rapariga que é a vizinha do 3º andar, nós vivemos no 4º e ela é do 3º.

Depois ela desiludiu-se que houve...que ela também se dava muito bem aqui com esta miúda aqui, também aqui, que vive aqui perto e acho que foram ao cacifo buscar uns livros e a outra miúda 'oh mãe'...a minha vizinha ia busca-la à tarde e então disse 'oh mãe', a minha vizinha quando a foi buscar, ela disse-lhe que a D. já tinha vindo sozinha com outra amiga e não, a D. tinha ido ao cacifo. E depois a minha vizinha telefona-me para o telemóvel 'olha a D. foi sozinha para cima'. Eu fogo, eu vinha até a falar sozinha 'ai quando eu chegar a casa vai-me ouvir tantas' e estava quando cheguei...**Gosta que ela venha sempre acompanhada com outra...** Sim, mas como ficou combinado ela vir com a outra o porquê de ela vir sozinha. E então nesse dia eu até vinha a falar sozinha, 'quando chegar a casa ela vai-me ouvir'. Cheguei, fui ter com a minha vizinha, pronto, e pedi-lhe desculpa porque se tínhamos combinado porque é que ela vinha sozinha. Entretanto chegou a D. a chorar e com a outra miúda e que não tinha sido assim, e porque eu estava na escada, que tinha ido ao cacifo e que a M. [amiga da filha], que a vizinha mentiu a dizer que ela tinha vindo para cima e ela estava no cacifo. E depois a D., já era de noite nesse dia, era de Inverno, ela estudam ali na S. M. [escola] e então, já era de noite para vir sozinha para cima e ainda veio para cima para ver se encontrava outra miúda que o pai também a vinha...E nesse dia a D. tinha um...tinha-se aleijado no pé, qualquer coisa assim, e então ela teve que ir a correr para a entrada de cima para ver se encontrava esta miúda para a trazer porque senão tinha que vir a pé ou isso e então ela ficou um bocado desiludida nessa altura pronto com esta e afastaram-se um bocado [riso associado novamente ao silêncio]. **De resto tirando as amigas da escola ela dá-se com mais...amigos, amigas?** Sim, nos escuteiros, nos escuteiros. E na catequese, na catequese. Na catequese ela também tem uma amiguinha que também se dá muito bem com ela.

E conhece as amigas dela?

Sim, conheço, conheço. Conheço, por exemplo a I. F., essa que eu digo que é a I. F., que andou no 4º e 5º ano com ela conheço. **Assim as amigas mais próximas...** Sim, conheço [riso associado ao silêncio].

10 - Já me falou um bocadinho mas vou-lhe perguntar na mesma, o que acha da ideia da sua filha namorar?

[riso]...É assim...há-de chegar o tempo, assim como também chegou o meu [riso], tenho que aceitar. Pronto, é a lei da vida...e...espero que ela tenha...tenha juízo. Uma coisa que eu lhe digo a ela é

que quando começar a namorar que não se descuide dos...dos estudos. Pode namorar mas em primeiro lugar estão os estudos porque eu, pronto...também vejo por mim, eu também comecei a namorar e estudava...estudava à noite e trabalhava de dia e depois também, pronto...tenho o 9º ano, podia ter ido mais além e depois agora também podia ter tirado...mas também...nestas novas oportunidades mas acho que isso é uma...e estou lhe sempre a dizer há-de chegar o dia em que ela começa a namorar mas para não descurar os estudos. E ainda a semana passada eu lhe disse...e...quando começar a namorar que, pronto...ela disse-me que não escolhe de quem gosta mas pelo menos que escolha um rapaz que...que também goste dos estudos...não...não...que depois, pronto, também vão por arrasto. Se...se ela gostar de um rapaz que não se interesse muito pelos estudos...porque a gente vê, as pessoas dizem 'ah as pessoas que têm estudos têm uma licenciatura, têm isto têm aquilo e estão numa caixa de supermercado'... mas é melhor ter alguma coisa do que não ter nada e hoje em dia está tão mau não é? **Sim. Portanto, é assim a sua principal preocupação quando pensa na ideia da sua filha namorar.** Sim, porque tenho visto, pronto, muitos casos que começam a namorar e depois os estudos ficam para segundo plano. Não pode ser, pronto, tem que se conseguir namorar e estudar [riso].

E há mais algum sentimento que a ideia da sua filha namorar desperte em si para além da preocupação com o descurar os estudos? Não, não, não. É mais isso não tenho...pronto... nunca faço...algumas pessoas me perguntam se eu faço planos da minha filha um dia ir para a faculdade e tirar um curso. Não, pronto, não...pronto, quero o melhor para ela mas não...não ando...não faço planos que depois uma pessoa, pronto, pode não conseguir. **Mas gostava?** Gostava, gostava. E estou lhe sempre a dizer, ponto...para que ela escolha...para o ano vai para o 9º ano, pronto está tudo a correr bem, em princípio pronto, ela tem tido boas notas, deve ir para o 9º...para o 9º ela tem de escolher a área e eu estou sempre a dizer e que escolha uma área que pelo menos tenha...tenha possibilidades no mercado de trabalho...tenha saída profissional [riso associado ao fim de discurso].

11 - Já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

Nunca pensei e ela às vezes diz-me na brincadeira que aos 18 anos sai de casa, mas eu digo-lhe a ela que ela pode sair de casa mas tem que tentar...se um dia que sair de casa, eu conhecendo-me como me conheço, ela tem de se conseguir sustentar sozinha e não estar à espera dos papás para...para ajudar. Ela no dia que sair de casa, ela tem de tomar consciência que é capaz e que tem, pronto, de se sustentar sozinha. Também posso ajudar, é lógico que ajudo naquilo que eu puder mas não me estou a ver como eu conheço alguns pais, hoje em dia, os filhos já casados e eles matam-se a trabalhar, os filhos compram...compram carros, compram isto, compram aquilo, não têm um alicerce, não têm os pés assentes na terra e depois os pais estão ali um bocado [riso]...saem de casa mas não são independentes. É o que eu digo sai de casa um mas entram uns três ou quatro. Porque entra o neto, entra...[riso]. E, pronto, diariamente estão em casa

fora mas vão lá jantar, vão...as despesas depois disto e daquilo, é complicado. **Portanto tem que ser algo quando a sua filha já conseguir de certa forma assegurar as despesas inerentes ao viver fora de casa dos pais.** Sim, não quer dizer que eu não ajude e ajudo, lógico, mas é assim mas tem de ter os pés bem assentes na terra, não é assim, vou sair de casa vou comprar uma casa, vou comprar um carro, vou não sei quê e depois os meus pais pagam [riso]. Hoje em dia vê-se muita gente assim. E então, pronto, conhecendo-me como me conheço estou lhe farta de dizer tens uns pais muito duros, tu tens mais é que o ser, não estejas à espera que...[riso relacionado com o silêncio associado ao fim da resposta]. E então é basicamente isso.

12 - Tem amigos com filhas da mesma idade da sua filha?

Amigos em que sentido? **Amigos seus, casais, amigos que tenham também filhas com a mesma idade da D.** Ah sim, sim, como eu lhe disse, pronto a...aqui a minha vizinha, pronto, esta minha vizinha...Mais...Aquela com que a D. também se dava...aquela também, pronto...**aquela que tinha estado com ela na primária.**...Sim, sim.

13 - E costuma partilhar com eles os seus desejos e receios em relação à D.?

Sim, sim, costume, pronto, eles...mesmo assim eu...pronto, acho que ainda consigo ser, pronto, um bocado mais...como é que eu hei-de dizer...mais liberal no sentido de por exemplo uma amiga da D., quer dizer uma colega da idade dela que fez agora os 14 e então fez a semana passada anos e a mãe queria ir aos anos, queria, pronto, queria estar presente. Quer dizer fez anos mas elas entre elas organizaram...**uma festa**, quer dizer não foi festa, foi um almocito pronto, lá em baixo na churrasqueira, tipo um menu estudante para não almoçarem no refeitório. A mãe queria ir. Eu, pronto, não me estou a ver também nesse papel, porque uma coisa é elas terem 5-6 anos, 7 anos do que agora com 13-14 anos [riso]. Mas não foi, mas foi a...uma irmã dela [riso]. A D. assim: 'oh mãe tu nunca me faças isso e não sei quê, que vergonha'. Não, por amor de Deus, também não...quer dizer, acho que também se torna ridículo, quer dizer, não estou a ver...

Mas conversam costumam falar sobre isso? Sim, mesmo com essa mãe eu pronto, eu falei na altura e ela pronto estivemos a falar e [riso]. Ela diz, pronto, que é mais...tem de estar ali, mesmo um dia que ela saia à noite e que namorar e isto e aquilo. Pronto, eu acho que não vejo muito isso assim nessa...**Tenta lhe dar algum espaço.** Sim, porque também é assim não é por nós proibirmos que elas não vão fazer. A D. é muito pronto...responde isto e aquilo e ela disse-me logo: 'oh mãe tu até me podes dizer para não ir aqui, não ir ali, mas eu vou por isso não vale a pena'...e eu assim na brincadeira: 'pois é, mas qualquer dia estou eu à entrada da escola vais ver'. 'Ah não estás nada?'. 'Não?'. Acho que...pronto, porque depois eles também são um bocado gozados entre colegas. Quer dizer, não tem muito

fundamento, pronto eles terem lá aquele almocito, pronto, entre colegas e não sei quê, agora ir para lá uma mãe ou não sei quê ver o que é que esta mãe está aqui a fazer. Uma coisa é eles terem 5-6 anos outra coisa é... não tem nada a ver [riso].

14 - Como é que descreve a sua filha?

É assim...tem momentos tímidos, outras vezes é muito extrovertida...mas, mas eu acho que ela é pronto, como é qe eu hei-de dizer, tem um bocado baixa auto-estima. **Porque acha que ela tem baixa auto-estima?** Porque, de vez em quando, pronto, está sempre a dizer porque...é feia, porque as amigas dela são mais bonitas, porque é gorda, porque...**Por causa das queixas que ela faz em relação à imagem?** Sim, sim. E por exemplo, o cabelo dela é tipo em caracol, quer dizer tem tipo uns jeitos e então ela está sempre a dizer para alisar, porque as amigas dela têm o cabelo liso e ela tem... e eu oh filha tomara eu ter o cabelo assim porque o cabelo liso depois torna-se muito oleoso e depois é sempre a mesma coisa e até, pronto...Eu acho que ela pronto...Eu acho, pronto, que ela está sempre a dizer que as amigas pronto...Ainda outro dia eu lhe disse: 'oh D. tu dizes que és feia, olha a tua amiga, tu és mais bonita do que ela' e não sei quê. Mas é nesse sentido, pronto. **Mais alguma coisa que queira acrescentar na descrição?** Não, acho que não.

15 - Conte-me uma história com a sua filha.

[riso] Tipo? **Assim qualquer episódio ou situação que tenha sido marcante ou engraçada, uma que gostasse de partilhar...** Agora de momento não estou a ver assim nenhuma [riso]. Eu tenho pronto...eu por exemplo não é...não é muito importante mas eu acho muito...houve uma altura em que ela estava na...na escola...na primária com essa amiga e então ela disse que, no dia a seguir...eu vinha com ela a pé para cima e ela estava-me a dizer que no dia a seguir não tinha aulas mas que havia aulas de substituição mas que não iam marcar faltas e que não ia porque já todos tinham combinado não irem. Eu disse-lhe: 'Não, tu vais porque...porque eu também não me apetece ir trabalhar e também tenho de ir trabalhar, por isso mesmo que não marquem faltas'. 'Ah mas tu não vais trabalhar porque se não fores trabalhar não recebes e eu não tenho aulas mas não me marcam falta'. Não interessa, tu vais, tu vais e...eu achava e achei que ela tinha que ir e então ela pronto, ela acha que tem que fazer tudo como ela quer, já naquela altura e ela: 'Ah eu até posso ir! Mas estou lá estou assim a olhar para o ar'. E eu vinha no caminho e estava a chatear-me com ela e disse 'Ailái! estás aqui estás aqui a apanhar à frente de toda a gente'. 'Quero lá saber!' disse ela, e pronto, foi assim o episódio que agora não me recordo assim de mais nenhum assim engraçado. Ela tem às vezes umas saídas... assim um bocado...que é como eu lhe digo, ela...eu com ela entramos mais em conflito do que com o pai...do que com o pai. O pai agora também está assim um bocado numa fase...mas ele é a menina, é isto, é aquilo. E então...já não sei o que é que eu lhe disse

que...que eu perguntei-lhe porque é que ela respeitava, apesar de o pai lhe fazer as vontades e lhe fazer tudo, porque é que ela respeitava mais o pai do que a mim. Porque apesar de eu não lhe fazer as vontades ela...pronto, ela não me respeita tanto como respeita o pai e ela disse-me que era...‘é uma questão de alturas’ [riso]. ‘Sabes porquê que eu não te respeito? É uma questão de altura’. ‘Ah é! Eu digo-te a altura’.

Ela é mais alta do que a A. [mãe]? É, é mais alta do que eu. Eu sou baixinha. Pronto, ela tem umas saídas um bocadinho coisa que eu às vezes assim...**Esse episódio que está a relatar foi recente?** Sim, foi recente, foi recente, é. **E que mostra um bocadinho aquilo que estava a dizer há bocadinho, de ela ser estar mais respondona, de alguma forma.** É, é, está sempre respondona e eu pronto...eu depois no fim até lhe achei graça, apesar de.. **Achou piada ao comentário.** Achei piada. Pronto, porque ela diz assim porque é que respeitas mais o teu pai, apesar de...de ele fazer as vontadinhas e...mas tu respeitas-o mais porque, por exemplo, vamos lá...eu, por exemplo estamos...estamos a falar isto e aquilo ou a conversar, mas ela...pronto...e ao pai ela ouve mais. Ela, às vezes o pai, eu grito, ralho, mas ela não liga e responde e isso. Mas o pai...basta o pai deitar um tom de voz assim mais coiso que ela já não...já não responde tanto, como me responde a mim [riso]. **Sim...acaba por sentir ali o peso da autoridade.** Ela diz: ‘Sabes porquê? Porque é uma questão de altura [riso]’.

Porque ela também responde. ‘Mas porque é que tens sempre de responder?’. Ah e ela tem umas saídas um bocadinho coiso, porque depois ainda, pronto, também foi recente. Há umas semanas atrás, eu também estava a falar com ela [riso]...e ela assim: ‘o quê?’. Aquelas coisas, aqueles repentes dela e ela – ‘estou a engolir’. E eu ‘estás o quê?’. ‘Estou a engolir para não te responder’. Eu assim ‘Ah, eu digo-te’. Eu não estava a perceber o que ela...‘estou a engolir [riso]’. E eu: ‘estás o quê?’. ‘Estou a engolir para não te responder’.

Porque é como eu lhe digo tens que...mas ela diz, às vezes, tipo, ou dia da Mãe ou dia dos meus anos, eu sempre foi o meu lema, pronto, em tudo na vida, não me dêem nada mas tratem-me bem, pronto. Porque é que me estão a dar uma coisa que...se não, pronto...se não, se estão sempre a...pronto, com atitudes menos boas para comigo, pronto, isto e aquilo, e depois dão-me uma prenda no Natal ou nos anos. Isso a mim não me diz nada. Então o meu lema de vida foi sempre este – ‘não me dêem nada, mas tratem-me bem’. E então, ela no dia da Mãe ou no dia dos anos estou sempre a dizer ‘eu não quero que me dêem nada, quero é que me respeitem e quero que, por exemplo, às vezes não respondas’, e ela assim: ‘ah mãe, isso é que é mais difícil. Eu não me consigo controlar. É mais forte que eu. Não consigo. Isso aí é que não te vou prometer. Isso é que eu não te prometo porque é mais forte do que eu’ [riso]. Mas pronto...mas pronto...mas quer dizer temos assim um tipo...é como eu lhe digo, às vezes eu fico coiso porque é que ela, às vezes, pronto, eu falo e ela, pronto, tem sempre ali a resposta na ponta da língua [riso]. **Mas também diz que já se chocavam antes.** Sim, sim, isso sempre foi assim, sempre foi assim. **Agora está um bocadinho mais também pela...Pois com a idade.**

16 – O que é que mais deseja para a sua filha?

Desejo que ela seja feliz, que pronto, tire o curso que ela deseje, que, pronto tenha aquilo que eu não tive, o poder estudar e tirar um curso e...e fazer aquilo que ela gosta. Pronto, trabalhar, [imperceptível] daquilo e fazer o que ela gosta. [silêncio] **Mais alguma coisa?** Não [riso].

17 – E o que mais receia para ela?

O que mais receio? Pronto é o...é o futuro que se avizinha, que não é...que não é nada animador. Sou uma pessoa otimista mas não vejo um futuro para a minha filha muito risonho...no sentido de...pronto, do país em si, de pronto...Mas mais assim na geração da minha filha, pronto. Eles agora vão...A geração acima, pronto vivemos mal, pronto vivemos menos bem, vá lá, mas...mas daqui para a frente, pronto, não sei. **Há assim mais alguma coisa que...?** Não. **É isso que a inquieta mais em relação...?**

18 – Houve alguma coisa na sua filha que a tenha desiludido?

Não, não. Até agora não, até agora não [riso].

19 – Lembra-se de como era quando tinha a idade da sua filha?

Lembro-me, tanto que eu lhe digo muita vez que eu com a idade dela já fazia muita coisa que...que ela não faz, que eu acho que ela [riso]...e então...**Por exemplo?** Por exemplo, estou-lhe sempre a dizer isto, com a idade da D. a minha mãe já não pegava no ferro, eu é que passava a roupa e as minhas irmãs e...e, pronto e a casa e isto e fazer comida e...**Portanto assegurava as lides domésticas, a A. [mãe] e as suas irmãs asseguravam a lide doméstica.** Sim, sim, sim. Pois...E agora já não se passa a mesma coisa. Pronto, almoça, depois levanta, é capaz de...levanta sempre a...mas tem que estar ali a repousar, vai para o sofá e depois daí a bocadinho é que levanta a mesa e...[riso], e vem da escola e deixa aqui uma mochila e depois deixa uma roupa aqui, deixa outra ali [riso] e é isso.

20 – Como é que era o seu dia-a-dia nessa altura, quando tinha 13/14 anos?

Mas também ia à escola nessa altura? Sim, também ia à escola mas pronto, mas depois com...já não sei precisar com que idade, se foi com 16, se foi com 17, e depois trabalhava de dia e estudava à noite. **Mas com 13/14 anos.** Porque os meus irmãos sempre tiveram restaurantes e então eu trabalhava com eles, com um deles e estudava à noite...**Não devia ser fácil.** Não [riso]. **Ainda por cima na altura.** É. **Uma pessoa ainda quer gozar a sua juventude.** É, foi um bocado...Não é muito fácil, pronto uma pessoa estudar à noite e trabalhar de dia. Está bem que as disciplinas também são menos e isso mas...tem que ter um bocado de força vontade porque não apetece muito depois de um dia de trabalho ir estudar

[riso]. Mas...**E há assim alguma coisa que queira acrescentar em relação a como é que era o seu dia-a-dia quando tinha a idade da sua filha?** Não, não. Quer dizer também pronto, também, com 13/14 anos não tinha assim [riso]. **Era casa-escola, escola-casa?** Sim, depois mais tarde também frequentei discotecas e isso mas foi mais tarde. Com 13/14 anos não. Só depois muito mais tarde, com 20, 18, 20, é que comecei depois com esta idade [riso].

21 – Como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos?

Ui, daqui a 20 anos. Olhe eu tenho, vou fazer 46 [riso]. Daqui a 20 anos tenho eu 56 não é? **Não, daqui a 20 tem 66.** Eia, 66 ano, eia. **E a sua filha tem 34.** Epá...Não sei como a imagino. Pronto, é como eu lhe digo. A minha...a minha visão pronto, é mais pronto, pela, que tenha o curso pronto...e não sei se estará casada ou não mas [riso] isso para mim também não é uma visão que...pronto...é mais no sentido profissional. **Como é que a imagina profissionalmente daqui a 20 anos?** [riso] Não sei, pronto não sei também qual é a área que ela está mais...tem mais...mais capacidade, mais vá lá...mais vontade de seguir [riso]. **Mas podia ter assim alguma ideia.** Não, mas mesmo a minha visão não é, pronto, é aquilo que...Ela primeiro dizia que queria ser médica mas médica ela já tirou [riso], já tirou. E então eu estou lhe a dizer pronto no sentido de...da informática que hoje em dia...não sei. **No sentido do que é que tem saída.** Sim, do que tem saída. Pois [riso]. Não sendo a medicina e...não sei. Mas ela também tem muita dificuldade com a matemática e informática também tem muitas matemáticas. **Pois tem.** Não estou a ver, não sei, digo-lhe muito sinceramente. É como eu lhe digo não...eu nunca fiz muitos planos pronto...o que é que será, pronto...não...**Para si ou para ela ou para as duas? Está a falar para a sua filha?** Sim. Não...também, não sou assim muito exigente...pronto como muitos pais dizem: 'ah tens que seguir ou tens que'...**No sentido de restringir muito o leque.** Sim, porque depois também não sei o que vai acontecer, depois a desilusão também...não é? **A desilusão que poderia sentir...?** Sim, no caso de...de eu pronto...imaginar pronto...vai ser engenheira, vai ser juíz ou vai...não sei. **Mas desilusão por ela depois não seguir isso que ambicionava para ela. É isso? Nesse sentido?** Pois. É nesse sentido [riso]. É nesse sentido, não sei. Não sei [riso]. **E assim a nível pessoal tem assim alguma ideia de como ela poderá estar daqui a 20 anos?** Não, não estou a ver...Pronto, é como eu digo, possivelmente terá o curso, será que está casada, será que tem filhos [riso], não sei.

22 – Há mais alguma coisa que gostasse ou achasse que era importante dizer?

Não [riso].

Mãe 3

1 - Como é o seu dia-a-dia?

O meu dia-a-dia...Nem sempre é dos mais fáceis mas acho que hoje não há dia-a-dia fácil. É acordar a correr, tomar o pequeno-almoço, tomar banho, levar as miúdas à escola. Sou eu que as levo por opção própria, porque eu quero levá-las para estar um pouco mais com elas a chatearem-me um pouco mais de manhã, se calhar é mais o termo porque nunca saem de casa e depois ir para o trabalho, arranjar-me. Começo às 08h30 a trabalhar, nunca chego às oito e meia. Chego entre as nove e um quarto para as nove. E depois há dias que acabo às sete, outros dias às sete e meia, outro dia às oito da noite, depende, depende das horas que eu saia do trabalho e a seguir vou para casa. É basicamente o meu dia-a-dia.

2 - E como são passados os fins-de-semana?

Depende dos fins-de-semana. Há fins-de-semana que...nós temos também trabalhos por conta própria, fazemos trabalho por conta própria...que se não tivermos que fazer nada ou saímos ou damos uma volta ou ficamos por casa pura e simplesmente ou é aquele...levar as miúdas a uma festa ou... Depende, não há uma...não há um critério. **Não há assim um fim-de-semana típico. Vai variando.** Ou ficamos em casa ou porque somos nós ou porque elas têm testes ou porque uma tem uma festa aqui e a outra tem uma festa ali ou porque convida uma amiguinha para dormir em casa ou passar a tarde. Não sei, é variável.

3 - E como são as férias em família?

As férias até ao ano passado, até ao ano passado, este ano ainda não sei como é que vão ser. O ano passado ficámos em casa de umas pessoas amigas uma semana e depois já passámos duas semanas juntos. O ano passado foi assim, passámos duas semanas só os quatro, os quatro e...Mas o que necessita saber mais? **Era só para perceber se costumavam passar realmente os quatro, se elas já começam a fazer programas sem ser só com a família.** Não até agora não. Só houve um ano em que a M. [filha mais velha] foi sozinha com os pais de uma amiga dela, de uma amiga da turminha também mas foi com...já tinha 9 anos ou 8 anos ou 7, 7 ou 8 anos já não me lembro bem, que foi uma semaninha com eles. E claro como era muito pequena, tinha os seus 8 ou 9 anos, quase todos os dias telefonava e dizia para a ir buscar. Eu não te vou buscar ao Algarve agora tens que esperar que as férias acabem não é. Quiseste ir, agora aguenta-te. Mas não, fora de nós, não têm passado férias, é connosco. Claro, às vezes o que é que acontece? O que pode acontecer é, eu estou a trabalhar durante uma semana e o meu marido também e do tipo que passam esses dias, mas é ida e volta, com uma amiga minha, mas vão para a praia e voltam

mas sempre dormem em casa. E quando ela trabalha, fico eu com o filho e faço eu o mesmo, levo o miúdo e depois ela vai busca-lo a casa. Não é dias consecutivos a dormir. É ida e volta, ida e volta.

4 - Quem toma as decisões na família?

Isso depende. Isso depende do tipo de decisão. Regra geral é em conjunto mas... eu acho que...depende um pouco. Acho que aquele tipo de sair, se vai, se não vai, se vai dormir em casa de, se vai a uma festa ou não. Eu acho que sou mais eu que estou envolvida. Acho que estou mais eu. Acho que sou eu que mais que tomo as rédeas porque ou dão-me o telefone ou a M. diz 'mamã posso, tenho uma festa telefona'. Ela dirige-se mais a mim do que propriamente ao pai. Nesse aspecto sou eu mais mas... por exemplo...outro tipo de decisões...do género uma semana fora, como aconteceu há uns anos atrás aí falamos os dois. 'Achas que devemos deixá-la, não devemos?'

Ou do tipo, coisas mais sérias, sei lá tipo aulas de inglês, como há pouco tempo. 'Achas que deve ir? Se tipo aulas particulares, se no Cambridge, se não sei quê, o que é que havemos de fazer'. Já somos mais os dois. Depende da situação. Depende do assunto.

Por exemplo, ainda ontem a M. estava toda arreliada porque queria ir ao rock in rio sozinha com uma amiga, uma amiga mais velha, que tem 14 anos. Disse não. 'Ah porque tu nunca me deixas sair, tu nunca me deixas fazer nada e tu nunca não sei quê'. 'Não, então desta vez decide o pai o que é que ele acha se debes ir sozinha ou não'. Claro que o J. [marido] disse logo 'ah eu acho que isso deveríamos ir os 4 juntos que era mais giro'. E a coisa ficou por aí. 'Não quero'. Claro que sozinha não vai. Mas como eu sempre nestas coisas de sair/não sair, estar com as amigas/não estar, sou eu mais, sou eu mais. E como eu digo 'já estou farta de ser a bruxa má, agora passo um pouco para o teu pai a ver o que é que ele diz'. Depende.

5 - Como é que é a sua história como mãe?

[silêncio] Como assim? **Como é que tem sido como mãe? Como é que se vê ao longo do tempo?**

Eu acho que tenho tido pouca presença em casa, com elas, e acho que elas se queixam um pouco disso. No sentido em que eu chego bastante tarde e nos dias que eu chego cedo noto elas dizem mamã chegaste cedo, cedo que são sete, sete e meia da tarde, mas elas dizem cedo. 'Ah chegaste cedo, que bom!'. Sendo que muitas vezes elas dizem podias estar mais tempo em casa, podias chegar mais cedo, as outras mães chegam mais cedo, as outras mães não trabalham, estão mais tempo com os filhos. Mandam muito isto à cara [silêncio]. E às vezes sinto que deveria ter realmente mais tempo para elas, durante a semana. Durante o fim-de-semana pronto, vamos tendo. Mas durante a semana é mais complicado e gostaria de estar mais tempo com elas mas só que nem sempre é possível como eu digo. Se gostaria de deixar de

trabalhar? Se calhar? Porque não? Mas não é viável. Não há condições para deixar de trabalhar e cuidar delas.

6 - Sentiu alguma vez desejo de ser mãe?

Sim, com a M.. Tanto uma como a outra, senti necessidade de ser mãe. Antes disso não tinha necessidade, não tive nunca necessidade de ser mãe.

Antes disso não tinha pensado ainda sobre o assunto?

Não, sobre o assunto tinha dito logo que não, quando me casei não queria ter filhos por enquanto. E depois, passado um ano e pouco, surgiu a necessidade, senti a necessidade, o corpo parecia que pedia para ser mãe. E assim, pronto, combinámos entre os dois. Achas que é possível, não é. Sim. E com a C. [filha mais nova] foi igual. Com a C. [filha mais nova] foi do mesmo tipo. Quero ser mãe novamente, quero engravidar, quero ter mais um filho. Depois quis um terceiro e ele não quis. Ainda quis mas não. Depois quando ele quis eu não quis. E agora estamos numa fase em que se calhar, estamos a tentar um terceiro filho [riso]. Se calhar é loucura, porque tempo quase não há enfim, mas vamos ver.

7 - Acha que a sua relação com a M. tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Umhas vezes melhor, outras vezes pior. Noto que a M. confia em mim mas ao mesmo tempo é uma miúda que...Eu acho que temos, no cômputo geral temos uma boa relação, só que ela tem um feitio difícil e eu também não tenho fácil e chocamos um pouco nós as duas. Penso que também é da idade dela, que exige-lhe querer soltar-se um pouco mais e eu sou mais daquele tipo vamos com calma, não estás na idade ainda de te soltar e andar por aí.

A nível de situações, por exemplo há pouco tempo, em Janeiro, veio-lhe a menstruação e eu não estava em casa, ia fazer compras. E telefonou-me logo muito aflita e disse-me ‘mamã vem para casa porque fui fazer xixi e tenho sangue no pipi, quando me limpei fiquei com sangue’. ‘Então vou já aí’. ‘Não, não, deixa estar, vai fazer as compras e depois volta’. Mas contou-me logo: ‘ah mas não contes ao papá’. Tudo bem, tudo bem. Do tipo que tinha uma certa vergonha, de se mostrar o corpo e agora já está mais à vontade comigo, já se despe ao pé de mim, à frente do pai não, mas já se despe. **Teve uma altura em que ela deixou de se despir foi isso?** Por completo, comigo! E eu assim: ‘filha mas porquê? Somos mulheres’. ‘Não, não, sai, sai’. Respeitei. O meu marido era contra – ‘ah não podes, tens que fazê-la ver que é uma coisa natural’. ‘Com tempo, ela vai perceber que é uma coisa normal. Deixa ela...são transformações do corpo dela e ela tem que se habituar ao corpo dela primeiro, deixa que se habitue e depois as coisas hão-se ser normais’. E realmente pelos vistos não me enganei muito, que houve um dia que ela de repente assim sem mais nem menos – ‘oh mamã vamos tomar banho juntas’. ‘Está bem!’. No primeiro dia tipo de costas, não se quis mostrar muito, passado um tempo já era normal, despe-se, tira a roupa, põe. Com o pai

não, fecha a porta e não, não. Não sei porquê, porque em casa nunca houve aquelas situações de vamos tapar-nos, não vamos mostrar-nos, não. Precisa do seu espaço mas... não sei, acho eu.

De resto, assim coisas mais íntimas dela, não me conta muita coisa. Se eu lhe pergunto tens namorado. ‘Ah lá estás tu com essas coisas, que parvoíce, deixa-me. Deixa-me, não me chateies!’. Decidi também não fazer muitas mais perguntas, que ela não gosta. Acho que ela não gosta muito.

Portanto, são mudanças que nota recentemente.

Não, sempre foi assim. Desde muito pequena que eu perguntava, com 5/6 anos, porque os miudinhos com 5/6 anos ah já tenho uma namorada, naquelas brincadeiras. ‘Então já tens namorado? Ah deixa-me mamã estás sempre com essas parvoíces, já te disse que não. Não gosto de ninguém, deixa-me.’ É desse tipo assim. Não é muito de se abrir. Sempre foi muito retraída nesse aspecto.

8 - E assim mudanças que note nos últimos tempos, assim de há um ano ou dois para cá.

A mudança que eu sinto é que ela quer, está numa de querer sair, sair mas não é tipo festas ou discotecas, não, é sair aquele tipo querer ir para a escola sozinha, ida e volta. ‘Quando é que me vais deixar ir sozinha para a escola?’. Tipo liberdade. ‘Porque é que não me deixas ir ao rock in rio sozinha?’. Outro dia perguntou-me – ‘mamã quando estiver em casa’, porque elas ficam em casa sozinhas, à tarde, ‘quando eu estiver cá em casa posso ir de vez em quando cá abaixo à alameda dar uma volta com a mana?’. E eu: ‘sim mas tens que ter cuidado, tens que ter atenção’. ‘E se eu de vez em quando quiser comer um chocolate ou quiser comprar um gelado aqui em frente posso ir?’. ‘Podes’. Nota-se que quer um pouco de liberdade. Isso é que eu noto mais, uma ansiedade muito grande da parte dela por essa liberdade. O que é normal acho eu.

E em si, tem notado alguma mudança nos últimos tempos?

Mudança...acho que...tenho tido...acho que menos paciência derivado ao trabalho e derivado também a que elas são, tanto uma como outra, a M. gosta de picar e a outra pica-se e então às vezes é um pé de guerra lá em casa. Uma pessoa às vezes chega a casa cansada e em vez de virem ter connosco com alegria e uma pessoa fica alegre de as ver, passado nem um segundo, rasgos de segundos, já está uma que uma puxa o cabelo, que a outra grita, que a outra corre, e ‘tu fizeste-me’, e ‘ela bateu’, e ‘porque é que me bateste’, e corre para um lado, e corre para o outro e ‘agora não te ajudo’. Quer dizer, ‘a gente chega a casa e só gritam e batem palmas e só se chateiam uma com a outra. Parem um pouco’. É assim que eu noto, com um pouco menos de paciência e deixam tudo desorganizado e arrumem e ninguém sai de casa até que arrumem as coisas porque acho que já têm idade para arrumar e elas não...**São desarrumadas.** São desarrumadas, deixam tudo por ali. Ando sempre assim, parece que mal que chego a casa faço uma fiscalização à casa, que eu digo: ‘é incrível, como é possível ando todos os dias a ralar com vocês, que

arrumem, façam, organizem?. Acho que tenho menos paciência, acho que elas também já têm idade para terem noção que as coisas têm que estar organizadas e dar valor que as coisas devem estar organizadas, não se pode deixar tudo assim de pernas para o ar e comem isto e deixam aqui. Quando tinham outra idade ok, uma pessoa...se calhar uma pessoa facilitou, vai arrumando, se calhar nós facilitámos, isto não deves deixar aqui mas claro arrumávamos, guardávamos.

9 - Com quem é que se dá ou convive a sua filha?

A nível de amigos? **Amigos e não só, se for família.**

Amigos...para já da escola. Tem um amigo fora da escola mas que tem a ver que é uma amiga minha, que é o sobrinho, que não anda no I. [escola], não anda no I. [escola] porque não anda mas que de vez em quando telefonam-se ou mandam mensagens, vão ao cinema. Ao cinema deixo-a ir sozinha. Quer dizer levo-a e vamos busca-la e ficam sozinhas... sozinhos a ver o filme. Então muitas vezes 'posso ir com o C. [amigo] ao cinema' e vai a mana também, vão todos. Assim, com a família dá-se muito é com o tio da parte do meu marido, com os avós, com a minha mãe, com a minha avó e não há assim, com os meus irmãos quase não se dá, com os meus amigos, que têm filhos também. E acho que com mais ninguém, quer dizer assim...**São assim os meios principais em que ela se movimenta.** Exacto.

E conhece todos os amigos dela?

Ela fala-me em nomes, mas quase todos são da escola. Fora da escola, os de fora da escola eu conheço por enquanto, por enquanto, ainda são da escola. E como ela não anda sozinha, do tipo se tiver uma festa, é a festa de não sei quem, depois conheço o miúdo e conheço os pais quando uma pessoa a leva às festas. **Portanto tem contacto e sabe quem são as pessoas com quem ela se dá.** Sim, isso sim.

10 - O que acha da ideia da sua filha namorar?

O que eu acho? Para mim vai ser uma dor de cabeça [riso]. Eu sou muito franca, já disse ao J. [marido], espero ter inteligência suficiente para saber lidar com o assunto. Eu sei que vou lidar com o assunto bem se eu gostar do rapazinho que entrar em casa e se me agradar. Isso de certeza absoluta que vou saber lidar. Agora se achar que é daquelas pessoas ou daqueles moços que são daquele tipo abusadores e assim, não sei se vou lidar muito bem com a situação. Depende, eu não sei. Isto...isto também é tudo uma experiência nova para os pais, para mim vai ser uma experiência nova. A única coisa que eu sempre digo à M., que eu sempre disse é que quando namorares podes trazer o teu namorado a casa porque é muito bem-vindo. Sempre digo isto à M.: 'no dia em que namorares gostava de conhecer o teu namorado e podes trazê-lo cá para casa porque é importante os teus pais também conhecerem o teu

namorado?. **Mas tem a ideia de que lhe vai trazer alguma preocupação...**Preocupação vai trazer de certeza absoluta, para mim vai trazer.

11 - E já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

Ela sempre diz que quando tiver 18 anos que se vai embora, porque eu sou muito chata, porque sou não sei o quê, porque sou não sei que mais e que aos 18 anos vai sair de casa. **Então já se confrontou mesmo com essa possibilidade porque ela já disse, já falou nisso.** Já, está farta de dizer isso. Eu sempre lhe digo: ‘olha vou ter muito pena no dia em que saíres de casa mas com certeza no dia em que saíres de casa vai ser uma decisão que tu estás a tomar e que vais tomar com pés e cabeça’. Depois quando fala assim normal que não é para me picar – ‘mamã se eu quiser um dia ir estudar no estrangeiro?’. ‘Então acho que se houver hipótese o que é que eu posso fazer M.? É para o teu bem, é para o teu bem’. Que me agrada? Não, mas o que é que eu posso fazer? **Pois é isso que eu ia perguntar, o que é que sente em relação a essa...?** Não me agrada, mas vamos supor que ela tem oportunidade de sair daqui e estudar seja lá onde for, ou que eu tenho hipótese de que ela vá para o estrangeiro estudar...não posso cortar-lhe, não posso cortá-la, não posso limitá-la. **Apesar de, pronto, lhe custar...**Claro, não posso. Exactamente, vai-me custar mas não posso de forma alguma dizer: ‘não, não vais porque ficas cá em casa e não me apetece que vás, que abras os teus horizontes, que conheças outras coisas e estudar fora ou seja lá o que for’. **Está receptiva à ideia.** Estou, para o bem dela, se é para o futuro. Se é tipo brincadeira, espere aí. Agora se é do tipo: ‘mamã quero ir para Inglaterra estudar um ano para saber falar bem inglês’. O que é que eu vou fazer? Tenho hipóteses de pagar? ‘Sim, então podes ir’. Não tenho hipóteses de pagar então temos que arranjar outra solução. ‘Para fora não podes ir’, por exemplo.

12 - Já me disse que tem amigos com filhas da mesma idade da M. não é?

Sim, sim, sim.

13 - E costuma partilhar com eles os desejos, receios, preocupações em relação à M.? Costumam falar?

Costumamos de uma forma muito...do tipo, a M...pequenas situações que a M. às vezes faz ou diz, às vezes partilho com um amigo meu, que estudámos juntos, ele não tem filhos da mesma idade que a M., são mais novos, mas pronto estudámos juntos na universidade e somos muito amigos. E vou dizendo, de vez em quando, olha a M. fez-me isto, a M. fez-me aquilo ou disse-me isto ou disse-me aquilo, quando nos encontramos. Pronto e ele vai dizendo isso é próprio da idade ou são mulheres, ele tem dois rapazes portanto tem outra visão. Diz as meninas são assim, as meninas são mais complicadas, vocês mulheres são não sei quê. É outra visão como é óbvio. E falo com uma amiga minha também, também estudámos

juntas as duas mas ela também tem uma filha mas é mais pequena, tem 6 anos agora, tem 6 anitos. É mais novinha então...eu acho que quando se está na mesma fase e que se tem crianças assim da mesma idade é que uma pessoa percebe...as mães é que podem partilhar mais as...

Por isso é que estava a perguntar se tinha amigos com filhas da mesma idade e se partilhava, porque realmente é muito diferente, 6 anos e 12 não tem nada a ver. Nada, nada. Assim amigas que têm a mesma idade que a M...ou amigos, não tenho assim nin...quer dizer dou-me com os padrinhos, que também estudámos juntos mas os padrinhos da M. hoje em dia estão separados e o pai é muito zen, é muito...é muito zen. E com ela, que era com quem mais tinha enfim, na altura tinha muito mais proximidade, ela separou-se completamente e quase não sei nada da madrinha da M., que é com quem vive esta miúda que tem 14 anos, portanto é mais velha que a M. um ano e meio, quase dois. E o pai é todo zen, uma pessoa fala com o pai e ele ah sim, sim, sim, sim. Pronto.

Acaba por não conseguir partilhar com pessoas que tenham filhos da mesma idade. Com ela não partilho nada, com a minha comadre não partilho nada porque já há muito tempo que perdemos um bocado o convívio, desde o divórcio, ela separou-se e pronto perdemos um bocado o convívio.

14 - Como é que descreve a sua filha? Se tivesse que descrever a M., como é que a descrevia?

É uma pessoa muito...eu acho que ela é independente, é muito independente...mas sofre muito por dentro. Acho que ela é uma miúda que vai sofrer muito porque é uma miúda que não exterioriza aquilo que sente e pensa. Preocupa-se muito com os demais, aquilo que os outros pensem dela. Noto isso. Não devo fazer isto porque os outros pensam isto. Houve uma altura que tinha tipo 'oh mamã se eu não fizer isto depois deixam-me de parte'. 'Sim, mas tu não podes pensar assim porque os teus verdadeiros amigos não te vão obrigar a fazer algo que tu não gostes de fazer. Senão isso não são verdadeiros amigos, se não te respeitam, se te põem de lado, não são teus verdadeiros amigos'. E dávamos...damos mesmo, hoje em dia, exemplos. 'Imagina que a tua grande amiga diz que experimenta esta droga que não faz mal e tu dizes que não queres e por medo de pôr-te de lado também consumes não vale a pena, vais-te estragar tu e se ela começa a gozar contigo é porque não gosta de ti, é porque não é tua amiga mesmo'. Damos-lhe exemplos. Mas ela vê-se muito que se preocupa com aquilo que pensem dela e gosta de se dar bem com todos e gosta de agradar a todos. Às vezes não é bom como eu digo, não se pode agradar a todos. **Mais alguma coisa que queira acrescentar na descrição da M. para além...** É muito esforçada, gosta... até agora gosta muito, esperemos que continue assim, muito muito de estudar. Esforça-se muito e este ano está a ser muito...calhou numa turma porque a turma foi toda separada. Foram divididos. E esta turma é muito competitiva e nota-se que...parece-me que está a ser saudável para ela porque é uma competitividade saudável, não é destrutiva. Não é daquela ansiedade e não sei quê. Diz: 'eu tenho que

estudar porque quero ter boas notas' e então fica em casa, estuda. É do tipo olha 'M. eu quero sair' ou este fim-de-semana. 'Este fim-de-semana tens alguma coisa mamã?'. 'Olha combinei não sei quê, fazer isto'. Ou então diz-me 'não combines com ninguém mamã porque eu preciso de estudar'. **Portanto já ela própria acaba por tomar a iniciativa de ficar em casa e ficar a estudar para os testes.** Exactamente. Ainda ontem cheguei a casa, por acaso cheguei cedo, eram seis e meia e fui ao quarto dela e estava a estudar. Só parou eram umas sete e tal da tarde. Ainda estive com ela, estive a ler um livro. Ela esteve a estudar, estive deitada na cama eu a ler um livro e ela a estudar as coisinhas dela sossegadas as duas enquanto a outra estava no outro canto, sem chatear. É uma miúda, de vez em quando, carinhosa. Comigo é carinhosa, com o pai às vezes não é assim tanto. Com o pai às vezes não é, porque eu digo M. não podes ser assim com o teu pai. É daquele tipo 'deixa-me, não me toques, não quero beijinhos, larga-me'. Mas depois manda à cara do pai só dás beijinhos à mana, a mim não me dás. E o pai diz 'mas cada vez que me aproximo de ti tu sempre mandas para trás, tu sempre me rejeitas'. Também não podes ser assim com o teu pai. De vez em quando diz coisas ao pai que não deve, mas o pai também não... Como eu digo, tu não te impões e ela vai avançando cada vez mais porque a mim ninguém me diz, quando eu não gosto digo 'comigo não, não'. E se volta a repetir, 'comigo não, já te disse que comigo não'. Isso depende da personalidade e as crianças vão até onde podem com quem podem. A nível social é uma miúda muito simpática, por exemplo chego aqui e digo 'M. é a Susana', e ela chega aqui e dá dois beijinhos e vai à vidinha dela, depois antes de se ir embora despede-se e não tem vergonha. É muito sociável, no trato, muito aberto, muito normal, fala, fazem-lhe perguntas, ela fala normalmente sem vergonha, sem...

15 - Conte-me uma história com a sua filha. Uma história que pode ser um episódio, uma situação pela qual tenham passado as duas, pode ser boa, pode ser má. Algo que achasse que...

Houve um episódio. Isto ficou-me na...na cabeça. O episódio foi há um ano ou dois anos atrás. Cada vez que eu ia à escola, obviamente a primeira coisa que uma pessoa faz é cumprimentar e dar beijinhos e abraços aos filhos não é. Acho que é normal. Acho que é normal. E ela virou-se para mim, nesse próprio dia, à noite e disse que da próxima vez não fizesse isso, 'oh mãe não me cumprimentes quando vens à escola, deixa que seja eu a cumprimentar-te'. 'Porquê?'. 'Ah porque os outros'....O que é que ela disse? Ou riem-se ou gozam comigo, uma coisa assim, não me lembro bem o que ela disse. 'Mas isso é muito mau porque acho que tu não deves ter vergonha nem os outros devem gozar porque uma mãe gosta de uma filha mas tudo bem, não há problema nenhum, eu vou respeitar o que tu me estás a pedir. Da próxima vez que eu for à escola não te cumprimento, espero que sejas tu a cumprimentar-me'. E assim foi. Da próxima vez que fui à escola, porque tive que tratar de outras coisas, teve piada que as amiguinhas dela vieram cumprimentar-me e eu não a cumprimentei como é óbvio não é. Uma pessoa tem que respeitar e respeitai. Ficou danada. Ficou danada porque eu não a tinha cumprimentado. No próprio

dia, depois quando tínhamos chegado a casa. ‘É assim, M. eu respeitei aquilo que tu me disseste. Disseste-me que quando fosse à escola, que eu esperasse que tu me cumprimentasses. Eu esperei, tu não vieste, eu também não te cumprimentei’. Aí disse-lhe: ‘vamos chegar a um ponto. Como é que és? Quando for à escola posso ou não te posso cumprimentar?’. ‘Ah está bem cumprimenta-me’. ‘Tudo bem, então da próxima vez que eu for para a escola posso tratar-te normalmente?’. ‘Ah podes’. ‘Então vamos tratar-te normalmente’. E hoje em dia vou à escola, passa por mim a correr e digo ‘então não me cumprimentas?’. Ainda outro dia fui, ‘então não dás um beijinho à mamã?’. ‘Ah está bem, está bem’, pumba e foi-se embora a correr, que é normal mas normal, não é aquela coisa que tem vergonha. Mas eu perguntei-lhe naquele dia: ‘mas tens vergonha da tua mãe? Há algum motivo para que tenhas vergonha? Há algo que tu queiras cada vez que eu vá para a escola? É a forma de vestir, é a forma de falar, é a forma de quê? Diz. Tens alguma vergonha da tua mãe nesse aspecto?’. ‘Ah não, não. Eu com os outros, quando tu me cumprimentas e não sei quê podem-se rir de mim ou podem gozar comigo’. ‘Tudo bem, isso é muito mau mas tu é que sabes’.

E coisas boas lembro-me perfeitamente de há dois anos atrás que fomos as duas sozinhas ao rock in rio. Divertimo-nos à grande. Foi a nossa, como ela diz, ‘foi a minha primeira noite mamã. Saí pela primeira vez à noite e foi contigo’. Saímos, o pai foi-nos buscar às duas da manhã e estávamos as duas já mortas. Foi divertidíssimo, andámos para um lado, andámos para o outro. Tirámos fotos, sei lá, fizemos tudo. Foi muito giro, muito giro, divertimo-nos as duas imenso, imenso, tirar foto, não foto, ‘põe-te assim, põe-te assado’, ali no meio, e correr pelo meio daquelas...foi muito giro, muito giro.

Para ela ficou na história, a primeira noite que eu saí. ‘Saí pela primeira vez à noite, foi muito giro’. E concerto e tal e música ao vivo e foi diferente.

16 - O que mais deseja para a sua filha?

Bom, acho que o que todas as mães desejam, que seja séria, honesta, que consiga entre aspas tudo aquilo que desejar e que... não sei, o que mais posso desejar? Ao fim ao cabo que seja feliz como todos nós queremos que os nossos filhos sejam.

17 - E o que é que mais receia?

O que mais receio é às vezes pensar que pode acontecer umas influências, que não sigam o trajecto de vida normal, que se perca às vezes pelo caminho, pise o risco demasiado. Todos nós pisamos o risco quando somos mais novos, mas há uns que pisam mais e... **Mas há assim alguma área especial que a preocupe? Alguma temática em particular que a preocupa? Quando fala em pisar o risco e de os amigos a influenciarem, amigos ou não amigos.** Ou não amigos, pessoas, nós temos ao longo da vida conhecidos também, conhecidos, amigos, temos de tudo um pouco. Às vezes tenho muita...e

drogas...muito...tenho medo de drogas, das saídas à noite ou de dia ou...porque isso não é só à noite. E quando eu não a posso controlar muito mais porque vai chegar a altura em que ela vai ir e vir sozinha da escola como é óbvio. O que é que se passa nesses momentos que não a consigo controlar. Drogas, não drogas. Uma pessoa ouviu hoje em dia histórias de...de crianças já que praticam sexo com um, com outro, com este e aquele. Enfim, preocupa-me muito esse tipo de situações que hoje em dia se ouvem mais. Se calhar na nossa época acontecia, não sei...não sei se acontecia, com certeza deviam acontecer mas se calhar estavam mais dissimuladas. Preocupa-me um pouco que não sigam um ritmo [faz um gesto com a mão indicando uma linha recta], uma linha recta normal que possa desviar-se de alguma forma. Mas isso também vai depender dela e da cabeçinha dela também. Depende de nós um pouco e grande parte acho que vai depender dela.

18. Houve alguma coisa na sua filha que a tenha desiludido?

Até à data não. Até à data são aquelas brigas de mãe e filha e estás tonta e estás parva, não faças isso, não faças aquilo. Até agora não me tem desiludido, não quer dizer que amanhã não me desiluda mas até agora não. Até agora tem sido...O que posso esperar de uma miúda de 12 anos? Que seja boa aluna, é. É querida comigo, outras vezes não é. É muito humana, às vezes é simpática, outras vezes não é comigo. Com a irmã também, outras vezes é muito querida outras vezes não é. Umhas vezes tem paciência para mim, outras vezes não.

Mas desiludir, desiludir, desiludir, não. **Não sente que tenha havido uma desilusão.** Até agora não.

19 - Lembra-se de como era quando tinha a idade dela?

Eu acho que era um bocado. Eu acho que, eu não me lembro muito, não sei se era assim como ela, não. Mas eu acho que era mais...eu não...quando tinha a idade dela, 12/13...eu sempre vivi um pouco, eu até aos 15 anos vivi como se fosse filha única. **Mas era filha única?** Não, não sou filha única. Nós vivemos, o meu pai, a minha mãe...Nós somos 3 irmãos, só que os meus pais decidiram que os meus irmãos com 5/6 anos vivessem cá em Portugal, viessem cá viver em Portugal e eu ficasse sempre com eles no intuito de que, passado pouco tempo viriam para Portugal mas isso não aconteceu. Então nós vivemos separados, os meus irmãos e eu. Durante 15 anos eu vivi como filha única. **São mais velhos os seus irmãos?** São mais velhos. Eu sou a mais nova e sou a menina. Eles são dois rapazes, são. E acho que sempre fui um pouco mimada. Hoje em dia vejo que fui um bocado mimada, é normal eu estava habituada a viver como filha única e senti um choque quando vim cá para Portugal viver com os meus irmãos. Não estava habituada a partilhar, a ter irmãos, aquela coisa toda. Pronto, que é normal. **E não tinha convívio com eles.** Poucas vezes, uma vez ao ano, sensivelmente que íamos de férias, eles iam de

férias para o P. [País América Latina], vivia no P. [País América Latina]. Eles iam para o P. [País América Latina] de férias e tinha convívio com eles 2/3 meses, sensivelmente, a época das férias, das férias grandes só. Agosto, Julho/Agosto, por aí. E gostava de estar com eles, claro. 2 meses pfuuu, para mim era ótimo, eram 2 meses que tinha ciúmes, gostava deles mas....Mas com 12/13 anos, eu lembro-me que na altura, 12 anos eu estava no 7º como a M. não é. Lembro-me que mudei de escola, lembro-me que mudei de escola e que senti um certo...até me habituar à nova escola...senti...foi com um pouco de rebeldia minha porque estava num colégio. Agora estou me a lembrar, estava num colégio e eu sentava-me logo de um lado da turma em que eram as chamadas as freiras [riso]. Isto era mesmo assim. E do outro lado da turma eram as que já usavam a mini-saia, que a mini-saia era por aqui, usavam a saia por cima do joelho, usávamos farda em cima do joelho e que não usavam as meias brancas até cima daqui, usavam as meias brancas aqui até baixo e a camisa branca punham assim para cima, para mostrar um pouco mais o braço. Isto é que era ser *fashion* na altura. E pintavam-se já um pouco, penteavam-se muito e aquelas coisas todas. 12/13 anos, éramos assim muito e lembro-me quando entrei na escola fui para, sentei-me ao pé, por acaso, sentei-me ou era por listas, eu já não sei como é que aquilo era, sei que me sentei logo ao pé das chamadas freiras. Lembro-me que uma das minhas melhores amigas na altura era uma tal freira, que era a melhor aluna e eu gostava imenso dela só que lembro-me perfeitamente que do meu lado sempre olhava para o outro lado da sala, da turma e sentia que eu gostava de ser como elas, eu gostava de pertencer àquele lado. E lembro-me perfeitamente, como de hoje para amanhã, agarrei nas minhas coisas e sentei-me do outro lado e quase que deixei de falar àquela malta toda das freiras. Deixei de falar porque aquilo quem pertencia àquele grupo não falava com este. Então foi daquele tipo de decisão - até logo fui-me embora. Claro que depois fiquei na turma daquele tipo que não tinha as amigas freiras e não consegui ainda entrar no grupo das outras. Então lembro-me que houve ali um momento de transição até que depois claro entrei e tudo bem mas pronto foi a mudança radical. A saia por aqui, subia a saia aqui não é, porque a saia era por baixo do joelho. Subia a saia aqui, depois punha as meias para baixo mas o meu pai não me podia ver que ele não me gostava de ver. E lembro-me que a minha mãe comprou-me pinturas e podia me pintar muito suavemente e depois também ia para a casa de banho pentear-me com elas. Isto era ridículo mas então foi a minha época assim mais de...mais para a frente que eu tive. E...não sei se era muito refilona, se não era, isso já não me lembro, se enfrentava os meus pais, se não enfrentava, isso não me lembro. O meu pai de certeza que não enfrentava porque se enfrentasse enfim aquilo dava-me logo dois gritos e parava por aí ou só de olhar já parava logo. Olhava pronto, acabou. Se ele dissesse que não, acabou e acabou, não valia a pena estar a dizer mais nada. Eu não me lembro de ser assim como a M.. Como a M. não era, não podia dizer tudo aquilo que me apetecia com o meu pai porque sabia que tinha logo, era perigoso [riso]. Com a minha mãe sei perfeitamente que podia dizer tudo o que me dava na gana...mas não me lembro muito se enfrentei os meus pais ou não. Enfrentei-os quando cheguei cá a Portugal, isso enfrentei-os, fiz-lhes a vida negra. Com

15 anos, a partir dos 15 anos fiz-lhes a vida negra. Isso lembro-me. Pfuu, completamente! Mas até lá não me lembro assim muito de fazer muito a vida negra a eles. Acho que era um bocadito totozita ao fim ao cabo. É, eu até aos 14/15 anos ainda brincava com barbies, penteava as barbies não sei quê, adorava brincar com barbies apesar de já me pintar, pertencia ao outro lado e pintávamo-nos todas e não sei quem de vez em quando jogávamos às barbies. Isto era assim. Mas depois na rua estávamos ali todas, com as unhas já todas pintadas e tal. Até nos pintávamos todas e não sei quê. Quando cheguei cá a Portugal foi um trauma que eu apanhei, que eu pintava as unhas e pronto pintava de vermelho, pintava de cor-de-rosa shock, pintava de montes de cores, com 15 anos, e uma senhora muito simpaticamente me disse que as mulheres que pintavam as unhas de vermelho não eram mulheres de muito, com muito boa...**Reputação**. Exacto, eu fiquei assim a olhar para ela. **Na altura se calhar não se usava cá**. Não, não se usava não, era em 83, não se usava cá. Então era mau, uma miúda de 15 anos a pôr as unhas vermelhas, a senhora quase que caiu para o lado.

20 - E lembra-se de como era o seu dia-a-dia nessa altura dos 13 anos lá?

Ah isso lembro-me, o meu dia-a-dia era os meus pais levavam-me para a escola. Eu acho que entrava às 7 da manhã se não me engano. **Entrava cedo!** Muito cedo, entrávamos muito cedo. Lá também escurece mais cedo, escurece às seis da tarde, já é de noite...já é noite. E o meu dia-a-dia, entrava às sete, os meus pais levavam-me, levavam-me sempre e duas ou 3 vezes por semana tinha que ir sozinha para casa porque os meus pais não me podiam ir buscar. Ia de transportes públicos já nessa altura. Com 12 não me lembro, acho que foi mais com 13, por aí. Mas pronto por aí mais ou menos. Não me podiam buscar mas...depois chegava a casa. Chegava a casa, a primeira coisa que fazia era telefonar ao meu pai, ou à minha mãe a dizer que já tinha chegado. Isso era sempre, era regra, tinha que telefonar. E chegava cedo, chegava por volta de quê, três da tarde, por aí, duas ou três da tarde, chegava a casa sensivelmente. Acho que as aulas acabavam às duas e eram umas duas ou três da tarde, uma coisa assim, chegava cedo. Depois lembro-me que sempre fazia, adorava, ainda hoje gosto, já não como tanto porque engorda, milho, aquelas latas de milho, com manteiga, punha na frigideira, aquecia e era tipo o meu lanche, adorava aquilo ou então chouriço. Chouriço sem pão, sem nada, era tum tum tum. Depois punha-me a estudar, a estudar. Não me lembro de ver televisão, estudava ou então quando não tinha que estudar estava ao telefone com a minha amiga Lídia toda a tarde [riso] ao telefone. Sempre gostei muito de falar ao telefone. Toda a tarde ao telefone com a minha amiga ou então muitas vezes não ia para casa, ia para casa da minha amiga L. e o meu pai depois ia lá buscar-me quando saía do trabalho, ou ia buscar a minha mãe e depois ia buscar-me a mim. Dependia, ou ia directamente para casa ou ia para casa da Lídia, eram os sítios onde eu andava. Era assim uma rotina muito, ou estudava ou falava ao telefone ou ia para casa da L., pronto. Não havia muita saída por aí de rua.

21 - Como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos?

Nunca pensei nisso...Há-de ter 23, 33. Não faço a mínima...Espero que, não sei, com essa idade se calhar que esteja casada suponho, se quiser casar, que hoje em dia as pessoas já nem querem casar, juntam-se. Espero que já tenha uma vida fora de casa...com alguém, ou sozinha, não sei. A trabalhar suponho, espero, para o bem dela. Não estou assim a imaginá-la assim com muito mais detalhe. **Mas já a trabalhar, a viver fora de casa...** Imagino-a a trabalhar, imagino-a já, se calhar, com um marido ou com um namorado ou se calhar já com um filho, não faço a mínima. 33 anos não sei, pode ser. Mas imagino-a assim, não sei. Ou a viver cá em Portugal, não faço a mínima, não é que não estou...É que não sei. **Não sabe se a imagina a viver cá se noutra sítio.** Não sei, espero que fique cá [riso nervoso]. Espero, se não [estalido com a boca].

22 - Há mais alguma coisa que gostasse ou achasse que era importante dizer?

Importante dizer sobre a M...**Ou sobre a vossa relação...se alguma coisa que as perguntas não tenham de alguma forma coberto e que acho que seria importante dizer.** Sei lá, às vezes, é mais um temor que eu tenho mas isso acho que todos os pais têm, é saber se estamos a dar uma educação certa ou não aos nossos filhos. **É algo que a preocupa.** Mas acho que todos os pais ficam preocupadas, penso eu. Nunca, não há um manual da melhor educação a dar ao filho. Às vezes eu digo, às vezes sou assim, não devia, às vezes sou muito, isso sei eu que sou um bocado mais...às vezes ríspida e mais...se calhar mais...às vezes pareço o Hitler lá de casa porque elas também são um bocado saturantes, tanto uma como a outra, cada uma por si...e...às vezes tenho pouca paciência, isso também sei ver...mas tenho medo às vezes de errar mas acho que todos nós temos medo de errar com a educação, que algum dia eles possam ficar ou traumatizados ou com vergonha dos pais ou com...sei lá, tanta coisa que pode acontecer. Todos nós temos traumas dos pais em alguma coisa ou noutra, ou porque fizemos isto ou fizemos aquilo sem querer ou porque houve alturas da vida que se calhar nos fizeram ser assim. Mas assim que deva dizer da M. Até à data, no cômputo geral, a M. tem sido uma boa menina até agora, até agora. Vamos ver se continua assim. De resto não sei assim mais que dizer dela.

1 – Como é o seu dia-a-dia?

Levantamo-nos [riso], ir a correr para o trabalho, vir a correr do trabalho. É assim, é um bocadinho, passa um bocadinho por aí mas normalmente, e agora a J. [filha] já tem muito mais autonomia, mas normalmente ele é sempre o primeiro a levantar-se, depois sou eu e depois é ela. Acaba por ser um bocadinho assim. Ele sai primeiro, depois saio eu e normalmente sai ela, também é a última a sair. À vinda para casa é que eu costumo, eu consigo conciliar os meus horários com mais facilidade e normalmente espero por ela, portanto vimos as duas para casa. **Vai busca-la à escola?** Sim, sim, sim. Para lá ela vai, também eu trabalho ali perto, ela quando...quando vai, há um dia da semana que ela vai comigo e aí vai directa à escola, se não ou passa pelo meu trabalho ou vou eu ter com ela à paragem quando ela entra à hora de almoço por exemplo. É só mesmo naquela hora, um beijinho, tchau e adeus. É mais por aí. À vinda para cá eu espero por ela, consigo conciliar isso e vamos para cima. O pai é sempre o primeiro a chegar. **A casa?** É sempre o primeiro a chegar a casa, a não ser que nos vá buscar mas normalmente é sempre o primeiro a chegar a casa e mais...depois é chegar a casa, fazer o jantar, aquelas coisas normais não é, ela faz os trabalhos dela. **Ela está com 13?** Está com 14, ela já fez 14, faz os trabalhos, às vezes precisa de uma ajuda ou outra mas é raro, é muito autónoma nesse aspecto e depois agora ultimamente é o *facebook*, é matar o bichinho do *facebook*, um bocadinho antes de ir para a cama passa-se no *facebook* [riso]. **Mas todos ou?** Ela e o pai. Eu não sou muito adepta, confesso que não sou muito fã. Não, não sou muito fã. Então é assim, é para eles, é o espaço deles e depois isso há sempre aquelas coisas, o passar a ferro, o arrumar a casa, preparar as coisas para o dia a seguir mas passa um bocadinho por aí. A rotina normal acaba por ser essa.

2 – E os fins-de-semana como é que passam?

Os fins-de-semana depende. Nós temos outra casa, no A. [região do país] e agora estamos um bocadinho condicionados aos horários dela porque é assim ir para lá e ela tem lá uma série de amigos, tem o grupinho de amigos dela, ir para lá e dizer-lhe não podes sair de casa porque tens que estudar é complicado, é muito chato fazer isso então acabamos por, principalmente no período de aulas, ir lá menos vezes agora quando ela tem mais testes ou escolher os fins-de-semana que ela não tem tantos testes, então nessa altura vamos, quando ficamos por cá há rotinas na mesma porque por exemplo ela tem natação ao sábado de manhã portanto as manhãs de sábado são sempre um bocadinho complicadas porque é o levantar, é o ir para a natação, vir, aquelas compras que é sempre preciso fazer, depois de tarde ou damos uma voltinha ou ficamos em casa, que sabe tão bem ficar em casa [riso]. **Também sabe depois do dia-a-dia da semana de trabalho e da escola.** Exacto, depois há sempre os pais, há sempre os sogros,

pronto, acaba por ser um bocadinho por aí, é mais dedicado à família porque durante a semana às vezes realmente não dá... não dá tempo para isso e depois tenta-se colmatar ao fim-de-semana. É por aí.

3 - E como é que passam as férias em família? Passam em família?

Sempre, sempre. Normalmente vamos para o A. [região do país]. A J. tem férias que começam desde o dia em que acaba a escola até o dia em que começa a escola [riso]. **São quase três meses não é?** São quase 3 meses porque é assim, assim que acaba a escola ela diz aos avós, aos meus sogros, vamos para o A. [região do país] e eles acabam por ir para lá e vão e ficam lá com ela, ficam lá esse tempo depois entretanto vamos nós e acabamos por passar lá o período de férias que temos de Verão e por norma quando voltamos a Lisboa vai com a madrinha para o Algarve uma semaninha que é a última semana antes de começar as aulas [riso], que é para queimar os últimos cartuchos [riso]. **Aproveita ali mesmo os 3 meses.** É, é. Desde o dia em que acabam as aulas até o dia em que começam, aquilo é tudo ali certinho, contadinho, pelo menos tem sido assim. **Passa com vocês o mês mais ou menos que têm de férias.** Normalmente é 15 dias porque nós tiramos sempre 15 dias no Verão e depois tiramos uma semaninha no Natal, tiramos uma semaninha assim na altura...na altura da Páscoa. Agora na Páscoa tirámos uma semana, tentamos repartir as férias. Para já não é tão cansativo para nós, conseguimos descansar ao longo do ano e para ela é bom porque acaba por nos ter nessas alturas todas o que permite também que a gente consiga fazer um tempinho maior com ela, dividido pelo ano inteiro. **Portanto ela ainda passa então com vocês e com a família no fundo.** Exacto, no fundo sim, ainda não...ainda não. **Podia ir para colónias.** Não, não, não, não. Também nesse aspecto eu sou um bocado galinha e faz-me um bocado de confusão deixá-la...deixá-la ir de férias com gente que eu não conheço, faz-me um bocadinho de confusão, inclusivamente portanto nós já temos casa lá há uns 5 anos, que temos a casa pronta e o primeiro ano que ela foi com a minha sogra aquilo custou-me tanto, tanto. Eu assim: 'então mas ela vai lá estar tanto tempo' e nós vamos lá todos os fins-de-semana, todos os fins-de-semana, à sexta-feira arrancamos, vimos no domingo à noite, epa é tanto tempo sem ela e sente-se a casa vazia e sente-se...portanto nesse aspecto sou um bocadinho galinha e custou-me um bocadinho a adaptar [falha de voz], agora já estou habituada pronto, já sei que aquilo é assim, é diferente mas sou um bocadinho, um bocadinho [riso].

4 - E quem toma as decisões na família?

Que envolvem...? **No geral.** Decisões no geral, normalmente tomamos os 2 sempre, não é, é uma coisa tão natural que não é um que toma uma decisão, o outro toma uma decisão, as coisas falam-se ou então como é, sim, não, vamos, não vamos, fazemos, não fazemos e acaba por ser assim um bocadinho em conjunto, não é, não há um que diga, que tome a iniciativa de tomar uma decisão sem consultar o outro... Isso é sempre...tem sido sempre assim [riso]. **E mesmo em relação às coisas da**

escola, da J. também acabam por tomar os dois? Sim, acabamos por estar sempre os dois envolvidos. É assim, se ela vem com uma...um recado tenho uma visita de estudo no tal dia, posso ir? Aquilo acaba por ser uma coisa quase tão normal e tão intuitiva, ok dá cá o papel que é para assinar...normalmente é assim tudo muito intuitivo [riso].

5 - Como é a sua história como mãe?

É assim, eu fui mãe muito cedo, eu tinha, ia fazer 21 anos quando a J. nasceu...e acabámos por estar muito próximas, eu acho que tem muito a ver com esta questão da idade. Agora, temos feitos muito parecidos e isso acaba por...pelo menos o C. [marido] diz muitas vezes que - ‘você são iguaizinhas’ [riso], depois acabamos por nos chocar um bocadinho mas eu nunca tive assim grandes problemas, pelo menos até agora, aqueles problemas de que ‘ah o meu filho desobedece, não faz o que eu lhe digo, não...’. Não sinto essa questão em relação à J.. Ela é teimosa, tem os defeitos dela mas acabamos sempre por...eu acabo sempre por conseguir seja a falar assim de uma forma mais diplomática seja de uma forma mais de – ‘sou eu que mando, acabou a conversa’, as coisas acabam sempre por no fim, depois vai cada uma chateada para seu lado, mas depois passado um bocadinho aquilo já não é nada. As coisas têm sido muito...Agora...tento trata-la de uma forma como eu queria ser tratada se tivesse a idade dela provavelmente, não...sem ser demasiado...sem a tratar de uma forma demasiado acriançada mas também sem lhe dar demasiada liberdade para lhe permitir pensar que pode fazer tudo e mais alguma coisa, não sei.

6 - E sentiu alguma vez desejo de ser mãe?

Sim, sim, sim, sim. Por incrível que pareça, nós desde que, nós estivemos a viver juntos ainda antes de o dia de casarmos [aclara a voz] e desde muito cedo que queríamos e queríamos uma menina. Queríamos uma menina e sempre queríamos ou sempre quisemos só um filho. **Ah sempre quiseram só um filho?** Sim, sempre quisemos só um filho, a vida é complicada e depois é assim, se calhar hoje em dia...se a J. fosse mais pequenina, se calhar hoje em dia até pensaríamos em ter mais um, não sei, talvez. Mas agora com a J. com a idade que tem, já...a gente já está tão habituados à autonomia dela, aí também já entra a outra parte, o voltar aos biberões, aos horários, àquela coisa de que...que tínhamos quando ela era mais pequenina mas, mas sempre quisemos muito um pimpolho [riso].

7 - Acha que a sua relação com a sua filha tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Vai mudando, vai mudando, eu tento que ela continue a falar-me, tenho noção que ela não me diz tudo como diz se calhar às amigas, mas mesmo assim, eu acho que apesar de mudar eu consigo que, é mais eu, eu acho que se calhar é mais eu, que ela me conte muita coisa, das amigas, dos amigos, um fez isto, o outro fez aquilo, um disse assim, a outra vestiu não sei o quê. Portanto há essa cumplicidade ainda,

mas vai crescendo, noto que ela vai ficando mais crescida, vai ficando mais autónoma, deixa de precisar tanto de estar constantemente mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, como estava quando era mais pequenina, mas vai crescendo, vai crescendo [riso].

8 - Há assim mais alguma mudança que tenha notado nos últimos 2 anos mais ou menos por aí?

Não muito, ela continua muito com os miminhos, com os beijinhos como era, ela é muito meiguinha nesse aspecto, começa a querer é fazer coisas próprias se calhar da idade, o ir ao cinema com os amigos, o não se...o facto de ficar em casa sozinha e poder ter a chave dela para fechar a porta e não ter que estar à espera... porque os meus sogros moram aqui perto e a minha sogra é que vinha busca-la e levá-la à paragem, ia busca-la à paragem e ela querer 'não mãe, já não é preciso, eu já sou crescida, já não preciso que a avó me venha buscar à paragem', pronto é aquelas coisas, é a autonomia dela a ficar cada vez maior.

Nota principalmente ao nível da autonomia, dela querer mais liberdade de alguma forma. Sim, sim. É [riso].

E em si tem notado mudanças nestes últimos tempos?

Começo a deixá-la ter essa liberdade, começo a permitir realmente, a mentalizar-me que tenho que [riso]...pronto que tenho que a deixar ir ao cinema com os amigos, vou lá pô-la e vou lá buscá-la, fico à espera que o cinema acabe mas...eu pelo menos começo a mentalizar-me que tenho que lhe dar mais esse espaço, às vezes é complicado. **Custa.** É, custa. Às vezes custa um bocadinho, para já ficamos sempre preocupados, como é óbvio, e depois às vezes ela diz-me que eu sou muito chata e ligo muitas vezes, 'quando chegares a casa telefonas à mãe a dizeres que já lá estás'. 'Oh mãe mas para quê, eu estou a 5 minutos da escola'. 'Não interessa, dá-me só um toque pronto', mas ainda me custa não o fazer mas pronto ela está a crescer [riso].

9 - E com quem é que se dá a sua filha? Com quem ela convive?

Ela tem dois grupos de amigos diferentes, tem um grupo de amigos no A. [região do país] que são...e aí tem uma faixa etária que vai desde os muito pequeninos até os muito crescidos. Eu acho que a mais velha tem 19 anos e os mais pequenos devem ter aí 7 ou 8 e é engraçado porque nota-se uma diferença, uma diferença porque lá os miúdos brincam todos juntos apesar dessa diferença de idades, eles lá brincam muito e mesmo no Verão, isso nota-se mais no Verão. À noite juntam-se todos e brincam, jogam todos às escondidas ou jogam todos à apanhada, conseguem arranjar ali um jogo que dê para todos e depois tem os amigos de cá da escola, tem o grupinho de amigas dela, ela dá-se muito bem com toda a gente, depois tem 3 ou 4 amigas, pronto, que são aquelas...[aclara a voz] são aquelas amigas mais

próximas, mais chegadas mas não...tirando os amigos da escola não tem assim, tem um ou outro amigo que ainda se manteve da primária mas como entretanto mudaram de escola, foram perdendo o contacto, às vezes é mais nos aniversários que se juntam, pouco mais do que isso.

E conhece todos os amigos dela?

Ah, isso conheço-os todos, pelo menos por nome eu conheço-os todos. Há um ou outro que assim de vista acho ainda os confundo porque pronto não houve aquela apresentação formal ah este é o fulano, este é o fulano. Ah, conheço mais aqueles que frequentam a casa quer dizer, pronto, conheço os pais, isso é diferente. Agora todos os outros pelo menos de nome acabo por conhecê-los e acabo por saber...de os saber já distinguir de ouvir tanto falar neles, coitados [riso]. **Depois também vai contactando quando a vai buscar à escola.** É, apesar de eles agora ora sai depois sai outro. Eu acho que no meu tempo havia mais aquela coisa de vou esperar pelos meus amigos, agora não, agora quando é hora de tocar eu acho que eles querem é sair o mais depressa possível da escola [riso]. **Não ficam lá?** Não, não. Acabam por sair todos assim quase em debandada. Mas conheço-os sim.

10 - O que é que acha da ideia da sua filha namorar?

Pois, eu estou à espera que ela me chegue qualquer dia a casa com essa novidade [riso]. Ah é normal, quer dizer, aqueles...Está na idade, pronto de [aclara a voz], na idade de arranjar os namorados e tal, faz parte da vida não é. Acho que é preciso é que ela tenha informação suficiente para não...não fazer demasiadas asneiras. E gostava que ela me contasse, pronto, gostava de conhecer a peça pelo menos, andava de olho nele [riso]. Não, mas acredito que quando isso acontecer ela me vai dizer. Eu acredito que sim, pelo tipo de abertura que nós temos, eu acho, eu espero que sim. **E como é que acha que se vai sentir ou que vai lidar com isso?** Ah não sei, não faço ideia, vai ser muito estranho [riso], acho que vai ser muito estranho vai...mas pronto, não sei, não faço ideia [riso]. **Ainda não pensou.** Não, não faço ideia, não faço ideia. O facto de ela dizer que tenho um namorado ok. Agora quando ela disser tenho um namorado e agora vou ao cinema com ele, tenho namorado e vou...vou à discoteca, não sei. Eu espero que isso demore assim mais dois ou três anitos [riso]. Não faço mesmo ideia, não sei [riso].

11 - E já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

Ah ela diz que quando tiver 18 anos vai sair de casa. Então e para onde tu vais filha? 18 anos, vais sair de casa, tens que arranjar um trabalho. Não, eu vou para a casa do A. [região do país] [riso]. Eu acho que é assim, hoje em dia cada vez mais vai ser complicado eles saírem de casa cedo. Quando ela sair de casa olhe a porta há-de estar sempre aberta quando ela precisar de alguma coisa, nem que seja vir jantar com a gente, vir almoçar com a gente [aclara a voz]. Eu espero que as coisas lhe corram como ela espera

mas acho que ela ainda está muito naquela fase utópica de eu vou ter 18 anos, vou sair de casa, vou arranjar uma casa, vou viver com as minhas amigas, pronto, ainda está muito nessa...nessa fase. Mas quando acontecer vai ter a nossa ajuda de certeza absoluta. Cada vez estou a ficar mais rouca [riso]. **As perguntas estão a ficar mais complicadas.** Mas pronto. **O que é que acha que vai sentir?** Vazio, eu acho que vai ser o vazio porque, acho que isso é a principal coisa que se sente quando ela não está em casa porque, mesmo quando está a dormir parece que a casa está cheia e quando ela não está, quando está de férias com a avó, quando vai passar o dia a casa de uma amiga, sente-se a casa vazia, parece que falta aqui qualquer coisa. Eu acho que é essa a sensação que vai ficar, é faltar aqui qualquer coisa.

12 - Tem amigas com filhas da mesma idade da J.?

Curiosamente a J. é das mais velhas. **Pois porque foi mãe novinha.** Exacto, é, a J. é das mais velhas, depois entretanto temos mais um ou outro amigo em que os filhos são mais velhos mas aí já são mesmo mais velhos, estão noutra faixa etária. Da idade da J. não temos assim...Amigos, amigos acho que não. Temos alguns conhecidos pronto. Mas assim amigos amigos, acho que são todos mais novitos [riso].

13 - Ia perguntar se costuma partilhar com esses amigos desejos, receios ou preocupações em relação à J.?

Ah isso acaba-se sempre por falar porque pronto apesar de eles serem mais novos acabamos sempre por na sequência de uma conversa haver uma troca de informação – ‘olha fiz assim, não sei se fiz bem, não sei se...’. **Mas com os amigos?** Sim, sim. Porque há sempre a dúvida. Será que a gente fez bem? Será que fizemos mal? Será que devíamos ter deixado ir e não deixámos? Será que não devíamos ter deixado ir e deixámos? Há sempre a dúvida e acabamos pronto por partilhar apesar de não ser a mais faixa etária, acabamos por partilhar e isso é inerente. Partilhamos mesmo.

14 - Como é que descreve a J.?

Ela é muito querida, tem um feitio muito próprio, é muito teimosa, é muito persistente, ela tem...tem uma interpretação muito dela das coisas até de um texto é capaz de ter uma interpretação muito dela do texto e é muito individualista e é do género ‘eu quero fazer isto, se mais ninguém quiser fazer, eu faço na mesma’, pronto não...e nesse aspecto descansa-me um bocadinho porque não me parece que ela seja uma criança influenciável ou que vá experimentar fazer alguma coisa só porque lhe dizem vamos experimentar, ela se fizer há-de ser porque ela entende que sim, que entende fazer e que é da vontade dela. Às vezes é mau porque...noto que isso pode ser, pode afastá-la se calhar dos amigos porque...ou porque ela quer ir fazer uma determinada actividade que mais ninguém faz...ninguém quer e acaba por ir fazê-la sozinha, pronto. Tem um lado bom e tem um lado mau mas é muito meiga, é muito...quando está bem-

disposta é muito prestável. Se entende que não, aquilo também não vale a pena porque só mesmo obrigada e depois a coisa corre muito mal e então não vale a pena ir por aí, não vale a pena ir muito por aí mas é muito querida isso é, é muito meiguinha, muito, é muito sociável [riso]. Mas lá está, é de extremos porque o que ela tem de meiguinho e de prestável e de sociável, depois tem de teimosia e depois perde por aí, perde muito por aí. **Mas consigo, mesmo na relação consigo?** Sim, sim, sim, sim. É muito, não é de medir forças mas é - 'não quero porque não quero'. E, às vezes, é nessas alturas que chega aquela parte do 'é assim porque eu quero, porque sou a mãe e sou eu que mando', pronto. Mas tirando isso, ela leva-se muito bem.

15 - Conte-me uma história com a sua filha. Uma história que pode ser um episódio, uma situação que de alguma forma ache que tenha marcado a vossa relação.

Não sei. Essa é difícil [riso]. Não sei porque...nós partilhamos tanta coisa que não...como temos um enfoque de nos irmos todos os dias, da escola para casa e de...aquela coisa de vir...o tempo todo que nós vimos, nós vimos de transportes e o tempo todo ela vem a contar-me o que se passa no dia e isto, aquilo e aqueloutro, todos os dias há uma história nova, todos os dias há um acontecimento novo, que não me lembro assim de um que seja marcante, não sei. Assim o último mais marcante foi quando o rato morreu que chorámos as duas uma para cada lado, pronto. **Ah tinham um ratinho como animal de estimação.** Tinha, tinha. E entretanto o animalzinho morreu e eu ainda fiz sinal ao pai a dizer está ali o animalzinho morto e de repente ela viu que o animal estava morto dentro da gaiola e pronto desatámos as duas a chorar, chorava ela, chorava eu, agarradas uma à outra, chorávamos, chorávamos, chorávamos e eu dizia: 'pronto, não chores mais', e ela dizia: 'mas tu também estás a chorar'. Não há assim uma história que seja, que eu diga assim é esta, esta história marcou-me muito. Não, é um acontecimento. **Às vezes podia haver algum episódio, positivo ou negativo, que recordasse assim com alguma...**Não, não, assim marcante não. **Pode ser que entretanto ainda se lembre de alguma coisa.**

16 - E o que mais deseja para a J.?

Desejo muita coisa. Desejo que...que ela concretize os sonhos dela, consiga fazer aquilo que quer, desejo que a nível económico, que o nosso país lhe dê...lhe dê abertura quando ela terminar o curso superior se ela o quiser fazer, que permita realmente que ela se mantenha cá porque as condições económicas estão muito complicadas e hoje em dia se calhar já não é só fazer um curso porque eu gosto daquele curso ou daquela área. Ela se conseguisse conciliar entre o que ela quer, que ela gosta ou o que ela vai gostar e uma saída profissional aceitável, isso era o ideal, e às vezes não é assim, mas que acima de tudo ela consiga o que pretende e que consiga ser feliz e...e consiga fazer o que ela quer, não ter que se sujeitar a sobreviver ou a...ou...a... consiga ter uma boa vida a nível económico, que consiga ter uma boa vida a

nível...uma boa estabilidade a nível profissional, pessoal, não é aquela coisa de quero que ela case e tenha filhos pronto. Quero que ela seja aquilo que ela quiser e que seja boa naquilo que ela realmente conseguir escolher e decidir fazer, que seja feliz com isso, principalmente que seja feliz. **Ela tem alguma ideia do que quer?** Ela quer duas coisas muito distintas, entre biologia marinha e moda. Portanto aquilo, eu acho que aquilo ainda deve estar um bocado confuso [riso], ainda deve estar um bocado confuso. Portanto, uma e outra não são áreas com muita saída em Portugal, não sei. Pode ser que para o ano a coisa fique um bocadinho mais estável [riso].

17 - E o que mais receia?

Que...que o futuro não seja propriamente aquilo que estamos à espera e que as coisas, lá está pelo mesmo lado a conjuntura económica que está...que se está a colocar quando chegar a altura deles o que é que...o que é que resta para eles, a que é que eles terão que se sujeitar para irem trabalhar? Recibos verdes? Sem condições, sem horários, sem regalias, quer dizer tudo aquilo que se calhar os nossos pais lutaram durante uma série de tempo para...e que nós conseguimos usufruir hoje em dia, que chegue a altura dela e que não haja. Em termos de condições socioeconómicas. Por incrível que pareça eu não tenho grande medo de drogas e de...de um caminho menos...menos certinho, eu não me parece que a J. seja uma criança que vá por aí, posso estar enganada, Deus queira que não esteja, mas não me parece, não é...não é um medo que eu tenha, não é uma coisa que eu diga tenho um medo real disso. Não tenho, não tenho. Porque eu acho que ela está extremamente bem informada, temos muitas conversas com ela sobre as consequências, não só as consequências físicas mas depois as consequências em termos de toda a família, o que é que pode acontecer à família, o que é que leva, o que é que um toxicodependente, o que é que anda depois em volta de um toxicodependente e eu acho que isso ela está muito atenta a esse tipo de coisas e mesmo ela diz que não...não percebe, não percebe como é que as pessoas chegam àquele ponto e por isso, isso não é um medo real, acho que um medo real mesmo é em termos de futuro dela, futuro. **Mais da própria conjuntura do próprio país.** É, é, é. Porque se nós conseguimos... conseguimos desde que...desde que nos juntámos e que vivemos juntos, eu e o pai, se conseguimos comprar uma casa, conseguimos fazer outra, conseguimos ter uma condição, não somos ricos mas acho que não somos das pessoas que mais mal vivem. Está bem que tivemos de abdicar de muita coisa, tivemos que optar por...fazer opções mas isso, isso ela própria também tem que as fazer e começa a perceber que se quer uma coisa tem que juntar para a ter, porque isto o dinheiro não cai do céu. Se nós conseguimos isso, conseguimos até agora porque de agora para a frente não vamos conseguir, vamos conseguir ir vivendo mas em termos de melhorar a nossa vida económica, se calhar não conseguimos, conseguimos ir mantendo, conseguimos...o que conseguimos até agora conseguimos e agora é manter aquilo que temos e...porque juntar dinheiro é impossível...não dá, pronto, de outra forma não dá e ela apercebe-se disso,

ela participa nisso e isso também é uma preocupação que nós temos em passar-lhe. Tens que pensar muito bem que as coisas não são fáceis e cada vez estão a ficar mais difíceis e ela apercebe-se de toda...toda esta problemática e isto é realmente uma preocupação que nós temos, o futuro dela, porque nós mal ou bem, aquilo que temos dá perfeitamente. Agora para ela, está no início de vida e é complicado.

18 - Houve alguma coisa na sua filha que a tenha desiludido?

Às vezes eu acho que ela podia ser melhor aluna do que aquilo que é e não é que me desiluda, eu espero...eu espero é sempre mais dela [riso]. Eu sou um bocadinho exigente, sou. Mas isso é uma característica minha, eu sou exigente comigo, sou muito perfeccionista naquilo que faço e...e às vezes chateia-me que ela não vá tanto aos pormenores e, às vezes, muitas das vezes as nossas quezílias acabam por ser por aí, coisas tão pequeninas como questões de português. Mas porque é que tu não escreves isto tudo? Mãe porque toda gente. Não, toda a gente não entende, tens que escrever tudo para as pessoas entenderem. Portanto, e não é...não é uma questão de desilusão, é uma questão de às vezes esperar mais dela do que aquilo que ela quer dar ou que está disposta a dar porque eu sei que ela é capaz de dar e por vezes é preguiçosa para o fazer [riso]. Desilusão? Ela acho que nunca me desiluiu...não. Às vezes podemos não concordar mas desiludir não, não [riso].

19 - Lembra-se de como é que era quando tinha a idade da J.?

Lembro-me, ela é muito mais certinha do que o que eu era [riso]. Não, mas há coisas que eu acho que ela e eu somos parecidas. Se os meus pais me diziam não podes fazer, eu não fazia, e ela é assim. E é engraçado porque há muitas coisas, apesar de...apesar de pronto ela ser muito...ou pelo menos eu acho que sim, que ela é muito mais certinha do que eu, às vezes era assim um bocadinho manhosa, começava a fazer assim...fazer assim uns filmes e tal: 'ah não, tem que ser em casa da amiga porque a amiga é que tem isto', quando aquilo não era bem assim, a gente dava ali uma volta para ser em casa da amiga, que era muito mais divertido em casa da amiga do que em nossa casa. Nesse aspecto eu era mais rebuscada que ela. Mas há outras coisas em que somos muito parecidas e isso é engraçado que...eu às vezes falo com...com mães de outras colegas: 'ah não, o meu', mães de colegas dela: 'ah não o meu eu digo-lhe que não e ele faz na mesma'. É assim não, eu digo à J. 'não podes fazer isto', e ela não faz. E eu sei que ela não mente, que... 'posso ir almoçar com as minhas amigas ao Lidl?'. 'Não, não podes'. 'No Lidl não se almoça, come-se porcarias por isso vais almoçar ao refeitório'. 'Mas toda a gente vai'. 'Epa temos pena, tu vais almoçar ao refeitório'. E ela vai almoçar ao refeitório. Pode ir sozinha, pode ir chateada, pode ir aborrecida e andar 3 ou 4 dias a dizer que eu...que eu...que foi almoçar sozinha ao refeitório e que todas podem ir e ela não pode. Mas depois ela não mente a dizer que foi e não vai. Não, nesse aspecto...e nesse aspecto

é...somos muito parecidas porque eu era assim também. **Também era assim como ela, quando os pais...**diziam que não, não pronto, aquilo era...era não, eles é que mandavam pronto [riso].

20 - E como era o seu dia na altura quando tinha mais ou menos 13/14 anos?

Eu acho que era um bocadinho diferente porque eu tinha...tinha e tenho uma irmã mais nova que eu e acabava por quando não estavam os meus pais era eu que quase que assumia a guarda da irmã, pronto. Era aquela coisa de irmã mais velha e os meus pais tinham uns horários complicados portanto [aclarar a voz] eles trabalhavam no comércio e como eu estava mais tempo em casa, portanto mais disponível, acabava por ajudar mais em casa, tomar conta e isso é uma coisa que eu tento tirar dela, tanto que ela muitas das vezes diz que as amigas dizem que ela é uma sortuda porque não tem que fazer o comer e porque não tem que fazer não sei o quê e elas têm que limpar a casa e eu assim então: 'mas tu fazes quando tens que fazer, pronto'. Se eu tenho...eu chego a casa relativamente cedo, o pai chega a casa cedo, quer dizer acabamos por estar os dois, podemos libertá-la um bocadinho dessa...dessas tarefas e acho que deixar-lhe mais tempo não só para estudar, para ter um bocadinho além de ter os trabalhos, estudar e não sei quê, ter o tempo de ir ao *facebook*, jogar [imperceptível], pronto ter o tempo dela também de fazer o que ela quer porque acho que a carga horária apesar de ser menor as coisas são mais complicadas do que eram no meu tempo. **Eu acho que a carga horária até é maior agora não é?** Não sei, eu isso já não me lembro bem mas noto que há uma exigência muito grande, há uma pressão muito grande neles que no meu tempo não...ou pelo menos eu não me apercebia dela. E exige-se muito deles, exige-se...há uma grande competitividade, já se começa desde muito cedo...esta competitividade das notas, dos méritos de...pronto. E isso...e isso obriga a que eles estudem mais, obriga a que eles tenham mais tempo, há mais trabalho.

21 - E como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos. Portanto com 34.

Da minha idade, ah meu Deus [riso]. **Pois é! Da sua idade porque têm 21 anos de diferença.** Não sei, não faço ideia mas uma pessoa independente, eu acho que ela vai ser sempre muito independente, mesmo quando tiver a família dela acho que ela vai ser uma pessoa muito independente, muito...muito ela própria...mas não sei, não sei, tenho alguma dificuldade imaginá-la. Eu acho que ela vai ser sempre pequenina [riso]. Não sei mesmo, não faço ideia. **Isso é o desejo a falar.** Não eu já lhe disse: 'tu vais ser sempre o meu bebé'. 'Oh mãe eu já tenho 14 anos!'. 'Está bem não interessa, vais ser sempre o meu bebé. É bom que te vás habituando porque vais ser sempre o meu bebé [riso]'. **Ainda por cima sendo filha única. É, É. Não há outra mais pequena.**

15 (cont.) - Ah ainda vou voltar àquela. Entretanto lembrou-se de algum episódio?

Não...Não, não me lembro mesmo de nenhum assim complicado, marcante, não me lembro. **Complicado, pode não ser complicado no mau sentido, pode ser uma coisa... Não, não. Pronto [riso], não insisto.** Não me lembro mesmo.

22 - Não sei se há alguma coisa que gostasse de acrescentar ou ache que de alguma forma era importante partilhar e que as perguntas não cobriram.

Não, acho que não. Está tudo.

Mãe 5

1 - Como é o seu dia-a-dia?

Depende, durante a semana é mais escola. Portanto eu levanto-me...por volta das 7 da manhã. Acordo-os a eles, acordo a mim, pequeno-almoço, escola, deixo-os na escola, vou para o escritório. Passo lá o dia inteiro, eles saem por volta das 5, 5 e pouco. Vou busca-los à escola, venho para casa portanto o dia-a-dia basicamente durante a semana é esse. A C. [filha mais velha] praticava desportos até há 2 anos atrás, de repente desistiu de tudo. Pronto, tínhamos aquele, ao fim de dia, ia à natação ou ia para a viola, que andava na viola, ou ia para os computadores mas de repente desistiu de tudo. Portanto o nosso dia-a-dia durante a semana é basicamente escola-casa, escola-casa, casa-escola.

2 – (não foi necessário formular a questão, a mãe respondeu espontaneamente)

No fim-de-semana costumamos sair, costumamos sair, costumávamos sair os 4. **Os 4? Tem outra filha?** Tenho outro rapaz com 11 anos, ele já vem aí, daqui a bocado. De repente, até aos 11 anos saíamos os 4, a partir dos 11 anos da C. saímos os 3 porque a C. recusa-se a sair ao fim-de-semana, é tudo uma seca mas quando está bem-disposta e para aí virada gosta muito de ir ao cinema e portanto vamos muitas vezes ao cinema durante o Inverno, vamos jantar fora, tentamos jantar fora durante o fim-de-semana estarmos os 4 reunidos, basicamente é isso, vamos ao centro comercial, vamos ao cinema, tentamos fazer alguns programas diferentes com eles mas é muito complicado, eles até certa idade iam, a partir de certa idade já não gostam, já não vão. Durante o Verão é mais fácil porque temos aqui a praia perto e costumamos ir para a praia pronto. **Que é um programa que agrada a todos.** Sim...até certa altura agradava a ela, agora ela já não vai tanto para a praia também, já quer mais ficar em casa, mas tentamos sempre sair os 4 mas torna-se complicado agora, cada vez mais.

3 – E as férias?

As férias saímos sempre. Geralmente vamos para o Algarve, vamos sempre para o Algarve e vamos lá para cima para também para a terra dos pais do meu marido que é perto de V., que tem uma quinta e vamos passar uns dias às vezes ao A. [região do país] mas raramente, o A. [região do país] agora ficou um bocadinho de parte porque eles acham uma seca o A. [região do país] portanto basicamente é o Algarve, a praia. **E vão os 4 ainda?** Vamos os 4 sim, sim, isso não.

4 - E quem é que toma as decisões na família?

Depende das decisões. Durante o dia-a-dia, semanalmente sou eu. Portanto recorrem a mim, eu é que estou mais com eles, estou mais perto deles e tudo o que me pedem sou eu que decido basicamente.

Quando é assim uma coisinha mais, que eu vejo que está fora do orçamento ou pode ter algum tipo de problemas ela telefona ao pai, ela pega logo no telefone e telefona ao pai mas basicamente é isso. Durante a semana sou eu, questões mais importantes é o pai [riso], mas durante a semana sou eu.

5 – E como é a sua história como mãe?

Adorei ser mãe. E tenho imensa saudade deles bebés. Adorei, adorei, adorei ser mãe. A C. foi a primeira, foi uma criança muito...muito activa sempre, muito esperta e muito...Eu digo que ela nasceu zangada com o mundo porque está sempre...em contrariedade com tudo. Por exemplo, nós dizemos está a chover, a C. vai de ténis, está a fazer sol, a C. leva as galochas, sempre foi assim desde pequenina, muito activa, muito independente, muito...muito quer mandar no mundo, quer ir descobrir o mundo e o G. [filho mais novo] é uma ternura, é um doce, é o contrário dela, é um mel e é uma jóia mas os dois por serem tão diferentes, não sei, não sei dizer qual é o que, em termos de personalidade, qual é que se adequa mais comigo porque são os dois muito diferentes e eu adoro os dois, claro. E ser mãe foi a melhor coisa que me aconteceu, mais que tudo, mais que tudo e tenho muita pena de não ter tido mais filhos [riso].

Gostava de ter mais? Gostava, gostava, gostava. Adorei a época de amamentar, mudar fraldinhas, aquele cheirinho deles, o vestir, o andar com eles ao colo, dar-lhes a papinha, gostei. Gostei de todas as fases, a entrada deles para a escola e recorde...e há certas mães que ‘ah já não me lembro deles bebés, não me lembro’...eu lembro-me de tudo, todas as fases deles, do andar, largar a chucha, da entrada para a escola, tudo, tudo, tudo. Marcou-me muito tudo, tudo, todas as etapas deles me marcaram.

6 – Alguma vez sentiu desejo de ser mãe?

Sim, sempre quis, sempre quis ser mãe. E como fui filha única, sempre desejei ter mais filhos porque senti muito ser filha única, ser sozinha. **Gostava de ter tido irmãos?** Gostava. Portanto acho que ser mãe é a coisa melhor do mundo a sério, então hoje em dia é muito complicado criar as crianças mas vale a pena, mas vale a pena porque eles compensam-nos.

7- Acha que a sua relação com a C. tem vindo a mudar ao longo do tempo?

Muito, muito. Muito...ela cresceu muito depressa, acho que é uma característica das raparigas, dizem todos que é, que as raparigas amadurecem mais depressa que os rapazes e a C. amadureceu muito cedo, ela aos 6/7 anos deixou de brincar com bonecos praticamente e começou logo a querer outro tipo de brincadeiras mais adultas e eu tive que me adaptar porque...eu fui criança até muito tarde. Eu lembro-me de aos 12/13 anos ainda brincar com bonecas e ter atitudes muito infantis e o facto de ela aos 6/7 anos ter uma atitude tão drástica em relação aos brinquedos, tive que me adaptar à forma de ela ser e tem sido um processo contínuo de aprendizagem com ela porque ela é uma menina muito difícil, muito muito

difícil, sempre foi. **Em termos de feito não é.** Muito, muito, uma personalidade muito forte, muito, quero, mando e posso e eu. . .ela aos 6 anos fez a mala para sair de casa, pôs-se à porta portanto está a ver. O pai abriu-lhe a porta – ‘então sai’. Portanto está a ver o desejo de independência dela, de liberdade dela. **Nessa altura não é comum.** Não é comum, muito grande e nós tivemos sempre que fazer um esforço muito grande para nos adaptarmos a ela e tentar crescer com ela também. . .mas ela tem mudado muito sim, tem mudado muito. As etapas todas têm se vindo a delinear e a marcar muito ao longo dos anos dela, quer dizer não foi uma coisa que foi a pouco e pouco. Não, ela teve etapas distintas e tem processos distintos que se têm vindo a marcar, degrau a degrau ao longo do tempo.

E quais são as principais mudanças que tem sentido na relação com a C.?

Um afastamento muito grande. Eu gostava que ela fosse mais como o G. [filho mais novo] é, que se senta ali no sofá comigo, me abraça e me dá beijinhos. Ela não, ela se nós não formos ter com ela, não tem uma meiguice, um carinho, um beijinho, vive muito no mundo dela, fechou-se muito para o mundo dela, para a música, para os jogos de computador, para as amigas e noto esse afastamento, que ela tinha em criança que andava comigo atrás de mim, pedia-me as coisas, pedinchava-me. Eu às vezes tenho saudades desse pedinchar dela porque seguia-me, ia comigo para o supermercado, ia às compras, agora não, afastou-se. **Agora nos últimos tempos é isso?** Sim, quando entrou na adolescência, afastou-se e isso dói um bocadinho, dói um bocadinho porque gostava que ela andasse mais comigo e sei que não a posso forçar porque é natural, que é uma etapa natural, que é uma mudança natural. Sei que não a posso forçar mas custou-me um bocadinho o afastamento dela, custou. **É a principal mudança que nota.** Sim, o afastamento, o isolamento dela e não querer andar connosco, basicamente, principalmente comigo. **Nota que é especialmente consigo?** É com os 2 mas como ela fazia muitas coisas comigo, sinto mais, ela com o pai já não andava tanto porque o pai tem uma vida muito complicada e coitado não a acompanhou tanto mas eu noto muito, mas eu em mim noto. E é rapariga, eu gostava às vezes de falar com ela certas coisas e ela diz: ‘oh mãe que seca mãe, pelo amor de Deus’. Não consigo ter uma conversa com ela nesta altura sobre qualquer coisa porque ela leva tudo logo para o lado que ela quer e quando eu tento ter uma conversa mais séria ela diz que é uma seca. Esse afastamento custou um bocadinho e está a custar. **Ainda está a passar por isso.** Estou.

8 - Tem notado mudanças nela na sua filha?

Sim, sim, sim. Muitas mudanças, ela foi uma rapariga muito maria-rapaz, sempre. Deu-se sempre mais com rapazes, brincava muito com os rapazes, nunca pôs um vestido, nunca pôs uma saia, nunca. **Não queria.** Não queria, dizia que era horrível, mesmo o cor-de-rosa não vestia, qualquer t-shirt que tivesse uma borboleta ou uma flor não vestia e mudou, agora na adolescência mudou, passa horas ao

espelho, o cabelo, usava sempre o cabelo curtinho, agora usa o cabelo muito comprido, passa horas a penteá-lo, grita quando tem uma borbulha, portanto mudou o comportamento mudou, está mais menina, mais menina, mais preocupada com ela, com o aspecto dela, com o aspecto físico dela, passa vida a dizer que está gorda [riso], pronto mudou muito, preocupa-se muito mais com o aspecto físico dela, coisa que não se preocupava. **E para além dessa mudança em relação à preocupação com o aspecto físico tem notado outras?** Não, é mais o aspecto físico a principal.

E em si, ao longo destes últimos anos, tem notado mudanças?

Sim...Estou muito mais...não é despreocupada não é a expressão é...[suspira] o deixa andar também não...eu dantes as coisas que ela fazia pensava muito e pensava será que eu estou a agir bem, será que eu não estou a agir bem porque ela está sempre revoltada, sempre...e agora já não me preocupo tanto, deixo andar mesmo quando ela está com aquelas crises e aquelas casmurrices e eu já não...já não procuro tanto a discussão e o confronto com ela como procurava antigamente e o tentar mudá-la, tentar C. não, não pode ser, estar sempre ali constantemente já não, muitas vezes viro as costas e vou-me embora. **Portanto está mais tranquila...**Tranquila sim, não sei qual é a expressão mas está a perceber é aquele, o não estar tão em cima dela o tanto a querer mudá-la o tanto...deixo andar, desliguei-me um bocadinho. Sim e exaltava-me e às vezes até ameaçava: 'olha que eu dou-te uma palmada, olha que eu faço...?', já não faço tanto isso, já não faço, deixo andar, acho que não vale a pena lutar contra esta maré, estou mais tranquila em relação a isso.

9 - E com quem convive a sua filha? Com quem ela se dá?

Nesta altura as amigas da escola, teve um grande afastamento em relação aos avós. **Maternos? Paternos?** Maternos, os meus pais...ela foi criada muito com eles pequenina e eles adoravam-na, os meus pais sentem muito isso, um grande afastamento em relação aos avós e basicamente vive para as amigas, é com quem ela se dá. O irmão hum hum, nem por isso. Ela quando era mais pequena protegia-o imenso e sempre o protegeu muito. Agora não sei se está para aí virada, acha-o uma seca e uma criança pequenina pronto, olha para ele assim de alto a baixo. Mas basicamente é com os amigos.

10 - O que é que acha da ideia da C. namorar?

É um processo natural. Encaro perfeitamente. Eu acho que ela já teve um namorico daqueles de...não sei se foi bem namorico, se foi mais um empolgamento mas andava aí atrás de um rapazito. Eu acho natural, acho que tem que passar por isso, nós passámos mais tarde, elas agora passam mas cedo, entram mais cedo nessa fase e eu aceitei, aceito, obviamente que quando ela chegar ao pé de mim e...e disser que é sério, que quer namorar vou ter que falar com ela, mais a fundo, por enquanto não porque

acho que é tudo uma fase ainda de ilusão e de encantamento mas é um processo natural que ela tem que passar, acho normal. **Portanto não a inquieta pensar nisso.** Não, não, não. Não me inquieto porque ela é uma miúda que sabe aquilo que quer e sabe até onde pode ir e sabe o que quer fazer, sempre foi muito madura e muito responsável, em relação a isso não me inquieta não. Esse problema, por enquanto ainda não.

11 - Já pensou alguma vez na ideia da sua filha sair de casa?

Já pensei e acho que...acho que ela vai sair muito cedo, acho que ela vai sair muito cedo. Acho que o desejo de independência dela é tão grande que assim que ela tiver condições para isso ela sai. **E o que sente face a isso?** Já me custou mais mas como foi gradualmente uma ideia que ela sempre teve desde tão tenra idade, nós habituámo-nos a ouvi-la dizer isso e...**Porque ela verbaliza mesmo.** Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim. Portanto acho que vai acontecer e acho que não posso fazer nada em relação a isso, é a vida dela, é o futuro dela, não a posso prender [riso nervoso].

12 - E tem amigos ou amigas com filhas da mesma idade que a sua?

Tenho, tenho.

13 - E costuma partilhar com eles os desejos e preocupações?

Sim, sim. Falamos às vezes...e pronto...têm algumas características da C. mas não tão acentuadas...e elas dizem mesmo assim: 'não sei como é que tu aguentas a C., ela é terrível, ela é reguila...', e dizem que eu tenho uma vida muito zen porque eu passo pelas coisas e deixo andar muito suavemente, já entrei nesta fase pá deixa-a fazer e não sei quê, elas não são assim, elas são muito, muito possessivas, muito preocupadas, muito...e eu não sou assim, não sou assim. **Acaba por ser mais descontraída.** Sim, sim, sim, o que elas acham de mim é isso, que eu sou uma mãe muito descontraída e muito cool, 'C. é a mãe que todos os miúdos gostavam de ter'.

14 - Como é que descreve a sua filha?

Hum...[estalido com a língua]. É uma menina muito madura, responsável acho que já foi mais, mas também acho que é da idade, muito certa daquilo que quer, muito prática, muito prática. É uma coisa que eu acho que ela tem e que é uma característica que tem e que acho que vai fazer muita falta porque ela sabe aquilo que quer e tenta consegui-lo da maneira mais rápida possível sem...sem arranjar estratégias, muitas curvas, muitas dificuldades para lá chegar, é isso que eu quero, é isso que eu vou ter e não se esforça muito, faz o mínimo. Desde que consiga, para ela está tudo bem, muito prática, muito reservada, muito tímida, ao mesmo tempo ela é muito tímida, muito, sempre foi, não gosta de exposição pública, não gosta

quando vamos sair que...que falemos alto ou que por qualquer motivo possam olhar para ela ou possam...não, é muito tímida, muito reservada, fica muito desconfortável nessas situações e...é uma miúda que eu acho que tem alguns problemas em relação, nesta altura, em relação ao corpo dela, porque ela é muito branquinha e...acho que tem...branquinha, assim muito loirinha, olhinho muito azul e muito...acho que tem alguns problemas em relação ao corpo agora nesta fase mas acho que também isso é ultrapassável, mas é uma miúda muito certa daquilo que quer e muito madura para a idade, sempre foi e acho que ela vai conseguir aquilo que quer se não se desviar do caminho, vai lá chegar, vai lá chegar. Também revela muito pouca sensibilidade para algumas coisas, isso preocupa-me também, é muito pouco sensível e em relação aos problemas do mundo, sempre foi, aos problemas dos outros, ao sofrimento dos outros, àquilo que os outros não têm e que ela poderia ter e poderia dar, muito pouco solidária, muito pouco solidária, um bocadinho egoísta nesse aspecto, muito pouco solidária, muito pouco...e falta-lhe aquela sensibilidade que o meu filho por exemplo tem imenso de sobra e que às vezes é demais e que ela não tem.

15 - Conte-me uma história com a sua filha. Uma história que pode ser um episódio, ou uma situação que de alguma forma tenha marcado, pode ser uma coisa positiva ou negativa. (19 min 19 seg)

Com ela? Tive tantos ao longo de tantos os dias, sempre pequenos e marcantes que não há nenhum assim que me tenha marcado mais...Não...Não lhe sou capaz de dizer nenhum por incrível que seja. **Se quiser também podemos, ainda tenho mais algumas questões, posso também ir fazendo as outras e depois voltar.** Pode ser que lembre de alguma coisa que ela tenha feito assim. **Ou que tenha de alguma forma sido um marco na vossa relação de mãe e filha.** Nunca houve nada que ela fizesse que me marcasse assim...do meu filho tenho, do G. [filho mais novo] tenho, o G. é uma criança muito intuitiva, muito mística, com ela não, com ela não, ela é muito...muito terra-a-terra, muito prática e nunca houve nada que ela fizesse que me marcasse e que eu achasse surpreendente porque tudo o que ela fez sempre foi tão surpreendente a nível de...do dia-a-dia dela, sempre foi...ela...nós dela já esperamos que ela faça qualquer coisa que não seja dela, que ultrapasse, porque ela é assim [riso]. Ela tem um humor muito variável, eu acho que ela nunca fez nada que me surpreendesse ou que me marcasse em termos de...que eu nunca pudesse esquecer ou que aquilo fosse um marco, nunca aconteceu, nunca aconteceu porque ela foi sempre uma criança que eu sempre, perante aquela situação eu sei como ela reagiria e ela sempre reagiu como eu previ. **Então mas como tenho aqui mais algumas também vou avançando e pode ser que entretanto se lembre de algum...de alguma coisa. Às vezes até pode não ser assim uma coisa, como é que hei-de dizer que tenha sido marcante marcante mas que tenha algum significado especial.** Sim, pode ser que eu me lembre de alguma coisa que ela tivesse feito, do G. tenho

muitas, do G., o G. diz coisas surpreendentes e faz coisas surpreendentes e tem respostas e coisas do outro mundo quase como eu digo, dela não...mas pronto [riso nervoso]. **Pode ser que agora até com as próximas, pode ser que venha alguma coisa.** (21 min 38 seg)

16 - E o que é que mais deseja para a C.? (21 min 41 seg)

Que ela seja feliz, que ela encontre o seu caminho e seja feliz, porque ela neste momento não sabe o que quer, não sabe, é tudo uma seca. Que ela seja feliz basicamente, que encontre aquilo que ela goste de fazer na vida porque neste momento não sabe o que quer fazer, não sabe o que gosta, acha tudo uma seca, tudo é aborrecimento e que ela encontre o seu caminho, que acho que ela precisa de encontrar o seu caminho que é isso que lhe falta agora mas isso talvez com os anos consiga lá chegar mas que seja feliz. (22 min 22 seg)

17 - E o que é que mais teme para ela? O que mais receia? (22 min 36 seg)

Que ela...que ela na ânsia de liberdade que tem tome alguma atitude que depois se venha a arrepender mais tarde, dê algum passo em falso porque ela tem uma ânsia tão grande de liberdade e de independência que isso pode fazer com que ela não raciocine e não pense na altura devida qual é o caminho certo e o caminho errado e que aquela ânsia de liberdade a leve a tomar decisões repentinas que mais tarde se venha a arrepender porque o desejo de liberdade dela e de independência é tão grande que pode fazê-la tomar decisões repentinas e isso...**mas há alguma decisão repentina em específico que tenha receio que ela tome?** Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim. Tenho. **Mas de alguma em particular?** Não, assim particular não mas...tenho algum receio, porque ela é uma miúda muito impulsiva e...pode ser [riso nervoso]...**que ela dê algum passo...**...que depois se venha a arrepender.

18 - Houve alguma coisa nela que a tenha desiludido?

(...) Nestes últimos 2 anos sim. O facto de ela ser uma miúda muito inteligente e não se dedicar aos estudos, ela não estuda, a C. faz o mínimo para poder passar. Isso como mãe desilude-me um bocadinho porque esperava mais dela. Esperava mais dela, esperava que ela se dedicasse mais porque ela tem, tem pot...competências para isso e tem...só que é o deixa andar. **Acha que ela não as aproveita.** Sim, sim porque eu falo com mães de colegas minhas e os filhos estudam e têm cinco e C. não, cinco que horror para quê?! Isso desiludiu-me um bocadinho, esperava que ela...que ela tivesse mais, não é força, mais amor-próprio no sentido de conseguir melhor que os outros mas não, ela não é assim. O mínimo para conseguir os objectivos. A personalidade começa a formar-se aqui e o deixa andar e o deixa fazer e depois logo se vê. **É algo que a desgosta de alguma forma.** É, é.

19 - E lembra-se de como era quando tinha a idade da sua filha?

Lembro, lembro. Era muito criança, era muito criança e tinha algumas coisas dela, tinha algumas coisas dela. Gostava muito de estar em casa também, que ela gosta muito de estar em casa, gostava muito de ouvir música, também como ela e também era muito tímida como ela em relação aos outros e o fazer amigos, ela não faz amigos com muita facilidade, eu agora faço mais, mudei, ao entrar na idade adulta mudei mas na idade dela também era muito reservada, muito tímida e não fazia amigos assim com muita facilidade, escolhia-os também. **Era selectiva nas amizades.** Muito selectiva. Sim, e ela é um bocadinho assim também, é assim um bocadinho como eu, tem essas características minhas. De resto não tem mais nada. Tem muita coisa da minha avó, da minha avó e da irmã do meu pai, muito. **Chegaram-se a conhecer?** Sim, ela adorava a bisavó, adorava, eram muito parecidas. Adorava! Simplesmente tinham assim um amor por ela grande. **E que coisas são essas que ela tem da sua avó?** A prepotência, o querer mandar em tudo, só ela ter razão, o que eu quero faz-se, pode não se fazer hoje mas faz-se amanhã. A minha avó era assim, a minha avó ainda gritava com o meu pai ao telefone com 90 anos e ela é exactamente igual, desde a cor dos olhos, tudo, tudo, tudo da bisavó. **Mesmo fisicamente.** Fisicamente. **São parecidas.** Hum, hum.

20 - E como é que era o seu dia-a-dia com a idade da C.?

Era igual, era igual. Ela não gosta nada de desportos, tem uma aversão à Educação Física. Eu na altura lembro-me de que também tinha, não gostava nada de Educação Física, basicamente também era escola-casa, casa-escola. **Passava também por essa rotina.** Sim, sim, sim, sim, sim. Depois ela tem umas características que eu não tinha, que ela adora música, eu detestava música e ela andava, sempre andou na viola e eu não, não. Não tinha actividades extra-curriculares para além da escola não tinha. Sei que não fazia nada [riso]. Era um ócio terrível. Em casa lia, gostei muito de ler sempre, leio imenso, lia. Ela ler não vai por aí, é mais o irmão. Lia muito em casa, lia muito, muito mas basicamente era escola-casa, casa-escola, ela tinha algumas actividades que deixou. **Algumas eram até relacionadas com desporto não era?** Sim, fez natação durante muitos anos, andou na pré-competição e tudo, depois deixou mas...basicamente era isso, é isso.

21 - Como é que imagina a sua filha daqui a 20 anos?

Ai [riso]. Não sei, não sei...Ou...ou ela muda muito ou então vejo-a com um emprego no topo a mandar em toda a gente. [estalido com a língua] Não a vejo casada, que ela diz que não quer casar, não quer ter filhos, não quer aturar ninguém, não a vejo. Se tudo correr bem, como eu prevejo que corra não a vejo casada, não a vejo com filhos, vejo assim no topo de qualquer empresa, de qualquer organismo a andar, a mandar e a dispor e a dar ordens. **Assim com uma carreira.** Sim, a viver para a carreira.

22 - Não sei se há mais alguma coisa que gostasse de dizer ou que ache importante dizer...

Em relação a ela? **Sim, em relação a ela, em relação a vocês.** Acho que ela tipicamente insere-se no conceito de adolescente [riso], tipicamente. Daquilo que eu conheço, daquilo que eu li, daquilo que eu...pronto, antes de eles começarem a crescer li alguns livros sobre o assunto e encaixa-se perfeitamente quer dizer, é aquele tipo, zangada com o mundo, acorda com os humores variáveis de manhã, grita que não tem roupa para vestir, que nada lhe fica bem, que os pais são uma seca, pronto está naquela fase, tem aquelas características todas, tem aquelas características todas mas é uma menina muito madura como eu já disse e acho que vai conseguir ultrapassar esta fase, acho que sim.

15 (cont.) - Não sei se entretanto se lembrou de alguma coisa que...

Não. Ela não teve mesmo nada marcante, ela foi marcando sempre com a sua personalidade sempre, mas nunca fez nada que fosse... que a fizesse sobressair do que fizesse no dia anterior, foi sempre um percurso muito linear porque ela foi sempre assim, ela foi sempre assim, o G. [filho mais novo] não, mas ela foi sempre muito linear e sempre, eu pelo menos acho, nunca teve nada que marcasse assim...**se calhar depois lembra-se entretanto.** Se calhar depois lembro-me entretanto mas acho que não, acho que não.